

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MÁRCIO NONATO DINIZ FERREIRA**

***CHIKORA E PAMUTADHA: EM BUSCA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA  
ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE  
AMATONGAS – MOÇAMBIQUE/ÁFRICA***

**PONTA GROSSA**

**2024**

**MÁRCIO NONATO DINIZ FERREIRA**

**CHIKORA E PAMUTADHA: EM BUSCA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA  
ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE  
AMATONGAS – MOÇAMBIQUE/ÁFRICA**

Dissertação apresentada à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paola Andressa Scortegagna.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Franciele Clara Peloso.

**PONTA GROSSA**

**2024**

F383 Ferreira, Márcio Nonato Diniz  
*Chikora e Pamutadha: em busca da educação libertadora na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas - Moçambique/África / Márcio Nonato Diniz Ferreira. Ponta Grossa, 2024.*  
266 f.

Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Educação),  
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Andressa Scortegagna.

Coorientadora: Profa. Dra. Franciele Clara Peloso.

1. Escola. 2. Comunidade. 3. Educação libertadora. 4. Sistematização de experiência. 5. Cartas pedagógicas. I. Scortegagna, Paola Andressa. II. Peloso, Franciele Clara. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. IV.T.

CDD: 370.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

## TERMO

**MÁRCIO NONATO DINIZ FERREIRA**

### **"CHIKORA E PAMUTADHA: EM BUSCA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE AMATONGAS – MOÇAMBIQUE/ÁFRICA"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a): Dra. Paola Andressa Scortegagna - UEPG (Presidente)

Dra. Franciele Clara Peloso - UTFPR - Coorientadora

Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula - UEM

Dra Patricia Correia de Paula Marcoccia - UEPG



Documento assinado eletronicamente por **Paola Andressa Scortegagna, Professor(a)**, em 29/02/2024, às 22:31, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Franciele Clara Peloso, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 22:44, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **ERCILIA MARIA ANGELI TEIXEIRA DE PAULA, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 23:00, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Correia de Paula Marcoccia, Professor(a)**, em 04/03/2024, às 19:16, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1866305** e o código CRC **2954E1E0**.

Dedico este trabalho aos homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças da Aldeia de Amatongas, em Moçambique, que trilharam comigo, nos anos 2015-2021, caminhos cheios de “bonitezas” nessa experiência enormemente importante em minha vida.

*Ndatenda!* Gratidão!

## AGRADECIMENTOS

**Ndatenda.** Início com essa palavra na língua materna chiuté, língua falada no Posto Administrativo de Amatongas, *lócus* desta sistematização de experiência. *Ndatenda*, em português, quer dizer gratidão, sou grato. Gosto tanto dessa palavra que a tenho tatuada em meu corpo, para afirmar que ser grato a tudo e todos/as deve ser minha máxima pessoal e, sobretudo, a máxima coletiva, da humanidade... De todo ser vivente, por isso:

- **Ndatenda Tensi** (Gratidão a Deus), que mediante sua Divina *ruah* (sopro feminino) tem soprado suas bênçãos em minha vida, desde meu nascimento nas terras do Pará. Que trilhou e trilha comigo muitos caminhos, com dores e alegrias, risos e choros, conquistas e frustrações... Tornando-me uma pessoa mais humanizada e humanizante na relação com as pessoas, nos espaços de minhas “andarilhagens” de vida e missão.

- **Ndatenda** à minha família: minha vó Zelinda (*in memoriam*), minha mãe Ana Maria Diniz, meu irmão Rubens Célio Diniz (*in memoriam*), minhas irmãs Núbia Diniz, Nalva Diniz e Flávia Antônia do Nascimento Setúbal, minha tia Marizete Diniz, tios, sobrinhos/as, primos, cunhados/as que, mesmo de longe, torcem por mim e vibram com minhas conquistas.

- **Ndatenda** aos meus co-irmãos pertencentes ao Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração, minha família religiosa que há 21 anos investe em mim, oportunizando experiências que ficarão marcadas em meu corpo. Sobretudo, os 6 anos (2015-2021) vividos em Amatongas/Moçambique, que transformaram minha vida. De modo particular, ao Superior Provincial Ir. Elton Lopes, pelo apoio incondicional.

- **Ndatenda** aos/as educadores/as do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Centro Social Casa do Piá, meu lugar de apostado em Ponta Grossa/PR, que participaram e contribuíram ativamente no processo de estudo e

escuta dessa pesquisa. Bem como aos Irmãos Juvânio Gonçalves Costa e Mateus Ferreira, membros de comunidade, em Ponta Grossa.

- **Ndatenda** ao Prof. Dr. Érico Ribas Machado, por ter acreditando em mim e trilhado comigo os primeiros passos para a realização desse sonho.

- **Ndatenda** à minha coorientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciele Clara Peloso, por ter aceitado a coorientação, me apresentado Paulo Freire, esse homem cheio de amorosidade, que tem me ensinado tanto por meio de suas obras e testemunhos. Igualmente, sou grato por ter me apresentado a metodologia de sistematização de experiência e a técnica das “cartas pedagógicas”, oportunizando uma pesquisa tão dialógica, impregnada de sentido em minha vida.

- **Ndatenda** à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paola Andressa Scortegagna, que aceitou trilhar comigo esta pesquisa, imprimindo para mim uma leveza e um significado tamanho nessa construção acadêmica. Alicerçado em um rigor teórico-metodológico e uma humanidade “encharcada” de paciência, palavras incentivadoras e com valorosa sapiência. Sou eternamente grato a ti por todas as contribuições dadas para a construção coletiva desta sistematização de experiência.

- **Ndatenda** à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Correia de Paula Marcoccia, por aceitarem o convite e participarem da banca examinadora, trazendo questionamentos, apontamentos e reflexões importantes para esta dissertação.

- **Ndatenda** aos/às colegas que trilharam comigo essa formação acadêmica, e fizeram parte de minha história de vida e estudo. Gratidão pelos momentos de diálogo, risos, medos e tantos outros, alicerçado por gestos cuidantes de afeto e apoio mútuo.

- **Ndatenda** de modo particular e cheio de afeto ao Ir. Luc Favreau, diretor geral; Heldet Simão Cassie, diretor adjunto e professor de matemática; aos/às professores/as; pais e encarregados de educação; alunos/as e estudantes da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amalongas (ESCSC-Amalongas). Esse lugar Sagrado, onde vivi diversos momentos desafiadores, mas, sobretudo, felizes e

enriquecedores, nessa grande travessia do Atlântico ao Índico, na ciranda da vida do aprender e ensinar.

*Ndatenda!*

Gratidão!



Não há educação sem amor [...]. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar [...]. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

(Paulo Freire)

O escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento.

(Mia Couto)

## RESUMO

Sistematizar uma experiência é desvelar uma realidade para favorecer o intercâmbio de saberes teóricos, por meio da prática, com o intuito de melhorá-la e/ou transformá-la. Essa experiência se consolidou com tamanha potência por destacar a perspectiva de internacionalização e por ser um estudo ocorrido em África, continente-irmão e berço da humanidade. Especificamente, no Posto Administrativo de Amatongas, Distrito de Gondola, Província de Manica, na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas), que é um espaço que unifica os habitantes da Aldeia de Amatongas, já que a escola é comunitária, regida por uma participação democrática e dialógica entre a direção, professores/as, pais e encarregados de educação, alunos/as e estudantes, mediante uma ligação escola-comunidade. Esta pesquisa tem como problema: A perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas? Para tal, tem como objetivo geral: Analisar de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas. Como objetivos específicos, definiu-se: Apresentar vida, obras e “andarilhagens” de Paulo Freire nos espaços de educação em África; descrever o território do Posto Administrativo de Amatongas, bem como a ESCSC-Amatongas, destacando as relações comunitárias; identificar as relações da ESCSC-Amatongas com a comunidade local (Aldeia de Amatongas), a partir da educação libertadora de Paulo Freire; e analisar, por meio de “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, inspirada na sistematização de experiência (Jara, 2006), utilizando como técnicas de coleta de dados as “cartas pedagógicas” (Dickmann, 2020; Coelho, 2011) e entrevista semiestruturada (Neto, 1994) com sujeitos pertencentes à comunidade escolar: Diretor geral, diretor adjunto pedagógico, professores/as e funcionários, estudantes, pais e encarregados de educação, membros do Conselho da Escola. Utilizou-se como ferramentas de interlocução com os sujeitos da escola dois movimentos dialógicos, perspectivas assumidas por Paulo Freire em seu “quefazer” educação libertadora: As “cartas pedagógicas” e as entrevistas semiestruturadas feitas em *lócus*, em setembro de 2023. Como referencial teórico desta pesquisa, destacam-se as obras de Freire (2021; 2021b; 2021e; 2022), Freire e Guimarães (2021) e de alguns comentadores (Freire, A., 2013; Gadotti, 1996; Souza, 2015). Quanto aos resultados, elaborou-se, inspirado na metodologia de sistematização de experiência na ESCSC-Amatongas, um relato com as categorias educação, escola e comunidade. Esta investigação problematizou a relação educacional da ESCSC-Amatongas, considerando o passado e o presente, identificando limites e possibilidades da educação libertadora de Paulo Freire nesse ambiente escolar, ancorando-se nas categorias educação, escola e comunidade.

**Palavras-chave:** Escola; Comunidade; Educação Libertadora; Sistematização de Experiência; Cartas Pedagógicas.

## ABSTRACT

The systematization of experience unveils a reality in order to encourage the exchange of theoretical knowledge through practice, with the aim of improving and/or transforming it. This experience has been consolidated with such power because it highlights the prospect of internationalization and because it is a study that took place in Africa, a brother continent and the cradle of humanity. Specifically, in the Administrative Post of Amatomongas, District of Gondola, Province of Manica, at the Sacred Heart Community Secondary School of Amatomongas (*Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatomongas*, ESCSC-Amatomongas), which is a space that unites the inhabitants of the Village of Amatomongas, since the school is a community school, governed from a democratic and dialogical participation perspective, that encompasses management, teachers, parents and guardians, pupils and students, through a school-community connection. The main question of this research is: Is Paulo Freire's liberating education perspective put into practice at ESCSC-Amatomongas? Its general objective is to analyze how Paulo Freire's liberating education put into practice at ESCSC-Amatomongas. The specific objectives were to present Paulo Freire's life, works and "wanderings" in the spaces of education in Africa; to describe the territory of the Amatomongas Administrative Post, as well as ESCSC-Amatomongas, highlighting community relations; to identify ESCSC-Amatomongas' relations with the local community (Amatomongas Village), based on Paulo Freire's liberating education; and to analyze, through "pedagogical letters" and semi-structured interviews, the categories of education, school and community from the perspective of Paulo Freire's liberating education at ESCSC-Amatomongas, as well as its connections with its territory. This research is qualitative in nature, inspired by the systematization of experience (Jara, 2006), using "pedagogical letters" (Dickmann, 2020; Coelho, 2011) and semi-structured interviews (Neto, 1994) as data collection techniques with subjects belonging to the school community: general director, pedagogical assistant director, teachers and staff, students, parents and guardians, members of the School Council. Two dialogic movements were used as dialogue tools with the school's subjects, perspectives assumed by Paulo Freire in his "*quefazer*" ("what to do") of liberating education: "pedagogical letters" and semi-structured interviews conducted on site in September 2023. The theoretical framework for this research includes the works of Freire (2021; 2021b; 2021e; 2022), Freire and Guimarães (2021) and some commentators (Freire, A., 2013; Gadotti, 1996; Souza, 2015). As for the results, inspired by the systematization of experience methodology at ESCSC-Amatomongas, a report was drawn up using the categories of education, school and community. This investigation problematized the educational relationship at ESCSC-Amatomongas, considering the past and the present, identifying the limits and possibilities of Paulo Freire's liberating education in this school environment, anchored in the categories of education, school and community.

**Keywords:** School; Community; Liberating Education; Systematization of Experience; Pedagogical Letters.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Conselho Geral, Irmãos Provinciais e Delegados presentes no Capítulo Geral de 2000 em Roma/Itália.....	21
<b>Figura 2</b>	Trecho de carta pedagógica 1 (professor de educação física)..	66
<b>Figura 3</b>	Trecho de carta pedagógica 2 (encarregado de educação 2)....	67
<b>Figura 4</b>	Trecho de carta pedagógica 3 (encarregado de educação 2)...	70
<b>Figura 5</b>	Mapa de Moçambique que apresenta os países que fazem fronteiras.....	96
<b>Figura 6</b>	Mapa de Moçambique, com suas Províncias e capitais.....	97
<b>Figura 7</b>	Estátua do líder revolucionário moçambicano Samora Moisés Machel ao lado da Catedral da Arquidiocese de Maputo.....	98
<b>Figura 8</b>	Esculturas Maconde.....	103
<b>Figura 9</b>	Praias das Províncias de Sofala (Beira), Inhambane (Inhassoro) e Cabo Delgado (Ilha de Moçambique).....	104
<b>Figura 10</b>	Parque Nacional de Gorongosa.....	104
<b>Figura 11</b>	Texto na língua local (chiuté), sobre a Comunidade de São José Operário.....	105
<b>Figura 12</b>	Bilhete postal ilustrado das décadas de 1920/30, não circulado.....	106
<b>Figura 13</b>	Imagem aérea da Aldeia de Amatongas, cortada pela N6.....	107
<b>Figura 14</b>	Milho, base da alimentação da população em Amatongas.....	108
<b>Figura 15</b>	Chima (pasta de milho) base da alimentação da população de Amatongas.....	108
<b>Figura 16</b>	Machamba (horta) do Lar Masculino e Feminino da ESCSC-Amatongas.....	109
<b>Figura 17</b>	Mulher de Amatongas, com lenha para fazer fogo e alimentar a família.....	109
<b>Figura 18</b>	Poço comunitário na Aldeia de Amatongas – sede.....	110
<b>Figura 19</b>	Vista aérea da ESCSC-Amatongas.....	112
<b>Figura 20</b>	Fachadas do Centro Educacional de Amatongas na chegada dos irmãos, em Amatongas – sede.....	113
<b>Figura 21</b>	Fachada da ESCSC-Amatongas em Amatongas – sede.....	114
<b>Figura 22</b>	Sala de estudo e biblioteca da ESCSC-Amatongas.....	115
<b>Figura 23</b>	Bicicleta - transporte de locomoção de aluno da ESCSC-Amatongas.....	117
<b>Figura 24</b>	Trecho de carta pedagógica 4 (professor de química).....	124
<b>Figura 25</b>	Trecho de carta pedagógica 5 (professor de biologia).....	124
<b>Figura 26</b>	Trecho de carta pedagógica 6 (professor de matemática 2).....	125
<b>Figura 27</b>	Trecho de carta pedagógica 7 (professora de matemática).....	126
<b>Figura 28</b>	Trecho de carta pedagógica 8 (diretor).....	127
<b>Figura 29</b>	Trecho de carta pedagógica 9 (professor de francês).....	127
<b>Figura 30</b>	Trecho de carta pedagógica 10 (professor de educação física)	128
<b>Figura 31</b>	Trecho de carta pedagógica 11 (professor de filosofia).....	128
<b>Figura 32</b>	Trecho de carta pedagógica 12 (encarregada de educação)....	129
<b>Figura 33</b>	Trecho de carta pedagógica 13 (a estudante).....	129
<b>Figura 34</b>	Trecho de carta pedagógica 14 (diretor).....	131
<b>Figura 35</b>	Trecho de carta pedagógica 15 (professor de francês).....	131
<b>Figura 36</b>	Trecho de carta pedagógica 16 (professor de português 1).....	132

<b>Figura 37</b> –	Trecho de carta pedagógica 17 (professor de educação física)	132
<b>Figura 38</b> –	Trecho de carta pedagógica 18 (professora de matemática).....	133
<b>Figura 39</b> –	Trecho de carta pedagógica 19 (encarregada de educação)....	133
<b>Figura 40</b> –	Trecho de carta pedagógica 20 (o estudante).....	134
<b>Figura 41</b> –	Trecho de carta pedagógica 21 (professor de inglês 1).....	135
<b>Figura 42</b> –	Trecho de carta pedagógica 22 (professor de matemática 1)....	135
<b>Figura 43</b> –	Trecho de carta pedagógica 23 (professor de matemática 2)....	135
<b>Figura 44</b> –	Trecho de carta pedagógica 24 (encarregado de educação 2)..	136
<b>Figura 45</b> –	Trecho de carta pedagógica 25 (professor de química).....	137
<b>Figura 46</b> –	Trecho de carta pedagógica 26 (professor de biologia).....	137
<b>Figura 47</b> –	Trecho de carta pedagógica 27 (professor de filosofia).....	138
<b>Figura 48</b> –	Trecho de carta pedagógica 28 (encarregado de educação 1)..	138
<b>Figura 49</b> –	Trecho de carta pedagógica 29 (a estudante).....	139
<b>Figura 50</b> –	Trecho de carta pedagógica 30 (diretor).....	139
<b>Figura 51</b> –	Trecho de carta pedagógica 31 (professor de inglês 2).....	140
<b>Figura 52</b> –	Trecho de carta pedagógica 32 (professor de filosofia).....	140
<b>Figura 53</b> –	Trecho de carta pedagógica 33 (professor de inglês 1).....	141
<b>Figura 54</b> –	Trecho de carta pedagógica 34 (encarregada de educação)....	142
<b>Figura 55</b> –	Trecho de carta pedagógica 35 (encarregado de educação 1)..	142
<b>Figura 56</b> –	Trecho de carta pedagógica 36 (professor de química).....	143
<b>Figura 57</b> –	Trecho de carta pedagógica 37 (professor de educação física)	144
<b>Figura 58</b> –	Trecho de carta pedagógica 38 (professor de biologia).....	144
<b>Figura 59</b> –	Trecho de carta pedagógica 39 (encarregado de educação 2)..	145
<b>Figura 60</b> –	Trecho de carta pedagógica 40 (a estudante).....	145
<b>Figura 61</b> –	Trecho de carta pedagógica 41 (o estudante).....	146
<b>Figura 62</b> –	Síntese dos sujeitos (diretor, professores/as, pais e encarregados de educação e estudantes) da ESCSC-Amatongas.....	166
<b>Figura 63</b> –	Síntese visual da conexão escola-comunidade.....	176

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Resultado de revisão bibliográfica na plataforma Google Acadêmico, com os marcadores Sistematização de Experiência <i>AND</i> Escola Secundária Amatongas.....	57
<b>Quadro 2</b>	– Resultado de revisão bibliográfica na plataforma Google Acadêmico, com os marcadores Sistematização de Experiência <i>AND</i> Escola Secundária Amatongas-Moçambique	58
<b>Quadro 3</b>	– Periodização da história de Moçambique.....	93
<b>Quadro 4</b>	– Parecer de “cartas pedagógicas” aos/as professores/as, encarregados de educação e estudantes da ESCSC-Amatongas.....	122

## LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome Imunodeficiência Adquirida
ASCOES	Asociación Colombiana de Educación Sexual
AT	Antigo Testamento
BDTD	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAAL	Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLAG	Centro Latino-americano de Asesoramiento Grupal
CMI	Conselho Mundial das Igrejas
Conep	Conselho Nacional de Saúde
DDC	Departamento de Difusão da Cultura
DDI	Departamento de Formação e Informação
DFC	Departamento de Formação e Cultura
EPSE	Escola de Psicologia e Ciências da Educação
ESCSC-Amatongas	Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas
ESG	Ensino Secundário Geral
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
IAP	Investigación Acción Participativa
IDAC	Instituto de Ação Cultural
Ir.	Irmão
IRSC	Irmãos do Sagrado Coração
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MANU	União Nacional Africana de Moçambique
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MG	Minas Gerais
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
N1	Estrada Nacional
N6	Estrada Nacional Número Seis
N7	Rodovia Manica-Tete
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PDC	Partido Democrata Cristão
PE	Pernambuco
Pe.	Padre
PNA	Programa Nacional de Alfabetização
PNE	Programa Nacional de Educação
PR	Paraná
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RECID	Rede de Educação Cidadã
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique
RN	Rio Grande do Norte
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SEC	Serviço de Extensão Cultural
SESI	Serviço Social da Indústria
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC's	Tecnologia da Informação e Comunicação Social
UCM	Universidade Católica de Moçambique
UDENAMO	União Nacional Democrática de Moçambique
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UEM/Moçambique	Universidade Eduardo Mondlane
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNAMI	União Nacional de Moçambique Independente
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e
Cultura	
UNIPÚNGUÈ	Universidade Púnguè
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UTI	Unidade de Terapia Intensiva



## SUMÁRIO

<b>BONITEZAS DA TRAVESSIA.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PAULO FREIRE: VIDA, ESTUDO E SUAS EXPERIÊNCIAS DE “ANDARILHAGENS” .....</b>	<b>27</b>
1.1 PAULO FREIRE: BREVE RELATO DE SUA VIDA E ESTUDO.....	28
1.2 PRIMEIRAS ATUAÇÕES DE PAULO FREIRE NO CAMPO SOCIOEDUCACIONAL.....	33
1.3 PRESENÇA DE PAULO FREIRE EM MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL.....	35
1.3.1 Movimento de Cultura Popular (MCP).....	36
1.3.2 Experiência de Angicos/RN.....	37
1.3.3 Programa Nacional de Alfabetização (PNA).....	39
1.4 PAULO FREIRE: SUAS “ANDARILHAGENS” NO EXÍLIO.....	40
<b>CAPÍTULO 2 – ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>47</b>
2.1 A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM FOCO.....	51
2.2 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA E “CARTAS PEDAGÓGICAS”: O LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES EM QUESTÃO.....	56
2.3 CARTAS PEDAGÓGICAS: CORRESPONDÊNCIAS DO ATLÂNTICO AO ÍNDICO.....	64
2.4 CARTAS PEDAGÓGICAS: PROPOSTA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE.....	73
<b>CAPÍTULO 3 – AS “ANDARILHAGENS” DE PAULO FREIRE EM ÁFRICA E O LÓCUS DA PESQUISA.....</b>	<b>77</b>
3.1 PAULO FREIRE: SUAS “ANDARILHAGENS” NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM ÁFRICA.....	77
3.1.1 Andarilhagem de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe.....	81
3.1.2 Andarilhagem de Paulo Freire em Angola.....	85
3.1.3 Andarilhagem de Paulo Freire em Guiné-Bissau.....	87
3.2 PANORAMA DE MOÇAMBIQUE/ÁFRICA.....	92
3.3 A ALDEIA DE AMATONGAS: CONHECENDO O TERRITÓRIO DA PESQUISA.....	105
3.4 A ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE AMATONGAS/MOÇAMBIQUE.....	111
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DAS RELAÇÕES DA ESCSC-AMATONGAS COM A COMUNIDADE DE AMATONGAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE.....</b>	<b>119</b>
4.1 ANÁLISE DOS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO, ESCOLA E AS CONEXÕES DA ESCSC-AMATONGAS COM A COMUNIDADE DE AMATONGAS PRESENTES NAS “CARTAS PEDAGÓGICAS”.....	120
4.2 AS CATEGORIAS EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE PRESENTES NAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA ESCSC-AMATONGAS.....	147
4.2.1 Questões apresentadas pela direção, professores/as e funcionários da ESCSC-Amatongas.....	148

4.2.2	Questões apresentadas pelos pais e encarregados de educação da ESCSC-Amatongas.....	159
4.2.3	Questões apresentadas pelos estudantes da ESCSC-Amatongas.....	163
4.3	<i>CHIKORA E PAMUTADHA: O PAPEL DO CONSELHO DA ESCOLA COMO ELO CONECTOR DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NA ESCSC-AMATONGAS</i> .....	165
	<b>PARA CONTINUAR A TRAVESSIA</b> .....	178
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	185
	<b>APÊNDICE A – “CARTA PEDAGÓGICA” ENVIADA AOS/AS DESTINATÁRIOS/AS RESIDENTES EM AMATONGAS....</b>	191
	<b>APÊNDICE B – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DO DIRETOR, FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES/AS DA ESCSC-AMATONGAS.....</b>	194
	<b>APÊNDICE C – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ESCSC-AMATONGAS.....</b>	224
	<b>APÊNDICE D – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DE ESTUDANTES DA ESCSC-AMATONGAS.....</b>	230
	<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....</b>	234
	<b>APÊNDICE F – DIÁRIO DE MINHAS "ANDARILHAGENS" EM MOÇAMBIQUE.....</b>	236
	<b>APÊNDICE G – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	257
	<b>APÊNDICE H – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM, VÍDEO E VOZ.....</b>	259
	<b>ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR DA ESCSC-AMATONGAS.....</b>	261
	<b>ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR DISTRITAL DE EDUCAÇÃO.....</b>	263
	<b>ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO.....</b>	265

## BONITEZAS DA TRAVESSIA

Segue o barco  
 Segue o barco  
 Todo dia o sol aquece, meu amor  
 Segue o barco  
 Segue o barco  
 Toda noite a lua brilha meu amor  
 Joga fora esse desamor  
 Joga fora a tristeza  
 Ninguém nasce pra ser sofredor  
 Nascemos pra beleza  
 E se hoje não foi, não deu certo  
 Amanhã pode dar  
 Segue o barco, maninha  
 Dá um chute na bunda do azar  
 Há um tempo, lá fora, sorrindo  
 Pra gente sonhar  
 Não se avexe, relaxe  
 E sempre sorria  
 Tanto faz  
 Maré ou baixa  
 É bom navegar  
 Segue o barco, maninha  
 Dá um chute na bunda do azar  
 Segue o barco...

(Nilson Chaves)

Mobilizado por essa canção do músico paraense Nilson Chaves, que, em sua letra e ritmo, traduz o sonho e o “esperançar” do povo paraense, povo das águas, desejo<sup>1</sup> fazer essa travessia cheia de “bonitezas”. Pois, como reverbera Fernando Pessoa<sup>2</sup>:

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Peguemos nossos remos, vistamos nossas roupas de capulanas<sup>3</sup> e sigamos essa linda e desafiante travessia. E por falar em água, rio e barco, faço-me pessoa

<sup>1</sup> Nessa etapa, emprega-se a primeira pessoa do singular, pois descrevemos a história do autor, a fim de apresentar a justificativa pessoal para a realização desta pesquisa.

<sup>2</sup> Mais informações sobre Fernando Pessoa, disponível em: <https://memoria.etc.com.br/cultura/2013/06/conheca-mais-sobre-o-acervo-e-obra-de-fernando-pessoa>. Acesso: 29 jun. 2023.

<sup>3</sup> Tecido africano, usado diariamente por mulheres e homens como vestes em Moçambique e outros países em África.

nesse chão, ou melhor, nessas águas. Tomando banho no Rio Ipixuna, o lugar que nasci e cresci. Pensar dessa forma me ajuda a falar de mim, de minha história de vida, do meu lugar.

Sou paraense e nasci em Ipixuna do Pará, uma pequena cidade a 257 km da capital, Belém do Pará. Filho de Ana Maria, mãe solteira que sempre trabalhou para proporcionar o melhor à família; criado por Izelinda, minha avó – gosto tanto do nome dela por traduzir sua beleza, “amorosidade”, e sua firmeza, quando necessário. Tenho quatro irmãos, sendo três mulheres e um homem (presente em nossas memórias afetivas).

É com essa pequena família, nessa pequena cidade, banhada pelo grande Rio Ipixuna que, em Tupi-Guarani, significa “rio de águas escuras”, que me banhava diariamente, que fui me fazendo gente. Paulo Freire afirma que: “[...] uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa ‘gentetude’” (Freire, 2021c, p. 89).

É nesse “Solo Sagrado”, ou melhor, “Rio Sagrado”, chamado vida, que vou me fazendo, sempre na perspectiva dialógica e relacional na família, escola, Igreja, grupo de jovens, congregação, faculdades e em outros tantos espaços por onde andarilhei. Hoje, entendo que a relação social traduz quem eu sou, de onde vim e para onde vou, como a canção de Nilson Chaves, que evoca o “segue o barco”, o “esperançar” de Paulo Freire.

E como a vida é saída e movimento, tomei o último banho no Rio Ipixuna e parti para seguir novos caminhos, novas estradas, novas travessias. Vinculei-me ao grupo religioso Irmãos do Sagrado Coração e, há 21 anos, vou me fazendo gente, produzindo “gentetudes” em vários territórios-físicos que passei, e em inúmeros corpos-territórios que me vinculei, (re)vitalizando-me em cada olhar, palavra, abraço, afeto, em muitas trocas, aspectos da educação libertadora de Paulo Freire, em sua palavra-ação.

Nessas correntezas, travessias, “andarilhagens”, desde Ipixuna do Pará, para Marília/SP, Lins/SP, São Paulo/SP, Paraguaçu/MG, Ponta Grossa/PR, estive sempre vinculado a uma *práxis* educacional dialógica com/de/para as crianças, adolescentes e jovens. Cruzo o Oceano Atlântico e desço à beira do Oceano Índico, no continente africano, precisamente na Cidade da Beira, em Moçambique/África, Oceano Índico,

onde, depois, iria me banhar muitas vezes nas águas-pessoas e pessoas-águas que me vinculava.

Após contemplá-lo e recordar o Rio Ipixuna, parto para a Aldeia de Amatongas, Posto Administrativo de Amatongas, Distrito de Gondola, Província de Manica, no Centro de Moçambique. Lugar que vivi durante 6 anos, exercendo a função de Adjunto Pedagógico na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas) e onde estive vinculado aos alunos<sup>4</sup> e estudantes<sup>5</sup>, professores/as e população local de forma afetiva, efetiva e cuidante, reconhecendo minha identidade afro-brasileira no vestir, comer, dançar e rezar.

Ao longo dessas vivências de educação libertadora, o referencial teórico de Paulo Freire se fez presente, alicerçado em uma educação dialógica e humanizadora.

Sabemos que Paulo Freire não esteve em Moçambique (Freire, 2021c). No entanto, suas estadias nos países que fazem fronteiras com Moçambique e com as lideranças da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique)<sup>6</sup> o marcam profundamente:

Aquele encontro em Lusaka, tal qual o que tive em Dar Es Salaam, com a liderança da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) que me levou ao Campus de Formação de quadros, um pouco afastado de Dar, num lindo sítio cedido pelo governo da Tanzânia, me marcou fortemente. Afinal, eu era convidado a dialogar com militantes experimentados na luta, cujo tempo não podia ser gasto com devaneios ou com arrancadas intelectualistas. O que eles queriam era entregar-se comigo à reflexão crítica, teórica, sobre sua prática, sobre sua luta, enquanto um 'fato cultural e um fator de cultura' (Cabral, 1976). Sua confiança em mim, como um intelectual progressista, me era realmente importante. Eles não me criticavam porque, citando Marx, citava também um camponês. Nem tampouco me consideravam um educador burguês porque eu defendia a importância do papel da consciência na história (Freire, 2021c, p. 204-205).

Como para Paulo Freire, a experiência que vivi de 6 anos (2015-2021) em Moçambique/África me marcou profundamente. Sou graduado em Serviço Social, com equivalência de Educação, em Moçambique. No período entre 2015 e 2021, residi e exerci a função de Diretor Adjunto Pedagógico na ESCSC-Amatongas, no Distrito de Gondola, Posto Administrativo de Amatongas, Província de Manica, centro do país.

<sup>4</sup> Em Moçambique, aluno se refere aos jovens que frequentam 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 9<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> classe, do 1<sup>o</sup> ciclo do Ensino Secundário.

<sup>5</sup> Em Moçambique, estudante se refere aos jovens que frequentam 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classe, do 2<sup>o</sup> ciclo do Ensino Secundário.

<sup>6</sup> Nascido em Dar-es-Salam em 1962. Eduardo Mondlane, juntamente com outros nacionalistas, unem-se os movimentos de protestos UDENAMO, MANU e a UDEMANI e criam uma frente única, a FRELIMO, movimento este que teve um papel relevante na luta de libertação nacional e, desde 1994, ano que ocorreu a primeira eleição, assumiu o poder como Partido Político (Nhapulo, 2018).

Pretendo sistematizar essa *práxis* educacional libertadora, visando “desbravar” esses novos saberes, por entender que, ao se falar de educação libertadora de Paulo Freire, deve-se entendê-la e atuá-la de forma interdisciplinar, de modo que o Serviço Social permeie significativamente o saber socioeducacional.

Nesse sentido, almejo sistematizar a *práxis* da ESCSC-Amatongas, por meio de uma sistematização de experiência (Jara, 2006), da qual fiz parte. Sistematização de experiência esta que revela os limites e possibilidades do processo educacional em Moçambique, tendo presente que o caminho acontece no processo, nos altos e baixos das ondas e não nas “paragens”<sup>7</sup>.

A instituição escolar em questão é vinculada a um grupo religioso internacional que está presente em 32 países, denominado Irmãos do Sagrado Coração (IRSC), há 202 anos presente no mundo e há 78 anos no Brasil, que compõe, desse modo, uma rede de educação em espaços escolares e não escolares. Em Moçambique, está presente há 12 anos dirigindo a ESCSC-Amatongas, atualmente, com 1.309 alunos e estudantes, da 7ª a 12ª classe, destes, 145 alunos e estudantes internos<sup>8</sup>.

Destaca-se a conexão da Pedagogia da Confiança, consolidada no Instituto dos IRSC, mantenedor da ESCSC-Amatongas, com a proposta pedagógica de Paulo Freire. Como assevera o Capítulo Geral (2000, p. 27) *apud* Ir. Stéphane Léon Sané (2020, p. 8): “essa pedagogia se manifesta principalmente na acolhida da criança e do jovem, o respeito fundamental pelo que é e a fé em sua capacidade de mudança e crescimento”.

Ir. Bernard Couvillion *apud* Ir. Stéphane Léon Sané (2020, p. 9) definiu a pedagogia baseada na confiança como “um processo contemplativo que conduz a uma intervenção durante o crescimento de uma criança ou um jovem, pelo qual ‘arriscamos’ uma energia afetiva e social em nome da compaixão de Deus”. O ser humano é, neste caso, a criança e o jovem são, por definição, uma obra incompleta e inacabada, uma pessoa em processo de crescimento, vislumbrando o “esperançar” de Paulo Freire. Ir. Stéphane Léon Sané (2020), destaca:

Ao buscar uma nova expressão de nossa presença entre as crianças e jovens num mundo em contínua mudança, o Capítulo Geral de 2018 lançou aos irmãos e colaboradores o seguinte desafio: ‘Educar as crianças e jovens no estilo de Jesus, privilegiando uma presença de compaixão e de confiança: escutando-as, acolhendo-as, respeitando sua integridade; sendo

---

<sup>7</sup> Termo utilizado no português de Moçambique que quer dizer “paradas”.

<sup>8</sup> Em Moçambique, nas escolas, há internatos para os alunos e estudantes viverem, devido às múltiplas questões sociais e distâncias geográficas.

testemunhas do amor de Deus e as acompanhando em seu desejo de compromisso' (Capítulo Geral, 2018, p. 18 *apud* Sané, 2020, p. 10).

Eis uma imagem do Capítulo Geral, em 2000, realizado em Roma/Itália, que retomou o diálogo sobre a Pedagogia da Confiança, no Instituto dos IRSC.

**Figura 1** – Conselho Geral, Irmãos Provinciais e Delegados presentes no Capítulo Geral de 2000 em Roma/Itália



Fonte: Sané (2020).

Além dessa experiência de educação escolar, atuei 14 anos em Centros Sociais de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), no contraturno escolar nos estados de São Paulo (Marília), Minas Gerais (Paraguaçu), Paraná (Ponta Grossa) e como educador social de jovens no Colégio Cristo Rei (Marília/SP). Espaços não escolares e escolares mantidos pela referida instituição educacional. Por todos esses anos de atuação, venho adquirindo experiência na área socioassistencial e educacional, na ótica da educação libertadora de Paulo Freire.

Ao retornar ao Brasil, depois desses anos vinculados à educação escolar moçambicana, onde pude conhecer o currículo do país, com destaque aos meandros institucionais; práticas profissionais; formação de professores/as; processo cultural, dentre outros, desejo contribuir com a educação desse país, em seus múltiplos contextos e realidades, que reflete toda a realidade multicultural de África, berço da humanidade.

Desta forma, almeja-se, nesta pesquisa, apresentar uma sistematização de experiência (Jara, 2006), desenvolvida no *Consejo de Educación Popular de América*

*Latina y el Caribe* (CEAAL)<sup>9</sup>. Tendo em vista que essa metodologia compreende e trata de forma qualitativa a realidade que se encontra em cada situação particular, visando a apropriação da experiência vivida para assim compartilhar com os outros (Jara, 2006).

O processo de sistematização de experiência busca refletir criticamente o fazer prático e concreto dos sujeitos em seus territórios, oportunizando a estes a possibilidade do olhar para si, para as pessoas e para as suas práticas, por meio de uma metodologia de ação-reflexão-ação, para torna-se *práxis* (Jara, 2006).

O olhar da sistematização da experiência (Jara, 2006) é sempre coletivo e social, emerge da realidade e aflora processos dinâmicos e transformadores, como destaca Oscar Jara (2006, p. 21): “Estas experiências são processos sociais dinâmicos: em permanente mudança e movimento [...]”.

A diferença de outros tipos de reflexão que se realizam a partir da prática e têm, igualmente, a intenção de teorizar sobre ela para transformá-la, segundo Oscar Jara (2006, p. 25) é:

[...] que ela busca penetrar no interior da dinâmica das experiências. Algo assim como entranhar-se nesses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.

Para Oscar Jara (2006), a sistematização de experiência é uma ferramenta importante e dinâmica. Fundamentada na educação popular, busca vincular a teoria e a prática, ser eco transformador para as vozes silenciadas nas diversas fronteiras humanas, territoriais e sociais. Para tal, sistematizar é:

[...] produz um novo conhecimento, [...] a partir da prática concreta, uma vez que possibilita sua compreensão, leva a transcendê-la, a ir mais além dela mesma [...] ao reconstruir o processo da prática, identificar seus elementos, classificá-los e reordená-los, faz-nos objetivar o vivido [...], põe em ordem conhecimentos desordenados e percepções dispersas que surgiram no transcorrer da experiência. Assim, explicita intuições, intenções e vivências acumuladas ao longo do processo [...] (Jara, 2006, p. 25).

---

<sup>9</sup> O Programa Latino-Americano de Apoio à Sistematização é uma iniciativa do Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe. Sua especificidade é sistematizar experiências: isto é, promover processos em que as pessoas protagonistas das experiências realizem uma interpretação crítica delas e produzam novos conhecimentos úteis para o enriquecimento das práticas e para a construção de contribuições teórico-críticas numa perspectiva de transformação e mudança social (tradução do autor). Eis o site do CEAAL, para maior aprofundamento. Disponível em: <https://cepalforja.org/sistem/bvirtual/?cat=19>. Acesso: 21 out. 2023.



Quando se sistematizam experiências, os sujeitos nelas vividos conseguem acessar e recuperar de forma mais ordenada o que já sabem sobre si e sua realidade existencial e experiencial, há um processo libertador nesse auto olhar-se, transcendendo um olhar fragmentado e ingênuo de acontecimentos e comportamentos. Favorecendo uma ação dialógica, com interpretações compartilhadas, confrontadas, amenizadas e/ou sanadas, em uma escuta-fala humanizadora.

Identificando o quão potente é essa metodologia, percebe-se a restrita quantidade de trabalhos acadêmicos com essa temática, ou seja, em relato de sistematização de experiência educacional, em especial, em Moçambique, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire. Aspecto que acreditamos ser muito relevante, tendo em vista que a oralidade é fundante para o processo educacional das comunidades em África, de modo particular, em Moçambique.

Por isso, entendemos a importância desse trabalho que analisará de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas. Nesse sentido, deseja-se analisar, por meio da sistematização de experiência (Jara, 2006), as categorias educação, escola e comunidade, tendo como reflexão a teoria de Paulo Freire, consolidado por seu “método”, entendido em uma perspectiva dialética e fenomenológica. Baseado na conectividade, tendo a premissa que a leitura de mundo precede a leitura da palavra (Freire, 2021).

Paulo Freire afirma, no texto *Acción Cultural Liberadora*, de Carlos Alberto Torres, publicado na Espanha no livro *Paulo Freire: educación y concientización* (Freire, 1985) *apud* Carlos Alberto Torres (1996):

Minha perspectiva é dialética e fenomenológica. Eu acredito que daqui temos que olhar para vencer esse relacionamento oposto entre teoria e práxis: superando o que não deve ser feito num nível idealista. De um diagnóstico científico desse fenômeno, nós podemos determinar a necessidade para a educação como uma ação cultural. Ação cultural para libertação é um processo através do qual a consciência do opressor “vivendo” na consciência do oprimido pode ser extraída (Torres, 1996, p. 125).

Nesse sentido, a relação professor-aluno deve se consolidar a partir de um diálogo ontológico, epistêmico e metodológico, aspectos estabilizados no ser, fazer e escrever de Paulo Freire. O “método Paulo Freire” propõe uma ação-reflexão-ação, que se transformará em uma *práxis* libertadora-transformadora. Para tal, é necessário o respeito efetivo ao saber da experiência do outro, do sujeito que fala, ouve e sente.

Como destaca Ana Maria Araújo Freire:

O ‘método Paulo Freire’ é muito mais do que um método que alfabetiza, é uma ampla e profunda compreensão da educação que tem como cerne de suas preocupações a natureza política do ato do conhecer/educar. É uma teoria do conhecimento, na qual se unem solidária e dialeticamente o ético/estético, o epistemológico, o psico-social, o antropológico, o pedagógico e o político (Freire, A., 2013, p. 347).

O “método Paulo Freire” traz como cerne a compreensão do conhecimento enquanto processo ao longo da trajetória de vida do aluno, suas visões de mundo e marcas de outras pessoas, demonstrando que, ao se tornar sujeito do conhecimento, pode-se mudar sua realidade. A educação libertadora de Paulo Freire é mecanismo propositivo dessa transformação para o sujeito e seu *locus* social.

Esta pesquisa tem como problema: A perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas?

Para tal, tem como objetivo geral: Analisar de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas.

Como objetivos específicos, definiu-se: Apresentar vida, obras e “andarilhagens” de Paulo Freire, nos espaços de educação em África; descrever o território do Posto Administrativo de Amatongas, bem como a ESCSC-Amatongas, destacando as relações comunitárias; identificar as relações da ESCSC-Amatongas com a comunidade local (Aldeia de Amatongas), a partir da educação libertadora de Paulo Freire; e analisar, por meio de “cartas pedagógicas” e entrevista semiestruturada, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território.

Para responder ao primeiro objetivo da pesquisa, que é de “apresentar vida, obras e ‘andarilhagens’ de Paulo Freire nos espaços de educação em África”, foram utilizadas referências bibliográficas que destacam o processo biográfico de Paulo Freire, com ênfase às obras: *Paulo Freire: uma História de Vida* (Freire, A., 2013), *Paulo Freire: Vida e obra* (Souza, 2015) e *Paulo Freire: Uma biobibliografia* (Gadotti, 1996); e livros de sua autoria, que dialogam com a educação libertadora, destacando-se: *A sombra desta mangueira* (Freire, 2019); *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2021); *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2021c); *Educação e Mudança* (Freire, 2021g); *Educação como prática da liberdade* (Freire, 2022); e os livros dialógicos; *Cartas à Guiné-Bissau: Registro de uma*

*experiência em processo* (Freire, 2021e) e *A África ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (Freire; Guimarães, 2021).

No segundo objetivo, “descrever o território do Posto Administrativo de Amatongas, bem como a ESCSC-Amatongas, destacando as relações comunitárias”, foram analisados, de forma qualitativa, documentos da ESCSC-Amatongas, sendo eles o *Regimento do Ensino Secundário, Regulamento Interno da Escola* (2013, recebidas por aplicativo de troca de mensagens pelo Diretor da ESCSC-Amatongas) e o *Manual de Apoio aos Conselhos de Escola Secundária* (MINEDH, 2017), dentre outros.

A análise documental também foi utilizada para responder ao terceiro e ao quarto objetivo de pesquisa, que são de “identificar as relações da ESCSC-Amatongas, com a comunidade local (Aldeia de Amatongas), a partir da educação libertadora de Paulo Freire” e de “analisar, por meio de ‘cartas pedagógicas’ e entrevista semiestruturada, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território”.

O processo foi analisado de forma qualitativa em dois movimentos, inicialmente, encaminhou-se aos sujeitos da pesquisa “cartas pedagógicas”, para que escrevessem ao pesquisador, respondendo três questões. Utilizou-se como referencial teórico da técnica a obra *Cartas Pedagógicas: Tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular* (Dickmann, 2020) e *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a Educação por Cartas e Livros* (Coelho, 2011).

Após o retorno das “cartas pedagógicas”, foi realizada a análise dos dados, categorizando-os e, no segundo momento, no *lócus*, realizou-se entrevistas semiestruturadas (Neto, 1994) com 22 pessoas que responderam às correspondências, com o intuito de oportunizar processos dialógicos de aspectos destacados nas “cartas pedagógicas”, visando analisar, por meio dessas técnicas, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire na ESCSC-Amatongas.

Com o intuito de oportunizar (des)cobertas pessoais e coletivas, a referida pesquisa fez a seguinte travessia: no capítulo I, construiu-se uma reflexão sobre Paulo Freire, vida, estudo e “andarilhagens”. No capítulo II, destacou-se a metodologia da sistematização de experiência (Jara, 2006) e o levantamento de produções, relatando as técnicas “carta pedagógica” e entrevista semiestruturada. No capítulo III,

apresentou-se como foco as “andarilhagens” de Paulo Freire nos espaços de educação libertadora em África e o *locus* da pesquisa.

No capítulo IV, buscou-se analisar as categorias educação, escola, comunidade e as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas, presentes nas “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas. Enfatizando o Conselho da Escola como elo conector de participação comunitária na ESCSC-Amatongas.

Nas considerações finais, fez-se uma “carta pedagógica” à Paulo Freire, sobre as conexões entre as categorias educação, escola e comunidade, em uma sistematização de experiência (Jara, 2006) na ESCSC-Amatongas.

Mia Couto (2005), escritor luso-moçambicano reverbera que “o escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimentos e de encantamento” (Couto, 2005, p. 63). Por meio desta sistematização de experiência (Jara, 2006), tendo como técnica “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, deseja-se escrever palavras-corpos grávidos de sonhos e utopias. Palavra-corpos nascentes de nossas constantes travessias cheias de “bonitezas”.

## CAPÍTULO 1

### PAULO FREIRE: VIDA, ESTUDO E SUAS EXPERIÊNCIAS DE “ANDARILHAGENS”<sup>10</sup>

É preciso que desde do início do processo vá ficando cada vez mais explícito que, embora diferentes entre si, quem forma, forma-se e volta a formar-se ao formar e quem é formado, forma-se ao ser formado.  
(Paulo Freire)

É inegável o reconhecimento nacional e internacional de Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, na conjuntura social e educacional, sendo, desta forma, um dos intelectuais que mais se destacou ao longo das últimas décadas. Seus livros são a inspiração para muitos educadores no Brasil e exterior. Seu legado ecoa e perpassa várias áreas do conhecimento – da antropologia à educação ambiental; das ciências físicas, biológicas ou exatas às ciências políticas; das religiões à filosofia; da ética à estética; da museologia à educação musical, dentre outras.

Nas palavras de Lisete Regina Gomes Arelaro e Maria Regina Martins Cabral, Paulo Freire:

Intelectual chamado de ‘educador popular’, é o professor brasileiro mais conhecido no mundo. Foi criador de uma teoria epistemológica de aprendizagem que grande parte das publicações denomina de ‘Método Paulo Freire’, e é também o cidadão brasileiro mais condecorado do país. Foram 39 títulos de Doutor Honoris Causa – 34 em vida e cinco in memoriam – e mais de 150 títulos honoríficos e/ou medalhas (Arelaro; Cabral, 2019, p. 269).

Freire tem sempre algo a dizer, de uma forma simples e não menos profunda, impregnada de uma ontologia do inacabamento do ser, de uma epistemologia ancorada no diálogo e no processo de ensino-aprendizagem, e uma metodologia circular e democrática, que transcende a leitura da palavra, carregando de sentido e significado no fazer educação libertadora. Como destaca Ana Maria Araújo Freire,

A influência de Paulo Freire na história dificilmente se completará. Vem se completando dinamicamente a cada ação-pensamento a partir do que ele

---

<sup>10</sup> “Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados), e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” - para usar uma palavra cara dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”). Paulo Freire pertenceu às duas últimas categorias. Entre a infância nordestina, a juventude e o começo da vida madura e profissional, nada parecia indicar, em um homem que começou deslocando-se apenas entre o Recife e Jaboatão, um destino andarilho, errante” (Brandão, 2019, p. 44).

disse e fez; a partir do que se faça, se pense e se divulgue sobre *ser no e com o mundo*; a cada nova práxis educativa progressista que se implante e se realize, não só no campo da educação popular e na educação de adultos, mas, no da educação no sentido mais amplo e em muitos outros campos do saber (Freire, A., 2013, p. 26).

Paulo Freire viveu a dimensão do amor ao longo de seus 75 anos de vida e missão socioeducacional, dimensão esta que ele reverberou em sua última entrevista, nos primeiros dias de abril de 1997 à Ednei Silvestre (Freire, A., 2013), banhada de “gentetude” e sapiência. “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, a vida” (Freire, A., 2013, p. 27), aspecto que exortava em sua vida e estudo. Vida esta oferecida “aos esfarrapados do mundo”, aos explorados/as e oprimidos/as, como um bom nordestino/recifense apaixonado por sua terra e sua gente (Freire, 2021).

Nesse sentido, o presente capítulo discorre sobre as “andarilhagens” de Paulo Freire, destacando sua vida, estudo e seu papel transformador nos espaços de educação libertadora que atuou, por meio de seu discurso e posicionamento ético-político-crítico, ou seja, por uma *práxis* emancipadora e transformadora.

O capítulo conta com as seções: *Paulo Freire: breve relato de sua vida e estudo*; *Primeiras atuações de Paulo Freire no campo socioeducacional*; *Presença de Paulo Freire em movimentos sociais no Brasil (Movimento de Cultura Popular, o MCP, Experiência de Angicos/RN e Programa Nacional de Alfabetização, o PNA)*; e *Paulo Freire: suas “andarilhagens” no exílio*. Optou-se em apresentar as suas “andarilhagens” no continente africano no terceiro capítulo, ao relatar questões sobre o *lócus* e objeto da pesquisa, a ESCSC-Amatongas, em Moçambique.

## 1.1 PAULO FREIRE: BREVE RELATO DE SUA VIDA E ESTUDO

Paulo Reglus Neves Freire nasceu na Estrada do Encantado, 724, no bairro de Casa Amarela, no Recife/PE, às 9 horas da manhã, do dia 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Themítoche Freire e Edeltrudes Neves Freire. Por questões de saúde, falece na cidade de São Paulo/SP, no dia 2 de maio de 1997.

Filho de pai oficial da Polícia Militar de Pernambuco e mãe prendada doméstica, Paulo Freire foi o quarto e último filho do casal, tendo como irmãos Armando, Stela e Temístocles (Freire, A., 2013).

Seu irmão, Armando, com a necessidade de cuidar de seus três irmãos e sua mãe viúva aos seus 42, não interessado pelo estudo, precisou abandoná-los e começar a trabalhar como funcionário público. Stela se torna professora primária por pouco tempo e Temístocle, irmão pelo qual Paulo Freire tinha maior estima, já idoso quando Freire morre, perdeu o gosto pela vida e faleceu no dia 27 de setembro de 1999, após 2 anos da partida do irmão, com o qual tinha um grande vínculo de amorosidade (Freire, A., 2013).

Percebe-se em Paulo Freire forte irmandade e conexão com seus irmãos, com destaque a Temístocles, unidos por meio dos momentos difíceis e alegres quando crianças nas sombras das mangueiras, jaqueiras, cajueiros e pitombeiras. Árvores do nordeste brasileiro, produtoras de relações, carregadas de afeto, curiosidade e do brincar de uma infância de dores e esperanças (Freire, 2021b). Como destaca Freire, em *A sombra desta mangueira* (Freire, 2019):

Eu usava a amenidade das sombras para estudar, para brincar, para conversar com meu irmão Temístocles sobre nós mesmos, sobre nosso amanhã, sobre a saudade de nosso pai falecido; para curtir, mergulhado em mim mesmo, a falta da namorada que partira (Freire, 2019, p. 26).

Desde a infância, Freire já utiliza recursos da natureza para alfabetizar-se, ou seja, escrevia palavras com gravetos no terreiro do quintal de sua casa, no bairro da Casa Amarela, no Recife. E, por isso, ao iniciar o ensino primário, já sabia ler e escrever.

Em 1929, com a influência da queda da Bolsa de New York, a família de Freire hipoteca a casa que morava no Recife e, sem condições de saldar a dívida, Freire se muda com a família, de um bairro de classe média, em Recife, para Jaboatão dos Guararapes, uma cidadezinha a 18 quilômetros dali, onde ele viveu sua infância, passando muitas dificuldades, inclusive fome. Relato apresentado em *Cartas a Cristina: Reflexão sobre minha vida e minha práxis* (Freire, 2021b).

Fome real, concreta, sem data marcada para partir, mesmo que não tão rigorosa e agressiva quanto outras fomes que conhecia. De qualquer maneira, não a fome de quem faz operação de amígdalas ou a de quem faz dieta para ficar elegante. A nossa fome, pelo contrário, foi a que chegava sem pedir licença, a que se instala e se acomoda e vai ficando sem tempo certo para se despedir. Fome que, se não amenizada, como foi a nossa, vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos [...] (Freire, 2021b, p. 44).

Realidade de insegurança alimentar que assola milhões de brasileiros na atualidade e que o fez pensar que alguma coisa estava errada, alguma coisa precisava ser mudada, uma “indignação” na infância, que impulsionou toda sua vida, forjando uma criança-homem disposta a transformar essa realidade desigual imposta aos empobrecidos.

As dificuldades que enfrentei, com minha família, na infância e na adolescência, forjaram em mim, ao contrário de uma postura acomodada diante do desafio, uma abertura curiosa e esperançosa diante do mundo. Jamais me senti inclinado, mesmo quando me era ainda impossível compreender a origem de nossas dificuldades, a pensar que a vida era assim mesma, que o melhor a fazer diante dos obstáculos seria simplesmente aceitá-los como eram. Pelo contrário, em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar (Freire, 2021b, p. 41).

Percebe-se em Freire, desde sua infância, uma criança que olha a realidade que o cerca e que, mediante o contexto, busca (re)inventá-la. Diante dessa dura realidade de dificuldades financeiras e de ter experimentado a fome, “tentando furtar um lindo mamão no quintal do vizinho” (Freire, 2021b, p. 48), cresce e constrói seus vínculos de amizade, de troca, de irmandade.

Em Jaboatão, segundo Ana Maria Araújo Freire (1996), nas notas de Pedagogia da Esperança (Freire, 2021c), Paulo Freire viveu momentos fundantes para sua “gentetude”,

Foi também em Jaboatão que sentiu, aprendeu e viveu a alegria no jogar futebol e no nadar pelo rio Jaboatão vendo as mulheres, de cócoras, lavando e 'batendo' nas pedras a roupa que lavavam para si, para a própria família, e para as famílias mais abastadas. Foi lá também que aprendeu a cantar e assobiar, coisas que até hoje tanto gosta de fazer, para se aliviar do cansaço de pensar e das tensões da vida do dia a dia; aprendeu a dialogar na “roda de amigos” e aprendeu a valorizar sexualmente, a namorar e a amar as mulheres e por fim foi lá em Jaboatão que aprendeu a tomar para si, com paixão, os estudos das sintaxes popular e erudita da língua portuguesa. Assim Jaboatão foi um espaço-tempo de aprendizagem, de dificuldades e de alegrias vividas intensamente, que lhe ensinaram a harmonizar o equilíbrio entre o ter e o não ter, o ser e não ser, o poder e não poder, o querer e não querer. Assim forjou-se Freire na disciplina da esperança (Freire, 2021c, p. 300-301).

Ressalta-se, de sua primeira infância, o cuidado e a capacidade de amar de seus pais, que, por meio da resistência, tolerância e coerência, eram sinais de exemplo e segurança.

Sua mãe, mulher frágil e forte, doce e altiva, ao mesmo tempo, soube enfrentar com dignidade as provações, e foi também por isso uma figura extremamente importante, decisiva no desenvolvimento afetivo, intelectual e profissional de Paulo [...]. Seu pai não só o fazia dormir cantando, como



também lia livros de histórias infantis e mais tarde conversava com Paulo sobre suas convicções éticas e políticas. Paulo entendeu e respeitou a postura de seu pai diante da vida, desde criança até o seu último dia de sua vida, e o que mais admirou nele foram suas práticas de tolerância e coerência [...] (Freire, A., 2013, p. 42).

Essa relação de cuidado de seus pais revela que Freire não foi uma criança só, nem desamado. Aspecto que o fez ter clareza da afeição de seus pais consigo e seus irmãos, e segurança para enfrentar a realidade de fome, durante grande parte de sua infância e adolescência (Freire, 2021b).

Os anos se passam, Freire cresce e continua a sentir, em seu corpo, dores mais violentas que a fome que havia perpassado suas entranhas na infância, debilitando-o e enfraquecendo-o, retirando sua vitalidade, inclusive para o estudo. Foi a perda de seu pai, em 31 de outubro de 1934, um domingo fatídico, de uma dor profunda que o envolveu:

Quando voltei ao quarto entre dezessete e dezessete horas e trinta minutos da tarde vi meu pai, ao esforçar-se para sentar-se na cama, gritar de dor, a face retorcida, tombar para trás agonizante. Nunca tinha visto ninguém morrer, mas tinha a certeza, ali, de que meu pai estava morrendo. Uma sensação de pânico misturado com saudade antecipada, um vazio enorme, uma dor indizível tomaram meu ser e eu me senti perdido. Alguém me tirou do quarto e me levou para um outro canto da casa de onde ouvi, cada vez mais fracos, os gemidos finais com que meu pai se despedia do mundo. Esses últimos momentos de sua vida, as contorções de sua face, os gemidos de dor, tudo isso se acha fixado, em mim, na memória de meu corpo, com a nitidez com que o peixe fossilizado se incorpora à pedra (Freire, 2021b, p. 123).

Frente à morte de seu pai, houve um agravamento da situação econômica que a família de Freire vivia. Tendo o aporte humano e econômico em sua mãe, com 42 anos, mesmo com a diminuição de seus recursos financeiros, viúva, agora recebia uma pensão. Há uma melhora nessa conjuntura entre 1935 a 1936, quando seus irmãos e irmã conseguem empregos.

Só entre 1935 e 1936 houve uma real melhora com a participação efetiva de Armando, meu irmão mais velho, que conseguira um trabalho na Prefeitura Municipal do Recife; de Stela, que recebeu seu diploma de professora do primeiro grau e começara a trabalhar; e de Temístocles, que andava o dia inteiro no Recife fazendo mandados para um escritório comercial (Freire, 2021b, p. 125).

Contextos que ajudaram Freire a efetivar projetos futuros. Carregados de aprendizagens de dores e alegria, que enfatizaram nele o amor à vida, a sua relação com as pessoas e os seres vivos e, sobretudo, a maneira como pensar o mundo e

atuar sobre ele. Um mundo cheio de “malvadez” e limites, mas, sobretudo, com muita “boniteza” e possibilidades.

Foi em Jaboatão que Paulo Freire concluiu a escola primária. Em seguida, fez o primeiro ano ginasial no Colégio 14 de Julho que, funcionando no bairro de São José, era, na verdade, um prolongamento do Colégio Francês Chateaubriand, situado na Rua da Harmonia, 150, Casa Amarela, onde aconteciam os exames finais (Freire, A., 1996). Após concluir o primeiro ano do Ensino Secundário, Freire adquire bolsa de estudos no Colégio Osvaldo Cruz, que tinha como proprietário o pai de sua segunda esposa, Ana Maria Araújo Freire (Nita), o Sr. Aluísio Pessoa de Araújo, a quem Freire tinha muita estima. Nesse educandário, fez os sete anos de estudos secundário, adquirindo uma boa escolarização, em um colégio importante na capital pernambucana (Freire, A., 1996).

Sua presença naquele ambiente educacional foi decisiva para sua trajetória profissional. Concilia lecionar língua portuguesa no Colégio Osvaldo Cruz com ministrar aulas particulares da referida disciplina. Freire, desde muito jovem, sente-se vocacionado ao ensino e destacou “o que buscava incansavelmente era a beleza na linguagem, oral e escrita” (Freire, 2022d, p. 95). Esse processo se efetivou ao longo da vida, por meio de uma educação libertadora

Aos 22 anos, ingressa na Secular Faculdade de Direito do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo estudado lá entre 1943 e 1947. Formou-se em Direito e, na primeira causa, desiste. Como destacam Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitzkoski (2019).

[...] ainda muito jovem formou-se em Direito, mas desistiu dessa profissão na ‘primeira causa’ em que se constituiu advogado de defesa de um jovem dentista que estava, sob muita pressão, querendo ‘ganhar mais um tempo’ na condição de trabalhador para poder quitar sua dívida que contraíra na busca de montar seu próprio consultório dentário. Triste e abatido pelo contexto da injustiça social desse caso e impotente diante da burocracia jurídica, o jovem advogado decide ser um educador (Streck; Redin; Zitzkoski, 2019, p. 17).

Paulo Freire abandona a profissão de advogado, mas o Direito o acompanha em toda sua vida, enquanto cidadão e professor. Por entender que tanto na advocacia quanto na docência se faz necessária uma ética humanizadora, que promova a defesa do sujeito em sua integridade e subjetividade. Emocionado, reverbera à Elza Freire, sua primeira esposa,

Já não serei advogado. Não que não veja na advocacia um encanto especial, uma necessidade fundamental, uma tarefa indispensável que, tanto quanto outra qualquer, se deve fundar na ética, na competência, na seriedade, no respeito às gentes. Mas não é a advocacia o que quero (Freire, 2021c, p. 23-24).

Freire busca efetivar ao sujeito o direito à educação, à cidadania, à transformação social, em seu fazer educação, como Elza mesmo afirma: “Eu esperava isso, você é um educador” (Freire, 2021c, p. 25). Não há como não destacar como o curso de Direito efetivou impactos em sua vida e no seu pensar, inclusive pelas leituras que fez ao longo da formação universitária, aspectos que foram consolidados em suas primeiras atuações no campo socioeducativo.

## 1.2 PRIMEIRAS ATUAÇÕES DE PAULO FREIRE NO CAMPO SOCIOEDUCACIONAL

Em 1941, Freire tem como seu primeiro emprego a função de auxiliar de disciplina no Colégio Oswaldo Cruz, durante dois anos. É promovido dessa função para professor de língua portuguesa, lecionando até 1947 (Freire, A., 2013).

Tendo um reconhecimento em outros estabelecimentos de ensino, pelo excelente trabalho desenvolvido no Colégio Oswaldo Cruz, Freire é contratado em outras instituições educacionais do Recife: Colégio Americano Batista, Colégio Sagrada Família, Colégio Porto Carreiro e Colégio Padre Félix. Nesse ínterim, lecionou aulas particulares, antes da ida ao Serviço Social da Indústria (SESI/PE), no segundo semestre de 1947 (Freire, A., 2013).

Essas realidades demonstravam os caminhos que Freire estava percorrendo, fazendo-se como pessoa e profissional. Em um processo de “feitura” constante, impregnado pelas pessoas e pelo mundo. Como ele mesmo destaca:

Não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de ‘sonhos’ em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor. “Brinquei” tanto de professor na adolescência que, ao dar as primeiras aulas no curso então chamado de ‘admissão’ no Colégio Oswaldo Cruz do Recife, nos anos 40, não me era fácil distinguir o professor do imaginário do professor do mundo real. E era feliz em ambos os mundos. Feliz quando puramente sonhava dando aula e feliz quando, de fato, ensinava. Eu tinha, na verdade, desde menino, um certo gosto docente, que jamais se desfez em mim. Um gosto de ensinar e de aprender que me empurrava à prática de ensinar que, por sua vez, veio dando forma e sentido àquele gosto. Umas dúvidas, umas inquietações, uma certeza de que as coisas estão sempre se fazendo e se refazendo e, em lugar de inseguro, me sentia firme na compreensão que, em

mim, crescia de que a gente não é, de que a gente está sendo (Freire, 2022d, p. 93).

Toda sua vivência em família, as práticas dialógicas com seus pais o preparam para continuar a vivê-las com seus alunos (Freire, 2022d). “Na verdade, não nasci marcado para ser um professor a esta maneira, mas me tornei assim na experiência de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude” (Freire, 2022d, p. 98). Revelando as marcas que teve, por meio de seu processo de criação, no âmbito social e em seus contextos vividos.

Em 1º de agosto de 1947, Freire é contratado no Setor de Educação e Cultura do Sesi/PE, como assistente da Divisão de Divulgação, Educação e Cultura. No término da graduação de Bacharelado em Direito, Freire foi promovido a diretor da Divisão de Educação e Cultura (Freire, A., 1996).

Aos 32 anos de idade, em 1º de dezembro de 1954, assume a função de diretor superintendente do Departamento Regional de Pernambuco, cargo comissionado que ocupou até 23 de outubro de 1956 (Freire, A., 2013). Nessa conjuntura, tem contato com trabalhadores adultos com baixa ou nenhuma escolaridade, sente em suas entranhas como é urgente uma adequação da educação de um modo geral e, de modo particular, da educação popular e da alfabetização de adultos (Freire, A., 1996).

Fundou, nos anos 1950, o Instituto Capibaribe<sup>11</sup>, tendo como liderança Raquel Castro<sup>12</sup>, em conjunto com outros educadores e pessoas interessadas na educação escolar. “Instituição de ensino privado conhecida até hoje em Recife pelo seu alto nível de ensino e de formação científica, ética e moral voltada para a consciência democrática” (Freire, A., 1996, p. 33).

Freire assume cargos ligados à educação em Pernambuco, trilhando caminhos em espaços de criação de políticas públicas. Inicialmente, no Conselho Consultivo de Educação de Recife (09/08/1956). Em 14 de julho de 1961, é nomeado para o cargo de Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal de Recife (Freire, A., 1996).

---

<sup>11</sup> Mais informações, disponível em: <http://www.institutocapibaribe.com.br/>. Acesso: 14 maio 2023.

<sup>12</sup> Raquel Crasto (1919-2004) nasceu em Vicência, Pernambuco, no dia 3 de outubro de 1919. Era filha de Manuel Joaquim Correia de Crasto e de Josefa da Silva Crasto. Foi uma educadora brasileira, uma das fundadoras do Instituto Capibaribe. Mais sobre essa importante educadora, disponível em: [https://www.ebiografia.com/raquel\\_crasto/](https://www.ebiografia.com/raquel_crasto/). Acesso: 14 maio de 2023.

Em fins de 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese *Educação e atualidade brasileira*<sup>13</sup>. Foi nomeado professor catedrático de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes, em 1952, ligada à Universidade do Recife, atual UFPE. Em 1959, lecionou as disciplinas de História e Filosofia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras dessa mesma Universidade, tornando-se, em 1961, professor livre-docente por concurso público (Arelaro; Cabral, 2019).

Em novembro de 1963, Freire foi empossado como um dos “Conselheiros Pioneiros” do Conselho de Educação de Pernambuco, na gestão do governador Miguel Arraes. Firmou-se como educador progressista, ao ser relator da Comissão Regional de Pernambuco e autor do relatório intitulado *A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos*, apresentado no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em julho de 1958, no Rio de Janeiro (Freire, A., 1996).

Por meio da colaboração, participação, responsabilidade social e política, Freire propõe uma formação de adultos ancorada na categoria de um saber aprendido das realidades diárias do sujeito e suas comunidades. Propondo como possibilidade uma educação emancipatória e transformadora, em contramão a uma educação neutra, alienante e universalizante, ou seja, uma “educação bancária” (Freire, 2021).

### 1.3 PRESENÇA DE PAULO FREIRE EM MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Paulo Freire nos convida a lutar de forma humanizada pelas pessoas e pelo mundo. Pois não há neutralidade na forma como nos situamos e tomamos posição diante da realidade, do mundo que vivemos. Ou seja, ou trabalhamos para construir um mundo mais cheio de “bonitezas” e justiça para vivermos, ou estamos compactuando com a “feiura” e exclusão social. São lógicas desumanizadoras que se impõem sobre a humanidade.

---

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. Tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco. Recife: Universidade Federal do Recife, 1959, 139 p. Aqui, encontra-se presente, pela primeira vez, a idéia de uma escola democrática, centrada no educando e na problemática da comunidade em que vive e atua; uma escola que, através de uma nova prática pedagógica, seja capaz de provocar no aluno a transição de sua consciência mágico-ingênua para a consciência crítica, fomentadora de transformações sociais. Com alguns retoques, essa tese foi publicada, posteriormente, sob o título *Educação como prática da liberdade*, vindo a constituir-se na primeira grande obra de Paulo Freire (Gadotti, 1996, p. 257).

É diante dessa lógica de transformação que Freire se posiciona nos Movimentos Sociais (MCP; Experiência de Angicos e PNA), para “esperançar” e transformar uma lógica “antidialógica”, excludente e assistencialista; propondo novos caminhos, tendo como percurso o diálogo, a inclusão e a conscientização. Por meio de uma Educação libertadora, mesmo em meio às dores e exílios.

### 1.3.1 Movimento de Cultura Popular (MCP)

Paulo Freire funda o MCP<sup>14</sup> em 13 de maio de 1960, junto a intelectuais, líderes operários, artistas e estudantes. Pela valorização da cultura popular, promovendo a integração dos nordestinos no seu processo de libertação social, econômica, política e cultural (Freire, A., 2013).

Acerca da fundação do MCP, no Memorial do MCP (1986)<sup>15</sup> *apud* Ana Maria Freire (2013, p. 128), salienta-se:

O Movimento de Cultura Popular - MCP, justiça se faça, foi o primeiro de uma série de movimentos político-educacionais que surgiram nos anos 60, no Brasil. Tentou, resgatando a cultura popular, com o povo orientado por intelectuais, levar a uma práxis revolucionária capaz de fazer a transformação do país. O MCP nasceu oficialmente no Recife, em 13 de maio de 1960.

O MCP foi organizado em três Departamentos: Difusão da Cultura (DDC), Documentação e Informação (DDI); e Formação e Cultura (DFC), que teve Paulo Freire como diretor da Divisão de Pesquisa. O papel de Freire se consolidava na coordenação do Projeto de Educação de Adultos, que se desdobrava em outros programas e projetos, no caso, Círculos e Centros de Cultura. No que tange aos Centros de Cultura, Rosas (1986)<sup>16</sup> *apud* Ana Maria Freire (2013, p.132) comenta:

O primeiro Centro de Cultura foi instalado em 1961, no Poço da Panela: Círculo de Cultura Dona Olegarina. Circunstância feliz, pois a casa-sede do Centro pertencera a José Mariano e sua esposa Dona Olegarina, abolicionistas históricos que acolhiam, cuidavam e facilitavam a fuga e a alforria de escravos.

Como Freire e Betto (1985) destacam, em entrevista a Ricardo Kotscho, na obra *Essa escola chamada vida*.

<sup>14</sup> Mais informações, disponível em: <https://recifeemrede.blogspot.com/2010/11/o-movimento-de-cultura-popular-mcp-foi.html>. Acesso: 14 maio 2023.

<sup>15</sup> Ver mais em: **Memorial do MCP**. Coleção Recife, v. XLIX. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1986. p. 56-57.

<sup>16</sup> Ver mais em: ROSAS, Paulo. **Papéis avulsos sobre Paulo Freire 1**. 1986, p. 63-66.

[...] quando já tinha deixado o SESI - tenho a impressão de que foi nos anos 60 -, eu me engajo num movimento de intelectuais e de artistas, na época em que Miguel Arraes era prefeito do Recife. A convite de Arraes, esse grupo de intelectuais, sob a liderança de Germano Coelho, cria o chamado 'Movimento de Cultura Popular'. Dentro do MCP, então, aprofundei e sistematizei, em parte, algumas das perguntas que vinha me fazendo há quinze anos, durante o período em que trabalhei no SESI. Me lembro, por exemplo, que agora já dentro do MCP coordenava um projeto que se chamava 'Círculos de Cultura' e 'Centros de Cultura' (Freire; Betto, 1985, p. 13-14).

Esse movimento marca consideravelmente a atuação de Paulo Freire como educador progressista, pois é nesse espaço que faz suas primeiras experiências públicas de seu "método de alfabetização". Nos primeiros dois anos de funcionamento do MCP, envolve-se de forma intensa, no entanto, afasta-se para se dedicar à formação e ao funcionamento do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife/PE, por entender que essas funções reforçariam o trabalho do MCP e de Miguel Arraes, atual governador de Pernambuco, nos anos de 1960 (Freire, A., 2013).

### 1.3.2 Experiência de Angicos/RN

Em nome do governador do Rio Grande do Norte/RN, Aluizio Alves, o então Secretário da Educação do Estado, Calazans Fernandes, procura Paulo Freire em uma tarde de domingo de 1963, pedindo sua ajuda frente ao analfabetismo de adultos no estado. Paulo Freire afirma que teria poucas exigências ao governo do Rio Grande do Norte e, caso as aceitassem, colaboraria (Freire, 2021b).

Em data marcada, Freire foi à Natal, e o governador, sem grandes dificuldades, aceitou suas condições, solicitando apenas que a experiência inicial ocorresse em Angicos/RN, sua cidade natal (Freire, 2021b). "Paulo considerava esse fato absolutamente natural e aceitável, desde que, como realmente aconteceu, sem a intervenção e nem as 'visitas de qualquer natureza' do governante" (Freire, A., 2013, p. 138).

A experiência, realizada com êxito, ocorreu com um número considerável de alfabetizandas e alfabetizandos. Como relata Freire: "Tivemos trezentos educandos em Angicos, alfabetizandas e alfabetizandos, distribuídos entre quinze círculos de cultura instalados em salas de escola ou de casas da cidade" (Freire, 2021b, p. 223).

Carlos Lyra (1996, p. 19-20) *apud* Danilo R. Streck (2019, p. 45-46) situa Angicos por meio de seu verbete no *Dicionário Paulo Freire*:

Angicos é uma cidadezinha no sertão, bem no meio do Rio Grande do Norte, à margem esquerda do rio Pataxó (os bandeirantes chegaram lá), na beirada dos trilhos da Sampaio Correia. Uma igreja, uma estaçãozinha, dois açudes, a cadeia velha, o cemitério, o grupo escolar muito velho, o colégio dos padres, o Mercado Municipal, coletoria, agência dos Correios, a pracinha calçada defronte da igreja e mais a rua principal, seis ou sete ruazinhas, e só. O cinema é o da igreja, campo de futebol não havia, a luz elétrica era de motor a gasolina, só ligava quando estava escuro, desligava às dez, quando não desligava por defeito do motor, aí eram dias e dias de vela e lampião. No mapa é um pontinho bem pequeno, a 5°39'46" de latitude Sul e 36°36'18" de longitude Oeste de Greenwich. Uma cidadezinha com um coeficiente de mortalidade infantil de assustar estatística: em 1960 morreram seiscentas de cada mil crianças que nasceram. O coeficiente de natalidade era 75. Lá eles tinham um médico, um farmacêutico, um posto de saúde e até linha telefônica para Açu (que quase nunca funcionava). A temperatura média ainda é a mesma, 29° à sombra.

Uma realidade de cidadezinha, que se assemelha com o *lócus* pesquisado, a Aldeia de Amatongas, em Moçambique.

As 16 “palavras geradoras”, retiradas da realidade social e linguística da população de Angicos, intitulada de “pesquisa do universo vocabular”, chamada mais adiante de “temática”, foram: BELOTA – MILHO – EXPRESSO – XIQUE-XIQUE – VOTO – POVO – SAPATO – CHIBANGA - SALINA – GOLEIRO – TIJELA – COZINHA – JARRA – FOGÃO – BILRO – ALMOFADA – FEIRA (Freire, A., 2013).

Verificou-se, por meio das escolhas das “palavras geradoras”, que se transformaram em “temas geradores” para os “círculos de cultura”, uma politicidade do ato educativo, reforçando que nenhuma ação humana é neutra, sobretudo, o ato de educar. Não havendo uma indissociabilidade entre a leitura da Palavra com a leitura do Mundo (Freire; Betto, 1985).

Na experiência de Angicos, identifica-se aspectos ligados à “humanização”, contrapondo-se à “educação bancária”. Com a finalidade de ler o mundo para transformá-lo, promover a igualdade, respeitar as diferenças e construir o “ser mais”; por meio da denúncia de uma educação bancária e mecanicista, para um anúncio de uma educação humanizada, que possibilite a transformação social individual e coletiva da sociedade.

A pequena cidade de Angicos, hoje, com uma população de aproximadamente 11.000 habitantes, tornou-se lugar emblemático, de uma experiência de alfabetização revolucionária de adultos, por meio de um convênio entre o estado do Rio Grande do Norte e o SEC da Universidade do Recife (Streck, 2019), contou com 380 alunos matriculados, dos quais 300 aprenderam a ler e escrever em curto prazo (Arelaro; Cabral, 2019).



Como destaca Ana Maria Freire (2013, p. 142):

Assim, o processo de alfabetização realizou-se conforme o planejado dentro do 'Método Paulo Freire', que, embora tenha alfabetizado alguns homens e mulheres em poucos dias, jamais seu criador propalou ser 'um método de alfabetizar em 40 horas' - como, ingênua ou astutamente, usando palavras de Paulo - muitos asseguram, certamente influenciados pelo título do belo e importante artigo escrito na época por Hermano Alves, 'Angicos 40 graus, 40 horas'.

A grande inovação do "método Paulo Freire", iniciado em Angicos, deu-se mediante os diálogos que surgiram das "temáticas", elaboradas pelos próprios sujeitos. A equipe não chegava nos "círculos de cultura" e "despejava" uma discussão em torno do tema X, Y, Z, mas propunha que diante do debate dos alfabetizandos, os temas surgissem, pela atribuição de significados a eles que, ao menos, atendessem à curiosidade epistemológica inicial. "Por esse método indutivo se chegava rapidamente a um processo de conscientização – que é uma palavra que surge naquela época, a partir da aplicação do método. Conscientizar é passar da consciência ingênua para a consciência crítica" (Freire; Betto, 1985, p. 28-29).

### 1.3.3 Programa Nacional de Alfabetização (PNA)

No Governo de João Goulart, Jango, em 1963, Paulo Freire é convidado pelo ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, para coordenar o PNA, que buscava por meio da politização alfabetizar 5 milhões de brasileiros (Arelaro; Cabral, 2019).

Era um projeto ousado, projeto que se conectava com Freire, que, desde a fome na infância, buscava transformar essa conjuntura de exclusão social dos mais empobrecidos sem acesso à dignidade. Para tal, algumas medidas legais foram tomadas, mesmo porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 4024/61, determinava a descentralização da educação. Como destaca Ana Maria Freire (2013):

A Portaria do MEC n.182, de 28.6.1963, determinou que se iniciariam em Brasília os trabalhos da Comissão de Cultura Popular, presidida por Paulo. 'Em seguida a Portaria n.195/63 instalou a Comissão de Cultura Popular em âmbito nacional e de cunho eminentemente popular, com o propósito de atingir áreas sem escolas. Essa Portaria especificou os membros dirigentes os recursos financeiros a serem destinados ao movimento'.

A Portaria n.233/63 de 23.7.1963, publicada no *Diário Oficial da União* em 5.8.1963, assinada pelo ministro da Educação Paulo de Tarso, revogaria as disposições em contrário, estabelecendo as linhas diretivas do movimento em caráter nacional (Freire, A., 2013, p. 143-144).

Em 18 de julho de 1963, por meio da portaria MEC n.195, Paulo Freire, indicado pelo presidente, é designado como integrante da Comissão de Cultura Popular. Nasceu, sob a sua colaboração com o MEC, o PNA, que o “método Paulo Freire” tencionava alfabetizar, politizando cinco milhões de adultos. No entanto, como o PNA buscava criar uma consciência para as camadas populares sobre seus direitos e sobre a urgente necessidade de mudança, não obteve a adesão das classes dominantes que, desde o princípio, mostraram-se contra o programa (Freire, A., 2013).

Essa postura de autoritarismo emergente, que vigorou no Brasil, impactou, sobretudo, na alfabetização das camadas populares. Fez “o Decreto n.53.886, de 14 de abril de 1964, que Revoga o Decreto n.53.465, de 21 de janeiro de 1964, que instituiu o Programa Nacional de do Ministério da Educação e Cultura” (Freire, A., 2013, p. 150).

Dessa forma, o PNA foi extinto e Paulo Freire adoece pelo ritmo desenfreado de trabalho e exaurido pelo golpe de Estado, que o fez, aos 43 anos, temendo por sua vida, ser exilado por mais de 15 anos. Deixando sua pátria, sua gente e um sonho de transformar por meio do seu “método de alfabetização” a realidade injusta e discriminatória que ainda vigorava. “Alfabetizar para que o povo emergisse da situação de dominado e explorado e que assim se politizando pelo ato de ler a palavra pudesse reler, criticamente, o mundo” (Freire, A., 2013, p. 151).

#### 1.4 PAULO FREIRE: SUAS “ANDARILHAGENS” NO EXÍLIO

O golpe civil-militar, em 1964, marcou a trajetória de Paulo Freire. Nesse momento, Freire assumia o Programa Nacional de Educação (PNE), incentivando como técnica os “círculos de cultura”, no Brasil. Essa proposta se consolidava em 1963 com a previsão da instalação de 20 mil “círculos de cultura” para milhões de analfabetos, que se desencadeou em uma PNA de Adultos. Nesse programa, Paulo Freire utiliza um método que, depois, foi denominado de “método de alfabetização de Paulo Freire”, que encorajava as pessoas a (re)pensarem sua realidade, por meio de uma leitura das questões sociais, dando um caráter político ao ato de educar. Essa ação o tornou uma pessoa pública (Freire, A., 2013).

Como destaca Moacir Gadotti (1996), Paulo Freire

Criou o método, que o tornaria conhecido no mundo, fundado no princípio de que o processo educacional deve partir da realidade que cerca o educando.

Não basta saber ler que 'Eva viu a uva', diz ele. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho (Gadotti, 1996, p. 72).

Dessa forma, Freire desejava oferecer a palavra aos sujeitos, em uma conjuntura na qual se vivia na cultura do silenciamento. Essa ação libertadora garantiria a transformação de seus contextos pessoais e sociais, empoderando-os de um saber emancipador e comprometido com a transformação da sociedade.

Neste ínterim, acontece o golpe civil-militar, em 1964, impactando diretamente no contexto social e ocasionando a derrubada do programa idealizado por Freire. A educação, como política pública, é enfraquecida drasticamente (Freire, A., 2013,).

Antes da sua prisão por duas vezes no Recife, Freire fez um pedido de concessão do passaporte, com o anseio de viajar ao exterior. No entanto, mesmo nada constando contra si, somente tardiamente, em 11 de dezembro de 1964, o documento "Certidão Negativa para Visar Passaporte" foi expedido. O desejo de Freire era viajar para o México, para obter segurança pessoal e atender ao convite de Pe. Ivan Illich, do Centro de Formação Intercultural, de Cuernavaca (Freire, A., 2013).

Na prisão, o que mais indignou Freire foram as condições insalubres e precárias das cadeias dos quartéis do Exército Brasileiro; "paredes ásperas e com dimensões diminutas, 60 cm de largura por 1,70 m de comprimento" (Freire A., 2013, p. 169).

Em setembro de 1964, Freire é chamado para depor em outro Inquérito Administrativo Policial Militar, no Rio de Janeiro. Como a situação não estava tranquila, foi orientado por Alceu de Amoroso Lima, de pseudônimo "Tristão de Ataíde"<sup>17</sup> a se refugiar na Embaixada da Bolívia. Freire consegue partir para Bolívia em outubro de 1964, com 43 anos (Freire, A., 2013).

Ana Maria Araújo Freire exorta:

Em última instância, Paulo foi obrigado a ir para o exílio porque apresentou uma proposta educativo-ético-antropológica desafiadora, segundo a qual o/a analfabeto/a lendo a palavra lesse o mundo. Isto é, expôs à nossa sociedade um caminho político-educacional que, pela conscientização, possibilita aos/as analfabetos/as alcançar a sua autonomia, a sua libertação, possibilita-lhes resgatar a sua humanidade roubada. Ele, que tanto amava seu país e sua gente, foi privado de *estar nele*. E estar nele *com* o seu povo (Freire, A., 2013, p. 208).

---

<sup>17</sup> Intelectual que se converteu ao catolicismo por influência de Dom Leme (1883-1942).

Paulo Freire, exilado para a Bolívia, viaja sob a proteção do próprio embaixador da Bolívia no Brasil, que o leva de avião até Santa Cruz de la Sierra. Após se despedir do embaixador, solitário, prossegue sua viagem em direção a La Paz. Sua conexão com o ministro da Educação da Bolívia na Embaixada no Rio de Janeiro permitiu que este o convidasse para colaborar com uma assessoria no campo da educação de seu país para a educação primária, sobretudo, a educação de adultos (Freire, A., 2013).

No entanto, a localização geográfica de La Paz, capital da Bolívia, no cume das montanhas da Cordilheiras dos Andes, provocou em Freire um adoecimento, um dia depois sua chegada, uma crise de pressão arterial, que o deixou em pré-coma (Freire, A., 2013).

Freire considerou inviável sua permanência no país. “Não foi somente o problema de saúde que o fez sair da Bolívia. Dias após sua chegada, também a Doutrina de Segurança Nacional ditou lá um golpe de Estado deflagrado contra o governo de Paz Estensoro” (Freire, A., 2013, p. 209). Após permanecer nesse país por cerca de 60 dias, seguiu ao Chile, para a segunda parte de seu exílio (Freire, A., 2013).

Em meio aos 43 anos, mediante a realidade do exílio, Freire precisa sentir essa (re)invenção no corpo, sentimentos, relações, lugares e, sobretudo, atuação profissional, carregando na pouca bagagem uma esperança tamanha e um bem-querer por esse novo país, sua nova casa, em tempos de exílio (Freire, 2021c).

Elza, as três filhas e dois filhos chegam para residir no Chile em janeiro de 1965. Traziam, também, suas incertezas desse novo (re)começar em terra diferente e “estranha a que fomos nos dando de tal forma e que ia nos recebendo de tal maneira que a estranheza foi virando camaradagem, amizade, fraternidades” (Freire, 2021c, p. 49).

No Chile, onde viveu de 1964 a 1969, contribuiu significativamente em inúmeras reformas efetivadas pelo governo democrata-cristão de Eduardo Frei, que fora recém-eleito, com apoio da Frente de Ação Popular, com destaque à reforma agrária (Gadotti, 1996).

Como assessor de Jacques Chonchol, Freire atuou no *Ministerio de Educación*, junto aos trabalhadores de alfabetização de adultos e também à *Corporación de la Reforma Agrária* (Freire, 2021c). Nessa função, viaja por quase todo o país com jovens chilenos, em geral, progressistas.

Ouvi camponeses e discuti com eles sobre aspectos de sua realidade; debati com agrônomos e técnicos agrícolas uma compreensão político-pedagógico-democrática de sua prática; debati problemas gerais de política educacional com os educadores das cidades que visitei (Freire, 2021c, p. 57).

Considera, ainda, que “A realidade chilena me ajudava, na sua diferença com a nossa, a compreender melhor as minhas experiências e estas, revistas, me ajudavam a compreender o que ocorria e poderia ocorrer no Chile” (Freire, 2021c, p.60). No Chile, trabalhou uma pedagogia do oprimido, não uma pedagogia para o oprimido. Nessa perspectiva, faz uma caminhada e estruturou a obra *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2021), que tem como compromisso a percepção dos oprimidos como sujeitos históricos, para a superação dessa opressão, realidade presente fortemente na contemporaneidade.

Gadotti assevera:

O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação do seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente (Gadotti, 1996, p. 72).

Ernane Maria Fiori (*apud* Freire, 1967), que leu os manuscritos da *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2021), escreveu o prefácio da obra, chamado *Aprenda a dizer sua palavra*. E, poeticamente, traduz nas primeiras linhas a visão ontoepistemológica de Freire: “PAULO FREIRE É UM PENSADOR comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (Freire, 2021, p. 110).

No prefácio da obra, Fiori destaca a educação libertadora como ferramenta da transformação social, onde o oprimido, por meio da reflexão, possa ser capaz de se perceber como sujeito de seu destino na história (Freire, 2021).

Por isso, o projeto de libertação verificado na *Pedagogia do Oprimido* se efetiva em uma educação comprometida com a libertação construída, vivida e realizada com os oprimidos. Por meio de um diálogo que seja capaz de desvelar a realidade desigual e injusta, um diálogo que seja capaz de evidenciar o impedimento histórico do “ser mais” a que foram submetidos os oprimidos. A ideia de que cada um tem que dizer sua palavra e construir sua história é uma síntese global do pensamento de Freire e da *Pedagogia do Oprimido*, refletindo sobre a dialogicidade (Freire, 2021).

Mesmo com o apoio dos educadores de esquerda, Paulo Freire acaba saindo do Chile no ano de 1969 após a publicação do livro *Pedagogia do Oprimido*, por não

ter o apoio da direita do PDC (Partido Democrata Cristão), que acusa Freire de ter escrito um livro violento e de ataque à Democracia Cristã (Gadotti, 1996).

Freire parte com Elza e os dois filhos para Massachusetts, onde mora de abril de 1969 a fevereiro de 1970, residindo em Cambridge, contratado para dar assessoria ao *Center for the Study of Development and Social Change*, um centro de estudos sociais. E para dar aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard, no *Center for Studies in Education and Development*, como professor visitante (Freire, A., 2013).

Freire não perde a conexão com as classes populares e, mesmo nos Estados Unidos, vinculado a grandes Universidades e Centros conceituados, com estudantes renomados, opta em estar juntos aos sujeitos oprimidos, oportunizando-lhes a palavra.

Como sua segunda esposa elucida com propriedade,

Terminado o contrato com a Universidade de Harvard, algumas universidades dos Estados Unidos fizeram-lhe convites para que lá ficasse, mas Paulo resolveu que deveria ir trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas (CMI), conforme combinado desde o Chile. Sua opção de mudar-se para o Velho Mundo foi uma opção tomada conscientemente desde que tinha percebido, enfatizo, que o CMI lhe daria o que nenhuma universidade poderia lhe dar (Freire, A., 2013, p. 217-218).

Paulo Freire se muda para Genebra, na Suíça, cidade sede dessa organização ecumênica, com Elza e seus quatro filhos, onde viveu de 14 fevereiro de 1970 até 15 de junho de 1980, colaborando significativamente para a perspectiva da educação libertadora para oprimidos e oprimidas na Ásia, Oceania, Américas (com exceção do Brasil) e África, com destaque aos países que tinham conquistado recentemente independência política (Freire, A., 2013).

Paulo Freire, Elza e um grupo de amigos brasileiros: Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira, em 1971, em Genebra, criam o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que tinha como objetivo aprofundar o estudo de Freire no Brasil, antes do golpe de 1964. O IDAC facilitou alguns projetos com grupos trabalhadores e estudos feministas, destacando-se, em 1975, por atuar na alfabetização de adultos, a convite do Comissário de Educação da Guiné-Bissau. Frente a essa inserção, o IDAC se volta mais diretamente para o processo de libertação dos países africanos (Freire, A., 2013).

Freire colabora com a sistematização de planos de educação da Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. O IDAC auxiliou, em torno de quatro

anos, esses países lusófonos, com exceção de Moçambique<sup>18</sup>, até Freire retornar ao Brasil, em 1980 (Freire, A., 2013).

Merece destaque também à docência de Freire na Suíça, na Universidade de Genebra, da Escola de Psicologia e Ciências da Educação (EPSE). Oportunizando aos docentes dessa Universidade suas ideias, reflexões e sobretudo, práticas educativas exitosas. No entanto, em carta de demissão expedida a Leonardo Massarenti, diretor dessa Universidade, em 10 de junho de 1977, alegando uma maior dedicação às suas atividades em África, pede seu desligamento (Freire, A., 2013).

Prezado senhor Massarenti,  
Dirijo-lhe a palavra, para exprimir a minha grande satisfação por eu ter dado uma contribuição, mesmo mínima, à Faculdade de Ciências da Educação, durante os dois anos nos quais coordenei seminários.  
Infelizmente minhas atividades na África fizeram com que se tornasse impossível continuar esta colaboração. Como minhas atividades na África vão ainda aumentar, a partir de agora, a minha participação, eu não vejo nenhuma outra solução que não a de apresentar a minha demissão. Ao fazê-lo através desta carta, faço questão de reiterar a satisfação que tive de trabalhar na Faculdade de Ciências da Educação. Eu lhe rogo aceitar, senhor, a expressão de meus melhores sentimentos.  
Paulo Freire (Freire, A., 2013, p. 224)

Verifica-se, por meio das breves linhas, com objetividade e franqueza, todo o envolvimento de Freire em sua atuação engajada nas atividades em África, nos países de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Revelando que não é um homem que busca holofotes, ou seja, ser reconhecido em grandes Universidades. Mas está com os “oprimidos e oprimidas”, ajudando-os a (re)lerem suas vidas, sonhos e projetos. Como ele mesmo destaca, em diálogo com Sérgio Guimarães, em *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (Freire; Guimarães, 2021):

Eu não sou um homem-show. É por essa razão também, por exemplo, que deixei a Universidade de Genebra, por causa da África. Por causa da África eu rejeitei até hoje uma série de convites que recebi, e que continuo recebendo, de universidades não europeias - europeias, umas duas somente -, mas norte-americanas e canadenses, para ficar lá com eles, em paz. Eu prefiro ficar na minha luta pela África (Freire; Guimarães, 2021, p. 60).

Freire é um homem que viveu com tamanha potência suas “andarilhagens” no exílio, vivendo na Bolívia, Chile, Estados Unidos, Genebra e África, que, segundo ele

---

<sup>18</sup> Nas obras *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, com Sérgio Guimarães (Freire; Guimarães, 2021, p. 43) e *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido* (Freire, 2021c, p. 205), Freire se pronuncia, afirmando não ter passado em Moçambique, mas que se solidariza com o país, no entanto, não poderia visitá-lo sem ser convidado.

próprio, (re)conhece a si mais brasileiro, nordestino e recifense. Com uma opção preferencial aos oprimidos e oprimidas e uma ética humanizadora, tendo na dialogicidade e na educação libertadora caminhos para a transformação da sociedade.

No 2º capítulo, aborda-se o caminho da sistematização de experiência (Jara, 2006; Agüero *et al.*, 2017). Essa metodologia “visa compreender, ordenar, de forma compartilhada, a dimensão educativa de uma experiência vivenciada” (Jara, 2006, p. 7).

Tendo como técnicas de coleta de dados inspiradas em Paulo Freire as “cartas pedagógicas” e, também, as entrevistas semiestruturadas, correspondências e diálogos transcritos e reverberados do Atlântico ao Índico, por nossas “andarilhagens” em África-Moçambique, onde nos “banhamos” desses oceanos-pessoas, que nos irmanaram e conectaram vivências-saberes-experiências, realidades humanizantes e humanizadoras, na busca do “ser mais”.



## CAPÍTULO 2 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

Se não amo o mundo,  
se não amo a vida,  
se não amo os homens,  
não me é possível o diálogo.

(Paulo Freire)

Esta pesquisa buscou sistematizar a experiência da ESCSC-Amatongas, no que tange à educação libertadora de Paulo Freire. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa (Triviños, 1987; Minayo, 2004), do tipo sistematização de experiência (Jara, 2006).

A pesquisa qualitativa, segundo Maria Cecília de Souza Minayo (1994, p. 22): “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Busca, dessa maneira, aprofundar na realidade o significado das ações e relações humanas, aspectos que não podem ser identificados nas ciências exatas. Realidade que vem ao encontro da perspectiva que entende que não se pode pensar em educação fora das relações sociais qualitativas.

Segundo Augusto Nivaldo Silva Triviños (1987), a pesquisa qualitativa considera, na investigação, muito mais do que os fenômenos que vêm à tona, pois o investigador também se concentra na essência e no desenvolver da pesquisa. A fundamentação teórica dá início à investigação do estudo e ao processo de seu desenvolvimento.

Percepção corroborada por Marcos Suel Zanetti (2017, p. 16), quando escreve que “[...] na qualitativa, o objetivo é construir conhecimentos e não dar opiniões sobre o contexto”. Evidenciando o processo, busca-se analisar e interpretar, gerando uma teoria.

O uso do método qualitativo gerou diversas contribuições ao avanço do saber na dinâmica do processo educacional e na sua estrutura como um todo: reconfigura a compreensão da aprendizagem, das relações internas e externas nas instâncias institucionais, da compreensão histórico-cultural das exigências de uma educação mais digna para todos e da compreensão da importância da instituição escolar no processo de humanização (Zanetti, 2017, p. 11).

Para isso, em um primeiro momento, foi feita a leitura do referencial teórico escolhido, o educador e escritor Paulo Freire, buscando compreender sua vida e estudo, sobretudo, seu processo de “andarilhagens” pós-exílio, com destaque à sua atuação no Conselho Mundial de Igreja Cristã (CMI), em Genebra/Suíça, que favoreceu seus estudos em África, nos países de Angola, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. A forma de correspondência utilizada foram as “cartas pedagógicas”, que sistematizaram essas vivências e diálogos com seus remetentes, tendo como pesquisa de campo as entrevistas semiestruturadas.

Para solidificar nossa proposta de pesquisa, optou-se por fazer um levantamento de produções, buscando outros estudos já realizados sobre a temática, aspecto não encontrado, reafirmando a relevância e originalidade da investigação. Dessa forma, o mesmo busca analisar, por meio de técnicas de coletas de dados, “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território. Isso oportuniza a unificação do tripé freiriano ação-reflexão-ação, que se consolida em uma *práxis* de educação libertadora e transformadora.

Para Oscar Jara (2006), a sistematização de experiência almeja compreender e tratar com o qualitativo da realidade que se encontra em cada situação particular, dessa forma, o sujeito se apropria da experiência vivida e consegue explicá-la, compartilhando com os outros o experienciado. Não se trata apenas de comunicar sua vivência, é maior, ou seja, há uma apreensão do vivido de forma efetiva e, com isso, pode-se transmiti-la, por meio de um compartilhamento afetivo.

A coleta de dados, ou seja, o levantamento, realizou-se por meio de “cartas pedagógicas” que, segundo Fernanda dos Santos Paulo e Ivo Dickmann:

Revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos. Para tanto, a educação é teórica e prática, ocupando-se em resolver problemas da vida concreta dos oprimidos. Nesse viés, é importante uma metodologia coerente com a Educação Popular Libertadora (Paulo; Dickmann, 2020, p. 24).

Essa técnica de correspondência, além de ser uma ferramenta de comunicação com um elemento humanizador, afetivo, dialógico e transformador, busca reafirmar o projeto pedagógico de eticidade de Paulo Freire, se correlacionada de forma direta a um projeto político que visa a autonomia e emancipação do sujeito. Tendo dez características principais, que são:

1. Ter um ponto de partida – toda carta pedagógica tem seu início na história de vida e na realidade de quem escreve;
2. Objetivo da escrita – a carta pedagógica quer iniciar um diálogo sobre o tema que o autor ou autora decidiu provocar em seu interlocutor/a;
3. Por que pedagógica? – deseja produzir conhecimento e tem uma postura política;
4. O efeito da carta pedagógica – ela convida à aproximação, convida ao diálogo, chama à resposta, chama à continuidade e estabelece uma relação pessoal;
5. O conteúdo da carta pedagógica – é uma mensagem, que pode levar e trazer muitas coisas [...] notícias, informações, mensagens e reflexões;
6. Escrever exige compromisso – nós devemos ser o que escrevemos. É um imperativo ético, como dizia Paulo Freire, falar do que fazemos, fazer o que falamos, a ponto de nosso discurso se tornar palavração;
7. As potências da carta pedagógica – as cartas pedagógicas se expressam na capacidade de atingir as pessoas nos aspectos lógicos/racionais e de tocar o coração das pessoas;
8. Para quem escrevemos? – preciso saber, de antemão, o destino da carta. Quem lerá, com qual finalidade, qual o impacto das minhas palavras na vida de quem lê;
9. A resposta da carta pedagógica – devemos incentivar respostas pedagógicas às cartas pedagógicas, para concretizar a vivência de uma nova cultura – dialógica – tanto da escrita da palavra, quando da leitura da realidade de vida;
10. O método de escrita da carta pedagógica – estão abertas à criatividade de seus escritores. A escrita pode ser individual, quando queremos dialogar sobre algo mais íntimo com nosso parceiro dialógico, ou pode ser uma escrita coletiva, quando um grupo decide registrar, sistematizar e compartilhar sua caminhada com outros grupos (Dickmann, 2020, p. 37-49).

Em síntese, uma carta é pedagógica quando sua escrita afetiva expressa em seu conteúdo objetivo o que busca atingir e, sobretudo, quando interage com o outro; criando uma sinergia afetiva e efetiva. Quando se comunica humanidade ao outro que se humaniza, nesse processo dialético e transformador.

Como técnica de coleta, em setembro de 2022, foram encaminhadas correspondências às pessoas que compõem a ESCSC-Amatongas. Sendo: 24 à direção e professores/as; 13 à comunidade (pais e encarregados/as de educação e líderes do Conselho da Escola); e 15 aos alunos/as e estudantes, totalizando 52 “cartas pedagógicas”, com as seguintes questões: 1) O que é educação pra você?; 2) O que é escola para você?; e 3) Como você verifica as conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local (Aldeia de Amatongas)?

Do referido número encaminhado, obtivemos como respostas, em outubro de 2022, 21 correspondências da direção e professores/as; 11 da comunidade (pais e encarregados/as de educação e Conselho da Escola); e oito de alunos/as e estudantes, somando 40 correspondências, todas manuscritas. Com relatos

“encharcados” de humanidades, que revelam a potência desse processo dialógico e transformador, que é a “carta pedagógica”.

Após o retorno das “cartas pedagógicas”, foi feita a análise de dados. Optou-se por retirar das correspondências algumas categorias, ferramenta usada com êxito em análise de pesquisa qualitativa. Para Romeu Gomes:

A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à idéia de classe ou série. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (Gomes, 1994, p. 70).

No processo de leitura das “cartas pedagógicas”, identificaram-se as categorias<sup>19</sup>: Educação, escola e comunidade. Para um aprofundamento das mesmas, as categorias se tornaram questões para realizar as entrevistas semiestruturadas com seus/suas destinatários/as, na ESCSC-Amatongas, em pesquisa de campo. Sendo: um diretor geral; um diretor adjunto pedagógico; 13 professores/as; dois serviços gerais; três pais e encarregados de educação e dois estudantes, totalizando 22 pessoas, com o objetivo de analisar de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas.

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio, em aparelho celular do pesquisador. O pesquisador fez anotações, por meio de um caderno com registro do processo das entrevistas, para elencar aspectos vividos, sentidos e experienciados, bem como para auxiliar com as gravações. Fez-se também gravações em vídeo e registro em fotografias. Destaca-se desse processo de sistematização dos achados da pesquisa, que foi feito um diário das “andarilhagens em Moçambique” do pesquisador, com registros do processo vivido, imagens e gravações construídas em *lócus* (Apêndice F).

Para que, com todos esses registros – escrito, falado, gravado, fotografado –, tenha-se um arcabouço de informações que busque compreender as referidas categorias – educação, escola e comunidade, em diálogo com a educação libertadora de Paulo Freire, no espaço educacional pesquisado.

---

<sup>19</sup> O movimento de elencar as categorias pode ser feito em três momentos: antes do trabalho de campo, na fase de exploração da pesquisa ou a partir da coleta de dados (Gomes, 1994, p. 70).

Salienta-se que o pesquisador, em consonância com sua orientadora e coorientadora, visando respaldar-se de questões éticas na pesquisa, preencheu todos os dados da mesma na Plataforma Brasil<sup>20</sup>, visando a obtenção da liberação do Comitê de Ética para a realização da pesquisa de campo. No entanto, a orientação de resposta da Plataforma Brasil foi de que, por se tratar de uma pesquisa internacional, não seria possível realizar a sua validação.

Fez-se contato com duas universidades de Moçambique: Universidade Católica de Moçambique (UCM) e Universidade Púnguè (UNIPÚNGUÈ), ambas da Província de Manica, região onde ocorreu a pesquisa de campo. No entanto, o retorno foi que por se tratando de uma pesquisa de educação, no país, não há uma obrigatoriedade de que a pesquisa passe por uma comissão e/ou comitê ético, faz-se tal procedimento somente com pesquisas de saúde.

Nesse sentido, optou-se em trabalhar com cartas de anuências aos órgãos responsáveis pelo sistema educacional na Escola, Distrito e Província. Obteve-se cartas de anuência do diretor da ESCSC-Amatongas (Anexo A); do diretor do Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia de Gondola (Anexo B); e do diretor Provincial de Educação (Anexo C).

Fez-se igualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de pesquisa com seres humanos (Apêndice G) e o Termo de Autorização de uso de imagens, vídeo e voz aos participantes da pesquisa (Apêndice H).

## 2.1 A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA EM FOCO

O processo de sistematização de experiência (Jara, 2006) que se efetivou na ESCSC-Amatongas, em Moçambique/África, buscou apresentar e compreender o processo vivido naquele *lócus* educacional durante o período de 2015-2021.

---

<sup>20</sup> A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep, quando necessário - possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas). O sistema permite, ainda, a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando ainda à sociedade o acesso aos dados públicos de todas as pesquisas aprovadas. Pela internet, é possível a todos os envolvidos o acesso, por meio de um ambiente compartilhado, às informações em conjunto, diminuindo de forma significativa o tempo de trâmite dos projetos em todo o sistema CEP/Conep. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso: 24 de out. 2023.

Nesse sentido, a sistematização de experiência promove a reflexão crítica sobre os fazeres dos sujeitos, localizando-os em seus territórios de tal modo que, pela ação-reflexão-ação, ou seja, a práxis, percebem-se, olham às pessoas ao seu redor e às suas próprias práticas, conforme propõe Jara (2006).

No tocante ao seu processo histórico, Agüero *et al.* (2017, p. 17) destacam que:

a partir de los años 70, desde la educación popular se postula la importancia de la articulación entre la teoría y la práctica, que surge a partir de la reflexión de lo que se aprende.

Se comienzan a utilizar este tipo de técnicas de la mano de educadores populares, que ponen el acento en recuperar los aprendizajes que surgen de las experiencias y la participación de los distintos actores, el principal fue Paulo Freire.

Otra de las corrientes que contribuye en los orígenes de la sistematización de experiencias es la Investigación Acción Participativa (IAP). Esta propuesta revaloriza e incorpora el conocimiento de los distintos actores sociales, sus diferentes lenguajes, saberes y perspectivas.

Desde la educación popular se considera a la educación como un proceso participativo y transformador, en el que el aprendizaje y la conceptualización se basan en la experiencia práctica de las propias personas y grupos. La importancia de la articulación entre la teoría y la práctica, surge a partir de la reflexión de lo que se aprende.

Paulo Freire nos inspira quanto às suas contribuições metodológicas fundamentais. Sua proposta metodológica de alfabetização constituiu uma revolução ao método que efetivou, mas “as suas contribuições metodológicas são apenas consequência das suas contribuições filosóficas, da epistemologia dialética e libertadora que caracteriza sua pedagogia” (Jara, 2016, p. 35).

Realidade afirmada igualmente por Ana Lúcia Souza (2006)<sup>21</sup> *apud* Oscar Jara (2016), que refuta a importância que Freire destaca ao registro e reflexão de suas experiências cotidianas.

Freire propõe que criemos o hábito de registrar a prática e a reflexão sobre a prática a partir do que ele mesmo vivenciou na sua relação com a escrita, expressão de seu compromisso com a teorização a partir das experiências cotidianas. A leitura de sua obra permite perceber as relações exercidas entre a experiência da reflexão a partir da prática e o ato de registrar esta reflexão de modo sistemático e sistematizado - enquanto importante contribuição para o desenvolvimento da cultura da pesquisa associada à prática educativa.

De modo especial, na obra *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire relata o processo de reflexão e escrita que deu origem à obra *Pedagogia do Oprimido*. Revela com detalhes o modo como escreveu, em quinze dias, os três primeiros capítulos [...] segundo ele, escrever sobre o vivido é uma forma de organizar as aprendizagens gestadas na prática e na reflexão crítica e sistemática sobre ela (Jara, 2016, p. 40-41).

---

<sup>21</sup> No V Colóquio Internacional Paulo Freire, realizado no ano de 2006, em Recife. O trabalho tem como título *Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar*. Recife: Biblioteca virtual do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas, Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

Paulo Freire propõe que os inúmeros “saberes necessários para a prática educativa” (Freire, 1996) não se resumem em uma série de critérios, técnicas e orientações didáticas para meramente colocar em prática, mas são um conjunto de princípios éticos, políticos, epistemológicos e filosóficos, que nos permitem olhar a nossa prática, propondo-nos a mergulhar na origem de seu sentido e a renová-la de forma crítica e propositiva, propondo novos processos de aprendizagens (Jara, 2016).

É por isso, segundo Oscar Jara (2016), que a metodologia de sistematização de experiência se correlaciona tão fortemente com o método de Paulo Freire, chegando a uma comunhão,

Mesmo que Paulo Freire nunca tenha utilizado o termo ‘sistematização de experiência’, reconhecemos que o núcleo percursor das propostas, que na América Latina têm sido trabalhadas em torno desta conceptualização, está inspirado nos desafios e exigências de aprendizagem da prática que Freire nos apresentou (Jara, 2016, p. 41).

Realidade que se correlaciona com a sistematização da experiência (Jara, 2006), que se efetiva sempre de forma coletiva e social, emerge da realidade e aflora processos dinâmicos e transformadores. “Estas experiências são processos sociais dinâmicos: em permanente mudança e movimento [...]” (Jara, 2006, p. 21).

Posição igualmente defendida por Agüero *et al.* (2017),

La sistematización de experiencias es una técnica que permite producir conocimientos, analizar y reflexionar críticamente sobre las prácticas, para aprender y mejorar las formas de hacer las cosas en el futuro. El proceso de análisis y reflexión amplía la mirada -y el conocimiento- tanto de los actores directamente involucrados como de los integrantes del equipo de sistematización. Como toda herramienta metodológica, no garantiza resultados por sí sola, sino que, si lo que se pretende es contribuir a la innovación, debe utilizarse para analizar hechos significativos, temas socialmente relevantes o problemáticas territoriales complejas (Agüero *et al.*, 2017, p. 8).

Há diferença entre a sistematização de experiência e outros tipos de reflexão que se realizam a partir da prática e que têm, igualmente, a intenção de teorizar sobre ela, para transformá-la. Continuam Agüero *et al.* (2017),

Estamos convencidos que la herramienta de la sistematización de experiencias, propicia la investigación crítica y activa de todos los que participan de las mismas, ya sea que integren o no el equipo de sistematización, porque de alguna manera se verán involucrados e invitados a parar la pelota para reflexionar y entender con más claridad lo que está sucediendo, y en caso de ser necesario poder modificar la marcha de los sucesos para el beneficio colectivo (Agüero *et al.*, 2017, p. 10).

Aspecto corroborado por Oscar Jara (2006, p. 25), ao afirmar que a sistematização de experiência

[...] busca penetrar no interior da dinâmica das experiências. Algo assim como entranhar-se nesses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.

A sistematização de experiências (Jara, 2006) é uma metodologia que nos permite produzir conhecimento, analisar e refletir sobre nossas práticas; voltar pelo caminho percorrido para olhar, rever, entender, criticar, aprender e aprimorar nossos caminhos a fazer. É por isso que há um envolvimento direto dos sujeitos no processo, no desafio de sermos protagonistas não só da experiência individual, mas também da reflexão coletiva.

O termo “sistematização” é usado em muitas disciplinas e se refere à classificação, ordenação, catalogação de dados e informações. Mas o que a difere na área da educação popular e do trabalho em contextos sociais é que ela transcende os dados das informações para reunir e ordenar. Visa, sobretudo, obter aprendizagens críticas das experiências e, por isso, usa-se em sentido de “sistematização de experiências”, e não só “experiência” (Jara, 2016).

Algumas características da sistematização de experiências, defendidas por Jara (2016, p. 42) são aquelas que

Produzem conhecimento desde a experiência, mas que tentam transcendê-la. Recuperam o sucedido, reconstruindo-o historicamente, mas para interpretá-lo e obter aprendizagens.

Valorizam os saberes das pessoas que são sujeitos das experiências.

Identificam as principais mudanças que se deram ao longo do processo e porque é que se deram.

Produzem conhecimentos e aprendizagens significativas desde a particularidade das experiências, apropriando-se do seu sentido.

Constroem um olhar crítico sobre o que foi vivido, permitindo orientar futuramente as experiências com uma perspectiva transformadora.

Complementa-se com a avaliação, que normalmente se concentra em medir e valorizar os resultados, contribuindo com uma interpretação crítica do processo que possibilitou os ditos resultados.

Complementa-se com a investigação, a qual está aberta ao conhecimento de muitas realidades e aspectos diferentes, contribuindo com conhecimentos vinculados às próprias experiências individuais.

Não se reduz a narrar acontecimentos, descrever processos, escrever uma memória, classificar tipos de experiências e ordenar os dados. Tudo isso é somente uma base para realizar uma interpretação crítica.

Os principais protagonistas da sistematização devem ser os mesmos das experiências, mesmo que para realizá-la possam requerer apoio ou assistência de outras pessoas.



Características que visam humanizar o sujeito, o envolvendo no processo para que este seja protagonista, participe da ação e que sua experiência transcenda a memória ingênua e se efetive, em um processo de sistematização de experiência emancipatório. No que tange à realidade educacional, foco de nosso estudo, que a educação escolar não seja “ingênua” e “bancária”; na qual “o conhecimento confunde-se com um acto de depósito (bancário)” (Mazula *et al.*, 2022, p. 203), mas “crítica” e “problematizadora”, máximas defendidas por Paulo Freire, “com o conceito de ‘educação problematizadora’, Freire pretende apresentar ‘uma alternativa à concepção bancária que ele critica’” (Mazula *et al.*, 2022, p. 204).

Entende-se que processos históricos e sociais são dinâmicos, tal qual sua apreensão, e que a sistematização de experiência (Jara, 2006) é uma metodologia importante, em constante movimento e mudança, ancorada na educação popular. Também que essa metodologia busca vincular a teoria e a prática, ser eco transformador para as vozes silenciadas nas fronteiras humanas, territoriais e sociais. Assim, o sistematizar de experiência,

[...] produz um novo conhecimento, [...] a partir da prática concreta, uma vez que possibilita sua compreensão, leva a transcendê-la, a ir mais além dela mesma [...] ao reconstruir o processo da prática, identificar seus elementos, classificá-los e reordená-los, faz-nos objetivar o vivido [...], põe em ordem conhecimentos desordenados e percepções dispersas que surgiram no transcorrer da experiência. Assim, explicita intuições, intenções e vivências acumuladas ao longo do processo [...] (Jara, 2006, p. 25).

Por meio da sistematização de experiências proposta por Jara (2006), os sujeitos envolvidos nos processos experienciados acessam e recuperam ordenadamente conhecimentos, saberes e sensações. Com isso, deixa-se para trás a ingenuidade e a fragmentação no olhar direcionado a si mesmo, aos seus comportamentos e aos acontecimentos.

Jara (1994) *apud* Agüero *et al.* (2017) refuta:

La sistematización de experiencias permite: ‘Aquella interpretación crítica de una o varias experiencias, que, a partir de su ordenamiento y reconstrucción, descubre o explicita la lógica del proceso vivido, los factores que han intervenido en dicho proceso, cómo se han relacionado entre si, y por qué lo han hecho de ese modo. [...] La esencia de la sistematización es la interpretación crítica para poder extraer aprendizajes que tengan una utilidad para el futuro (Agüero *et al.*, 2017, p. 16).

Na sistematização de experiências (Jara, 2006), permite-se ver e compreender como se deu esse processo, com seus acertos e limites. Ao sistematizar, pode-se recuperar o aprendizado e obter um registro escrito desse processo, o que se chama

“aprender com a prática”, favorecendo uma ação dialógica, com interpretações compartilhadas, confrontadas, amenizadas e/ou sanadas em uma escuta-fala humanizadora, com atenção à experiência de inúmeras riquezas acumuladas de elementos inéditos e irrepetíveis.

Para tal, faz-se necessário destacar os movimentos da sistematização de experiência, envolvente e exigente, pela tarefa de tentar percebê-la, extrair sua aprendizagem e comunicá-la, por meio de uma apropriação crítica do acontecido, socializando com outros sujeitos o vivido e (a)prendido.

Como destaca Borjas (2003) *apud* Agüero *et al.* (2017, p. 16):

Cuando entramos en la magia del relato y de relato colectivo éste nos lleva a un mundo donde no sólo surgen datos e informaciones, sino también acontecimientos personas, encuentros y desencuentros alegrías, orgullos que van conformando una trama que nos permite superar la descripción y acceder al sentido más profundo de la experiencia.

Esse movimento exige um registro para ordená-lo e (re)construí-lo, por meio de uma interpretação crítica, com anseio de extrair aprendizagens e partilhá-las (Agüero *et al.*, 2017).

Neste sentido, fez-se, inicialmente, um levantamento de produções para identificar, em Moçambique, estudos com a metodologia de sistematização de experiência (Jara, 2006), por meio dos descritores: Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária Amatongas. Como na busca se encontraram poucos estudos, decidiu-se filtrar utilizando o descritor Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária em Amatongas-Moçambique.

Em um segundo momento, fez-se um outro levantamento de produções por meio do descritor “cartas pedagógicas”, técnica que se correlaciona com a educação libertadora de Paulo Freire.

## 2.2 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA E “CARTAS PEDAGÓGICAS”: O LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES EM QUESTÃO

Buscando identificar trabalhos de sistematização de experiência com a ótica de Paulo Freire em Moçambique, em um primeiro momento, fez-se um levantamento de produções nas plataformas do Google Acadêmico, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e *Scielo*, utilizando como marcadores Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária Amatongas. Com trabalhos dos últimos dez

anos, a escolha dessas plataformas se consolidou pelo alcance amplo e internacional de trabalhos, já que desejávamos buscar pesquisas de sistematização de experiência no continente africano, de modo particular, em Moçambique.

Nas plataformas da BDTD e *Scielo*, não foram encontrados nenhum registro. No Google Acadêmico, encontrou-se quatro trabalhos com referenciais importantes para a pesquisa em questão.

**Quadro 1** – Resultado de revisão bibliográfica na plataforma Google Acadêmico, com os marcadores Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária Amatongas

Titulo	Autor/a	Tipo (Artigo, Dissertação, Tese)	Ano
<i>O Património Geológico de Moçambique: Proposta de Metodologia de Inventariação, Caracterização e Avaliação</i>	Ângelo Nhapacho Francisco Cumbe	Dissertação	2007
<i>Modelos e Práticas de Ensino no Ensino Secundário Geral do 2º Ciclo da Escola Santa Teresinha do Menino Jesus</i>	Ussene Eusébio André	Dissertação	2016
<i>A identidade Tsonga-Changana no contexto da identidade nacional moçambicana: construção e representação</i>	Henrique Francisco Litsure	Tese	2020
<i>Mozambique: educación y desarrollo rural</i>	Lavinia Gasperini	Artigo	2007

Fonte: o autor (2023).

Ao refinar a busca, optou-se em utilizar o marcador Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária em Amatongas-Moçambique. Assim como ocorreu com o marcador acima, quando inserido no banco da BDTD e *Scielo*, não foram encontrados trabalhos na busca. No Google Acadêmico, encontrou-se os seguintes trabalhos.

**Quadro 2** – Resultado de revisão bibliográfica na plataforma Google Acadêmico, com os marcadores Sistematização de Experiência *AND* Escola Secundária Amatongas-Moçambique

Titulo	Autor/a	Tipo (Artigo, Dissertação, Tese)	Ano
<i>O Património Geológico de Moçambique: Proposta de Metodologia de Inventariação, Caracterização e Avaliação</i>	Ângelo Nhapacho Francisco Cumbe	Dissertação	2007
<i>Modelos e Práticas de Ensino no Ensino Secundário Geral do 2º Ciclo da Escola Santa Teresinha do Menino Jesus</i>	Ussene Eusébio André	Dissertação	2016
<i>Mozambique: educación y desarrollo rural</i>	Lavinia Gasperini	Artigo	2007
<i>Estratégias coloniais: O papel da infraestrutura ferroviária da Beira no processo de colonização de Manica e Sofala, em Moçambique</i>	Carolina Pinto Couto	Dissertação	2021
<i>TEMPO, PAPEL E TINTA: imprensa e fotografia sobre Moçambique - 1897-1937</i>	Leandro Antonio Guirro	Tese	2018

Fonte: o autor (2023).

Durante a referida busca, identificou-se alguns trabalhos com relevâncias importantes para a dissertação em questão, com destaque aos trabalhos *Mozambique: educación y desarrollo rural* (2007), que apresenta a realidade sócio-histórica, política e cultural de Moçambique e os desafios no processo educacional, tendo em vista o contexto de guerra que o país enfrentou. Como assevera a autora: “Lamentavelmente, em Moçambique, fatores não dependentes do sistema educativo representam uma ameaça para os programas de ensino que se iniciaram depois da independência”<sup>22</sup> (Gasperini, 2007, p. 4, tradução nossa).

Nesse contexto, o estudo aborda a não atualização do sistema educacional no período colonial que, em Moçambique – após a independência, e oito anos depois, em todo o país – consolidou-se paulatinamente de forma importante, empreendendo um processo inovador, que nem sempre foi linear e parecido. Realidade que nos ajuda a olhar para a conjuntura atual educacional e identificar os limites e possibilidades para a prática de uma educação libertadora, com os princípios de Paulo Freire.

<sup>22</sup> Texto original: “Lamentablemente en Mozambique factores no dependientes del sistema educativo representan una amenaza para los programas de enseñanza que se pusieron en marcha después de la independencia”.

A tese intitulada *A identidade Tsonga-Changana no contexto da identidade nacional moçambicana: construção e representação* (2020) destaca questões de identidade étnica e identidade nacional, diálogos que se interligam com a perspectiva cultural e comunitária da pesquisa em questão, com destaque à democracia e à abordagem sobre cultura e identidade.

A dissertação *Modelos e Práticas de Ensino no Ensino Secundário Geral (ESG2) do 2º Ciclo da Escola Santa Teresinha do Menino Jesus* (2016) averigua os modelos e as práticas de ensino aplicados por professores do ESG2 da Escola Santa Teresinha do Menino Jesus – Zivava, tendo como destaque as concepções dos professores sobre o processo de ensino-aprendizagem, a caracterização dos modelos e análise das práticas de ensino desenvolvidas pelos professores. Trabalho que dialoga com o nosso, no sentido da relação escola-comunidade e dos processos de ensino-aprendizagem efetivados nesses processos relacionais e dialógicos entre professor-aluno, para a superação de uma prática de “educação bancária” à *práxis* de “educação libertadora” (Freire, 2021).

A dissertação *Estratégias coloniais: O papel da infraestrutura ferroviária da Beira no processo de colonização de Manica e Sofala, em Moçambique* (2021) foi uma grande descoberta, pois explora a implementação da rede ferroviária do corredor da Beira, segunda cidade mais importante do país, capital da Província de Sofala.

Com destaque aos capítulos: *A linha de caminho-de-ferro da Beira: esboço e interpretação de hipóteses na transformação do território* e *Vila Pery: a produção urbanística e arquitetônica colonial e a sua relação com a infraestrutura ferroviária*, que destacam a inauguração da reformulação do caminho férreo das Amatongas

[...] 1949 foi iniciado a reforma da linha da Beira. Esta passou, em primeiro lugar, pela reformulação do funcionamento da ferrovia, da sua administração e pessoal. Mais tarde, foram realizadas melhorias no porto da Beira e na sua articulação com a linha, terminadas em 1953. Em 1954 foi realizada a instalação de sistemas e manobras elétricas. A 10 de fevereiro de 1965 foi inaugurada a reformulação do traçado através da variante das Amatongas, alternativa ao troço Inchope-Gondola que Lisboa de Lima descreveu com ‘indesculpáveis erros e defeitos de traçado e construção’ na sua viagem de 1900. E, ao longo do processo, assistiu-se à progressiva instalação e expansão das estações e dos seus edifícios públicos (Couto, 2021, p. 69).

Realidade que impactou, conseqüentemente, o processo de crescimento da região e, por conseguinte, o processo de ensino na localidade. Destaca-se que há uma relação desse trabalho com o estudo, no tocante ao conhecimento da conjuntura

da Aldeia de Amatongas, seus processos fundacionais e desdobramentos na conjuntura atual.

Ressalta-se que os trabalhos: *O Património Geológico de Moçambique: Proposta de Metodologia de Inventariação, Caracterização e Avaliação* (Cumbe, 2007) e *TEMPO, PAPEL E TINTA: imprensa e fotografia sobre Moçambique -1897-1937* (Guirro, 2018) têm uma pertinência aos estudos de Moçambique, no entanto, não agregam elementos substanciais para o estudo em questão.

Salienta-se que somente o último trabalho encontrado foi desenvolvido no Brasil, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP de Assis/SP). Demonstrando a o quão importante seria o estudo da sistematização de experiência com recorte em África, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, nas universidades brasileiras.

Em um segundo momento, fez-se o levantamento de produções no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES<sup>23</sup>, com a palavra-chave: “cartas pedagógicas”. Foram encontrados 21 estudos, todos na área da educação, perfazendo 18 dissertações e três teses. Não houve critérios para inclusão, tendo em vista que todas as pesquisas eram da área da educação (Profissional em Educação; Ensino e Processos Formativos; Educação Física; Profissional em Educação: Formação de Professores; e Profissional em Gestão Educacional). No que tange aos critérios de exclusão, não se deteve em pesquisas produzidas antes da Plataforma Sucupira e em pesquisas que não possuíam divulgação autorizada.

Fez-se as leituras dos resumos, verificação do sumário e de alguns subtítulos relevantes de todos os trabalhos. Para tal, dividiu-se as pesquisas em quadros de dissertações e teses, com justificativas de seus critérios de exclusão, para melhor apropriar-nos dos trabalhos em suas especificidades.

No tocante às pesquisas de teses, totalizaram três estudos. Dessa forma, excluiu-se 19 pesquisas após análise, por: uma pesquisa não possuir divulgação autorizada (9); dez pesquisas não se demonstrarem relevantes para este estudo (1, 3, 5, 7, 8, 10, 14, 15, 16, 17); três pesquisas estarem duplicadas (2, 6, 11); e cinco pesquisas serem trabalhos anteriores à Plataforma Sucupira.

---

<sup>23</sup> Mais informações sobre o referido catálogo, disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>. Acesso: 18 jun. 2023.

Apenas duas pesquisas se demonstram relevantes para o estudo em questão, sendo dissertações de Mestrado em Educação, de 2021, ou seja, pesquisas recentes que demonstram o interesse na discussão sobre “cartas pedagógicas”.

A pesquisa de número 4, extraída da Plataforma CAPES, é uma dissertação oriunda de um Mestrado Profissional de 2021, elaborada por Ilda Renata da Silva Agliardi, que tem como título: *Comunidade educadora: A proposta de educação integral da escola Baréa*. O estudo buscou saber como é desenvolvida a proposta pedagógica da Escola Baréa, no âmbito da Educação Integral. Visou investigar, conhecer, compreender e registrar a caminhada da escola nessa construção e estabelecer diálogo com os interlocutores, para entender a relação dos mesmos com a escola no coletivo, tendo o apoio da comunidade, por meio da escuta dos sujeitos, considerando o contexto e os anseios da comunidade.

Essa pesquisa utilizou como metodologia a sistematização de experiência (Jara, 2006), tendo como técnicas as “cartas pedagógicas”, para compreender a estratégia pedagógica da Escola de Baréa, por meio da escuta e diálogo das pessoas da comunidade local. Aspecto similar à pesquisa em questão, que analisa de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas.

A segunda pesquisa que igualmente demonstra relevância em nosso estudo é a de número 13, extraída da Plataforma da CAPES, de autoria de Adriana Gaio, sendo uma dissertação de Mestrado em Educação, de 2021, com o título *Educação popular presente no acervo de cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão: identificação de temas, ideias e sujeitos em correspondências datadas entre 1964 e 1980*. O estudo buscou identificar e analisar a educação popular presente no acervo de cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão, destacando aspectos que possam contribuir para a história da educação popular e para a Pedagogia latino-americana.

Por meio do referido levantamento de produções, foram identificadas muitas categorias de Paulo Freire: “diálogo”, “oprimido”, “ser mais”, “inacabamento”, entre outras, demonstrando a relevância da técnica de “cartas pedagógicas”, para que os sujeitos digam suas palavras, como seres históricos e inacabados.

Paulo Freire afirma que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2021, p. 108). Nessa perspectiva, ao dizer a sua palavra verdadeira, que é trabalho, que é *práxis*, o homem modifica sua realidade, transforma-a, liberta-a e a (re)constrói (Freire, 2021).

Pensar uma pesquisa que discute educação, escola e comunidade é refletir uma epistemologia de Paulo Freire que vise conscientizar os sujeitos para a possibilidade de serem capazes de ler, pensar e se posicionar no, para e com o mundo. De se humanizar e refletir sobre as inúmeras formas de desumanizações que os cercam; de terem autonomias e serem autores de suas histórias; de serem políticos e produtores de cultura, em permanente busca do “ser mais”, pela via do diálogo.

Uma episteme do “esperançar” para transformar e libertar o sujeito na busca do “ser mais”, sua condição ontológica primeira, por meio da contação de suas histórias em “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, sistematizando suas experiências como corpo histórico, autônomo e emancipado.

Por meio desse levantamento de produções, identifica-se a originalidade da pesquisa em questão, que correlaciona e unifica as técnicas: “cartas pedagógicas” e entrevista semiestruturada, sistematizando a experiência da ESCSC-Amatongas, em Moçambique, continente de estudos africanos de Paulo Freire do ontem e de hoje.

(Re)afirma-se a opção de Freire para que as pessoas (re)inventem seus escritos e *práxis*. Visando produzir uma reflexão que ilumine a sistematização de experiência da ESCSC-Amatongas, focada na educação libertadora e amorosa de Paulo Freire, pois, como ele mesmo reverbera: “não há educação sem amor” (Freire, 2021g, p. 36).

Frente ao levantamento de produções apresentadas de sistematização de experiência e “cartas pedagógicas”, encontrou-se poucas pesquisas de Paulo Freire em África, em geral, e em Moçambique, em particular. O maior número de pesquisas acadêmicas encontradas que discorriam sobre essas temáticas, mediante a perspectiva do “método” Paulo Freire, foram realizadas em Portugal. Para tal, no transcurso da pesquisa de campo, optou-se em buscar bibliografias, professores/as-pesquisadores/as, grupos de estudos e plataformas em Moçambique que utilizam Paulo Freire como referencial teórico, processo apresentado detalhadamente no Apêndice F, *Diário de minhas “andarilhagens” em Moçambique*.

Inicialmente, fez-se contato com o Professor Dr. Brazão Mazula<sup>24</sup>, referência de educação em Moçambique, atual professor catedrático da Universidade Eduardo

---

<sup>24</sup> Doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com a tese: MAZULA, Brazão. **Educação, cultura e ideologia em Moçambique: 1975-1985** (em busca de fundamentos filosófico-antropológicos). 1993. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000738478>. Acesso: 11 mar. 2024.



Mondlane (UEM/Moçambique), em Maputo, capital de Moçambique. O Professor Dr. Brazão Mazula esteve com Paulo Freire quando fez seus estudos no Brasil.

Por meio do Professor Dr. Brazão Mazula foram contatados outros professores-pesquisadores do país e ambos foram unânimes em afirmar que há estudos sobre Paulo Freire nas universidades de Moçambique, por meio de textos diversos. No entanto, desconhecem repositórios específicos ou plataformas de estudos freirianos no país.

O Professor Dr. Orlando Chemane destacou que conhece apenas a professora-pesquisadora Dra. Rosa Machiço que estuda Paulo Freire em Moçambique. Afirmção apresentada em sua tese de doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, com o título: *Paulo Freire e África: Colonialismo, Libertação e Educação em Moçambique* (Chemane, 2017). “Em Moçambique conhecemos o estudo de Rosa Mechiço que aproxima os pensamentos de Dewey e Freire (dissertação de mestrado)” (Chemane, 2017, p. 22).

O Professor Dr. Brazão Mazula recomendou materiais que têm publicado em Moçambique, com a perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire: *O QUE ENSINAMOS, APRENDEMOS E O QUE APRENDEMOS, ENSINAMOS - Caminhando nas ruas e picadas (da educação) de Moçambique*<sup>25</sup>; *A complexidade de Ser Professor em Moçambique e seus Desafios*<sup>26</sup> e *A utopia de pensar a educação*<sup>27</sup>.

De modo muito afetivo e problematizador, sobre a sua percepção das categorias educação, escola e comunidade, sublinhou essas linhas:

*Sempre me convenci que nenhuma escola/universidade esgota conhecimentos. Ela dá-nos bases epistemológicas e princípios orientadores para uma aprendizagem continua ao longo da vida. Assim, mesmo na velhice aprendemos sempre; somos eternos alunos da vida e do saber. É essa educação libertadora que torna o homem mais humano e cidadão na sua comunidade e na sua pátria e mais aberto ao mundo. Os estudos de Paulo Freire podem contribuir bastante para uma educação problematizadora, mais reflexiva e dialógica. Desejo-lhe sucesso nas suas pesquisas. Respeitosamente, /bmazula/ (Mazula, 2023).*

A referida busca de professores-pesquisadores em Moçambique, durante a pesquisa de campo, revelou como os estudos freirianos são universais. Os

<sup>25</sup> MAZULA, Brazão; BLAUNDE, José; CHIRINDJA, Nilza. **O QUE ENSINAMOS, APRENDEMOS E O QUE APRENDEMOS, ENSINAMOS - Caminhando nas ruas e picadas (da educação) de Moçambique**. Maputo: Autores, 2022.

<sup>26</sup> MAZULA, Brazão. **A complexidade de Ser Professor em Moçambique e seus Desafios**. Maputo. Plural Editores, 2018.

<sup>27</sup> MAZULA, Brazão. **A utopia de pensar a educação**. Maputo: ALCANCE EDITORES, 2013.

referenciais bibliográficos (teses, livros e artigos) encontrados revelam a potência de Paulo Freire, que reverbera, por meio de seus estudos e conceitos, uma concepção de educação problematizadora e libertadora, estudada em Moçambique. Como assevera Prof. Dr. Brazão Mazula:

Numa educação problematizadora todos os sujeitos estão activamente envolvidos no acto e conhecimento, o mundo – o objecto a ser conhecido – não é simplesmente ‘comunicado’, o acto pedagógico não consiste em simplesmente ‘comunicar o mundo’, em vez disso, educador e educando criam, dialogicamente, um conhecimento do mundo (Mazula *et al.*, 2022, p. 205-206)

E, mesmo não encontrando repositórios, plataformas e grupos de estudos sobre Paulo Freire em Moçambique, o mesmo impacta nos estudos moçambicanos, por estar presente em citações em trabalhos acadêmicos e pela influência de professores e professoras que, ao estudarem suas obras, (re)afirmam a importância da educação libertadora freiriana no processo educacional neste país.

### 2.3 CARTAS PEDAGÓGICAS: CORRESPONDÊNCIAS DO ATLÂNTICO AO ÍNDICO

A sistematização de experiência (Jara, 2006) na ESCSC-Amatongas utilizou como técnica cartas, inspiradas nas “cartas pedagógicas” de Paulo Freire, por se entender que esse meio de correspondência aproxima o destinatário do remetente, ou seja, as “cartas pedagógicas” são escritas para si e para os outros, perfazendo-se dessa forma um processo de dialogicidade entre as pessoas.

Comunicar-se por meio de cartas era “uma das formas de comunicação que Paulo tanto gostava de utilizar” (Freire, 2021d, p. 9). Um costume constante de Paulo Freire, como destaca Ana Maria Araújo Freire.

O escrever era, para Paulo Freire, um exercício epistemológico, com um profundo teor de politicidade e conscientização. Um gosto que transcendia um mero fazer; culminando em um “quefazer”, com uma profunda seriedade e eticidade, correlacionando o diálogo e a escrita, constituindo as máximas do autor (Freire, A., 2013).

No verbete “cartas pedagógicas”, de Adriano Vieira *apud* Danilo R. Streck, Redin e Zitkoski (2019), há uma ênfase sobre essa relação epistemológica e metodológica de Freire:

Pensar sobre o diálogo como exercício rigoroso do pensamento refletido e compartilhado precisava se apoiar em instrumento coerente. A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso (Vieira, 2019, p. 75).

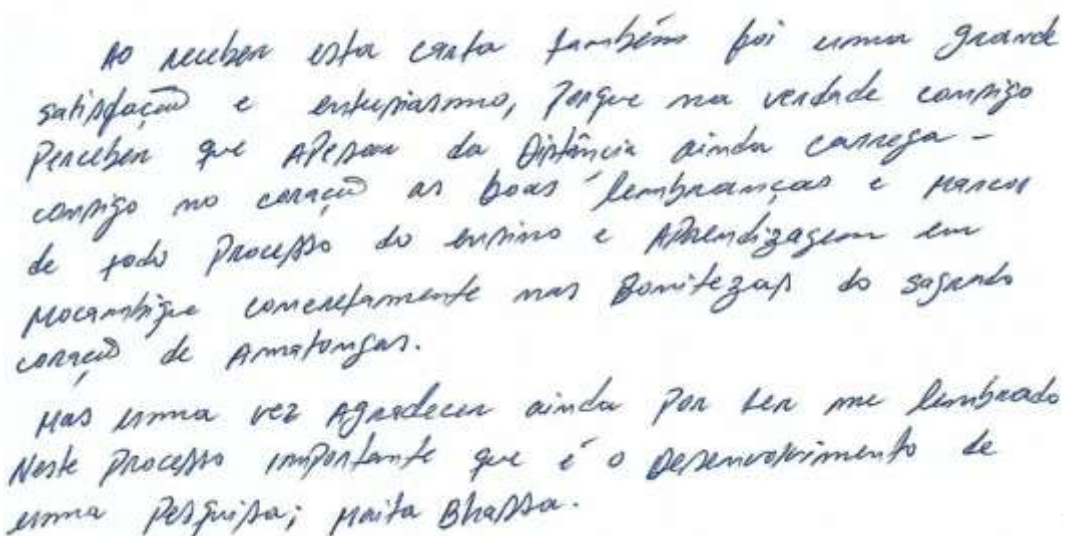
O ato de se corresponder por meio das cartas, em uma escrita humanizante e pedagógica, evidencia que, para Freire, o ato desse processo de escrita, do ensinar-aprender, é relação dialógica e autônoma, já antecipando o leitor como autor da escrita.

É neste sentido, agregando os conceitos 'carta' e de 'pedagogia', que as 'cartas pedagógicas' tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com o diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação (Vieira, 2019, p. 75).

Processo e técnica que dialogam com a metodologia de sistematização de experiências, que, segundo Oscar Jara (2006), convida-nos a reflexões coletivas e individuais sobre determinados assuntos, por compreender que as experiências são processos individuais e coletivos, sócio-históricos, dinâmicos e complexos. Por meio delas, identificam-se ensinamentos, visto que, ao comunicá-las e compartilhá-las, igualmente, são registradas as experiências para interpretá-las, pretendendo a teorização da prática transformar as ações.

Para Moacir Gadotti (2011) *apud* Edgar Pereira Coelho (2011, p.14), "uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê, ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal". Como destaca a seguinte correspondência:

**Figura 2** – Trecho de carta pedagógica<sup>28</sup> 1 (professor de educação física)



Ao receber esta carta também foi uma grande  
 satisfação e entusiasmo, porque na verdade consigo  
 perceber que apesar da distância ainda carrego -  
 consigo no coração as boas lembranças e marcas  
 de todo processo de ensino e aprendizagem em  
 Moçambique concretamente nas Bonitezas do sagrado  
 coração de Amatoongas.  
 Mas uma vez agradeço ainda por ter me lembrado  
 neste processo importante que é o desenvolvimento de  
 uma pesquisa; Maita Bhassa.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Na carta, lê-se:

Ao receber esta carta também foi uma grande satisfação e entusiasmo,  
 porque na verdade consigo perceber que apesar da distância ainda carrego  
 – consigo no coração as boas lembranças e marcas de todo processo de  
 ensino e aprendizagem em Moçambique concretamente nas Bonitezas do  
 sagrado coração de Amatoongas.

Mas uma vez agradeço ainda por ter me lembrado neste processo importante  
 que é o desenvolvimento de uma pesquisa; Maita Bhassa (trecho da carta  
 pedagógica escrita pelo professor de educação física).

Verifica-se uma profunda amorosidade do remente ao destinatário, um reconhecimento de relações vividas; em suas palavras, uma “grande satisfação e entusiasmo” de ser lembrando no processo de pesquisa.

Ivanio Dickmann (2020) afirma, no mesmo sentido que Moacir Gadotti, na carta-prefácio de seu livro *Pedagogia da gratidão*<sup>29</sup>, que: “Uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê, possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, chama à resposta, chama à continuidade ao estabelecimento de uma relação pessoal” (Dickmann, 2020, p. 7). Aspectos dialógicos muito visíveis na resposta do professor de educação física.

<sup>28</sup> Optou-se pela transcrição dos trechos das cartas pedagógicas para facilitar a compreensão e contribuir para a fluidez da leitura do texto. Nesse processo, foram realizadas adequações ortográficas e gramaticais, de acordo com a língua portuguesa brasileira. Entretanto, nas Figuras, é possível acessar os textos, sem alterações.

<sup>29</sup> DICKMANN, Ivanio (Org.). *Pedagogia da gratidão*: cartas a Paulo Freire. São Paulo: Dialogar, 2017.

Faz-se necessário, igualmente, recuperar nos sujeitos o encanto e o significado pelo estudo e pela escrita. A escrita deve engajar o sujeito em uma profunda transformação, com uma dupla dimensão do eu e do mundo. Como destaca o encarregado de educação<sup>30</sup> 2, sobre o significado dado pelas pessoas (alunos adolescentes e jovens, homens e mulheres) no tocante à educação, mediante a nova administração da ESCSC-Amatongas, *locus* da sistematização de experiência;

**Figura 3** – Trecho de carta pedagógica 2 (encarregado de educação 2)

Após a chegada dos Irmãos do Sagrado Coração e consequente reabilitação e administração da escola, que outrora era onde funcionava a Escola Secundária Geral de Amatongas, mas em precárias condições, a educação passou a fazer mais sentido para centenas de adolescentes e jovens, homens e mulheres, que estudavam somente até a oitava classe, que no entanto, passaram a ter o privilégio de estudar até concluir o nível médio no 'Sagrado Coração', uma escola com uma biblioteca riquíssima em manuais, um autêntico 'tesouro' na linguagem do irmão Luc Favreau, director da escola.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Nesse trecho, ele relata que:

*Após a chegada dos Irmãos do Sagrado Coração e consequente reabilitação e administração da escola, que outrora era onde funcionava a Escola Secundária Geral de Amatongas, mas em precárias condições, a educação passou a fazer mais sentido para centenas de adolescentes e jovens, homens e mulheres, que estudavam somente até a oitava classe, que no entanto, passaram a ter o privilégio de estudar até concluir o nível médio no 'Sagrado Coração', uma escola com uma biblioteca riquíssima em manuais, um autêntico 'tesouro' na linguagem do irmão Luc Favreau, director da escola (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 2).*

As cartas como processo de escrita tinham diversos objetivos: Informar uma descoberta; declarar amor ou saudade; articular guerras e descrever lugares (Camini, 2012). Tendo como exemplo: *Carta de Pero Vaz de Caminha*; *Manifesto Comunista*

<sup>30</sup> Refere-se ao pai e/ou responsável de educação de aluno e estudante no Brasil, que está vinculado efetivamente no processo de ensino-aprendizagem no contexto educacional em Moçambique

(1848); *A Carta da Terra*, *A Carta do Chefe indígena* (1854); e *A Carta dos Sem Terra* (Camini, 2012).

A escrita das cartas sempre foi um gesto de comunicação, uma comunicação corporificada por palavras manuscritas, com letras legíveis ou não. Carregada de traços emocionais e sentimentais que o escritor apresenta, preocupando-se com o papel, a tinta da caneta, a letra. Mas, sobretudo, tendo muito cuidado com suas palavras, uma escrita com significado e profunda humanização, que simboliza muito afeto (Camini, 2012).

No livro *Cartas pedagógicas, aprendizagens que se entrecruzam e se comunicam*, Isabela Camini (2012) nos apresenta diversas pessoas e movimentos sociais (como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o MST e a Rede de Educação Cidadã, a RECID), que se destacam no campo da escrita de “cartas pedagógicas”, são: Paulo Apóstolo, Francisco de Assis, Antônio Gramsci, Francisco Julião, Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Olga Benário, Dom Helder Câmara, José Saramago, Frei Betto e Paulo Freire (Camini, 2012).

E destaca:

Todos estes homens e mulheres, mesmo vivendo em épocas muito distantes, tiveram em comum, o hábito de escrever cartas [...] suas cartas expressam as suas formas peculiares de pensar, de projetar, de orientar, além da firmeza de seus sonhos (Camini, 2012, p. 10).

Camini (2012, p. 10) apresenta uma *pericope* da correspondência de Julião à filha:

Escrevo-te na esperança de um dia ler-te de viva voz esta carta, assim que puderes discernir as coisas e entender o mundo, e também porque posso partir antes de alcançar esse dia. Quero que esta carta não encerre apenas um testemunho, ou um depoimento, mas seja uma definição que poderás, ou não, aceitar. Um caminho que poderás, ou não, seguir<sup>31</sup>.

Como escreve com poesia e firmeza Olga Benário, em sua última carta que foi escrita a seu esposo, Luiz Carlos Prestes, e à sua filha Anita Leocádia Prestes, no campo de concentração de Ravensbrück, antes de ser morta, em abril de 1942, em uma câmara de gás (Camini, 2012):

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformar-me-ei, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-

---

<sup>31</sup> JULIÃO, Francisco. **Até quarta, Isabela** - carta-testamento (memórias), 1965. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 14. Com edições no México e Portugal.

me dado ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue.

Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte<sup>32</sup>.

Demonstrando uma postura comprometida pelas pessoas e pelo mundo, com atitudes fortes, palavras potentes e convicções políticas arraigadas na defesa da vida, sobretudo, dos empobrecidos.

Ivanio Dickmann (2020, p. 41-42) assevera:

A carta pedagógica parte de uma posição política e pedagógica claramente definida. Ela tem intenção clara de ser instrumento de diálogo, e, assim, ser pronunciamento de mundo. A postura de quem dialoga é, intrinsecamente, progressista. O fruto deste diálogo só pode ser a evolução de quem dialoga. A carta é pedagógica porque é política, e é política porque é pedagógica.

Realidade evidenciada na seguinte carta, encaminhada pelo encarregado de educação 2, ao destacar aspectos acerca do contexto escolar em Moçambique, carregado de contradições e injustiças, segundo a correspondência.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/carta-de-despedida-de-olga-benario/>. Acesso: 18 jun. 2023.

**Figura 4** – Trecho de carta pedagógica 3 (encarregado de educação 2)

A escola é um local ou instituição cuja missão é atender ao processo de educação.  
 Em Moçambique, o termo escola tem várias definições, na medida em que a escola, às vezes nem parede tem, falo especificamente de algumas realidades em que a escola "instituição" não tem salas de aula suficientes para atender a demanda escolar e, os Gestores internos, como forma de granjear simpatia dos seus superiores hierárquicos, e também com o intuito de assegurar a Chefia que lhes é confiada, sacrificam muitas crianças, adolescentes e jovens, que estudam ao relento, sofrendo muito com as mudanças climáticas (chuvas, sol, vento, frio, etc) fazendo com que esses alunos tenham "traumas" da escola e da educação.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

O relato trazido fala sobre a realidade escolar, a partir da perspectiva do encarregado de educação 2.

*A escola é um local ou instituição cuja missão é atender ao processo de educação. Em Moçambique, o termo escola tem várias definições, na medida em que a escola, às vezes nem parede tem, falo especificamente de algumas realidades em que a escola 'instituição' não tem salas de aula suficientes para atender a demanda escolas e os Gestores internos, como forma de granjear simpatia dos seus superiores hierárquicos e também com o intuito de assegurar a Chefia que lhes é confiada, sacrificam muitas crianças, adolescentes e jovens que estudam ao relento, sofrendo muito com as mudanças climáticas (chuvas, sol, vento, frio, etc.) fazendo com que esses alunos tenham 'traumas' da escola e da educação (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 2).*

Na correspondência, transbordada de emoção, por meio de um posicionamento de "anúncio-denúncia", destaca-se uma eticidade e conscientização do escrito, presentes na *práxis* dialógica de Paulo Freire.

Moacir Gadotti, no prefácio do livro *Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros*, de Edgar Pereira Coelho (2011), afirma que o gênero carta tem uma intenção pedagógica de diálogo. Freire, em suas obras, registro de seus relatos de experiências, carrega um envolvimento afetivo e uma "comunhão" efetiva com as pessoas (Coelho, 2011), e continua:

Paulo Freire usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo.



O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador [...]. Podemos dizer que, nas cartas de Paulo Freire, existe uma espécie de ‘co-respondência’ e uma ‘co-perguntância’, isto não é só um que responde à pergunta de outro: os dois perguntam e respondem (Coelho, 2011, p. 14).

Na referida obra, Edgar Pereira Coelho (2011) apresenta os livros-epístolas<sup>33</sup> escritos por Paulo Freire: *Cartas a Guiné-Bissau* (Freire, 2021e); *Cartas a Cristina* (Freire, 2021b); *Professora Sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar* (Freire, 2022c); *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos* (Freire, 2021d). Subdividas em correspondências no período anterior ao exílio; correspondências do exílio e correspondências do período posterior ao exílio. Nominando como “cartas passivas”, correspondências recebidas por Freire e “cartas ativas”, aquelas que Freire escreve a diversas pessoas e instituições, sistematizando sua *práxis*, por meio de relatos de experiências (Coelho, 2011).

Freire escreveu vários livros, os quais apresentam cartas – e, nelas, identifica-se o pedagógico, sobretudo pela dimensão política, epistêmica, sociológica e educativa, na defesa de uma educação humanizadora. Apenas o livro *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos* leva o termo “cartas pedagógicas” (Freire, 2021d).

No livro *A África ensinando a gente – Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe* (Freire; Guimarães, 2021), em diálogo com Paulo Freire, Sérgio Guimarães o questiona sobre o porquê de escrever cartas no processo educacional em São Tomé e Príncipe:

Eu te respondo com facilidade. Veja bem: essas cartas são feitas não assinadas por mim, mas assinadas pela comissão lá. Portanto, se admite objetivamente que essas cartas estão partindo de São Tomé, de uma comissão lá, para os seus camaradas em São Tomé. Elas se chamam cartas porque eu sugeri. Eu discuti com a comissão que eu achava muito melhor que ela se dirigisse em termos de cartas do que de guias. Em lugar de você escrever o que normalmente todo mundo tem - pode se chamar ‘Guia do Coordenador’, ‘Guia do Animador’, como você quiser, escreve um texto que é o suporte para o educador trabalhar com o material básico. Eu sugeri que fossem cartas para deixar o animador desde o começo, mais ou menos

<sup>33</sup> “Em algumas traduções dos textos sagrados do Cristianismo, em lugar de ‘epístola’ - termo que acabou ganhando uma conotação linguística erudita e, até mesmo, teológica -, o vocábulo ‘carta’ reaparece, como, por exemplo, em Carta de São Paulo aos Romanos [...]. Ambos os termos estão inextricavelmente imbricados: praticamente, em todas as pesquisas que realizei, ‘cartas’ eram seguidas de ‘epístolas’, e vice-versa. ‘Epístola’, porém, continuou com uma conotação linguística mais erudita, passando, inclusive, a designar, na teoria literária, o gênero que se apropria da forma carta para configurar, estilisticamente, uma obra que, na maioria das vezes, busca divulgar ideias, princípios, doutrinas etc.” (Coelho, 2011, p. 56).

convencido de que as cartas não são prescrições, mas são antes elementos desafiadores também deles (Freire; Guimarães, 2021, p. 74-75).

É claro que Paulo Freire propõe as “cartas pedagógicas” na sua atuação em São Tomé e Príncipe, para (re)afirmar sua postura democrática no processo educacional, ou seja, não são guias, correspondências opressoras, encarceradas e carregadas de um mandato. Mas, são “cartas pedagógicas”, prescrições e orientações. Carregadas de desafios, limites e possibilidades, de afeto e “gentetude” aos santomenses.

Uma postura que não oferece para os nacionais uma “receita educacional” estruturada, mas constrói com eles e elas. Sérgio Guimarães destaca que Freire fala por meio de “técnica parábolas” e “estilo epistolar”, elementos presentes nos textos sagrados bíblicos, sobretudo no Antigo Testamento (AT), e curiosamente questiona: O que no seu trabalho existe de religioso?

Freire sabiamente sinaliza sua postura ontológica, por meio das “cartas pedagógicas”, como um “profeta” do diálogo.

Eu diria que não existe nada de religioso, se se toma a religiosidade como uma certa expressão mágica, dentro de um certo quadro cultural. Evidentemente que eu não poderia jamais negar, em todo o meu trabalho, as marcas... - digamos agora, usemos agora a palavra ‘religiosa’ - as marcas da minha formação- eu preferia dizer até cristã do que propriamente religiosa. Marcas de que ora eu tenho consciência total de que ora eu não tenho. Você inclusive está sendo a primeira pessoa que me chama a atenção para a técnica das parábolas e o estilo epistolar. Eu não tinha tomado consciência disso. É possível que, em nível mais profundo, isso me devolva a minha infância. Mas é possível - e aí é que eu acho que é o fundamental que esse retorno a um tempo tão longínquo, no sentido de buscar a raiz disso, me leve exatamente à profunda influência que Cristo exerceu sobre mim, enquanto, sobretudo, desafiador. E as cartas, as chamadas cartas também, as presenças vivas! É possível que haja isso. Mas se tu me perguntas: através disso, há um conteúdo de caráter transcendental, no sentido agora religioso, nesse trabalho? Não, não há. Não porque eu o negue a mim, mas porque o que me interessa nesse esforço é ficar na história, sem pretender chamar a atenção sobre a meta-história. O que vem depois é um problema que outros terão lá que ver com eles mesmos. Quer dizer: estou discutindo o que se dá dentro da história atual de São Tomé, o *quefazer* diário. E, sobretudo, preocupado com o desenvolvimento do trabalho na leitura da realidade como na leitura do texto (Freire; Guimarães, 2021, p. 74-75).

Para Paulo Freire, não há um caráter de cunho transcendental em suas “cartas-estilo epistolar”. Acredita, sim, que essa correspondência é uma produção de conhecimento com íntima articulação entre a teoria e a prática, ou seja, a leitura do texto e da realidade. Havendo uma vinculação entre os conteúdos científicos e os que

partem da vida cotidiana, correspondentes aos conteúdos pedagógicos escritos, sem abandonar o tratamento teórico-metodológico pautado em uma *práxis* educativa.

#### 2.4 CARTAS PEDAGÓGICAS: PROPOSTA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE

A dialogicidade é amplamente discutida na obra de Freire. Para Paulo Freire (2021), o diálogo fortalece a prática educativa libertadora oferecendo aos sujeitos a oportunidade de desenvolver uma ação consciente e reflexiva sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo à sua volta.

Essa importante contribuição de Paulo Freire baliza o ato de educar, de viver e de se conscientizar, em uma relação de abertura, de escuta, de fala, de encontro de si e do outro, de cooperação mútua e propositiva à transformação da realidade. Frente a essa perspectiva de diálogo efetiva, afetivo e cuidante, que acontece por meio de trocas e aprendizagens, destacam-se as “cartas pedagógicas”.

Paulo Freire propõe o diálogo por meio de “cartas pedagógicas”, ferramentas dialógicas que são escritas para si e para o outro, em uma relação de mútua comunicação-correspondência. Nessa conjuntura, Freire propõe recuperar o “encanto” pela/na/da escrita, o significado do ato de estudar e escrever, em uma ação dialógica que transcende a mera escrita. Por meio de “cartas pedagógicas”, nossas tramas pessoais e educacionais se fazem na relação, em profunda conexão e sororidade.

Para tal, o diálogo é condição fundamental da existência humana e, por essa realidade e importância, efetiva-se como caminho traçado da educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire. Como condição humana se estabelece pela vocação ontológica do “ser mais”. Sendo transformador, é tomado pelos sujeitos, como instrumento de luta, em um ato de coragem e amor.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo [...]. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo (Freire, 2021, p. 110-111).

Essa importante contribuição de Freire baliza o ato de educar, de viver e de se conscientizar. Em uma relação de abertura, de escuta, de fala, de discutir questões existenciais e analisar os seres humanos como seres culturais, históricos, sociais, nas relações que estabelecem no mundo, com o mundo e com os outros.

No qual, por meio do diálogo, oportunizam-se relações humanas mais efetivas, afetivas e cuidantes, contrapondo-se às formas de opressão que assolam a humanidade e coisificam a existência do sujeito (Freire, 2021). Frente a esse caráter significativo do diálogo emergem as ações que permeiam as relações humanas.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (Freire, 2021, p. 112).

Com isso, o diálogo transcende o ato de falar, efetiva relações com o outro, na perspectiva de que o outro tem potencialidades para a transformação da sua realidade, em que a “fé no homem” é condição necessária para um diálogo verdadeiro.

Como direção à libertação do oprimido e transformação da realidade, a dialogicidade em Paulo Freire converge na necessidade do respeito, da solidariedade, da paz, em uma nova ordem global, de compromisso pela vida. “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal” (Freire, 2021, p. 113).

Assim, o compromisso da educação libertadora é dialógico e a dialogicidade só é possível se estiver “encharcada” de amor, que é o ato de importar-se e comprometer-se verdadeiramente com a tarefa de educar, para além de transpor as barreiras do não conhecimento, alçar voos de possibilidades, de reconhecimento de si, do outro e do mundo.

Além disso, a postura de horizontalidade que se faz pelo diálogo revela que todos têm o direito do ato de fala, de escuta, de acolhimento, de abertura, de respeito e de compreensão frente a tantas mazelas que envolvem as minorias sociais, silenciadas na conjuntura atual dentro e fora da escola. Urge a necessidade, por parte de professores, da criação de ambientes dialógicos, nos quais a fé nos alunos e em suas palavras os levem a se sentirem partícipes e vinculados aos ambientes educativos. Pois, “o acto pedagógico é um acto dialógico” (Mazula *et al.*, 2022, p. 205).

Os diálogos que se fazem necessários aqui não são ingênuos, mas carregados de potência, que, ao serem colocados em uma postura horizontal, reforçam a perspectiva da confiança. Afinal, como viver o amor, a humildade, a fé nos homens e mulheres, se não vigoram palavras e ações de confiança nestes? Seria uma falácia, um teatro, uma ridicularização de seu ser, uma hipocrisia.

Contra-pondo essa postura de desesperança no sujeito e acreditando em suas potencialidades, reafirma-se a necessidade do “esperançar”, em Paulo Freire, na sociedade atual, efetivada pela força de um diálogo que deseja colocar o sujeito como protagonista, como agente de libertação e transformação social, tanto de sua realidade local quanto global.

A esperança na libertação não significa a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se estas não existem, temos de pelear esperançosamente para criá-las, viabilizando, assim, a libertação (Freire, 2019, p. 50).

Essa libertação envolve a fé na capacidade que o próprio homem tem de (re)criar sua vocação do “ser mais”. Visto que,

[...] existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico (Freire, 2022c, p.12).

Percorrendo o caminho do diálogo e perpassando as relações de confiança, de possibilidade e de transcendência, Freire faz referência ao fato de que a própria natureza da pessoa é o diálogo, segundo ele, a relação dos sujeitos deve se consolidar a partir do diálogo que estimule a curiosidade epistemológica do ser.

Nesse sentido,

[...] a dialogicidade é uma exigência da natureza humana, de um lado; de outro, um reclamo da opção democrática do educador. No fundo não há *comunicação* sem dialogicidade e a comunicação se acha no centro mesmo do fenômeno vital [...] (Freire, 2019, p. 130).

Frente a isso, faz-se necessário exercitar a humildade para reconhecer a visão e compreensão de mundo do outro. Essa reflexão só é possível quando o professor está revestido da necessária humildade, para se reconhecer como ser inacabado, portanto, sujeito a erros e falhas que requerem reflexão-ação-reflexão, em um exercício dialético de sua *práxis*.

A confiança na capacidade humana de se transformar gera a esperança e a solidariedade. Esperança que não é inerte, parada, mas que é esperançosa, por perseverar sempre, acreditando no poder transformador do diálogo.

[...] Do encontro entre consciências. Motivado pela análise da mediação do mundo nesta comunicação. Do mundo transformado e humanizado pelo homem. Motivado à análise do fundamento amoroso, humilde, esperançoso, crítico e criador do diálogo (Freire, 2022c, p. 164).

Amor, humildade, fé, confiança, esperança e solidariedade são ingredientes necessários para a ação dialógica, categoria fundante da “educação como prática de liberdade” (Freire, 2022), que devem iluminar as ações dos professores.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro e consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (Freire, 2021, p. 113).

Assim, ao exercitar essas categorias, a ação dialógica se torna possível, contribuindo para a construção de um forte vínculo com os sujeitos partícipes, algo fundamental para o desenvolvimento de uma prática socioeducativa humanizadora, que emerge da proposta de Paulo Freire. Uma prática que deve trilhar caminhos da dialogicidade, na qual as vozes, antes silenciadas, podem reverberar a potência de suas falas, partilhando saberes e a esperança plena de um mundo transformado.

A partir das 40 “cartas pedagógicas” recebidas no Brasil de remetentes da ESCSC-Amatongas (direção, professores/as, pais e encarregados/as e alunos/as e estudantes), em outubro de 2022, organizou-se os dados nas categorias educação, escola e comunidade.

Em *lócus*, por meio de pesquisa de campo, em setembro de 2023, fez-se entrevistas semiestruturadas com 22 remetentes dessas correspondências, sendo estes: um diretor geral; um diretor adjunto pedagógico, 13 professores/as, dois serviços gerais; três pais e encarregados de educação; e dois estudantes. Os demais já não estavam presentes na escola e comunidade.

Nessa conjuntura, buscou-se efetivar diálogos que transcendessem as correspondências escritas em outubro 2022, ancoradas nas categorias educação, escola e comunidade, visando identificá-las por meio das falas dos sujeitos as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade local de Amatongas. A análise se voltou à compreensão sobre que forma a educação libertadora se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas, em aspectos que se conectam diretamente com a perspectiva da sistematização de experiência (Jara, 2006), correlacionando o escrito e o vivido de modo coletivo e experiencial.

### CAPÍTULO 3

## AS “ANDARILHAGENS” DE PAULO FREIRE EM ÁFRICA E O LÓCUS DA PESQUISA

Paulo Freire é uma referência na África, é uma referência no Terceiro Mundo principalmente, porque ele lutava para que a pedagogia chegasse aos países mais pobres, à população mais pobre.

(António Burity da Silva Neto)

As palavras de António Burity da Silva Neto, ministro da Educação de Angola da época, ilustram a importância da atuação de Paulo Freire no continente africano. Para tal, no referido capítulo, apresentamos as “andarilhagens” de Paulo Freire nos espaços de educação libertadora em África, com destaque aos países de Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe; um panorama de Moçambique/África; do território da pesquisa, a localidade do Posto Administrativo de Amatongas, com suas “bonitezas” e “feiuras” e da ESCSC-Amatongas, como *lócus* unificador e transformador da realidade socioeconômica local.

Almeja-se partir do macro ao micro e identificar, nessas “andarilhagens” de Paulo Freire e do pesquisador, aspectos da sistematização de experiência (Jara, 2006), nossa metodologia de pesquisa.

### 3.1 PAULO FREIRE: SUAS “ANDARILHAGENS” NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM ÁFRICA

Mediante “o movimento de aprender primeiro para, ensinando depois, continuar a aprender” (Freire, 2021e, p. 18), Paulo Freire tinha elaborado teoricamente e posto em prática o seu sonho na preparação dos trabalhadores rurais, para a reforma agrária, no Chile.

Tínhamos tido, particularmente Elza e eu, no Chile, quando e onde, ao travar os primeiros encontros com educadores chilenos, escutávamos mais do que falávamos e, quando falávamos, era para descrever a prática que tivéramos no Brasil, com suas negatividades e suas positivities e não para prescrevê-la aos educadores chilenos. Foi aprendendo com eles, com os trabalhadores dos campos e das fábricas, que nos foi possível ensinar também (Freire, 2021e, p. 18-19).

“Encharcado” dessa experiência dialógica, humanizante e transformadora, Freire é convidado para dirigir o departamento de Educação de Jovens e Adultos, no CMI. Nesse contexto de educação ecumênica, enfrentaria um novo desafio: a reconstrução da educação, após o período de revolução dos países de África, que se libertaram da colonização europeia.

Um desafio imenso, que efetivou um impacto grande na sua obra, pois, ao ir à África, Freire sente estar voltando para sua terra, sente muito a presença do Brasil em África.

Meu primeiro encontro com a África não se deu, porém, com a Guiné-Bissau, mas com a Tanzânia, com a qual me sinto, por vários motivos, estreitamente ligado. Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava (Freire, 2021e, p. 13).

Realidade também experienciada por mim, nos anos que estive atuando na área da educação, nesse lindo continente, especificamente, em Moçambique. Território de solo vermelho, que expressa a força e a resistência de seu povo, que expande uma “boniteza” em seus sorrisos e corpos cobertos por capulanas, tecidos típicos de muitos países desse continente-irmão.

Como destaca sua segunda esposa, Ana Maria Araújo Freire (2013), quando Freire conhece o continente africano, em fins de 1971, em visita à Zâmbia e à Tanzânia:

Nessa viagem aflorou-se a africanidade de Paulo, comentava ele comigo, pois esse conhecer a Pátria Negra na verdade proporcionou-lhe um reencontrar-se consigo mesmo. Sua alegria foi imensa ao pisar o solo africano, sobretudo na Tanzânia. Tal fato deu a ele a sensação, pela primeira vez desde que partira para o exílio, de que voltava para casa, e não a de que chegava a terras desconhecidas (Freire, A., 2013, p. 224).

Como Freire destaca em *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido* (Freire, 2021c):

[...] minha primeira visita à África. A Zâmbia e à Tanzânia [...]. Deveria parar em Zâmbia, onde teria uma semana de seminário em Kitwe, num centro de estudos teológicos, Mindolo Ecumenical Foundation, antes de ir à Tanzânia, para outro seminário na Universidade de Dar Es Salaam [...] (Freire, 2021c, p. 201).

Durante o trajeto de Dar Es Salaam à Universidade, Freire faz memória de sua vida, do Recife, e vai se percebendo ser mais africano do que “se considerava”. (Freire, A., 2013, p. 225).



Na medida em que, deixando o aeroporto de Dar Es Salaam, há cinco anos passados, em direção ao campus da universidade, atravessava a cidade, ela ia se desdobrando ante mim como algo que eu revia e em que me reencontrava. Daquele momento em diante, as mais mínimas coisas - velhas conhecidas - começaram a falar a mim, de mim. A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros, as mangueiras, os cajueiros, o perfume de suas flores, o cheiro da terra, as bananas, entre elas a minha bem amada banana-maçã, o peixe ao leite de coco, os gafanhotos pulando na grama rasteira, o gingar do corpo das gentes andando nas ruas, seu sorriso disponível à vida, os tambores soando no fundo das noites, os corpos bailando e, ao fazê-lo, 'desenhando o mundo', a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava (Freire, 2021e, p. 14).

No prefácio da obra *Paulo Freire: Vida e obra*, organizado por Ana Inês Souza (2015), Carlos Rodrigues Brandão afirma: "Por meio de seu trabalho de educador, Paulo descobriu a África e se envolveu intensamente com países pobres, depredados, destruídos, desesperados, mas, enfim, livres de serem colônias" (Brandão, 2015, p. 9).

Neste sentido, a experiência nos países de África efetivou uma influência significativa no sentir-pensar de Freire, por isso, publicou várias obras desse período, com destaque para: *Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo*; *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Conscientização*, além de outros textos-livros dialógicos (Streck, Redin, Zitkoski, 2019).

Em suas assessorias nos anos 1970, nos países lusófonos, com exceção de Moçambique, Freire auxiliou na implementação de seus sistemas de educação, em um cenário de recente liberdade da colonização europeia. Tendo o princípio da autodeterminação<sup>34</sup> como ferramenta de suas políticas (Gadotti, 1996).

---

<sup>34</sup> O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização econômica e sociocultural. É um princípio com origem no costume internacional, tendo sido consagrado em vários tratados. A título de exemplo, no n. 2 do artigo 1.º, artigo 55.º e artigo 73.º da Carta das Nações Unidas, de 26 de junho de 1945. Disponível em: <https://dre.pt/dre/lexionario/termo/principio-autodeterminacao>. Acesso: 28 maio 2023.

Freire se identificou intensamente com a cultura africana pelo contato com o povo e seus intelectuais, “aos escritores militantes de pele escura das lutas da África, como Franz Fanon<sup>35</sup> ou Samora Machel”<sup>36</sup> (Brandão, 2015, p. 13).

Além de Amílcar Cabral<sup>37</sup> e Julius Nyerere<sup>38</sup>, como destaca Ana Maria Araújo Freire:

Paulo admirou sobremaneira dois dos ‘pedagogos da revolução’ da África: Julius Nyerere, da Tanzânia, a quem conheceu e com ele dialogou algumas vezes, e Amílcar Cabral - que nasceu em Cabo Verde, formou-se em agronomia em Lisboa, mas foi mais do que cabo-verdiano, foi um homem a serviço da luta de libertação africana (Freire, A., 2013, p. 225).

*Em Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo* (Freire, 2021e), afirma que sua atuação educacional em África foi um reencontro com a sua própria história. Como quem volta, e não como quem está chegando (Gadotti, 1996).

Segundo Ana Maria Araújo Freire (2013), a atuação de Paulo Freire, a partir de setembro de 1975, quando foi pela primeira vez em Guiné-Bissau, conecta-se muito mais com as atividades do IDAC, do que com sua atuação no CMI, ambos na Suíça. Depois, o trabalho se ampliou para Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe.

Moacir Gadotti destaca:

Nesse período, vem o contato mais próximo com a obra de Gramsci, Kosik, Habermas e outros filósofos marxistas. Parece-me que o marxismo de Paulo Freire nutre-se nas obras desses autores, especialmente Gramsci. Isso se reflete nos diálogos mantidos com os educadores dos Estados Unidos, na última década, entre eles: Henri Giroux, Donald Macedo, Ira Shor, Peter MacLaren e Carlos Alberto Torres (Gadotti, 1996, p. 74).

<sup>35</sup> Frantz Fanon nasceu em 20 de julho de 1925, na Martinica, sob colonização francesa. Foi um importante intelectual, médico psiquiatra e ativista, especialmente no que tange às questões raciais. Dentre suas obras, é autor de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1951), em que evidencia a forma de operação e as consequências do racismo, e de *Os Condenados da Terra* (1961), em que defende as lutas anticoloniais em curso naquele período. Fanon é precursor dos estudos pós-coloniais, decoloniais e anticoloniais, e inspirou nomes como Paulo Freire, Lélia Gonzalez, Neuza Santos Souza e Beatriz Nascimento. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/34657>. Acesso: 31 maio 2023.

<sup>36</sup> “Samora Machel nasceu em Chilembene, uma aldeia da Província de Gaza, no Sul de Moçambique, no dia 29 de setembro de 1933 [...]. O pai de Samora chamava-se Mandhande Moisés Machel e a mãe Gugyiye Thema Dzimba [...]. Samora deve o seu nome a Samora Mukhavele, familiar do lado da mãe e antigo soldado do exército português, que tinha combatido na Primeira Guerra Mundial - 1914/1918. Anos antes, um filho morreria-lhe com o nome de Samora e por isso escolheu outro Samora, desta vez o Moisés Machel, para o substituir” (Vaz de Almada, 2014, p. 3-4).

<sup>37</sup> Amílcar Lopes Cabral foi um político, agrônomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Mais sobre essa liderança guineense está disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%ADlcar\\_Cabral](https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%ADlcar_Cabral). Acesso: 31 maio 2023.

<sup>38</sup> Julius Kambarage Nyerere foi um político e ativista tanzaniano. Ele foi presidente do Tanganyika, desde a independência desse território, em 1962 e, posteriormente, da Tanzânia, até se retirar da política em 1985. Entre 1985-86, foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Julius\\_Nyerere](https://pt.wikipedia.org/wiki/Julius_Nyerere). Acesso: 31 maio 2023.

Em África, por meio das lutas de libertação, tendo lideranças marxistas a frente do processo, Freire se identifica mais com o marxismo e constrói conexões e intercâmbios significativos com alguns educadores publicando, inclusive, “livros dialógicos”. Com destaque à obra *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (Freire; Guimarães, 2021), uma publicação de diálogos por meio de entrevistas com Sérgio Guimarães<sup>39</sup> e alunos da Universidade de Lyon II, em fevereiro de 1978 (Freire, A., 2013).

Sérgio Guimarães dialoga igualmente com personagens importantes de Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lideranças e militantes de uma educação libertadora desses três países lusófonos africanos, que apresentam Paulo Freire, de forma afetiva, efetiva e cuidante, impregnando de sentido e importância sua atuação educacional e política nessas realidades.

### 3.1.1 Andarilhagem de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe

Freire apresenta a Sérgio Guimarães, em Genebra, no inverno de 1978, o projeto que faz com os nacionais, em São Tomé e Príncipe. Destaca a criação de materiais, textos e pequenos livros, para dar suporte ao processo de alfabetização e de pós-alfabetização no país (Freire; Guimarães, 2021).

Como ele mesmo destaca:

Escrevi um livrinho que será o primeiro livro de textos para os que dominaram a parte primeira da alfabetização, a primeira fase. Esse é o primeiro livro de texto, que se chama Segundo caderno de cultura popular - textos para ler e discutir como introdução à gramática, em que estudo as categorias gramaticais, apenas, começando pelo verbo (Freire; Guimarães, 2021, p. 66).

O primeiro texto tem como título: *O ato de estudar*, por meio de temáticas e contando histórias, nele, Freire apresenta de forma simples, “mas não simplista”

---

<sup>39</sup> “Sou caipira de mãe Antonia e de pai Oswaldo, desde 13 de março de 1951. Naturalmente, com muita honra, de Santo Anastácio, cidadezinha escondida entre os Presidentes Prudente e Venceslau, no interior sorocabano do estado de São Paulo. Irmão mais velho de Paulo Afonso e de João Bosco. Nome? Antonio Sérgio Arantes Braga Guimarães, para ser exato [...]. Aluno da Escola de Comunicações e Artes da Professor na Universidade de São Paulo (971-74) e professor primário da rede municipal da capital até fins de 1975, numa escola que era o ponto final do ônibus Rio Pequeno. Preferência: primeira série do primeiro grau. Daí por diante, pé no mundo, de braço dado com a baiana Marinildes, Nega. Professor de Civilização Brasileira, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa na universidade francesa de Lyon (II) de 1975-78, onde aproveitei para me “mestrar” em linguística e semiologia” (Freire; Guimarães, 2021, p. 253).

(Freire; Guimarães, 2021, p. 67), discussões que “exigem do leitor uma disciplina de trabalho” (Freire; Guimarães, 2021, p. 67).

Percebendo a relevância da história de Pedro e Antônio, como processo de uma educação libertadora de Paulo Freire, apresentamos a parábola na íntegra.

#### O ATO DE ESTUDAR - A

Tinha chovido muito toda a noite. Havia enormes poças de água nas partes mais baixas do terreno. Em certos lugares, a terra, de tão molhada, tinha virado lama. Às vezes, mais do que escorregar, os pés se atolavam na lama até acima dos tornozelos. Era difícil andar.

Pedro e Antônio estavam a transportar numa camioneta cestos cheios de cacau para o sítio onde deveriam secar. Em certa altura, perceberam que a camioneta não atravessaria o atoleiro que tinham pela frente. Pararam. Desceram da camioneta. Olharam o atoleiro, que era um problema para eles. Atravessaram a pé os dois metros de lama, defendidos pelas suas botas de cano longo. Sentiram a espessura do lamaçal. Pensaram. Discutiram como resolver o problema. Depois, com a ajuda de algumas pedras e de galhos secos de árvores, deram ao terreno a consistência mínima para que as rodas da camioneta passassem sem atolar.

Pedro e Antônio estudaram. Procuraram compreender o problema que tinham de resolver e, em seguida, encontraram uma resposta precisa.

Não se estuda apenas nas escolas.

Pedro e Antônio estudaram enquanto trabalhavam. Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema.

#### O ATO DE ESTUDAR - B

Esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos caracteriza o ato de estudar. Não importa que o estudo seja feito no momento e no lugar do nosso trabalho, como no caso de Pedro e Antônio, que acabamos de ver. Não importa que o estudo seja feito noutra local e noutra momento, como o estudo que fazemos no Círculo de Cultura. Em qualquer caso, o estudo exige sempre está atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que analisamos.

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistirmos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade. Que seria da produção de cacau naquela roça, se Pedro e Antônio tivessem desistido de prosseguir o trabalho por causa do lamaçal?!

Se um texto às vezes é difícil, insiste em compreendê-lo. Trabalha nele, como Antônio e Pedro trabalharam em relação ao problema do lamaçal.

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir apenas o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário. Vamos estudar! (Freire; Guimarães, 2021, p. 205-206).

Fica evidente a problemática contida na parábola, ampliando o processo de ensino-aprendizagem para os contextos “fora do muro da escola”, para toda vida e no fazer cotidiano. Nessa perspectiva, a educação é *práxis*, por se efetivar na relação da ação-reflexão-ação. Exige estudo, mas não é uma “educação bancária”, que reproduz os conceitos já postos, mas, sim, o estudo que (re)cria novos conceitos, impregnando de sentido e significado a vida do sujeito, para libertá-lo.

Essa educação libertadora implica em uma compreensão dos sujeitos do processo educativo como seres ativos e criativos, que possuem uma concepção de mundo, de si mesmos e da cultura. “A educação problematizadora, se faz, assim, um esforço permanente através da qual os homens vão se percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que e em que se acham*” (Freire, 2021, p. 100).

Paulo Freire, em diálogo com Sérgio Guimarães, elucida a importância do livro *Segundo caderno de cultura popular* e a opção em publicar com o nome do Ministério da Educação do país. “Eu achei muito melhor esse caminho do que exigir o meu nome nesse negócio. Para afirmar o quê? O que me interessa é dar uma contribuição a um povo que está lutando para ser, e não pôr nas relações bibliográficas mais um livro” (Freire; Guimarães, 2021, p. 68-69).

Outra estratégia pedagógica usada por Freire, em sua atuação em São Tomé e Príncipe, foram as cartas, diríamos hoje, “cartas pedagógicas” (Freire; Guimarães, 2021). São cartas escrita aos animadores culturais, em nome da comissão. “A ideia que eu tenho é a de diminuir a distância que há entre a linguagem dessas cartas e a capacidade dos animadores, nas minhas idas a São Tomé [...]” (Freire; Guimarães, 2021, p. 71).

Freire propõe aos animadores, por meio de suas “cartas pedagógicas”, a ênfase à leitura em voz alta, dessa forma, reforçando a oralidade, aspecto tão presente em África.

Na África, meu querido Sérgio, a gente está enfrentando uma cultura cuja memória – por *n* razões que não interessa aqui agora conversar - é auditiva, é oral, e não escrita. Então, antes da leitura silenciosa, numa cultura de memória oral, tem que fazer a leitura em voz alta, e a tarefa deve ser a do educador! (Freire; Guimarães, 2021, p. 72).

Ressalta, em suas cartas, a ênfase da junção da leitura da realidade com a leitura da palavra, “todos os materiais que a gente está preparando para São Tomé insistem na prática como fonte de conhecimento” (Freire; Guimarães, 2021, p. 77).

Freire, em sua atuação em São Tomé, prioriza a dimensão da prática, como elemento transformador da realidade e enfatiza a política como ferramenta necessária ao saber educacional nessa nação. Em suas “andarilhagens”, efetiva vínculos de proximidades com essa realidade, seu território e moradores, para uma maior compreensão do *ethos* social. Ele mesmo destaca:

Eu não vou a São Tomé sem que eu não vá ao mercado público, a um campo de futebol, para ver como o povo conversa, como o povo reage, como o povo

fala, as atitudes... Apesar de tudo isso, eu às vezes me pergunto até que ponto essa sugestão minha, aqui agora, tem que ver mesmo com o processo lá. Lamentavelmente eu não posso morar lá. Se eu pudesse viver seis meses pelo menos em São Tomé, tenho impressão de que eu compreenderia muito melhor a realidade e escreveria muito melhor também, porque eu incluiria as coisas de lá (Freire; Guimarães, 2021, p. 83-84).

Percebe-se, em sua fala, a preocupação de falar a realidade daquele povo. Realidade esta “encharcada” de dores e alegrias, risos e choros, conquistas e perdas. E, por não residir especificamente naquele *lôcus*, tem a clareza de apresentar uma visão fragmentada dessa realidade, aspecto que reforça sua “humildade” do saber, ou seja, mesmo sendo um importante pesquisador, não se empodera, de modo totalitário, dos conhecimentos que traz consigo.

No entanto, contribui efetivamente por meio de seus escritos para o (re)pensar a educação daquela nação. Realidade destacada no diálogo de Sérgio Guimarães com Alda Neves Graça do Espírito Santo, natural de São Tomé, uma liderança feminina daquele país,

Internacionalmente Paulo Freire era muito conhecido, mas tive a felicidade de conhecê-lo em São Tomé, porque nessa altura uma são-tomense, Maria Amorim, que foi ministra dos Negócios Estrangeiros, estava em Genebra e era muito amiga do Paulo Freire. E por meio da Maria Amorim é que nós tivemos a dica de ter Paulo Freire no nosso país, no processo de alfabetização (Freire; Guimarães, 2021, p. 85).

No diálogo, Alda Espírito Santo, como preferia ser chamada, destaca os desafios da alfabetização do país e enfatiza a importância de Freire para a transformação dessa realidade, por meio do elemento da metodologia da alfabetização e da politização da população.

E continua:

O Paulo Freire também tinha essa percepção: alfabetização integral, que entra no cotidiano da vida, acompanha o trabalho de cada um, numa melhoria sob todos os aspectos da educação, da ciência, da higiene, da alimentação, e em todos os setores, como, por exemplo, o da comunicação social (Freire; Guimarães, 2021, p. 93).

Tanto Alda Espírito Santo quanto Freire têm como ênfase uma alfabetização integral, que busca reforçar uma educação libertadora na vida das pessoas, conectando estas aos seus contextos humanos e de sobrevivência, oportunizando, igualmente, uma transformação integral.

Sérgio Guimarães também apresenta, na obra, um diálogo com o Sr. Sinfrônio de Jesus de Nazaré Mendes. Este expõe alguns aspectos acerca de Paulo Freire,

destacando que o conheceu em 1976, mediante o interesse do governo para implantação da alfabetização, “foi ele o primeiro indivíduo que nos veio fazer um seminário, dar-nos o conhecimento sobre alfabetização [...]. Ele que veio organizar as coisas” (Freire; Guimarães, 2021, p. 97).

Nos relatos, destaca-se a gratidão dessas pessoas para com Freire, por toda relevância do trabalho que ele ajudou a desenvolver no contexto educacional no país e pelas suas vivências pessoais. “Em primeiro lugar, ajudou-me a ser mais social” (Freire; Guimarães, 2021, p. 102), e “Incentiva o indivíduo a mudar-se” (Freire; Guimarães, 2021, p. 115).

Realidades construídas por meio de um diálogo amoroso e transformador, dando a palavra às pessoas do país, em conjunto com sua primeira esposa Elza. “eu nunca vi Paulo tomar uma decisão sem consultar-nos. Primeiramente ele consulta a sua mulher, a esposa dele: ideia dele, ideia dela. São coisas que a gente aprende também” (Freire; Guimarães, 2021, p. 115).

Freire, por meio de sua *práxis* dialógica e relacional com sua esposa, oportunizava que os são-tomenses repensassem suas relações pessoais, comunitárias e nacionais, propondo relações mais igualitárias e coletivas entre si e com pessoas de outros países e continentes.

### 3.1.2 Andarilhagem de Paulo Freire em Angola

Em Angola, Sérgio Guimarães dialoga com Lúcio Lara, liderança política do país. Este destaca que acabou tendo muitas conversas com Paulo Freire, quanto à inquietação de alfabetizar nas línguas nacionais, “tive muitas conversas com o Paulo Freire, porque eu cheguei à conclusão de que era preciso encontrar meios de alfabetizar nas línguas nacionais” (Freire; Guimarães, 2021, p. 125).

Nessa conjuntura, fez-se uma cartilha, um material para alfabetização, inspirada nas ideias de Freire e, ao ser interpelado por Sérgio se o conheciam, Lúcio Lara responde:

Conhecia-se teoricamente. Conhecia-se de nome o Paulo Freire e suas ideias. Ele era assim uma espécie de símbolo, de pessoas que nos inspiravam. Como ele diz depois, encontramos-os por acaso lá uma vez, na fronteira com a Zâmbia, já na Zâmbia<sup>40</sup>. Mas só reencontrei pessoalmente o

---

<sup>40</sup> Episódio apresentado no livro *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (Freire, 2021c, p. 201-202).

Paulo Freire aqui, depois, quando ele veio aqui na Angola, nos tempos já na independência (Freire; Guimarães, 2021, p. 125-126).

Lúcio Lara apresenta Paulo Freire como um guia para os nacionais, pelo êxito de suas teorias. E por identificarem em Freire a comunhão do pensar da prática com a perspectiva dos angolanos (Freire; Guimarães, 2021).

Sérgio Guimarães também dialoga com outra liderança angolana, Pepetela, que teve contato com as ideias de Freire em Argel, em 1965, quando colaborou com a elaboração do material nominado de *A vitória é certa*, manual de alfabetização feito após a independência do país, que seria usado nas primeiras campanhas de alfabetização (Freire; Guimarães, 2021).

Em sua fala, identifica-se os “círculos de cultura”, com uma clareza sobre a técnica e uma ênfase quanto ao “método de Paulo Freire” ser inspirador e adequado à realidade angolana.

E foi assim que nós fizemos o manual de alfabetização. Esse método era uma tentativa de adaptação do método Paulo Freire a um manual escrito, o que é contrário ao método Paulo Freire, em princípio, não é? Mas foi uma tentativa de conciliação, porque nós sabíamos que os alfabetizadores tinham muito pouco conhecimento da língua portuguesa e até pouca escolaridade (Freire; Guimarães, 2021, p. 149).

Reforça-se a necessidade de um livro de apoio aos alfabetizandos, por entender que o imprevisto em demasia, “como no método original do Paulo Freire, que exige uma grande capacidade de improvisação do alfabetizador” (Freire; Guimarães, 2021, p. 149), não era viável para aquele contexto educacional.

Em consonância com a percepção de Freire, a proposta da criação do manual em Angola era ter um instrumento que sistematizasse o ensino, sendo ferramenta ao alfabetizador para mediar o processo de ensino ao alfabetizando. Fez-se uma junção do “método de Paulo Freire” com o método cubano, que foi realizada com sucesso em anos anteriores (Freire; Guimarães, 2021).

Pepetela afirma que, em outros diálogos com Freire, apresentou as questões da elaboração do manual e um pedido de desculpa. “Desculpe nós adulteramos um pouco a sua ideia, mas é assim que ia funcionar” (Freire; Guimarães, 2021, p. 149).

Freire, de forma muito amorosa, compreende as necessidades da (re)invenção de seu “método”, e destaca que, “no fundo, o que interessava é que as pessoas não só aprendessem, mas que discutissem sobre os seus problemas e sobre as suas vidas” (Freire; Guimarães, 2021, 149).



Isso demonstra a validade de toda construção do “método Paulo Freire”, no que tange à politicidade e a conscientização, (re)afirmando a presença transformadora de Freire e de seus estudos africanos, em Angola. Como destaca o então Ministro da Educação, António Burity da Silva Neto:

Paulo Freire será sempre uma referência muito positiva, no desenvolvimento do processo educativo. Muito positiva porque, para mim, Paulo Freire foi um dos pedagogos clássicos, digamos assim, ou da era mais moderna, que revolucionou - ou pretendeu revolucionar, penso que era essa a sua luta, revolucionar - a pedagogia, a favor das camadas mais desfavorecidas. E nós adotamos cartilhas de alfabetização elaboradas pelo Paulo Freire. Trouxemos essa experiência para Angola, que foi muito positiva (Freire; Guimarães, 2021, p. 168).

Paulo Freire era um homem “encharcado” de humanização em toda sua vida, atuação e escrita. Em seu agir, como sujeito histórico, e em sua atuação sociopolítica e pedagógica. Com uma pedagogia dos oprimidos, junto aos empobrecidos, oferecendo a estes, com destaque aos africanos, a palavra que historicamente lhes foi negada e a restituição de sua dignidade, corporificando seu lugar de fala e de ação transformadora no mundo.

### 3.1.3 Andarilhagem de Paulo Freire em Guiné-Bissau

Paulo Freire chega à Guiné-Bissau com a equipe do IDAC e afirma.

Este sentir-me em casa, no chão africano, se repetiu, em certos aspectos, de maneira ainda mais acentuada, quando, em setembro do ano passado, visitei, com a equipe do Instituto de Ação Cultural IDAC, pela primeira vez, a Guiné-Bissau. Poderia dizer: quando ‘voltei’ à Guiné-Bissau (Freire, 2021e, p. 14).

Paulo Freire, em Guiné-Bissau, deteve-se longamente para a sistematização da alfabetização de adultos. Era de conhecimento de Freire e de sua equipe que o trabalho se efetivaria com os militantes, que almejavam reconstruir o país, e não com teóricos ou estudiosos, que o conheciam meramente por suposições.

Sua atuação, em conjunto com sua equipe, realiza-se a convite do governo de Guiné-Bissau, ao trabalhar no CMI. Tem como opção desenvolver a proposta da alfabetização de adultos no país, com os nacionais,

A nossa opção política e a nossa prática em coerência com ela nos proibiam de pensar, sequer, que poderíamos elaborar, em Genebra, um projeto de alfabetização de adultos, elegantemente redigido, com seus 1<sup>o</sup>, 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> a ser levado por nós à Guiné-Bissau, como uma dádiva generosa. Este projeto, pelo contrário - como as próprias bases de nossa colaboração -, teria de nascer lá, pensado pelos educadores nacionais em função da prática social

que se dá no país [...]. Partíamos, pois, de uma posição radical: a de recusa a qualquer tipo de solução ‘empacotada’ ou pré-fabricada; a qualquer tipo de invasão cultural, clara ou manhosamente escondida (Freire, 2021e, p. 17-18).

Destaca-se, em Freire e sua equipe, a “humildade” no desenvolver a proposta com os nacionais, evitando reproduzir posturas colonizadoras e violentas, tão recente nos corpos e memórias dos guineenses.

Em equipe, debatêramos, em Genebra, a melhor maneira de, na Guiné-Bissau, ver e ouvir, indagar e discutir, de que resultaria o programa de nossa contribuição. Programa, portanto, a nascer lá, em diálogo com os nacionais, em torno de sua realidade, de suas necessidades e de nossas possibilidades, e não em Genebra, feito por nós para eles.

Na medida em que jamais tomamos a alfabetização de adultos em si mesma, reduzindo-a a um puro aprendizado mecânico da leitura e da escrita, mas como um ato político, diretamente associado à produção, à saúde, ao sistema regular de ensino, ao projeto global de sociedade a ser concretizado, ver e ouvir, indagar e discutir, partindo embora do Comissariado de Educação, teriam de prolongar-se a outros comissariados, ao Partido, incluindo as suas organizações de massa (Freire, 2021e, p. 23-24).

Proposta de atuação que busca trabalhar as questões sociais de uma forma plural e intersetorial, ou seja, a questão da educação deveria ser analisada e associada aos demais setores e demandas sociais, com destaque à produção e à saúde; vinculando agentes estatais e populares.

Essa experiência é sistematizada por meio de cartas-registro, no livro *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo* (Freire, 2021e).

A intenção fundamental é a de oferecer aos leitores e às leitoras, através delas, precedidas desta introdução, uma visão mais ou menos dinâmica das atividades que se estão desenvolvendo naquele país e alguns dos problemas teóricos que elas suscitam. Daí o título do livro: *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo* (Freire, 2021e, p. 15).

Desse conjunto de “cartas-relatório”, dezessete, no total, 11 são dirigidas ao comissário da Educação, Mário Cabral; e seis à Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização em Guiné-Bissau, destacando os aspectos que o marcaram em suas visitas e a atuação educacional naquele país. Motivado pela luta de libertação do país, e entendendo-a como uma “escola”, tinha como referência de luta o líder Amílcar Cabral, que incentivava o ensino para os que não sabiam (Freire, 2021e).

Os guineenses desejavam fazer uma grande campanha de alfabetização, pois, ao alcançar a independência, o país tinha 93,7% de analfabetos; por isso a urgência em alfabetizar as pessoas, para pensar em um desenvolvimento socioeconômico para o país (Freire; Guimarães, 2021).

Segundo Mário Cabral:

Enquanto ministro da Educação, tentei ir para a parte de mobilização, de sensibilização, de envolvimento dos jovens em campanhas de alfabetização por todo o país. E tivemos muitos sucessos, mas também tivemos muitas dificuldades. Por quê? Porque, apesar do entusiasmo, não havia os conhecimentos, a experiência pedagógica de como se iria desenvolver o trabalho (Freire; Guimarães, 2021, 174).

Nessa conjuntura de reestruturação, com sua equipe, as primeiras tensões surgiram quanto à língua. Inclusive pela população local, que não entendia o porquê ter que aprender o português, a “língua dos colonizadores”. Pela diversidade linguística no país, optou-se em fazer a alfabetização pelo português e o crioulo, línguas faladas por 80% da população (Freire; Guimarães, 2021).

Assim, Paulo Freire, já conhecido, é solicitado para apoiá-los, como destaca Mário Cabral a Sérgio Guimarães:

Conhecendo a grande experiência que tinha Paulo Freire, quisemos pedir o apoio dele. E então Paulo Freire vem dar-nos esse apoio intelectual, esse apoio de conhecimentos vividos em diferentes situações mais ou menos próximas daquelas que estávamos a viver. E o processo continuou, mas Paulo Freire, que era um grande intelectual, um homem realmente de uma capacidade, de uma oralidade extraordinária na explicação e no envolvimento, foi nosso professor, de nós todos. Passávamos horas discutindo todas as questões (Freire; Guimarães, 2021, p. 175).

O ministro da educação relata que com a experiência de Paulo Freire e sua equipe se efetivou o processo de alfabetização. E as *Cartas à Guiné-Bissau* se consolidaram como coroamento dos intercâmbios realizados, por meio de uma ação dialógica transformadora. “E aí foi muito bom, porque Paulo Freire teve a capacidade de sintetizar essa experiência, que era mais oral – aliás, essa é a tradição africana” (Freire; Guimarães, 2021, p. 176).

Esses registros foram efetivamente correspondências, cartas redigidas diretamente por Freire ou escritas mediante os diálogos que se faziam, para serem usadas como sínteses que facilitassem a continuação com êxito dos trabalhos que se realizariam (Freire; Guimarães, 2021). “Freire sempre procurava mandar cartas. Aliás, antes de qualquer outra missão, havia sempre uma proposta de como continuar no diálogo, nos trabalhos que nós estávamos a fazer” (Freire; Guimarães, 2021, p. 176).

Essa realidade demonstra a dinâmica de Freire, na sua atuação na educação em Guiné-Bissau, um trabalho sistematizado, construído com sua equipe. Mas, sobretudo, envolvendo afetivamente e efetivamente os guineenses, por entender que

o trabalho não deveria ser para o povo, mas com o povo. Realidade democrática, na qual cada pessoa tem seu papel de partícipe da transformação dessa nação.

Tendo Amílcar Cabral como referência de “educador-educando de seu povo” (Freire, 2021e, p. 4), o ministro da educação, Mário Cabral, acredita que Freire identificou em Amílcar um grande pedagogo, apesar de não ter o conhecido como acadêmico. E que ele era o elo da nação, ou melhor, “o fundador da nacionalidade guineense e cabo-verdiana” (Freire; Guimarães, 2021, p. 179). Paulo Freire e sua equipe se utilizam do contexto de reconstrução nacional para enfatizar a necessidade emergente da instauração do sistema educacional no país, ampliando a ação, e não focado na alfabetização.

Aliás quando, em 1978 fizemos o primeiro encontro dos ministros de Educação e alfabetizadores dos países lusófonos, dos Palop<sup>41</sup>, a influência de Paulo Freire foi perfeitamente evidente. E aí envolvemos os outros países, nossos irmãos Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, e foi realmente um momento especial [...]. Aquele foi um momento alto, em que todos os países recém-libertados estavam à procura de uma afirmação, à procura de um sistema educativo que fosse uma resposta à própria situação cultural que cada país vivia; quais os caminhos deveriam ser trilhados para aí chegar? (Freire; Guimarães, 2021, p. 180).

Esse movimento foi fundamentado em Paulo Freire, que buscava por meio do diálogo, ações de cunho coletivo e em “comunhão”, com a finalidade de problematizar as questões sistêmicas presentes na sociedade daqueles países e identificar a educação como prioridade ao desenvolvimento socioeconômico e cultural. Empoderando nos sujeitos a educação como ferramenta de libertação e transformação social.

Mário Cabral destaca, no final de sua entrevista, que um aspecto ímpar de Paulo Freire era a sua pedagogia da liberdade, de uma metodologia menos rígida e com maior abertura aos problemas relacionados a aspectos sociais (Freire; Guimarães, 2021).

Sérgio Guimarães conclui o diálogo, perguntado a Mário Cabral como era a relação de Freire e Elza; e qual era a ideia que Freire o passava em relação à questão da mulher. Mário Cabral enfatiza que, por ser um homem político, Freire observava a

---

<sup>41</sup> Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Todas essas nações da lusofonia africana se tornaram independentes em 1974-75, na sequência do processo de descolonização de Portugal, resultante da Revolução do 25 de abril de 1974, do fim do Estado Novo e do fim das guerras contra o domínio de Lisboa, particularmente em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$países-africanos-de-lingua-oficial-portuguesa](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$países-africanos-de-lingua-oficial-portuguesa). Acesso: 01 jun. 2023

mulher guineense como elemento de participação, incentivando os diálogos sobre a questão de gênero e a progressão desta, para uma igualdade na participação e nos direitos políticos (Freire; Guimarães, 2021).

O Paulo acautelava muito esse aspecto, mas ele também dizia: ‘Tu tens aí um ministério preche de mulheres!’, porque nossos colaboradores eram colaboradoras. Dos sete elementos principais, só dois é que éramos homens; era eu e um padre, o padre Macedo. E o Paulo Freire gostava muito daquela decisão que o Amílcar Cabral tomou, de que, em cada comitê constituído de cinco pessoas, dois elementos tinham que ser mulheres. E aí, Cabral era intransigente: podiam ser cinco mulheres, mas não podiam ser cinco homens, tinham que ser pelo menos duas mulheres. Infelizmente essa aprendizagem não se desenvolveu muito, mas Paulo Freire insistia muito na necessidade de continuar com essa ideia, como uma forma de trazer a mulher de fato a uma atitude participativa, acabar com os complexos históricos da inferioridade da mulher (Freire; Guimarães, 2021, p. 201-203).

Realidade verificada em minha estadia em Moçambique, onde as mulheres no contexto urbano, na esfera política e em cargos de autoridade, são de um número expressivo. No entanto, perdura uma sociedade patriarcal, com importâncias focadas no homem, na qual a mulher, em um contexto familiar e de povoados tradicionais, carrega o peso de uma tradição que a vitima, de modo que não são reconhecidas como sujeitas de direitos.

Paulo Freire, segundo Mário, em seus discursos, enfatizava a mulher com toda a poesia que era capaz (Freire; Guimarães, 2021).

Lembro-me então de uma vez em que falou tão bem da Elza, que era a sua companheira, sua amiga, sua musa, enfim, que as nossas mulheres ficaram invejosas. (r) Às vezes passávamos maus bocados para explicar por que não tínhamos esse discurso, como tinha Paulo Freire da sua bela Elza! (Freire; Guimarães, 2021, p. 203).

Palavras cheias de amorosidade, de um homem que amou as pessoas das diversas nacionalidades que “andarilhou”. “Quando a Rádio Neederland da Holanda dedicou a ele uma série de programas, deu a ela (e ao CD depois editado) este nome: *O andarilho da utopia*” (Brandão, 2019, p. 44).

Entre a infância nordestina, a juventude e o começo da vida madura e profissional, nada parecia indicar, em um homem que começou se deslocando apenas entre o Recife e Jaboatão, um destino andarilho errante. Que culmina, por meio do exílio, com sua família indo para a Bolívia, Chile, Estados Unidos da América, Europa e África.

Nosso “andarilho da utopia” amou as pessoas, os lugares; os climas; os alimentos. Exercitando a sua “gentetude” de ser um homem humanizado e conectado,

sem deixar sua brasilidade, nordestinidade e recifensa. Identidades que o constituíram como ser do mundo, no mundo, para e com as pessoas, sobretudo, com “os esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (Freire, 2021, p. 5).

### 3.2 PANORAMA DE MOÇAMBIQUE/ÁFRICA

Falar do continente africano é apresentar uma diversidade enorme em seus vários aspectos: culturais, sociais, econômicos dentre outros. No entanto, há uma unidade quanto a sua colonização, um processo de dominação dos colonizadores aos colonizados, que se verifica a partir de sua especificidade, mas se generaliza no tocante à opressão e desumanização das pessoas, ancoradas na perspectiva socioeconômica e racial, aspectos que reverberam na contemporaneidade.

No tocante à colonização portuguesa no continente africano, nos países de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, como acentua Joseph Ki-Zerbo: “[...]. Encontra-se aqui, na verdade, um sistema pesado, muito pouco latino, uma teimosia meio sádica, meio iluminada, um verbalismo de parolice em que a hipocrisia rivaliza com a autossatisfação” (Ki-Zerbo, 2000, p. 272).

No caso de Moçambique, em particular, na perspectiva do domínio português, o esforço incidia no setor diretamente produtivo, e não no setor social (Ki-Zerbo, 2000). Os moçambicanos não eram vistos e tampouco entendidos em sua inteireza, como pessoas e grupos vinculadas em um seu contexto social (família, comunidade, aldeias), que necessitam de um amparo social abrangente (saúde, educação, assistência social). Mas eram, sim, vistos como mão de obra escrava para a idealização de projetos econômicos que beneficiavam os colonizadores daquela nação, consolidando uma exploração que perpetua, até hoje, em algumas nações africanas.

Como assevera Joseph Ki-Zerbo (2000):

Em Moçambique, uma barragem no Limpopo abria à colonização uma vasta planície irrigada, na região de Guijá. No mesmo social. Assim, em sector, a via férrea prolongada até à fronteira rodesiana permitia o porto da Beira, escoando uma parte do tráfego pelo porto de Lourenço Marques, modernizado, que deu assim um grande descongestionar passo em frente. Foi construída uma central hidroeléctrica, a primeira do país, para servir o porto da Beira, sendo vendido à Rodésia o excedente de energia. Foram exploradas as minas de carvão de Moatize, ao mesmo tempo que era

activada a produção de açúcar, de sisal, de copra e de chá (Ki-Zerbo, 2000, p. 273).

Hoje, identifica-se a construção de infraestruturas relacionadas ao setor econômico na região central do país, nas Províncias de Beira, Manica e Tete, contexto desta pesquisa. Com a central hidroelétrica, as barragens e a linha férrea, que iniciava na Beira, capital da Província de Sofala e se prolongava até a “Rodésia”, atual Zimbabwe, produtos diversos eram escoados, beneficiando prioritariamente os exploradores. Essa realidade muda com a transição advinda do processo de independência, protagonizado pelas forças nacionalistas da FRELIMO, a partir de 1969 (Ki-Zerbo, 2000).

Nesse panorama introdutório sobre o continente africano em geral, e em Moçambique, em particular, para que se compreenda a história desse país, faz-se necessário apresentar a seguinte proposta de periodização. A História de Moçambique, nessa conjuntura, divide-se em 6 períodos com características distintas (Nhapulo, 2015).

### Quadro 3 – Periodização da história de Moçambique

(continua)

Tempo	Nome do período	Características do período
Até aos anos 200-300	Período da comunidade primitiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade sem exploração e em classes;</li> <li>- Praticava-se a caça, a recolocção e a pesca;</li> <li>- O modo de vida era nômade;</li> <li>- O trabalho estava dividido por idade e por sexo;</li> <li>- A divisão da produção era feita por igual;</li> <li>- Os instrumentos de trabalho eram muito rudimentares;</li> <li>- Exemplo de comunidade: Khoisan.</li> </ul>
Desde 200/300 até ao ano 800	Período dos povos de língua bantu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunidades de agricultores e pastores;</li> <li>- Eram sedentários;</li> <li>- Dominavam a tecnologia do ferro;</li> <li>- Grande grupo de povos unidos pela mesma língua bantu.</li> </ul>
Desde 800 até 1890	Período da penetração mercantil asiática e europeia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os árabes chegaram no século IX e instalaram-se em Moçambique, sobretudo no litoral;</li> <li>- O seu objetivo era promover o comércio;</li> <li>- No século XII, chegam a Moçambique asiáticos com objetivos também comerciais;</li> <li>- Há relatos e depoimentos de Buzurg Ibn Sharhiyar (marinheiro persa) e de Al-Masudi (viajante muçulmano), que afirmavam que há um ativo comércio com as “terras de Sofala”;</li> <li>- No século XV, foram iniciados contatos com os mercadores europeus, mais especificamente, com os portugueses.</li> </ul>

Fonte: o autor (2023) adaptado de Nhapulo (2015, p. 15-16).

### Quadro 3 – Periodização da história de Moçambique

(conclusão)

Tempo	Nome do período	Características do período
Desde 1890 até 1962	Período da agressão imperialista	<p><b>De 1890 a 1930 – ocupação e exploração económica:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Campanhas de pacificação em todo o território de Moçambique, resultante das medidas tomadas na Conferência de Berlim;</li> <li>- Ocupação militar por parte de Portugal e a montagem do Estado (aparelho do Estado colonial);</li> <li>- Criação de modelos de exploração económica do território moçambicano;</li> <li>- Centro e Norte de Moçambique são concessionais a companhias majestáticas e arrendatárias para a sua administração, bem como para a exploração dos seus recursos humanos e naturais;</li> <li>- Estabelecimento dos acordos com a Rodésia do Sul e a África do Sul para exportação da mão-de-obra para as minas a construção de infraestruturas ferro-portuárias em Lourenço Marques e na Beira.</li> </ul>
Desde 1890 até 1962	Período da agressão imperialista	<p><b>De 1930 a 1962 - período colonial e fascismo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Portugal esforça-se por estabelecer nas suas colónias a burguesia portuguesa;</li> <li>- Começa o processo da eliminação dos direitos soberanos das companhias majestáticas;</li> <li>- A Companhia de Moçambique cessa os seus direitos político-administrativos sobre Manica e Sofala em 1942;</li> <li>- Os objetivos da metrópole eram pôr a economia moçambicana ao serviço do Estado Novo (regime fascista português).</li> </ul>
Desde 1962 até 1975	Período da luta de libertação nacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Surgimento de uma frente única de reivindicação pela emancipação de Moçambique, a fundação de Frente de Libertação de Moçambique, que resulta da fusão entre a MANU, UDENAMO UNAMI;</li> <li>- Setembro de 1964, início da luta armada de libertação nacional e dela surgiram as zonas libertadas, as primeiras formas de administração da FRELIMO em Moçambique;</li> <li>- Política económica portuguesa de portas abertas, cujo objetivo é internacionalizar a guerra em Moçambique;</li> <li>- Continuidade dos planos de fomento;</li> <li>- Em 25 de abril de 1974, dá-se o golpe de Estado em Portugal e uma viragem a favor da descolonização da África portuguesa;</li> <li>- Assinatura dos acordos de Lusaka que marcam o fim do sistema colonial em Moçambique. É estabelecido o governo de transição;</li> <li>- Em 25 de junho, é proclamada a Independência Nacional.</li> </ul>
Desde 1975 até aos dias atuais	Período da República	<p><b>De 1975 a 1994:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação do Estado moçambicano, de modelo socialista, orientado por uma economia centralizada, dirigida pelo Estado;</li> <li>- São elaborados vários planos económicos: PEC, PPI, PRE, PRES;</li> <li>- Guerra civil;</li> <li>- É elaborada a Constituição de 1990;</li> <li>- Fim da guerra civil com a assinatura dos Acordos de Roma.</li> </ul> <p><b>De 1994 aos nossos dias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eleições livres e democráticas;</li> <li>- Implantação de uma democracia parlamentar;</li> <li>- Implementação da economia livre.</li> </ul>

Fonte: o autor (2023) adaptado de Nhapulo (2015, p. 15-16).



O quadro apresenta os períodos históricos de Moçambique, seus processos tradicionais, de comunidades primitivas, característica ainda muito presente no país; aspectos da penetração da Ásia e da Europa; da Luta de Libertação Nacional e da República, demonstrado o processo de luta e transformação que o país viveu, e como os povos moçambicanos se (re)inventaram, mesmo em realidades de exploração e colonização.

Antes do povoamento Bantu<sup>42</sup>, em Moçambique, grandes áreas do território eram ocupadas por comunidades de caçadores recoletores, os San e pastores, os Khoi-Khoi. Esses dois grupos se juntaram e formaram um único grupo, que passou a se chamar de Khoisan<sup>43</sup>. Nessa conjuntura, há cerca de 1700 anos, destaca-se a expansão e o estabelecimento das comunidades bantu, em Moçambique, nas bacias fluviais, nos limites do litoral, nos planaltos e encostas do interior, elaborando formas de organização social por linhagens e trazendo novas técnicas e novas formas de vida (Nhapulo, 2018).

Nos anos 200/300 d.C., houve uma migração dos bantus, que eram guerreiros partindo dos Grandes Lagos, forçando uma fuga em massa desses povos para regiões mais pobres do país (Embaixada de Moçambique, 2011). Ainda no período pré-colonial, destaca-se o Estado-Reino do Zimbabwe<sup>44</sup>; O império dos Monomotapas<sup>45</sup>; Os Estados Marave<sup>46</sup>; O Estado Yao<sup>47</sup> (Nhapulo, 2018).

Dando continuidade à expansão portuguesa, iniciada no século XV, ocorreram os primeiros contatos do navegador Vasco da Gama na costa de Inhambane e ilha de Moçambique, com o intuito de controlar o comércio de especiarias do Oceano Índico

---

<sup>42</sup> “A palavra Bantu tem uma conotação exclusivamente linguística e surgiu em 1862, sob proposta do linguista alemão Bleek, para assinalar o grande parentesco de cerca de 300 línguas, as quais utilizavam esse vocábulo para designar ‘os homens’ (singular MUNTU)” (Nhapulo, 2018, p. 6).

<sup>43</sup> “Os Khoisan eram excelentes caçadores, conhecedores de diferentes métodos de caça e de pesca, viviam em pequenos grupos nómadas, habitando próximo das rochas, em cavernas ou em cabanas feitas de capim” (Nhapulo, 2018, p. 5).

<sup>44</sup> “O Estado do Zimbabwe existiu, entre 1250 e 1450, aproximadamente. Tomou o nome de Zimbabwe porque, na capital e noutros centros de poder, os chefes faziam rodear as suas habitações de amurrahados de pedra conhecidos por madzimbabwe (singular zimbabwe)” (Nhapulo, 2018, p. 8).

<sup>45</sup> “A sua fundação está ligada ao declínio do Estado do Zimbabwe a partir de meados do século XIV. Entre 1450 e 1550, o Grande Zimbabwe foi abandonado pela maior parte dos seus habitantes, não sendo claras as razões do abandono” (Nhapulo, 2018, p. 12).

<sup>46</sup> “Formaram-se como resultado da chegada de sucessivas vagas de emigrantes, provavelmente oriundos da região de Luba do Congo, liderados pelo Clã Phiri, e dos Lundu, que viviam em Tete, expandindo-se ao longo rio Zambeze até a costa” (Nhapulo, 2018, p. 14)

<sup>47</sup> “Desenvolveu-se nas zonas macuas, actuais províncias de Nampula, Niassa e Cabo Delgado, tendo como centro do poder político a zona de Mwembe, no Niassa. A base da economia era a agricultura de cereais, onde as linhagens matrilineares constituíam a base das unidades de produção” (Nhapulo, 2018, p. 16).

e apoderar-se do comércio de ouro do planalto do Zimbabwe. Depois, na baía de Sofala, em 1505, na altura principal do porto de saída de ouro, e, em seguida, em Kilwa e na ilha de Moçambique, em 1507. Essa presença e domínio português levou à destruição das rotas comerciais árabes antes existentes na região, resultantes de longa e tenaz luta com os povos de raça árabe (Nhapulo, 2018).

De acordo com Jorge Artur Avelino Cambinda (2014) *apud* Sabino Tobana Intanquê (2016, p. 26-27),

o nome Moçambique originou-se de Mussa-bin Mbiki, o filho do sultão Bin Mbiki, que era o habitante da ilha e com a chegada dos portugueses, foi dado à região o nome de Moçambique. As terras moçambicanas foram povoadas nos primeiros momentos da humanidade por dois grupos que ocupavam a zona norte de Moçambique com as suas habitações e estes eram povos muito organizados. Tratava-se dos habitantes do reino de Monomotapa, que ocupavam Moçambique não integralmente e os suailes, poucos numerosos.

Perspectiva corroborada por Telésfero Nhapulo (2018, p. 30), que acredita que “Provavelmente foi o nome Moussa M’Biki que deu origem ao termo ‘Moçambique’”.

Moçambique, país do continente africano, oficialmente designado como República de Moçambique, segundo site oficial do governo, está situado na costa oriental da África Austral, tendo como limites: “a norte, a Tanzânia; a noroeste, o Malawi e a Zâmbia; a oeste, o Zimbabwe, a África do Sul e a Suazilândia; a Sul, a África do Sul; a Leste, a seção do Oceano Índico designada por Canal de Moçambique” (Portal de Moçambique, 2023).

**Figura 5** – Mapa de Moçambique que apresenta os países que fazem fronteiras



Fonte: Disponível em: <https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/mapa-pol%C3%ADtico-de-mo%C3%A7ambique-gm507985249-45763506>. Acesso: 29 jun. 2023.

Frente as lutas entre Portugal e Inglaterra, a questão das fronteiras foi resolvida em 1891, com a assinatura do tratado entre os dois países. Embora tivessem existido acordos anteriores, esse foi muito importante para a definição das fronteiras de Moçambique (Nhapulo, 2018).

A fronteira sul e sul-ocidental de Moçambique teve uma resolução mais rápida que outras regiões do país. A fronteira sul foi resolvida com a arbitragem do presidente francês Mac-Mahon, a 24 de Julho de 1875, a favor de Portugal. Em 1888, Moçambique e a Suazilândia chegaram a acordo com relativa facilidade, apesar das reclamações do rei Swazi contra a delimitação na cumeada dos libombos. O tratado de Pretória de 1869 estabelece limites territoriais entre Moçambique e a República de Transvaal (Nhapulo, 2018, p. 34).

Na região central de Manica, Província onde está situado o *locus* da pesquisa, e na região de Niassa, ao Norte do país, a resolução fronteiriça foi mais complexa, devido a múltiplos interesses em jogo (Nhapulo, 2018).

O país é dividido em três regiões, totalizando 11 Províncias. Ao Norte, estão as Províncias: Cabo Delgado, Niassa e Nampula; no Centro: Tete, Zambézia, Manica e Sofala; e no Sul: Inhambane, Gaza, Maputo cidade e Maputo Província.

**Figura 6** – Mapa de Moçambique, com suas Províncias e capitais



Fonte: Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Mapa-das-provincias-de-Mocambique\\_fig2\\_339848857](https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Mapa-das-provincias-de-Mocambique_fig2_339848857). Acesso: 29 jun. 2023.

Sua capital e maior cidade é Maputo, ao Sul do país, nominada, durante a dominação portuguesa, de Lourenço Marques<sup>48</sup>.

<sup>48</sup> Mais informações, disponível em: <https://hpiip.org/pt/contents/place/330>. Acesso: 29 jun. 2023.

**Figura 7** – Estátua do líder revolucionário moçambicano Samora Moisés Machel ao lado da Catedral da Arquidiocese de Maputo



Fonte: Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/reparticoes-consulares-do-brasil/regiao/mocambique/mocambique>. Acesso: 29 jun. 2023.

No início do século XV, ocorre a penetração mercantil dos portugueses, com o intuito de explorar pela mineração do ouro, que tinha como objetivo a troca por especiarias asiáticas.

Os portugueses fixaram-se no litoral onde construíram as fortalezas de Sofala (1505), Ilha de Moçambique (1507). Só mais tarde, através de processos de conquistas militares apoiadas pelas atividades missionárias e de comerciantes, penetraram para o interior onde estabeleceram algumas feitorias como a de Sena (1530), Quelimane (1544) (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 7).

Nessa conjuntura de dominação, os portugueses tinham como interesse principal dominar o acesso às zonas produtoras do ouro, e não meramente controlar a passagem do minério. Essa fase é denominada como fase do ouro (Embaixada de Moçambique, 2011).

Em seguida, tem-se duas outras fases, assim nominadas: fase de marfim e fase de escravos, fazendo com que esses fossem “os produtos mais procurados pelo mercantilismo” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 7).

A base de rendimento desses estados militares do Vale do Zambeze era essencialmente o tráfico de escravos e o comércio de marfim, os mesmos estendiam-se do Zumbo ao Índico, áreas dos antigos prazos (Embaixada de Moçambique, 2011). Os fundadores dos estados militares eram os comerciantes de marfim e, conhecidos por *Muzungus* (brancos) (Nhapulo, 2018).

O sistema dos Prazos<sup>49</sup> do Vale do Zambeze foi a primeira forma de colonização portuguesa no país (Embaixada de Moçambique, 2011).

Os prazos do vale do Zambeze surgem com a necessidade de os portugueses garantirem e defenderem as rotas comerciais. Também era objectivo dos mesmos permitir a livre circulação de produtos de troca. Os chefes eram prazeiros que possuíam terras e cativos, bem como grandes exércitos de A-Chicundas (Nhapulo, 2018, p. 20).

Nos anos de 1832-1854, houve a abolição desse sistema, consolidando a emergência dos Estados Militares do Vale do Zambeze, com forte ênfase ao trabalho escravo, mesmo com o fim da escravatura, em 1836 e, depois, em 1842 (Embaixada de Moçambique, 2011).

No contexto moçambicano as populações macúá-lómué foram as mais sacrificadas pela escravatura. Muitos deles foram exportadas para as ilhas Mascarenhas, Madagáscar, Zanzibar, Golfo Pérsico, Brasil e Cuba. Até cerca de 1850, Cuba constituía o principal mercado de escravos Zambezianos (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 8).

Com a consolidação da Conferência de Berlim (1884/1885), Portugal se viu forçada a realizar efetivamente a ocupação do território de Moçambique, em meio a tensões e lutas de resistências dos moçambicanos, “com destaque para as resistências chefiadas por *Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataka*” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 9).

António Enes, então comissário régio para Moçambique, em 1891, defendeu a necessidade de mudanças no sistema de administração, insistindo com a proposta de descentralização: António Enes defendia que ‘é em Moçambique que Moçambique deve ser governado’ (Nhapulo, 2018, p. 36).

Destaca-se que, na prática, o chamado processo de pacificação de Moçambique ocorreu no século XX. Provocado pela opressão secular que o povo moçambicano viveu, este, por meio de armas, efetiva uma luta por sua independência, tendo como protagonista a FRELIMO, fundada em 1962, com a fusão de 3 movimentos: “UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU (*Mozambique African National Union* – União Nacional Africana de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente)” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 9).

---

<sup>49</sup> “A palavra prazo surge no século XVII em Portugal. Assim, chamava-se prazo a uma superfície de terra cedida pela coroa portuguesa a um indivíduo, neste caso, prazeiro, por um período de três gerações (pai, filho e neto). Esta superfície de terra teria como regra cinco léguas quadradas. Cabia ao vice-rei português da Índia a concessão das terras em nome do rei de Portugal e as terras eram confirmadas em Lisboa” (Nhapulo, 2018, p. 20).

Liderado por Eduardo Chivambo Mondlane, a FRELIMO inicia a luta de libertação nacional, em 25 de setembro de 1964, no posto administrativo de Chai, Província de Cabo Delgado, no Norte do país (Embaixada de Moçambique, 2011).

A nova República e o novo governo saídos da luta armada assumiam, assim, a tarefa de dirigir uma nação em escombros, caracterizada pela saída de técnicos e sabotagens generalizadas. O novo Estado adoptou uma política de orientação socialista-marxista e ao nível externo a política de não-alinhamento. Ao nível regional, isto é, na África Austral, faz parte dos países da Linha da Frente (Nhapulo, 2018, p. 40).

Eduardo Mondlane foi o primeiro presidente da FRELIMO, falecendo assassinado em 3 de fevereiro de 1969, por meio da explosão de uma carta-bomba endereçada a ele (Vaz de Almada, 2014). Sucedeu seu posto Samora Moisés Machel, liderança importante de Moçambique, por proclamar a independência do país, em 25 de junho de 1975. Sua morte, em um acidente aéreo, ainda pouco esclarecida, ocorreu em M'buzini, na vizinha África do Sul.

No dia 19 de Outubro, na viagem de regresso, o avião, de marca Tupolev 134, de fabrico russo, onde seguiam 44 pessoas, muitas delas colaboradoras próximas do Presidente, despenhou-se em Mbuzini, nos montes Libombos, na África de Sul, a 60 quilómetros da fronteira de Moçambique. Com Samora morreram mais 34 pessoas, entre vários ministros e outros colaboradores (Vaz de Almada, 2014, p. 28).

Sucedido por Joaquim Alberto Chissano, que conduziu o processo de restabelecimento da paz em Moçambique (Embaixada de Moçambique, 2011). “A partir do início dos anos 1980, o País viveu em um conflito armado dirigido pela RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), apoiada pelo regime sul-africano do Apartheid” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 10). O conflito que causou enormes danos físicos, econômicos e sociais ao país, é cessado em 1992, com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz entre a FRELIMO e a RENAMO.

Em 1994, Moçambique realiza suas primeiras eleições multipartidárias ganhas pela FRELIMO, que permanece, ainda hoje, no poder (Embaixada de Moçambique, 2011).

Segundo Sabino Tobana Intanquê (2016), os dez (10) maiores grupos étnicos de Moçambique de origem bantus e as suas ocupações territoriais são:

Os Suailes, que ocupavam uma faixa do litoral começando do Rovuma até Angoche (ex-Antônio Enes);  
Os Maraves, que ocupavam a região de Tete e a região de Milange-Focuané e uma área de margem leste de lago Niassa (Província de Niassa) estes eram constituídos por dois (2) subgrupos e treze (13) etnias;

Os Macuas-Lomés, que ocupavam a região entre rios Lugenda e a linha férrea Morrumbala-Quelimane com dois (2) subgrupos e duas (2) etnias. Os Chopes, que ocupavam a região de Inhambane com três (3) etnias;  
 Os Chonas, habitavam em Manica e Sofala tinham um (1) subgrupo e quinze (15) etnias;  
 Os Tsongas, viviam na região sul do rio Save com onze (11) etnias;  
 Os Angunes, grupo étnico que vivia espalhado, ocupava uns pequenos núcleos em Maputo (ex-Lourenço Marques), na região de Xai-Xai (ex-João Belo), na província de Tete e Cabo Delgado formaram cerca de oito (8) grupos étnicos;  
 Os Yaos, se espalharam ao norte do rio Lugenda;  
 Os Macondes, viviam na região norte do rio Massalo e a leste de Ngomono, tinham cinco (5) grupos e, por último, os povos que viviam no baixo Zambeze. ao longo do rio Zambeze e estas zonas se situavam no interior das terras moçambicanas (Intanquê, 2016, p. 28).

Nessa perspectiva, destaca-se como maior número de etnias os Chonas, que habitavam nas Províncias<sup>50</sup> de Manica e Sofala, centro do país, tendo um subgrupo e 15 etnias. A Província de Manica, que tem sua capital Chimoio, faz parte do território global onde foi realizado o referido estudo.

No entanto, os sujeitos que responderam às “cartas pedagógicas” e participaram das entrevistas semiestruturadas residem no Posto Administrativo de Amatongas, Amatongas Sede, Distrito de Gondola. Eles estão vinculados à ESCSC-Amatongas, a 46 km de Chimoio – capital da Província de Manica – e a 167 km de Beira – capital da Província de Sofala – que é a segunda maior cidade do país.

Olavo Alberto Deniasse, de nome familiar Chekwa (2020 *apud* Governo da Província de Manica, 2017), destaca que:

A Província de Manica, com cerca de 61.661km<sup>2</sup> de superfície, localiza-se na região central de Moçambique. É atravessada por importantes infra-estruturas socio econômicas, tais como: a estrada nacional (N1), Corredor da Beira (N6, linha férrea, oleoduto Beira-Zimbabwe, linha de alta tensão Manica-Beira e Manica-Mutare), Corredor de Tete (N7 e linha de alta tensão Tete-República da África do Sul). É limitada, a Norte, pela Província de Tete, a Sul, pelas Províncias de Gaza e Inhambane, a Leste, pela Província de Sofala e a Oeste, pela República do Zimbabwe (Deniasse, 2020, p. 28).

Manica é uma região com um clima tropical modificado pela altitude com chuvas abundantes, principalmente na sua faixa central, coberta pelos distritos de Bárúè, Chimoio, Gondola, Vanduzi, Macate, Sussundenga e Mossurize. Os seus principais rios são Púngue, Búzi, Revuè, Lucite, Mussapa, Inhazónia, Caerezi e os Rios Luenha, Zambeze, que limitam a Província de Manica, a Província de Tete e o Rio Save, que separa a Província de Manica da de Gaza. A Província de Manica pode ser acessada pela rodovia Estrada Nacional 6 (N6) e ferrovia Beira-Zimbabwe.

<sup>50</sup> Equivalente aos estados, no Brasil.

Igualmente, pode-se alcançá-la pela rodovia Manica-Tete (N7), ou por via aérea, pelo aeroporto de Chimoio (Deniasse, 2022).

No Censo de 2017, segundo o site<sup>51</sup> do governo de Moçambique, a população moçambicana é da ordem de 27.909.798, sendo 13.348.446 homens e 14.561.352 mulheres. Residem na Província de Manica, onde ocorreu a pesquisa, 1.945.994 pessoas, sendo 931.641 homens e 1.014.353 mulheres.

Com 12 distritos, seus principais grupos etnolinguísticos são Ximanyica, Xiutewe, Xibáru e Xindau. A Província possui fortes laços etnolinguísticos e culturais com os Shonas, pelas suas ligações histórico-geográficas com o Império de Mwenemotapa (Deniasse, 2022).

No aspecto cultural, Moçambique se destaca no campo da arquitetura, pintura, música, literatura e poesia. Tendo nomes como Malangatana, Chichorro, Mia Couto, José Craveirinha, Paulina Chiziane, dentre outros, reconhecidos internacionalmente.

Como assevera Telésfero Nhapulo (2018):

O movimento artístico e literário esteve sempre presente no processo de construção e edificação da nação moçambicana. Figuras como Rui de Noronha, Noémia de Sousa, José Craveirinha, João Dias, Calane de Silva, Rui Nogar, Malangatana Valente, Chichorro, Alberto Chissano, Renata Sandimba, Mia Couto, Fani Fumo, Alexandre Langa, Ungulani Ba Ka Kossa, José Mucavele, Zaida Chongo, Paulina Chiziane e outros com obras no campo da escrita, da arte e da música fizeram a convergência entre as suas actividades artísticas e literárias e a política no âmbito da construção do sonho de Moçambique livre e próspero (Nhapulo, 2018, p. 46).

Moçambique é um território vasto e nele habitam populações pertencentes a diferentes grupos étnico-linguísticos, com hábitos e costumes distintos (Nhapulo 2018): “No Norte de Moçambique, na província de Cabo Delgado temos o grupo étnico linguístico dos Macondes. Os Macondes ficaram conhecidos pela sua resistência ao colonialismo português” (Nhapulo, 2018, p. 38). Seus artesanatos, com destaque às esculturas de pau-preto, revelam grande beleza e moçambicanidade (Embaixada de Moçambique, 2011).

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/index.php/por/Mocambique/Populacao>. Acesso: 29 jun. 2023.



**Figura 8 – Esculturas Maconde**



Fonte: o autor (2023).

Na perspectiva linguística, no país, ressalta-se que a língua oficial é o português. No entanto, destaca-se a diversidade das línguas. Para as pessoas que vivem nas comunidades, esses idiomas nacionais se consolidam como línguas maternas<sup>52</sup>, sendo, dessa forma, as mais utilizadas naquele território (Embaixada de Moçambique, 2011).

Como a etnia mais expressiva é o bantus, as línguas nacionais são todas de origem bantu, sendo as principais: “Cicopi, Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cisenga, Cishona, Ciyao, Echuwabo, Ekoti, Elomwe, Gitonga, Maconde (ou Shimakonde), Kimwani, Macua (ou Emakhuwa), Memane, Suaíli (ou Kiswahili), Suazi (ou Siwazi), Xichangana, Xironga, Sitswa e Zulu (ou Sizulu)” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 5).

No que tange ao turismo, Moçambique se destaca por suas belas paisagens naturais e ecológicas. Sua costa, voltada para o Oceano Índico, é rica em praias, com uma vasta diversidade marinha. Destaca-se, ao longo da costa: “Pemba, Ilha de Moçambique, Fernão Veloso, Chocas, VilanKulo, Tofo, Morrungulo, Inhassorro, Inhambane, Bazaruto, Zongoene, Xai-Xai, Bilene, Marracuene, Inhaca, Ponta de Ouro e Ponta Malongane” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 5).

<sup>52</sup> Instituída em 1999 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o dia Internacional da Língua Materna é Comemorado em 21 de fevereiro de cada ano, com o objetivo de valorizar e promover a língua materna, num contexto de diversidade linguística, cultural e o plurilinguista nas nações. Em Moçambique, as línguas maternas, particularmente as moçambicanas, desempenham um papel muito importante no processo de ensino e aprendizagem e refletem igualmente os valores culturais e as crenças do nosso povo. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Imprensa/Noticias/Mocambique-assinala-Dia-Internacional-da-Lingua-Materna>. Acesso: 29 jun. 2023.

**Figura 9** – Praias das Províncias de Sofala (Beira), Inhambane (Inhassoro) e Cabo Delgado (Ilha de Moçambique)



Fonte: o autor (2023).

Os parques nacionais, “reservas de Maputo, rica em elefantes, de Marromeu na foz do Zambeze, onde predomina o búfalo, e de Gilé e do Niassa, respectivamente a nordeste de Quelimane e nas margens do rio Rovuma” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 6), são espaços que favorecem uma vivência com a realidade da flora, fauna e animais da vasta e bela savana moçambicana.

Destaca-se o Parque Nacional de Gorongosa<sup>53</sup>, “que já foi um dos melhores da África” (Embaixada de Moçambique, 2011, p. 6). Hoje, o mais importante do país, localizado a aproximadamente 80 km do Posto Administrativo de Amatongas, que está em processo de recuperação em sua fauna, flora e presença de animais, tendo em vista que foi praticamente destruído pela guerra, que assolou essa região no Centro de Moçambique (Embaixada de Moçambique, 2011).

**Figura 10** – Parque Nacional de Gorongosa



Fonte: o autor (2023).

Nesta apresentação de África, Moçambique e Manica, destaca-se sua história de luta, dores e morte de sua gente, pelo julgo colonizador português. Mas, sobretudo, suas vitórias e conquistas ao longo desses anos, alicerçadas por uma força de seu povo plural e diverso, expresso em suas paisagens, culturas, etnias, línguas e

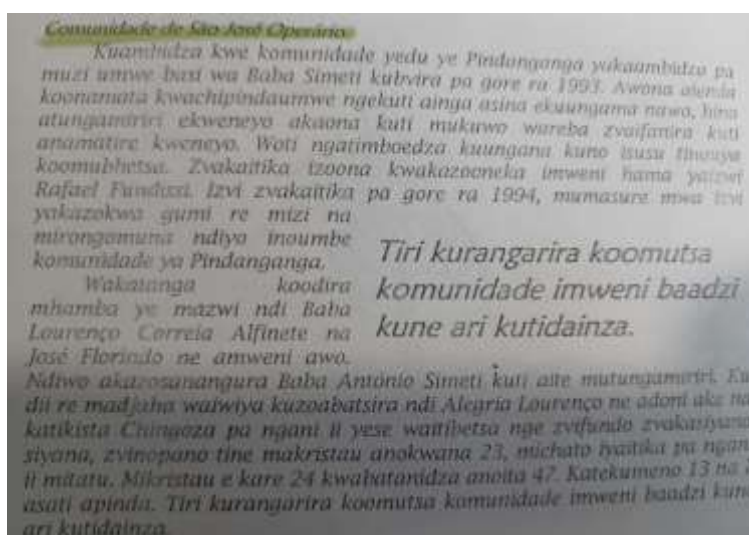
<sup>53</sup> Mais informações, disponível em: <https://gorongosa.org/>. Acesso: 29 jun. 2023.

inúmeras manifestações. Isso revela a resistência e insistência de nunca desistirem e, em meio as “feiras” cotidianas, a busca por construir “bonitezas”. Realidade vivida em nosso *lócus* de pesquisa, a Aldeia de Amatongas.

### 3.3 A ALDEIA DE AMATONGAS: CONHECENDO O TERRITÓRIO DA PESQUISA

Moçambique é um país com muitas “bonitezas”, como destacado acima, a língua oficial é o português de Portugal. No entanto, em suas Províncias, existem várias línguas locais. Na Província de Manica, onde a ESCSC-Amatongas está situada, destaca-se o chiutewe, que os locais chamam apenas chiuté.

**Figura 11** – Texto na língua local (chiuté), sobre a Comunidade de São José Operário



Fonte: PADRES DE GONDOLA. **Em Baixo da Árvore**: História das comunidades cristãs da Paróquia de Maria Imaculada de Amatongas. Amatongas: Impressão própria, 2002.

A existência da multiplicidade de línguas maternas se apresenta como um desafio ao ensino. Os alunos e estudantes, na Aldeia e em suas casas, falam a língua materna e, no ambiente escolar, a língua oficial, ou seja, o português de Portugal. Os professores, durante as aulas, acabam mesclando as línguas para o melhor entendimento e absorção das matérias por estes.

Amatongas é uma comunidade rural (Aldeia) que, nos anos de 1920/30, já existia, animada por meio das Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique, como ilustra o bilhete postal.

**Figura 12** – Bilhete postal ilustrado das décadas de 1920/30, não circulado

Missões Franciscanas, Amatongas, Moçambique



Deixai que os pequeninos venham a mim ... Amatongas - Moçambique.  
Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique - BP n.º 19  
Bilhete postal ilustrado das décadas de 1920/30, não circulado  
Coleção particular João Cristiano Fontes

Fonte: Disponível em: <https://www.postais-antigos.com/mocambique-missoes-missoes-franciscanas-amatongas-mocambique.html>. Acesso: 9 jul. 2023.

Pe. Rogério del Rosário, na obra coletiva *Em Baixo da Árvore: História das comunidades cristãs da Paróquia de Maria Imaculada de Amatongas*, destaca que “a primeira igreja construída pelos Franciscanos foi inaugurada no dia 15 de agosto de 1927. Acabou-se as obras da segunda (atual) em 1970” (Padres de Gondola, 2022, p. 37).

Nessa perspectiva, na referida obra elaborada coletivamente por moradores de Amatongas por ocasião dos 75 anos da existência da Paróquia de Maria Imaculada de Amatongas, sua história pode ser dividida em três etapas: “1ª etapa: 1910-1927 – Início da Missão-Paróquia; 2ª etapa: 1928-1977 – O crescimento e a estabilização e 3ª etapa: 1978-2002 – A vinda das comunidades cristãs” (Padres de Gondola, 2022, p. 7).

A vinda dos missionários Franciscanos deu início à Missão e à Paróquia, começando por dar catequese em um lugar próximo do Rio Metuchira, em 1918, construíram a casa da Missão e abriram um centro internato. A construção da primeira igreja acabou em 1927, dando início às escolas-capelas<sup>54</sup> (Padres de Gondola, 2022).

<sup>54</sup> “Chama-se escola-capela porque as escolas pertenciam à Missão da paróquia. O professor de cada escola era chamado catequista porque isso deu-se o nome de escola-capela. O professor dividia o tempo de ensinar de cada dia. Dava aula, começando às 7h00 até às 10h30. Das 10h30 até meio dia dava doutrina que era parte da catequese. Nos domingos alunos vinham à escola rezar o terço junto com o professor [...]. Missionando algumas escolas da missão de Amatongas, tinha muitas escolas: em Nhambia, Pumhuto, Chipindaumwe, Doeroi, Inchope, Cachão, Paco, Zimpinga, Carvalho (hoje

Atualmente, o Posto Administrativo de Amatongas tem uma população 67.380 habitantes, destes, 35.038 são mulheres e 32.342 são homens.

A Aldeia é cortada pela N6, importante acesso de escoamento de mercadorias de carga para outros países e continentes. Carga proveniente e destinada aos países da região Austral de África, sem acesso direto ao mar. Países como Zimbabwe, Malawi, Zâmbia, e até República Democrática do Congo, usam o Porto da Beira.

A N6 parte da Beira até Machipanda, fronteira com o Zimbabwe, perfazendo uma extensão de aproximadamente 300 quilômetros. Cruza também com outros acessos que fazem a ligação rodoviária com outras Províncias do Centro, Norte e Sul de Moçambique, movimentando diariamente várias centenas de veículos, com destaque a caminhões para escoar alimentos e linhas de transporte intermunicipais de ônibus e chapas<sup>55</sup> para o transporte de pessoas, suas bagagens e compras de gênero alimentício e carvão.

A imagem abaixo ilustra o contexto da N6 na região, via com veículos pesados, que ocasionam graves acidentes de viação<sup>56</sup>.

**Figura 13** – Imagem aérea da Aldeia de Amatongas, cortada pela N6



Fonte: Disponível em <https://www.google.com/maps/@-19.1037679,33.8058127,3220m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT&entry=ttu>. Acesso: 29 jun. 2023

Nhamhonda), Mussunza, Chipanera Mwarewa e Pindanganga. Algumas já são esquecidas porque já foram mudados os nomes das zonas” (Pedro Jone em Padres de Gondola, 2022, p. 34).

<sup>55</sup> Equivale às vans, no Brasil.

<sup>56</sup> No português de Portugal: acontecimento inesperado negativo que ocorre numa rua ou estrada envolvendo uma ou mais viaturas e que provoca danos, prejuízos, feridos ou mortos. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/acidente%20de%20via%C3%A7%C3%A3o>. Acesso: 29 jun. 2023.

Sua economia gira em torno da agricultura de subsistência e familiar, baseada sobretudo na produção de milho. As famílias (homem, mulher/es<sup>57</sup>, filhos e filhas...) trabalham na roça, plantando milho, feijão e hortaliças para a utilização em suas casas. Para a aquisição dos demais alimentos, vendem parte da produção, ocasionando, quando o estoque<sup>58</sup> de milho acaba, um “tempo de fome”, tendo que se alimentar com frutas, sobretudo a manga, ainda sem amadurecer.

**Figura 14** – Milho, base da alimentação da população em Amatongas



Fonte: o autor (2023).

A base da refeição é uma pasta de milho, denominada “chima”, tendo como “carile” (mistura) folhas de hortaliças, com destaque à couve. A alimentação consumida em Moçambique e em Amatongas, de modo particular, tem como base essa pasta de milho, com folha de couve, batata doce, abóbora, além de folhas nascidas no terreno. A utilização de arroz, macarrão, saladas e carnes (boi, porco, frango) se restringe aos momentos de confraternização e/ou celebrações.

**Figura 15** – Chima (pasta de milho) base da alimentação da população de Amatongas



Fonte: o autor (2023).

<sup>57</sup> A poligamia em Moçambique é algo aceito, sobretudo, nas realidades rurais, na ocasião da plantação nas roças (machambas), o homem “adquire” uma nova mulher para, com as demais, trabalhar em sua plantação.

<sup>58</sup> A produção de milho para consumo da família é guardada em silos caseiros, na cozinha da família, acima do fogão de lenha, para que a fumaça mate as pragas do produto.

Nas casas da população local, sempre tem machambas (hortas) de couves e outras hortaliças. Assim como também as há no internato masculino e feminino da ESCSC-Amatongas.

**Figura 16** – Machamba (horta) do Lar Masculino e Feminino da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

Como não há fogão a gás para a população de um modo geral, pela questão financeira, a alimentação é feita em fogão a lenha ou carvão, ocasionando, inclusive, um desmatamento excessivo nas matas da região, realidade refletida localmente e por grupos de ativistas ecológicos nacionais e de outros países, por meio de uma atuação educativa, voltada às práticas das populações locais, em suas comunidades.

**Figura 17** – Mulher de Amatongas, com lenha para fazer fogo e alimentar a família



Fonte: o autor (2023).

A realidade é de extrema pobreza: a grande maioria de seus moradores fazem apenas uma única refeição diária; dormem no chão, em esteiras; as casas (pequenos cômodos) são de tijolo cru (pau-a-pique), sem energia elétrica, água encanada ou fogão a gás. As famílias, para adquirirem água para banho, cozinhar suas refeições e beber, buscam em um poço artesiano comunitário, onde culturalmente as mulheres e as crianças retiram água para as suas necessidades.

Uma realidade paradoxal, com uma perspectiva cheia de “bonitezas”, que revela uma dimensão comunitária importante, já que, junto com buscar a água, vínculos comunitários são fortalecidos, por meio de um processo dialógico e relacional. No entanto, de “feiura”, pelo sofrimento dos “pesos”, sobretudo a cargo de mulheres e crianças, em seus corpos de botijas<sup>59</sup> de, em média, 20 litros de água, que traduzem a dura realidade socioeconômica na qual vivem as pessoas nas comunidades locais no país.

**Figura 18** – Poço comunitário na Aldeia de Amatongas - sede



Fonte: Acervo pessoal de Vanessa Cristina da Fonseca Gonçalves (2017)

Identifica-se, nessa realidade, inúmeras questões sociais: alto índice de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), especialmente a síndrome da imunodeficiência adquirida – *acquired immunodeficiency syndrome* (AIDS) e de doenças tropicais, sobretudo a malária; consumo intenso de álcool e outras drogas; casamentos prematuros; gravidez precoce; orfandade; extermínio da população albina; tráfico de órgãos para a “magia negra” e comércio; violência física, psíquica e sexual contra as jovens.

Frente aos conflitos que tanto têm contribuído para o subdesenvolvimento de Moçambique, as questões socioeconômicas e sanitárias, com destaque para doenças endêmicas, contribuem para a morte de muitas pessoas.

Como assevera Erudito Malote; Graziela Tembe; Remane Selimane (2013, p. 173):

Não por acaso, a principal agenda dos governos africanos na actualidade é o combate à pobreza, o qual inclui o combate à fome, o acesso a água potável, a cuidados de saúde e educação. O objectivo é a redução das mortes por malária, HIV/SIDA, doenças diarreicas e outras epidemias.

Os efeitos da fome, da malária e da AIDS são agravados pelo fraco acesso às políticas sociais (saúde, educação, saneamento, dentre outras), que afetam o

<sup>59</sup> Refere-se aos galões de água, no Brasil.



continente, de modo geral e o país, em particular. Esses inúmeros e graves problemas sociais não devem continuar a ser uma sentença de morte para os africanos e africanas. Pelo contrário, deve-se buscar mecanismos políticos para sua superação, alicerçados na concretização de transformações sociais em África (Malote; Tembe; Selimane, 2013).

### 3.4 A ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE AMATONGAS/MOÇAMBIQUE

Na introdução do documento *Regulamento do Ensino Secundário* da ESCSC-Amatongas, destaca-se:

A escola ocupa um espaço fundamental na definição da criança enquanto ser social. O convívio com outras pessoas da mesma faixa etária, que passam pela mesma fase de aprendizados e descobertas, é determinante para a formação completa do indivíduo (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 1).

Aspecto também destacado como princípio da referida Escola, em seu *Regulamento Interno*:

O nosso maior interesse é a criança que deve ser educada e ajudada a crescer como pessoa humana e espiritual. Sendo uma instituição religiosa, não temos fins lucrativos, por isso, damos prioridade as crianças mais necessitadas do nosso meio. Acolhemo-las em maior número e protegemo-las segundo as nossas possibilidades. Para garantir a educação e formação humana da criança, procuramos e exigimos a colaboração dos pais no processo educativo e nos esforçamos na ligação escola comunidade. A escola cinge-se nos seguintes valores: o espírito de família, o respeito, a abertura, a solidariedade, e a compaixão (Regulamento Interno da Escola, 2023, p. 1).

Em ambos os documentos, identifica-se a ênfase na formação integral dos alunos e estudantes, por meio de uma educação intelectual, moral, espiritual, humana e social (Regulamento Interno da Escola, 2023).

É nesse chão de dores e alegrias, no país de Moçambique, costa oriental da África Austral, que se deseja apresentar a sistematização de experiência (Jara, 2006), realizada na ESCSC-Amatongas, um espaço educacional que, há 12 anos, visa emancipar e transformar a realidade social de crianças, adolescentes e jovens moçambicanas. Com destaque às jovens, oportunizando a elas uma educação de qualidade, para que não reproduzam o contexto cultural, que materializa uma relação inferior para a mulher, focada, principalmente, na preparação para ser mãe e esposa.

**Figura 19** – Vista aérea da ESCSC-Amatongas



Fonte: Acervo pessoal de Matthew T. Adler (2016), disponibilizada ao autor (2023) por mensagem durante a realização da pesquisa.

Um processo educacional transformador, ligado ao Instituto dos IRSC, congregação religiosa, fundada em Lyon, França, em 30 de setembro de 1821, por Pe. André Coindre, que tem como ação fundamental a educação de crianças, adolescentes e jovens em escolas próprias ou em parceria; em Centros Sociais, que acolhem crianças e adolescentes em vulnerabilidade biopsicossocial e na atuação eclesial. Somam-se 841 Irmãos<sup>60</sup>, com 143 unidades, atuando em 32 países, nos cinco continentes, juntamente com colaboradores leigos.

Em junho de 2010, o coordenador geral, juntamente com sua equipe, residentes em Roma/Itália, aceitou o convite de Dom Francisco Silota, Bispo Emérito da Diocese de Chimoio, Província situada na região Central de Moçambique, para que os Irmãos assumissem a direção da Escola de Amatongas, atual ESCSC-Amatongas.

O edifício, que antes era uma Missão dos Frades Franciscanos de Portugal, foi tomado pelo governo de Moçambique por ocasião das nacionalizações, pelas quais o governo comunista confiscou toda as propriedades da Igreja, incluindo as escolas.

---

<sup>60</sup> Annuaire de l'institut des frères du sacré-cœur 2022-2023, nº 117, maison générale, piazza del sacro cuore- Roma/Itália.

**Figura 20** – Fachadas do Centro Educacional de Amatongas na chegada dos irmãos, em Amatongas - sede



Fonte: Disponível em: <http://milesformoz.weebly.com/about.html>. Acesso: 29 jun. 2023.

Em fevereiro de 2011, quatro Irmãos do Sagrado Coração, provenientes de quatro países distintos (Brasil, Espanha, Estados Unidos e Zimbábwe), chegaram à Aldeia de Amatongas para adaptar-se ao meio e começar as reparações da escola e residência.

Em 2012, os Irmãos assumiram a direção e administração da ESCSC-Amatongas. A partir desse momento, a escola mudou sua característica física e pedagógica. Passando por uma grande reforma para melhor acolher os alunos e estudantes da comunidade de Amatongas e outros territórios, oportunizando a estes uma educação de qualidade em suas estruturas.

**Figura 21** – Fachada da ESCSC-Amatongas em Amatongas - sede



Fonte: o autor (2023).

O *Regulamento do Ensino Secundário*, no capítulo II (Das instituições de ensino), assevera que:

1. A Escola do ESG<sup>61</sup> é uma instituição de carácter social, com fins educativos, sob tutela do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano.
2. São escolas do ESG as que leccionam o 1º e/ou o 2º Ciclos.
3. Entende-se por 1º Ciclo do ESG o nível compreendido pelas 8ª, 9ª e 10ª Classes e por 2º Ciclo, o nível compreendido pelas 11ª e 12ª Classes (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 1).

Que tem como objetivos:

Consolidar, ampliar e aprofundar as capacidades e conhecimentos dos alunos nas ciências matemáticas, naturais e sociais e nas áreas de cultura, estética e educação física;  
Aperfeiçoar as faculdades intelectuais dos alunos;  
Formar e enriquecer o carácter, as virtudes morais e físicas;  
Desenvolver o espírito e a consciência patriótica (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 1).

Objetivos, a nosso ver, extremamente rígidos, ancorados em uma educação que visa, ao menos no referido documento, desenvolver o “respeito” pela nação moçambicana. Realidade presente no artigo 5º (Identificação e Símbolos da Escola):

1. Cada escola identifica-se através de um nome e ostenta, num lugar destacado, os seguintes símbolos nacionais: a) Bandeira da República de Moçambique; b) Emblema Nacional; c) Retrato do Presidente da República de Moçambique. 2. Constituem também identificação da escola o carimbo e o selo branco (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 2).

Há uma permissão para que a escola tenha e adote símbolos próprios – hino, emblema e lema. No entanto, que respeite estritamente a Constituição da República e a Lei do Sistema Nacional de Educação (Regulamento do Ensino Secundário, 2023). Dessa forma, demonstra uma postura pautada em um processo enrijecido e, em certa parte, antidialógico.

Atualmente, a ESCSC-Amatongas é classificada como A, funcionando com os seguintes requisitos, segundo o *Regulamento do Ensino Secundário*:

Bloco administrativo com secretaria e gabinetes para a Direcção da Escola; salas de aulas com carteiras, secretaria e cadeira para o professor e quadro preto e armário; biblioteca (s); laboratórios de Física, Química e Biologia; sala de Desenho com equipamento adequado; sala de Informática; sala de professores; ginásio; gabinete para as disciplinas e núcleos estudantis; sala para posto médico; campo de jogos; cantina; balneários e casa de banho (masculino e feminino, para alunos e professores, em separado); anfiteatro;

---

<sup>61</sup> No artigo 2 (Âmbito de Aplicação), refere-se: 1) Às escolas Secundárias Públicas. 2) Às escolas Secundárias do ensino Particular, no que não for contrário ao seu regime jurídico (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 1).

salão (projecção de filmes, teatros, espectáculos, etc.) e terreno anexo para recreio (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 3).

Para tal, a ESCSC-Amatongas possui uma ampla sala de informática, com 32 computadores, todos com acesso à internet, bem como projetor para aulas de Tecnologia da Informação e Comunicação Social (TIC's) e outras; laboratório de Física, Biologia e Química; biblioteca, com um grande acervo de livros didáticos das três editoras autorizadas pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) e livros de literatura, gramática, dicionários e outros. Os alunos e estudantes podem fazer pesquisas e ampliar o conhecimento adquirido em sala de aula.

A escola dispõe de, pelo menos, um livro escolar para cada carteira, em todas as aulas, ou seja, dois alunos ou estudantes possuem acesso ao livro didático juntos, durante a aula, permitindo e facilitando suas aprendizagens. Realidade ímpar no contexto educacional em Moçambique.

**Figura 22** – Sala de estudo e biblioteca da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

A ESCSC-Amatongas acolhe, atualmente, 1.309 alunos e estudantes, destes, 479 alunos e estudantes em dois turnos (manhã e tarde). No 1º Ciclo (7ª, 8ª, 9ª e 10ª classes), totalizam 848 alunos, sendo 306 alunas; e, no 2º Ciclo (11ª e 12ª classes), 461 estudantes, sendo 173 estudantes mulheres; com 29 turmas, 17 turmas no 1º Ciclo e 12 turmas no 2º Ciclo; cada turma tem em média 50 alunos e estudantes. O 2º Ciclo (11ª e 12ª classes) é dividido em três seções (Letras, Ciências com Geografia, Ciências com Biologia e Ciências com Desenho) e os estudantes escolhem quais querem cursar.

No artigo 10 do *Regulamento do Ensino Secundário*, no tocante ao uniforme escolar, alínea 1, assevera: “1. As escolas do ESG devem adoptar um uniforme

escolar estabelecido pelo respectivo regulamento interno” (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 4). Com uma perspectiva social nesse artigo, quando enfaticamente afirma no número 4: “Em nenhum momento, o aluno comprovadamente carente é proibido de frequentar as aulas por falta de uniforme” (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 4).

Na ESCSC-Amatongas, optou-se, como destaca o artigo 18 (Uniforme), pelo uso de uma camiseta vermelha para os rapazes e as raparigas<sup>62</sup>, com o timbre da escola e calça preta para os rapazes e saia longa preta para as raparigas, com uma proibição ao uso de saias curtas ou calças rasgadas (Regulamento Interno da Escola, 2023).

A escola é composta por um diretor geral; um diretor adjunto pedagógico<sup>63</sup>; um financeiro; 35 professores/as, sendo 27 professores e oito professoras; e cinco agentes de serviço, um masculino e quatro femininas. Isso para oportunizar aos alunos e estudantes uma formação integral, que visa colaborar na mudança de suas realidades sociais, bem como de seus familiares e da comunidade local.

Ao olhar a realidade local, dado o desafio posto, e identificar, igualmente, toda a dedicação e empenho da direção, dos/as professores/as e, sobretudo, dos /as alunos/as e estudantes da ESCSC-Amatongas, percebe-se o papel fundante desse estabelecimento de ensino para a transformação das vidas de seus alunos/as e estudantes. Tendo em vista que, ao empoderar-se do saber, emancipam-se e vislumbram outras possibilidades.

A ESCSC-Amatongas possui dois internatos com 145 jovens internos e internas, sendo um masculino, com um total de 101 internos; e outro feminino, com 44 internas. Em torno de 50 jovens internos e internas são órfãos, e recebem bolsas de estudos de famílias e pessoas voluntárias dos Estados Unidos da América, Espanha e Brasil, para o acesso à educação e estadia na ESCSC-Amatongas e Internato São Quisito.

Salienta-se que, no Brasil, o Colégio Cristo Rei em Marília/SP, estabelecimento de ensino vinculado ao Instituto dos IRSC, mantenedor da ESCSC-Amatongas, realiza um projeto nominado Projeto Florescer<sup>64</sup>, com jovens estudantes marilienses, que

---

<sup>62</sup> Refere-se às jovens moças, no Brasil.

<sup>63</sup> Refere-se ao vice-diretor, no Brasil.

<sup>64</sup> Mais informações, disponível em: <https://www.facebook.com/projetoflorescerJCR>. Acesso: 9 jul. de 2023.

realizam ações que financiam estudos para as jovens moçambicanas, contribuindo com a diminuição do ciclo de submissão das mulheres ao não acesso à educação.

Além do financiamento, os estudantes vinculados ao Projeto Florescer efetivam conexões e intercâmbios virtuais com as jovens moçambicanas. Preocupa-se que essa ação seja humanizadora e transformadora, tanto para os estudantes do Colégio Cristo Rei, quanto às alunas bolsistas da ESCSC-Amatongas.

Os demais alunos e estudantes da ESCSC-Amatongas residem nas comunidades locais, que rodeiam o Posto Administrativo de Amatongas e em outros distritos, cidades e Províncias do país.

Os que não tem residências nas localidades que circundam a escola e não residem nos internatos, alugam pequenos cômodos em casas da localidade da referida escola, para ter acesso à educação. Há grande procura de jovens moçambicanos pelo estudo nessa instituição, seja pela seriedade de sua gestão e professores/as, pelo material pedagógico, e ainda pelo sucesso no desempenho educacional de seus/as alunos/as e estudantes.

Grande parte de seus/as alunos/as e estudantes caminham cerca de 5 horas diárias para estudar ou vêm à escola de bicicleta, uma rotina que contribui significativamente para a evasão escolar, aspecto que assola o país. Por isso, destaca-se a necessidade do internato para alunos/as e estudantes que residem distante ou são de outras localidades e Províncias. Saliencia-se que essa realidade de internatos em escolas (públicas, comunitárias e particulares) é uma constante em Moçambique.

**Figura 23** – Bicicleta - transporte de locomoção de aluno da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

A procura dos pais e encarregados de educação por um internato em uma instituição católica se dá devido às suas características de seriedade, e pelos aspectos educacionais e disciplinares. No caso do lar masculino e feminino da ESCSC-Amatongas, nominado de São Quisito, há uma grande procura, sempre com lista de espera.

Mediante o arcabouço apresentado neste capítulo, fez-se necessário analisar as “cartas pedagógicas” encaminhadas em setembro de 2022 à Direção; professores/as; pais e encarregados/as de educação e estudantes vinculados à ESCSC-Amatongas, em consonância com as entrevistas semiestruturadas realizadas na pesquisa de campo no mês de setembro de 2023.

Nesta pesquisa, participaram com as “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas 22 indivíduos vinculados à ESCSC-Amatongas. Nessa perspectiva, almeja-se analisar, por meio de “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território, por meio da metodologia de sistematização de experiência (Jara, 2006) nesse recinto educacional, identificando limites e possibilidades.



## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DAS RELAÇÕES DA ESCSC-AMATONGAS COM A COMUNIDADE DE AMATONGAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Não é no silêncio que os homens (e as  
mulheres – grifo nosso) se fazem, mas na  
palavra, no trabalho, na ação-reflexão.  
(Paulo Freire)

O referido capítulo apresenta o processo da pesquisa de campo desenvolvida em *lócus*, em setembro de 2023. Inicialmente, são analisadas as “cartas pedagógicas”, recebidas em outubro de 2022. Posteriormente, as entrevistas semiestruturadas feitas em setembro de 2023, por meio das categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, bem como as conexões desta com seu território.

Por fim, é feita a reflexão-síntese, que sinaliza elementos de conexão e contradição presentes nas correspondências e diálogos na ESCSC-Amatongas, como mecanismo de emancipação do sujeito e transformação do *lócus* social e comunitário de Amatongas.

A referida análise ocorreu após a pesquisa de campo, que contou com a realização de uma entrevista semiestruturada entre o pesquisador e os remetentes das “cartas pedagógicas”, na ESCSC-Amatongas, em Amatongas/Moçambique.

Foram realizadas 22 entrevistas semiestruturadas individuais e em duplas com a direção, professores/as, pais e encarregados de educação e estudantes da escola, que responderam às “cartas pedagógicas”, na fase inicial da pesquisa. A entrevista semiestruturada foi realizada por meio das categorias: educação, escola e comunidade. Por fim, perguntou-se sobre as conexões da ESCSC-Amatongas, com seu território.

Após a referida análise desse processo dialógico, iniciado pelas “cartas pedagógicas” e respaldado por meio das entrevistas semiestruturadas, redigiu-se, como considerações finais, uma “carta pedagógica” à Paulo Freire, abordando as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas.

Revelando as “feiuras” e “bonitezas” dessa travessia, tendo como inspiração a metodologia de sistematização de experiência (Jara, 2006), nessa escola comunitária

em Moçambique/África, ancorado na educação libertadora de Paulo Freire, que enfatiza a emancipação do sujeito e a transformação do *lócus* social e comunitário.

#### 4.1 ANÁLISE DOS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO, ESCOLA E AS CONEXÕES DA ESCSC-AMATONGAS COM A COMUNIDADE DE AMATONGAS PRESENTES NAS “CARTAS PEDAGÓGICAS”

As “cartas pedagógicas” encaminhadas para os destinatários da pesquisa vinculados à ESCSC-Amatongas demonstraram análises diversas dos conceitos de educação, escola e as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade local, por meio da educação libertadora de Paulo Freire.

Das 52 correspondências enviadas, 40 delas retornaram respondidas ao Brasil<sup>65</sup>. No entanto, optou-se em analisar apenas 22 cartas, tendo em vista que, na pesquisa de campo, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com os destinatários dessas correspondências, buscando, por meio de um processo dialógico, corroborar ou não as ideias apresentadas nestas. Como assevera Franciela Clara Peloso (2009), na opção de trabalhar com essa metodologia, em sua dissertação:

A opção por cartas ocorreu inspirada pelo próprio Freire. Ele considerava as cartas mais comunicativas do que a forma tradicional de ensaios, pois nelas era possível desfrutar da espontaneidade, mostrando além do pensamento, a personalidade de quem as escrevia (Peloso, 2009, p. 24).

Corroboramos a opção defendida por Peloso (2009), por acreditarmos que as “cartas pedagógicas” são escritas encharcadas pela personalidade de quem a redige, de modo que agregam seus sentimentos em relação às pessoas e à sociedade, sua inteireza humanizada e humanizante, na relação com toda a comunidade planetária.

Assim, para melhor explorar essas inúmeras leituras-corpos, com suas respectivas particularidades, nuances e sentimentos, dividiu-se as respostas nas categorias: educação, escola e as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas.

---

<sup>65</sup> O pesquisador enviou as “cartas pedagógicas” via WhatsApp para o diretor pedagógico da ESCSC-Amatongas e este as imprimiu, nominou, envelopou e entregou aos/às destinatários/as. Em data assinalada na correspondência, recebeu-as e as empacotou. Como iria fazer um curso em Barcelona/Espanha, que teriam brasileiros, as entregou a um deles e este entregou ao pesquisador. As correspondências passaram por muitas mãos e muitos lugares, até chegarem em Ponta Grossa/Paraná/Brasil, em outubro de 2022.

Nas entrevistas semiestruturadas, agregou-se a categoria comunidade. Nas correspondências, havia muitas ênfases no “inacabamento” e “incompletude” do aluno no processo de ensino-aprendizagem, em uma “ligação escola-comunidade”<sup>66</sup>. Princípios de Paulo Freire que se fundem à educação libertadora, como processo permanente dos seres humanos.

Freire (1996) insistiu que os seres humanos se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Nesse viés, é possível afirmar que a inconclusão gerou a educabilidade e a possibilidade de que o ser humano se torne consciente e se insira na constante busca do ser mais (Peloso, 2009, p. 120).

A educação é uma ação ativa e nunca passiva. É gente que forma e ensina a outra gente, nesse movimento que produz “gentetude”. É a pessoa que recebe a formação e o ensino de outra pessoa, cada uma nas suas responsabilidades. Nessa perspectiva, toda ação de formar e todo o ato de ensinar deve ser humanizado e humanizante, visando uma pessoa bem formada, bem instruída e com valores (Mazula, 2013).

Neste sentido, eis as percepções dos destinatários (professores/as, pai e encarregados de educação e estudantes) sobre a educação, em forma de quadro ilustrativo:

**Quadro 4** – Parecer de “cartas pedagógicas” aos/as professores/as, encarregados de educação e estudantes da ESCSC-Amatongas

(continua)

PARTICIPANTE		EDUCAÇÃO	ESCOLA	CONEXÃO ESCSC
<b>Professores</b>				
1	Diretor	Humanização Valores	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”
2	Professor de Francês	Humanização Valores	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola- comunidade (Conselho da Escola)
3	Professor de Química	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para Vinculação numa sociedade	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”

Fonte: o autor (2023).

<sup>66</sup> Termo utilizado no processo educacional em Moçambique que vincula a escola e a comunidade.

**Quadro 4 – Parecer de “cartas pedagógicas” aos/as professores/as, encarregados de educação e estudantes da ESCSC-Amatongas**

(continua)

PARTICIPANTE	EDUCAÇÃO	ESCOLA	CONEXÃO ESCSC	
<b>Professores</b>				
4	Professor de Educação Física	Humanização Valores	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”
5	Professor de Biologia	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para Vinculação numa sociedade	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”
6	Professor de Filosofia	Humanização Valores	Espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para Vinculação numa sociedade	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
7	Professor de Matemática 1	Vincula: conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
8	Professor de Inglês 1	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
9	Professora de Matemática	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
10	Professor de Educação Visual e Desenho Geométrico	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
11	Professora de Português	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
12	Professor de Geografia	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
13	Professor de Matemática 2	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
14	Professor de Português	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)

Fonte: o autor (2023).

**Quadro 4 – Parecer de “cartas pedagógicas” aos/as professores/as, encarregados de educação e estudantes da ESCSC-Amatongas**

(conclusão)

PARTICIPANTE		EDUCAÇÃO	ESCOLA	CONEXÃO ESCSC
15	Professor de Inglês 2	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
16	Secretário	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
17	Atendente da Biblioteca	Humanização Valores	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
<b>Pais e encarregados de educação</b>				
18	Encarregada de educação	Humanização Valores	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
19	Encarregado de educação 1	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Atender o processo de ensino-aprendizagem	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”
20	Encarregado de educação 2	Conhecimento científico	Espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para Vinculação numa sociedade	Ligação/relação escola-comunidade (Conselho da Escola)
<b>Estudantes</b>				
21	A estudante	Humanização Valores	Espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para Vinculação numa sociedade	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”
22	O estudante	Vincular conhecimento científico, empírico, saber ser e estar	Formação integral (cultural, social e cognitivo)	Formação do jovem local Apoio social, “um lar”, “uma casa para todos nós”

Fonte: o autor (2023).

Inicialmente, os correspondentes identificaram a educação *como processo de vinculação dos aspectos do conhecimento científico, empírico, relacional (saber ser e estar)*, esse entendimento foi apresentado com maior ênfase nas correspondências, no entanto, optamos em apresentar apenas alguns trechos dos escritos recebidos, com as fotos de sua escrita e transcrição do texto apresentado como citação, em seguida das figuras.

**Figura 24** – Trecho de carta pedagógica 4 (professor de química)

Olhando para Educação e colhendo um pouco aquilo que são os pensamentos de Paulo-Freire e do meu próprio entender, direi que a Educação é um processo que vincula o conhecimento científico, o empírico e o saber ser, estar das pessoas, de modo a se inserir de forma condigna na sociedade. Portanto, não é apenas nos estabelecimentos de ensino que as pessoas podem ter a educação, porque ela pode ser sistemática que olho como sendo aquela adquirida nas Escolas, ou não sistemática que vejo como sendo aquela que adquirimos no dia-a-dia, nas nossas convivências até mesmo no domicílio.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Olhando para Educação e colhendo um pouco aquilo do que são os pensamentos de Paulo Freire e do meu próprio entender, direi que a Educação é um processo que vincula o conhecimento científico, o empírico e o saber do ser, estar das pessoas, de modo a se inserir de forma condigna na sociedade. Portanto, não é apenas nos estabelecimentos de ensino que as pessoas podem ter a educação, porque ela pode ser sistemática, que olho como sendo aquela adquirida nas escolas, ou não sistemática, que vejo como sendo aquela que adquirimos no dia-a-dia, nas nossas consciências, e até mesmo na família (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de química).

**Figura 25** – Trecho de carta pedagógica 5 (professor de biologia)

A Educação é um processo de ensino e aprendizagem onde para além de aquisição dos conhecimentos.  
Os alunos vão aprendendo valores, crenças e hábitos. Vale salientar que esta educação pode ocorrer no contexto formal ou informal, a formal ocorre na escola ou centro de formação educacional com objetivos destinados e informal ocorre no nosso quotidiano social tais como na família, no trabalho etc...

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

A educação é um processo de ensino e aprendizagem onde, para além da aquisição dos conhecimentos, os alunos vão aprendendo valores, crenças e hábitos. Vale salientar que esta educação pode ocorrer no contexto formal ou informal, a formal decorre da escola ou centro de formação educacional com

objetivos destinados; e a informal ocorre no nosso cotidiano social, tais quais como na família, no trabalho, etc... (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de biologia).

**Figura 26** – Trecho de carta pedagógica 6 (professor de matemática 2)

Na Minha ótica Educação é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, mentais, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade ou no seu próprio grupo.

- Onde há Educação ocorre uma Aprendizagem visto que é processo contínuo de formação, ensino e aprendizagem e faz parte do currículo dos estabelecimentos oficializados de ensino seja eles públicos e privados.

Também Educação se refere o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para geração seguinte. onde vai se transformando através de situações e meio ambiente vivido por cada indivíduo ao longo dos tempos da sua vida.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Na minha ótica, Educação é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, mentais, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade ou no seu próprio grupo.

Onde há educação, ocorre uma aprendizagem. Visto que é processo contínuo de formação, ensino e aprendizagem e faz parte do currículo dos estabelecimentos oficializados de ensino, sejam eles públicos ou privados.

Também educação se refere ao meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte, onde vai se transformando, através de situações e do meio ambiente vivido por cada indivíduo, ao longo dos tempos de sua vida (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de matemática 2).

**Figura 27** – Trecho de carta pedagógica 7 (professora de matemática)

NO seu sentido mais amplo, educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se transformando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

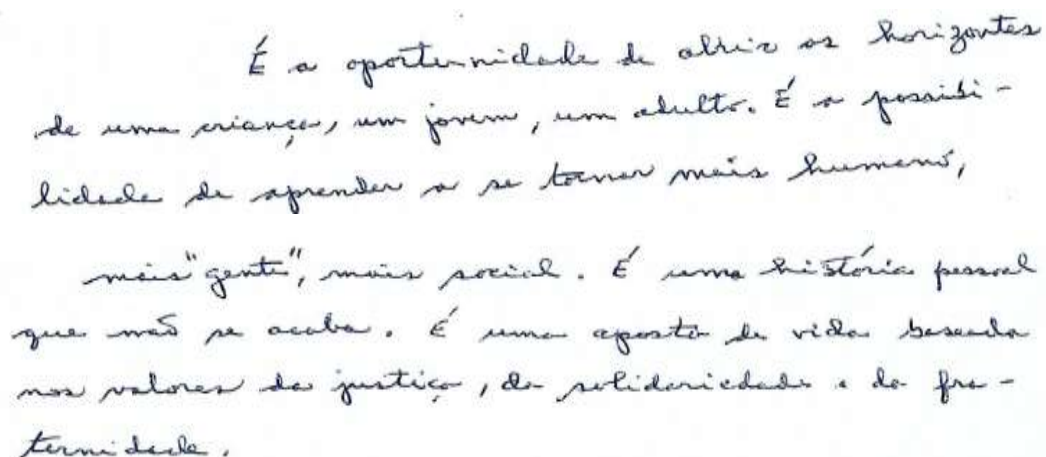
Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“No seu sentido mais amplo, Educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se transformando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo, ao longo da sua vida”* (trecho da carta pedagógica escrita pela professora de matemática).

Os correspondentes destacaram o processo educacional como sendo contínuo e que se efetiva em vários espaços e instituições, não restrito ao contexto da educação escolar. Perceptiva corroborada por Freire, ao afirmar que: “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos nos educandos” (Freire, 2021g, p. 35), tanto no espaço científico quanto nas vivências e experiências com as outras pessoas. Por meio da relação, estamos em um processo contínuo de “ser e estar” nos espaços sociais que nos vinculamos de forma afetiva, efetiva e cuidante.

Por sua vez, outros correspondentes professores, ainda acerca desse tópico, acreditam ser um *mecanismo de humanização e construção de valores*, aspecto que se reverberará na sociedade, por meio de relações “amorosas” do sujeito que viveu essas experiências escolares humanizadoras.

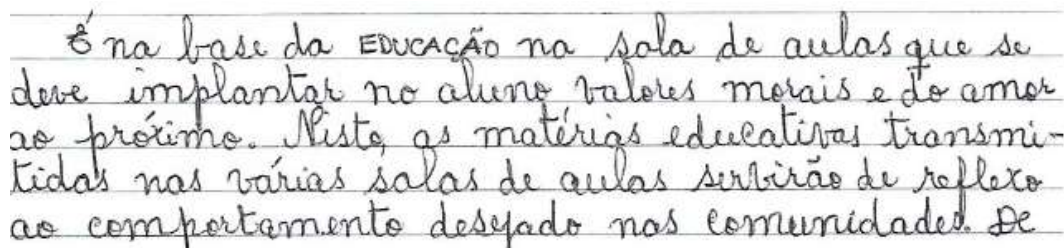


**Figura 28** – Trecho de carta pedagógica 8 (diretor)


É a oportunidade de abrir os horizontes de uma criança, um jovem, um adulto. É a possibilidade de aprender a se tornar mais humano, mais "gente", mais social. É uma história pessoal que não se acaba. É uma aposta de vida baseada nos valores da justiça, da solidariedade e da fraternidade.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“É uma oportunidade de abrir os horizontes de uma criança, um jovem, um adulto. É a possibilidade de aprender a se tornar mais humano, mais ‘gente’, mais social. É uma história pessoal que não se acaba. É uma aposta de vida baseada nos valores da justiça, da solidariedade e de fraternidade” (trecho da carta pedagógica escrita pelo diretor).

**Figura 29** – Trecho de carta pedagógica 9 (professor de francês)


É na base da EDUCAÇÃO nas salas de aulas que se deve implantar no aluno valores morais e do amor ao próximo. Nisto, as matérias educativas transmitidas nas várias salas de aulas servirão de reflexo ao comportamento desejado nas comunidades de

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“É na base da EDUCAÇÃO nas salas de aulas que se deve implantar no aluno valores morais e do amor ao próximo. Nisto, as matérias educativas transmitidas nas várias salas de aulas servirão de reflexo ao comportamento desejado nas comunidades” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de francês).

**Figura 30** – Trecho de carta pedagógica 10 (professor de educação física)

*\* Indo na primeira questão: é importante realçar que ninguém fica de fora no processo de educação; ela acontece em qualquer canto, seja na rua, igreja, etc. Educação é um processo constante de criação de conhecimento e de busca de realidade humana*

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“Indo na primeira questão: é importante realçar que ninguém fica de fora no processo de educação; ela acontece em qualquer canto, seja na rua, igreja, etc. Educação é um processo constante de criação de conhecimento e de busca de realidade humana”* (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de educação física).

**Figura 31** – Trecho de carta pedagógica 11 (professor de filosofia)

*educação é um processo complexo de partilha ou aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, costumes, crenças e mais.*

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

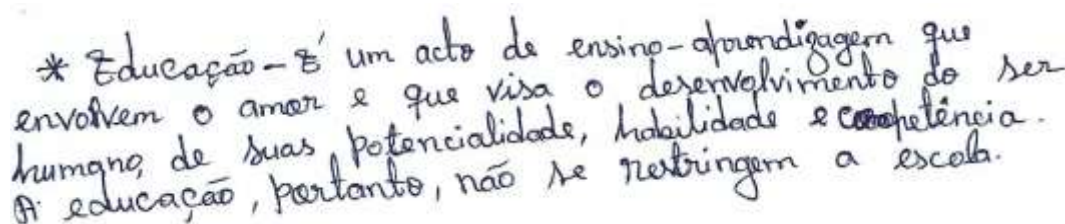
*“Educação é um processo complexo de partilha ou aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, costumes, crenças e mais”* (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de filosofia).

Esses professores enfatizam que o ensino-aprendizagem humanizante deve ser aprendido e apreendido no ambiente escolar e em outros espaços de educação (família, Igrejas, rua), “onde abre-se a possibilidade de a educação ser trabalhada como uma ferramenta para a complexidade das relações sociais e suas consequências” (Ferreira, 2019, p. 34), contribuindo de forma transformadora no processo de mudança social das pessoas e em suas relações sociais; realidade defendida por Paulo Freire, ao apresentar a perspectiva do “inacabamento” ou da “inconclusão do homem” na relação com o mundo e com os outros.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (Freire, 2021g, p. 34).

Ênfase também apresentada na correspondência da encarregada de educação e da jovem estudante.

**Figura 32** – Trecho de carta pedagógica 12 (encarregada de educação)

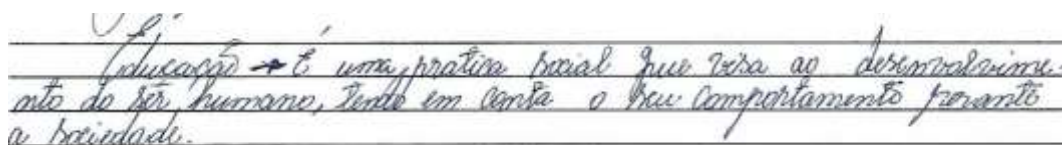


\* Educação - É um acto de ensino-aprendizagem que envolve o amor e que visa o desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidade, habilidade e competência. A educação, portanto, não se restringem a escola.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“Educação – é um ato de ensino-aprendizagem que envolve o amor e que visa o desenvolvimento do ser humano, de sua potencialidade, habilidade e competência. A educação, portanto, não se restringe à escola”* (trecho da carta pedagógica escrita pela encarregada de educação).

**Figura 33** – Trecho de carta pedagógica 13 (a estudante)



Educação → É uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, tendo em conta o seu comportamento perante a sociedade.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“Educação → É uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, tendo em conta o seu comportamento perante à sociedade”* (trecho da carta pedagógica escrita por uma estudante).

Em ambos os registros se vê claramente a presença do caráter da amorosidade de Paulo Freire, com destaque à escrita-amorosa da encarregada de educação, que também é professora do Ensino Primário<sup>67</sup>. Talvez por isso ela destaque a perspectiva

<sup>67</sup> Em Moçambique, o Ensino Primário corresponde às series iniciais até a 6ª classe e é ofertado de forma gratuita pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH).

amorosa da educação, corroborando com as posturas e escritas de Freire: “não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo [...]. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita” (Freire, 2021g, p. 36).

Aspecto apresentado pela jovem estudante que vincula a educação com a perspectiva social, em uma relação com os outros, no mundo, com o mundo e pelo mundo (Freire, 2021g).

Realidade que deve ganhar mais significado no ambiente escolar, que (des)vincula o aluno da instituição familiar, para um novo ambiente de interação social, que deve ser o lugar no qual os alunos se sintam felizes, por meio de atividades agradáveis. No entanto, a escola, em alguns contextos, geralmente, é um lugar de insucessos, angústia, medos e opressões (Diez, 2013).

Para tal, optou-se em perguntar aos correspondentes “*O que é Escola para você?*”. Nas respostas obtidas, em sua grande maioria, os correspondentes professores destacaram a escola como um *lócus* catalizador da “*formação integral*”; “*conexão em sociedade*”; “*palco de convergência cultural*”, que “*ensina a ser pessoas melhores*”. Ou seja, há uma ênfase na escola como propulsora de uma formação permanente, libertadora, transformadora e emancipadora.

Perspectiva defendida nas obras de Paulo Freire, quando o diálogo aparece como uma das categorias importantes em suas reflexões sobre a educação. Através dessa ferramenta, podemos “olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, uma realidade inacabada e em constante transformação” (Zitkoski, 2019, p. 140).

Por conseguinte, outras correspondências dos professores, ao abordarem essa temática, destacaram ser um “*espaço de aprendizagens técnicas e humanas de seus alunos*”. Nessa compreensão, há um processo dialético na função da escola, há uma ênfase no conhecimento técnico em diálogo com os valores humanos. Contribuindo, dessa forma, para que os alunos não sejam meros objetos do espaço educacional e, sim, partícipes ativos na elaboração do próprio processo de aprendizagem: “a ação de formar e de ensinar visa a um fim: um cidadão bem educado, vivendo uma sociedade humanamente desenvolvida” (Mazula, 2013, p. 7).

Os conteúdos sistematizados e aprendidos no processo de ensino-aprendizagem são meios e não fins, meios para preparar os alunos para a vida, em âmbito social e profissional. A escola, nessa conjuntura, segundo os docentes, busca

ampliar a libertação de seus alunos, preparando-os para uma vida ampla, engajada e transformadora.

**Figura 34** – Trecho de carta pedagógica 14 (diretor)

→ O que é escola para você? É o lugar privilegiado para receber e assimilar a formação integral como "ser", "pessoa" acontecendo em todas as fases da vida. A convivência entre pessoas favorece este amadurecimento, esta interação emotiva, social e interior... Os conteúdos recebidos na escola ajudam e esclarecem os educandos para uma orientação.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

-> O que é escola para você? É o lugar privilegiado para receber e assimilar a formação integral como 'ser', 'pessoa' acontecendo em todas as fases da vida. A convivência entre pessoas favorece este amadurecimento, esta interação emotiva, social e interior... Os conteúdos recebidos na escola ajudam e esclarecem os educandos para uma orientação (trecho da carta pedagógica escrita pelo diretor).

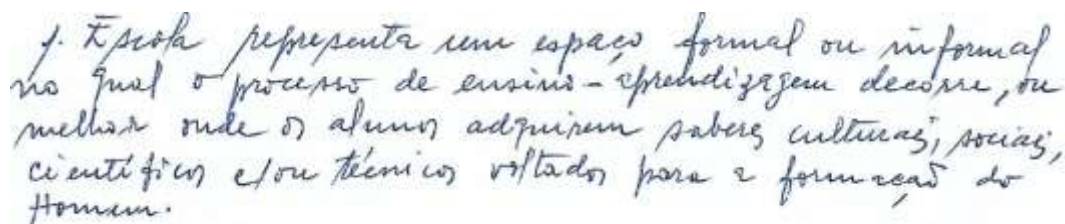
**Figura 35** – Trecho de carta pedagógica 15 (professor de francês)

No que concerne ao conceito ESCOLA na minha óptica é o palco de convergência cultural; o lugar de aprendizagem sem dissociar a componente social. Neste âmbito a escola vem a ser o lugar físico onde cada actor escolar deve aceitar as diferenças entre si e confraternizar em busca de um objectivo comum: a capacidade de compreensão das matérias mediadas pelos professores, a reflexão, a ciência e técnica. Portanto, a escola é o lugar de reforço dos valores de cidadania e da cultura que promove a competência através da instrução didáctica e pedagógica.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

No que concerne ao conceito ESCOLA, na minha ótica, é o palco de convergência cultural; o lugar de aprendizagem sem dissociar a componente social. Neste âmbito, a escola vem a ser o lugar físico onde cada ator escolar deve aceitar as diferenças entre si e confraternizar em busca de um objetivo comum: a capacidade de compreensão das matérias mediadas pelos professores; a reflexão, a ciência e a técnica. Portanto, a escola é o lugar do reforço dos valores de cidadania e da cultura, que promove a competência através da instrução didática e pedagógica (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de francês).

**Figura 36** – Trecho de carta pedagógica 16 (professor de português 1)

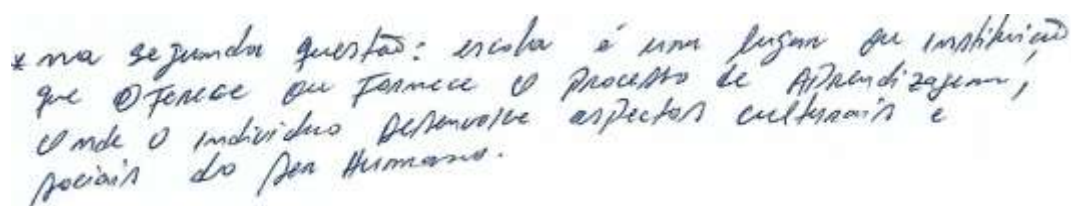


1. Escola representa um espaço formal ou informal no qual o processo de ensino-aprendizagem decorre, ou melhor onde os alunos adquirem saberes culturais, sociais, científicos e/ou técnicos voltados para a formação do Homem.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“1. Escola representa um espaço formal ou informal no qual o processo de ensino-aprendizagem decorre, ou melhor, onde os alunos adquirem saberes culturais, sociais, científicos e/ou técnicos voltados para a formação do Homem” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de português 1).

**Figura 37** – Trecho de carta pedagógica 17 (professor de educação física)



\*na segunda questão: escola é um lugar ou instituição que oferece ou fornece o processo de aprendizagem, onde o indivíduo desenvolve aspectos culturais e sociais do ser humano.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“\*na segunda questão: escola é um lugar ou instituição que oferece ou fornece o processo de aprendizagem, onde o indivíduo desenvolve aspectos culturais e sociais do ser humano” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de educação física).

**Figura 38** – Trecho de carta pedagógica 18 (professora de matemática)

Escola é um local de aprendizagem onde, além de nos preparar, ensinar os conteúdos e nos ensinar a ser pessoas melhores na faculdade e na vida, ainda nos proporciona amizades que podemos levar a vida toda. A escola é importante na vida de qualquer um!

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“Escola é um local de aprendizagem onde, além de nos preparar, ensinar os conteúdos e nos ensinar a ser pessoas melhores, na faculdade e na vida, ainda nos proporciona amizades que podemos levar para a vida toda. A escola é importante na vida de qualquer um”* (trecho da carta pedagógica escrita pela professora de matemática).

Aspecto apresentado na correspondência da encarregada de educação, destacando que a transmissão de educação integral pode ocorrer em escolas públicas ou particulares.

**Figura 39** – Trecho de carta pedagógica 19 (encarregada de educação)

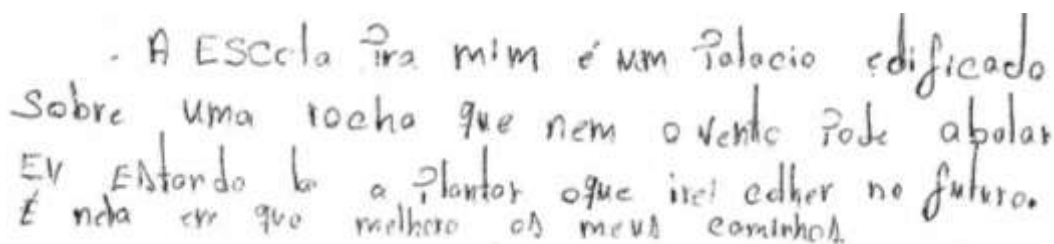
\* Escola - é uma instituição que fornece o processo de ensino para discente (aluno), com objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivos; onde é ensinado o aprendido e formado por um grupo de professores e alunos, pode ser público ou privado.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*“\* Escola – é uma instituição que fornece o processo de ensino para o discente (aluno), com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo, em seus aspectos cultural, social e cognitivos; onde é ensinado o aprendido e formado por um grupo de professores e alunos, pode ser público ou privado”* (trecho da carta pedagógica escrita pela encarregada de educação).

De forma mais poética e reverberando a escola como “*palácio edificado*”, o estudante correspondente entende a perspectiva integral da escola como canalizadora de um caminho transformador para si, em um profundo “esperançar” de Paulo Freire.

**Figura 40** – Trecho de carta pedagógica 20 (o estudante)



A ESCOLA para mim é um palácio edificado sobre uma rocha que nem o vento pode abalar. Eu estando lá a plantar o que irei colher no futuro. É nela em que melhora os meus caminhos.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“*A Escola para mim é um palácio edificado sobre uma rocha que nem o vento pode abalar. Eu estando lá a plantar o que irei colher no futuro. É nela em que melhora os meus caminhos*” (trecho da carta pedagógica escrita por um estudante).

Aspecto sinalizado por Brazão Mazula (2013), ao apresentar a perspectiva da utopia, segundo José Craveirinha<sup>68</sup>, que não se preocupa com a definição, mas com a possibilidade da sua realização. Apresentando em seus versos a utopia como um sonho realizável, independente do dia de sua realização. A certeza da sua realização está no propósito da causa, na vontade e determinação política das pessoas que lutam para atingir os seus ideais (a sua utopia).

Com a utopia da libertação de Moçambique, em 1966, escreve:

nós os miseráveis sonhadores moçambicanos/ [...] nesta ausência da família/ pensamos como seria bom estarmos todos juntos a almoçar/ todos juntos a almoçar qualquer coisa lá em casa/ mas depois do grande sonho conseguido [...] (Craveirinha, 2002, p. 18-19 *apud* Mazula, 2013, p. 21).

Buscando um processo mais cartesiano no ambiente escolar, há ainda relatos de outros professores da escola pesquisada, explicitando que esta “*é um espaço institucional, como lugar que os alunos devem buscar o ensino-aprendizagem, para*

<sup>68</sup> Considerado o maior poeta de Moçambique, José Craveirinha, (28/05/1922-06/02/2003) foi um jornalista, poeta e escritor moçambicano. Nascido em Maputo, Moçambique, filho de um pai português e uma mãe negra da etnia Ronga, Craveirinha foi criado na língua e cultura de Portugal. Mais informações, disponível em: <https://becodaspalavras.com/2018/09/05/jose-craveirinha-biografia/>. Acesso: 12 nov. 2023.



desenvolverem-se na perspectiva cognitiva, cultural e social”. Com ênfase à perspectiva do conhecimento científico, o intelecto.

**Figura 41** – Trecho de carta pedagógica 21 (professor de inglês 1)

*É uma instituição de ensino e aprendizagem. Falar da escola é falar das salas de aulas onde professores ensinam e os alunos aprendem.*

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“É uma instituição de ensino e aprendizagem. Falar da escola é falar das salas de aula onde professores ensinam e os alunos aprendem” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de inglês 1).

**Figura 42** – Trecho de carta pedagógica 22 (professor de matemática 1)

*FALAR DA ESCOLA PARA MIM É UM ESPAÇO FORMAL DE TRANSMISSÃO OU MEDIAÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICO*

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“Falar da escola, para mim, é um espaço formal de transmissão ou mediação de conhecimento científico” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de matemática 1).

**Figura 43** – Trecho de carta pedagógica 23 (professor de matemática 2)

*Escola* Refere-se a Estabelecimento onde se dá qualquer gênero de instrução, que permite fazer alusão do que se dá ou que se recebe, estes Estabelecimento destina-se ao ensino público ou particular.  
Neste local é formado um grupo de Professor de Professores e alunos, que pode ser público ou Privado

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*Escola refere-se ao estabelecimento onde se dá qualquer gênero de instrução, que permite fazer alusão do que se dá ou que se recebe, este estabelecimento destina-se ao ensino público ou particular. Neste local é formado um grupo de professores e alunos, que pode ser público ou privado (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de matemática 2).*

Aspecto também corroborado pelo encarregado de educação 2, em sua correspondência.

**Figura 44** – Trecho de carta pedagógica 24 (encarregado de educação 2)



*A escola é um local ou instituição cuja missão é atender ao processo de educação.*

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“A escola é um local ou instituição cuja missão é atender ao processo de educação” (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 2).

Falas dos professores e do encarregado de educação 2 revelam a ênfase do aprendizado científico no ambiente escolar, realidade legítima mediante à escassez de mão de obra especializada, com a expulsão dos portugueses e independência do país, à luz de Samora Moises Machel, primeiro presidente de Moçambique independente. Como destacam Adelino Inácio Assane e Arlindo Cornélio Ntundutha Juliasse (2017)

Nesse período, ele defendeu a educação e a cultura como prioridades a serviço das largas massas oprimidas e humilhadas pelo sistema de exploração colonialista. Para ele, era imprescindível um combate enérgico contra o analfabetismo e contra os pensamentos obscuros e com teor de exploração do homem pelo homem (Assane; Juliasse, 2017, p. 215).

Samora Machel via a escola como uma “arma” poderosa para essa ação e como uma possibilidade de mobilização do potencial humano para o desenvolvimento e o progresso da sociedade. Aspecto ainda muito presente no cidadão moçambicano, mesmo já havendo decorrido, em 2023, 48 anos desde a Independência Nacional (Assane; Juliasse, 2017).

Por fim, no tocante a esse conceito, outros correspondentes professores, seguindo uma perspectiva similar à anterior, destacam a escola como espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo, para vincular-se a uma sociedade.

Nessa perspectiva, há uma ênfase à escola como sendo o espaço *sine qua non* para o desenvolvimento da pessoa em sociedade.

**Figura 45** – Trecho de carta pedagógica 25 (professor de química)

Sendo assim eu definiria a Escola como sendo o local onde as pessoas passam por escolaridade, me refiro ao conhecimento lógico. Porém, não apenas este tipo de conhecimento, mas também a forma de como as pessoas se conectam numa determinada sociedade.

É na Escola onde se busca as boas maneiras e o bom senso de cada indivíduo.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*Sendo assim, eu definiria a Escola como sendo o local onde as pessoas passam a ter escolaridade, me refiro ao conhecimento lógico. Porém, não apenas este tipo de conhecimento, mas também à forma como as pessoas se conectam numa determinada sociedade.*

*É na escola onde se busca as boas maneiras e o bom senso de cada indivíduo (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de química).*

**Figura 46** – Trecho de carta pedagógica 26 (professor de biologia)

A escola é uma instituição que se dedica ao processo de ensino e aprendizagem com objetivos de formar e desenvolver o indivíduo em competências. Ou pode-se considerar como sendo um local de transformação do homem.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“A escola é uma instituição que se dedica ao processo de ensino e aprendizagem com objetivos de formar e desenvolver o indivíduo em competência. Ou, pode-se considerar como sendo um local de transformação do homem” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de biologia).

**Figura 47** – Trecho de carta pedagógica 27 (professor de filosofia)

No que concerne a segunda questão "o que é escola para mim?" Digo que é um lugar específico e oficial onde se adquire conhecimentos, um espaço apropriado para aquisição de uma aprendizagem tanto de conhecimentos científicos, quanto valorativos, de formas metodológicas e organizada. A escola é uma instituição oficializada para a educação da sociedade, em geral; é na escola onde adquirimos diversas experiências no aprendizado e troca de experiências sobre diversos assuntos.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Ao que concerne a segunda questão 'o que é escola para mim?' Digo que é um lugar específico e oficial onde se adquire conhecimentos, um espaço apropriado para a aquisição de uma aprendizagem tanto de conhecimentos científicos, quanto valorativos, de formas metodológicas e organizada. A escola é uma instituição oficializada para a educação da sociedade, em geral; é na escola onde adquirimos diversas experiências, no aprendizado e troca de experiências sobre diversos assuntos (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de filosofia).

Perspectiva asseverada pelo encarregado de educação 1 e a estudante, que acreditam no espaço escolar como o lugar "específico" e "oficial" para a transmissão do conhecimento às pessoas, ou seja, aos alunos.

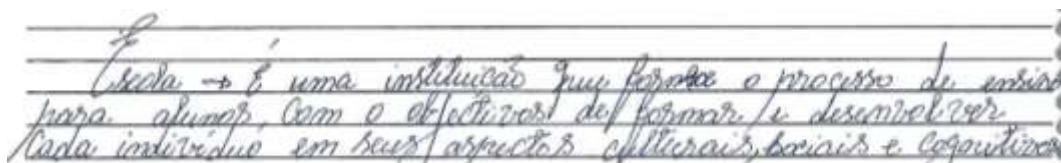
**Figura 48** – Trecho de carta pedagógica 28 (encarregado de educação 1)

Atualmente é o local de formação do homem em diversas áreas científicas, desde o nível pré-escolar ao superior.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

"Atualmente, é o local de formação do homem nas diversas áreas científicas, desde o nível pré-escolar ao superior" (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 1).

**Figura 49** – Trecho de carta pedagógica 29 (a estudante)



Escola -> É uma instituição que fornece o processo de ensino para alunos, com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“Escola -> É uma instituição que fornece o processo de ensino para alunos, com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos” (trecho da carta pedagógica escrita por uma estudante).

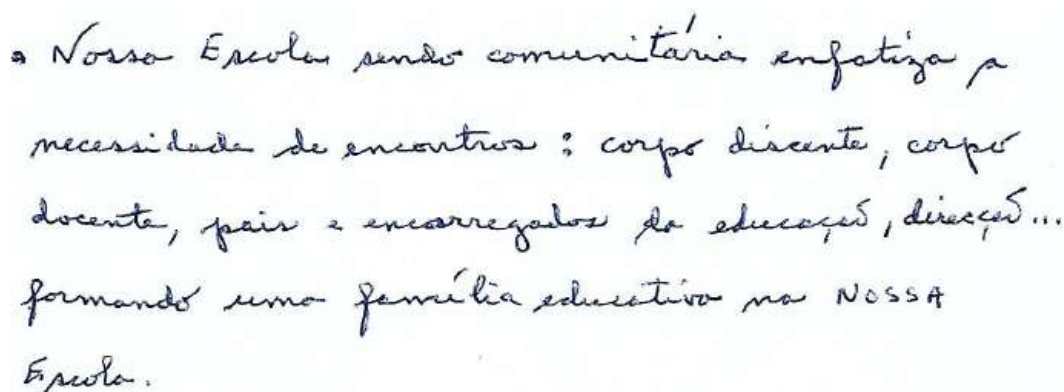
A nosso ver, uma visão reducionista, tendo em vista que foi muito bem destacado por muitos correspondentes que a educação ocorre em vários espaços e de várias maneiras.

A última questão teve como foco as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas. Em relação ao questionamento, de maneira enfática, os correspondentes destacaram a efetiva e afetiva ligação da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas, relação consolidada pelo Conselho da Escola, como órgão máximo de participação e representação de todos os sujeitos da comunidade escolar (direção, professores, pais, estudantes).

Como assevera Juan José Diez (2013):

Para que se possa realizar uma verdadeira ação educativa, há que estabelecer, entre todos, uma ação coordenada, quer a nível pessoal quer a nível estrutural. Esta coordenação implica a participação de todas as pessoas na vida da comunidade, segundo o grau de compromisso assumido por cada uma (Diez, 2013, p. 93).

**Figura 50** – Trecho de carta pedagógica 30 (diretor)



• Nossa Escola, sendo comunitária enfatiza a necessidade de encontros: corpo discente, corpo docente, pais e encarregados da educação, direção... formando uma família educativa na Nossa Escola.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“Nossa Escola, sendo comunitária, enfatiza a necessidade de encontros: corpo discente, corpo docente, pais e encarregados da educação, direção... formando uma família educativa na NOSSA Escola” (trecho da carta pedagógica escrita pelo diretor).

Como houve uma quantidade significativa de menções enfatizando o Conselho da Escola como órgão catalisador da conexão das duas instituições – escola e comunidade –, detivemo-nos em alguns relatos.

**Figura 51** – Trecho de carta pedagógica 31 (professor de inglês 2)

A conectividade entre a Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas e a realidade local é muito forte por conta de ser uma escola com boas qualidades de ensino e aprendizagem que tanto ajuda para a erradicação do analfabetismo em Amatongas. E também por ser uma escola que prioriza a população local independentemente da sua classe social, isto faz com que a conexão escola e comunidade seja cada vez mais forte. E a escola também tem um Conselho de escola que conecta a comunidade e a escola com intuito de resolver todas as situações que apoquentam a escola no que diz respeito a educação, ensino e aprendizagem tendo em conta a realidade local. E

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

A conectividade entre a Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas e a realidade local é muito forte, por conta de ser uma escola com boas qualidades de ensino e aprendizagem que tanto ajuda na erradicação do analfabetismo em Amatongas. E também por ser uma escola que prioriza a população local, independentemente da sua classe social, esta faz com que a conexão escola e comunidade seja cada vez mais forte. E a escola também tem um conselho de escola que conecta a comunidade e a escola com o intuito de resolver todas as situações que apoquentam a escola, no que diz respeito à educação, ensino e aprendizagem, tendo em conta a realidade local (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de inglês 2).

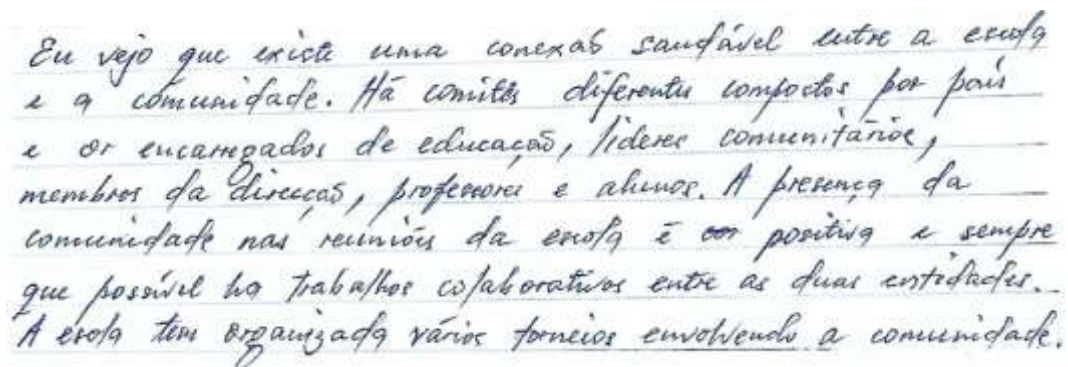
**Figura 52** – Trecho de carta pedagógica 32 (professor de filosofia)

A conexão da Escola Sagrado Coração de Amatongas, com a realidade local é substancial, pois, a escola promove atividades e órgãos que permitem a participação da comunidade na escola, falo das próprias reuniões que existem, da biblioteca melhorada, dos encontros do Conselho da Escola com os pais e os avós

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“A conexão da Escola Sagrado Coração de Amatongas, dada a realidade local é saudável, pois a escola promove as atividades e órgãos que permitem a participação da comunidade na escola, falo das propinas<sup>69</sup> razoáveis que existem, da biblioteca melhorada, dos encontros do Conselho da Escola com os pais e mais” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de filosofia).

**Figura 53** – Trecho de carta pedagógica 33 (professor de inglês 1)



Eu vejo que existe uma conexão saudável entre a escola e a comunidade. Há comitês diferentes compostos por pais e os encarregados de educação, líderes comunitários, membros da direção, professores e alunos. A presença da comunidade nas reuniões da escola é positiva e sempre que possível há trabalhos colaborativos entre as duas entidades. A escola tem organizado vários torneios envolvendo a comunidade.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*Eu vejo que existe uma conexão saudável entre a escola e a comunidade. Há comitês diferentes compostos por pais e encarregados de educação, líderes comunitários, membros da direção, professores e alunos. A presença da comunidade nas reuniões da escola é positiva e sempre que possível há trabalhos colaborativos entre as entidades. A escola tem organizado vários torneios envolvendo a comunidade (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de inglês 1).*

Aspecto também destacado pela encarregada de educação e pelo encarregado de educação 1, que identificam, na ligação escola-comunidade, uma missão compartilhada no educar da ESCSC-Amatongas. Tendo, na orientação dos alunos e filhos, um contexto muitíssimo importante para seus crescimentos e amadurecimentos como pessoas e futuros profissionais.

<sup>69</sup> “Propina” se refere à taxa de matrícula e mensalidade paga, de forma total, no início do ano letivo, ou de forma parcelada.

**Figura 54** – Trecho de carta pedagógica 34 (encarregada de educação)

\* As conexões da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local é positiva, visto que a escola está bem vinda na comunidade local que ajuda no desenvolvimento social.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“\* As conexões da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local são positivas, visto que a escola está bem vinda na comunidade local, que ajuda no desenvolvimento social” (trecho da carta pedagógica pela encarregada de educação).

**Figura 55** – Trecho de carta pedagógica 35 (encarregado de educação 1)

✓ As conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas), sendo uma instituição privada do Ensino Secundário de referência na província de Manica de um modo geral e no distrito de Gondola em particular, tem uma ligação sólida com a comunidade de Amatongas, em que a mesma participa ativamente na dinamização do desenvolvimento sócio-económico e cultural, recebendo destes a orientação necessária para a realização de ensino e formação que respondam às exigências do desenvolvimento do nosso belo Moçambique.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

As conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas), sendo uma instituição privada do Ensino Secundário de referência na Província de Manica de um modo geral e no distrito de Gondola em particular, tem uma ligação sólida com a comunidade de Amatongas em que a mesma participa ativamente na dinamização do desenvolvimento socioeconômico e cultural, recebendo destes a orientação necessária para a realização de ensino e formação que respondam às exigências do desenvolvimento do nosso belo Moçambique (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 1).



Outra perspectiva apresentada em alguns escritos, acerca da conexão, refere-se à formação do jovem local, por meio do apoio social da escola, onde está se constitui como “um lar” e “uma casa para todas pessoas” que ali trabalham, estudam e frequentam.

**Figura 56** – Trecho de carta pedagógica 36 (professor de química)

Partindo do Princípio e da realidade que venho vivenciado aqui na ESCSC-Amatongas, as conexões que vejo entre a Escola e a aldeia de Amatongas tem se revelado que esta Escola é um pilar para o desenvolvimento desta aldeia. Digo isto, porque é nesta Escola onde muitas actividades de interesse da aldeia são realizadas com o apoio da Escola, quando menciono apoio não me refiro ao Económico mas sim ao nível social, portanto em jeito de término direi que a ESCSC-Amatongas tem sido verdadeiramente não apenas uma Escola para aldeia mas sim um lar, uma casa para todos nós.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*Partindo do princípio e da realidade que venho vivenciando aqui na ESCSC-Amatongas, as conexões que vejo entre a Escola e a Aldeia de Amatongas tem se revelado que esta escola é um pilar para o desenvolvimento desta Aldeia. Digo isto, porque é nesta Escola onde muitas atividades de interesse da Aldeia são realizadas com o apoio da Escola, quando menciono apoio não me refiro ao econômico, mas sim ao nível social, portanto, em jeito de término, direi que a ESCSC-Amatongas tem sido verdadeiramente não apenas uma escola para Aldeia, mas sim um lar, uma casa para todos nós (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de química).*

**Figura 57** – Trecho de carta pedagógica 37 (professor de educação física)

\* Já na terceira questão: As conexões da ESCSC-Amatongas e realidade local eu sinto que a escola tende a encaixar-se à realidade da comunidade em quase todas as vertentes. A escola tem sido cautelosa na auscultação dos problemas ou dificuldades encaradas pelos encarregados no processo de aprendizagem de seus educandos, assim garantindo a formação do jovem local, sem diferenças económicas e sociais no seio escolar.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

\*Já na terceira questão: as conexões da ESCSC-Amatongas e realidade local eu sinto que a escola tende a encaixar-se à realidade da comunidade em quase todas as vertentes. A escola tem sido cautelosa na auscultação dos problemas ou dificuldades encaradas pelos encarregados no processo de aprendizagem de seus educandos, assim garantindo a formação do jovem local, sem diferenças económicas e sociais no seio escolar (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de educação física).

**Figura 58** – Trecho de carta pedagógica 38 (professor de biologia)

A conexão escola secundária comunitária de Sagrado Coração com a comunidade local se vê inserida no papel de educar, visto que muitas famílias vivem nas proximidades da escola o que facilita a abertura das portas para a população sendo uma escola comunitária ligada a uma igreja Católica.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

A conexão da escola secundária comunitária de Sagrado Coração com a comunidade local se vê inserida no papel de educar, visto que muitas famílias vivem nas proximidades da Escola, o que facilita a abertura das portas para a população, sendo uma escola Comunitária ligada a uma igreja católica (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de biologia).

Aspecto também corroborado pelo encarregado de educação 2, ao apresentar que a escola trouxe novo cenário para a educação local e um impacto transformador aos alunos residentes na localidade e outros que optam estudar no “Sagrado Coração”, por sua “fama” e residem tanto no Lar Masculino e Feminino quanto em casas de aluguel, na Aldeia de Amatongas.

**Figura 59** – Trecho de carta pedagógica 39 (encarregado de educação 2)

A conexão da escola secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local, trouxe novos panoramas no que a educação e a escola dizem respeito.

O "Sagrado Coração" como é famosamente conhecido, é uma instituição que, à sua chegada, trouxe mudanças positivas à localidade, distrito e talvez até ao País.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*A conexão da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local trouxe novos panoramas no que a educação e a escola dizem respeito.*

*O 'Sagrado Coração', como é famosamente conhecido, é uma instituição que, à sua chegada, trouxe mudanças positivas à localidade, distrito e talvez até ao país (trecho da carta pedagógica escrita pelo encarregado de educação 2).*

Destaca-se, ainda nesse item, o posicionamento da estudante e do estudante, que responderam à "carta pedagógica" e que ainda estudam na escola, por assinalarem a perspectiva da formação do jovem local e o apoio social que a escola proporciona aos alunos e estudantes mais vulneráveis.

**Figura 60** – Trecho de carta pedagógica 40 (a estudante)

A conexão da escola secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local de Amatongas é que geralmente a escola tem ajudado muito aos alunos que necessitam da ajuda para poderem frequentar a escola, ajudando em matrículas e material escolar.

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*"A conexão da escola secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local de Amatongas é que geralmente a escola tem ajudado muito aos alunos que necessitam da ajuda para poderem frequentar a escola, ajudando em matrículas e material escolar"* (trecho da carta pedagógica escrita por uma estudante).

**Figura 61** – Trecho de carta pedagógica 41 (o estudante)

A ESCSC Amatongas tem uma boa conexão com a comunidade local. Por exemplo a comunidade de Amatongas é uma comunidade menos desenvolvida (divisas) e a escola por ver isso:

- não incentiva aos encarregados de Educação a comprarem telefones no caso de trabalhos. Contudo temos biblioteca gratuita
- em termo de contribuições escolares existem varias formas de contribuir

Fonte: selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

*A ESCSC Amatongas tem uma boa conexão com a comunidade local. Por exemplo, a comunidade de Amatongas é uma comunidade menos desenvolvida (divisas) e a escola, por ver isso:*

*- Não incentiva aos encarregados de Educação a comprarem telefones no caso de trabalhos. Contudo, temos biblioteca gratuita.*

*- Em termo de contribuições escolares, existem várias formas de contribuir (trecho da carta pedagógica escrita por um estudante).*

Dina Krauskopf (2003) *apud* Helena Abramo (2005)<sup>70</sup> define juventude em categorias: período preparatório; etapa problemática; ator estratégico do desenvolvimento e de uma forma mais integral e protagonista cidadã, como sujeita de direitos.

Há uma ênfase na última, como sujeito social. Para tal, faz-se necessário que os jovens moçambicanos sejam entendidos como sujeitos ímpares para a efetivação de transformações sociais, por meio de uma educação libertadora, retirando o rótulo de etapa “transitória” ou “problemática” (Ferreira, 2021).

Potencializando sua capacidade em alçar novos voos e “ser mais”, realidade identificada nas falas dos correspondentes estudantes, ao apresentarem o olhar de empatia aos seus pares, que almejam ter acesso a estudo de qualidade. Para transcenderem, vislumbrando a utopia como uma “inaudita esperança”, como José Craveirinha (2002, p. 172-173) *apud* Brazão Mazula, 2013, p. 22) a define.

*Minha Maria João:/ Temos direito ao sonho/ [...] Sonho onde nunca mais se deitarão soldados/ com suas hirtas virilidades de culatras/ a violentar a erva dos matos moçambicanos/ mas rolaremos desnudos os dois/ revoltos cabelos curtos aos molhos nos meus dedos/ e teus pomos compactos/ densos no fluido sem peso/ mágicos e totais [...].*

<sup>70</sup> ABRAMO, Helena Wendel. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro** In: FREITAS de, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e Adolescência no Brasil: referenciais conceituais*. São Paulo: Ação educativa, 2005. (p. 19-36). Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso: 12 nov 2023.

Frente a essa “inaudita esperança” de Craveirinha, dos jovens estudantes e do pesquisador, fez-se um processo diálogo-escuta na ESCSC-Amatongas, por meio de entrevistas semiestruturadas, com os 22 correspondentes das “cartas pedagógicas”. Para agradecer seus escritos carregados de sentimentos, emoções e veracidade e ampliar o processo humanizador presencial e dialógico, tendo como temáticas-categorias: Educação, escola e comunidade.

Transversalmente, destacando as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas, para ampliar saberes e sapiências, em um processo de escuta-fala. No final, ecoaram palavras de gratidão e de um possível (re)encontro nas “andanças” da vida.

Apresenta-se a síntese dialógica em *lócus* e algumas palavras à Paulo Freire de nossas “andarilhagens” na ESCSC-Amatongas, para continuar a nossa travessia cheia de “boniteza” e “gentetude”.

#### 4.2 AS CATEGORIAS EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE PRESENTES NAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA ESCSC-AMATONGAS

O último processo da referida pesquisa se fez por meio de uma pesquisa de campo. O pesquisador retornou à ESCSC-Amatongas, em Moçambique/África, e esteve naquele *lócus* africano de 01 a 25 de setembro de 2023, com o objetivo de retomar presencialmente os contatos realizados por meio das “cartas pedagógicas”, realidade já apresentada e analisada no tópico anterior, com ênfase à percepção sobre *educação*, como espaço de vinculação do conhecimento científico, empírico e das relações (saber ser e estar); *escola*, como espaço de formação integral aos alunos, no âmbito cultural, social e cognitivo; e atentando-se à *conexão da escola e comunidade*, processo mediado pelo “elo” conector entre escola-comunidade, que é o Conselho da Escola. Em síntese, as perspectivas referentes às três categorias dos sujeitos do ambiente escolar transcritas e analisadas nas correspondências se correlacionam, em um processo de educação libertadora de Paulo Freire.

Para ampliar nossa percepção sobre o processo educacional na ESCSC-Amatongas, trazido pelas narrativas nas correspondências, fez-se entrevistas semiestruturadas com alguns correspondentes. Por identificar que a entrevista de campo contribui para a obtenção de informações existentes por meio da comunicação verbal no contexto social, de forma individual e/ou coletiva (Neto, 1994).

Na perspectiva do como fazer esse procedimento, Otávio Cruz Neto (1994), destaca:

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas (Neto, 1994, p. 58).

Nesse sentido, fez-se 22 entrevistas semiestruturadas, por meio de diálogos. Dentre 40 pessoas que escreveram as “cartas pedagógicas” recebidas no ano de 2022, 18 não estavam mais vinculados à escola, devido desligamentos profissionais, conclusões dos estudos, mudanças da localidade, entre outras situações.

Nas entrevistas semiestruturadas, abordou-se as questões: “O que você entende por escola?”, “O que seria comunidade para você?” e “O que seria educação libertadora de Paulo Freire no seu entendimento?” (Apêndice E). Durante o diálogo, outras perguntas iam sendo feitas, ampliando o alcance das reflexões, concluindo com a pergunta: “Como você identifica a conexão da ESCSC-Amatongas com a comunidade local de Amatongas?”, questão esta também desenvolvida nas “cartas pedagógicas”.

Tendo em vista que na entrevista semiestruturada o informante pode abordar livremente o tema proposto; bem como as estruturas das perguntas anteriormente construídas (Neto, 1994), optou-se em realizar as análises de modo separado, para enfatizar aspectos destacados pelos sujeitos.

#### 4.2.1 Questões apresentadas pela direção, professores/as e funcionários da ESCSC-Amatongas

Diante das entrevistas semiestruturadas efetivadas com a direção, professores/as e funcionários, totalizando 13 sujeitos entrevistados<sup>71</sup>, que apontaram questões acerca da *escola*, muito parecidas com as concepções dessa categoria apresentadas nas “cartas pedagógicas”. Os entrevistados, em sua grande maioria, a

---

<sup>71</sup> Professor de Filosofia, Professor de Química, Professor de Matemática 2, Professora de Matemática, Professor de Educação Visual e Desenho Geométrico Descritivo, Professor de Inglês 1, Professor de Inglês 2, Professor de Português, Professora de Português, Professor de Geografia, Secretário e Atendente na biblioteca.

identifica como “*uma instituição concebida para ensinar, certos conhecimentos científicos e cultura em geral*”, ou seja, é nesse espaço que decorre o processo de ensino-aprendizagem, composto pela estrutura física e seus principais sujeitos – professor/a e aluno/a – com a atividade do ensinar, como destacam algumas respostas:

*Pode ser uma instituição concebida para o ensino, o processo de ensino e aprendizagem, em que esse mesmo processo envolve o aluno e o professor (trecho de entrevista semiestruturada realizada com o professor de inglês 2).*

*Escola constitui um espaço privilegiado, espaço adequado para o decurso do processo de ensino-aprendizagem. A escola deve criar condições adequadas que são salas, o quadro e existir uma carteira para que os alunos se acomodem e que o processo decorra sem problemas (trecho de entrevista semiestruturada realizada com o professor de português).*

*Penso que escola, para mim, é um local onde se adquire conhecimentos. Quando vejo a escola, pelo menos, estou a ver um sítio onde temos os tais edifícios, compostos por professores e alunos. Onde temos essas atividades de estudar, adquirindo conhecimentos por aí... (trecho de entrevista semiestruturada realizada com o professor de inglês 1).*

*Eu entendo que escola é um local concebido para que decorra o processo de ensino e aprendizagem (trecho de entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática 2).*

As falas do quadro de profissionais da ESCSC-Amatongas apresentadas acima, além daquelas que se optou por não apresentar, por questões de espaço, destacam a perspectiva do entendimento da escola como *lócus* tradicionalmente institucionalizado, onde decorre o processo de ensino-aprendizagem, com o único objetivo de proporcionar conhecimento científico ao sujeito.

Como destaca Anthony Giddens (2000 a, p. 514) *apud* Brasão Mazula (2018, p. 20)

A história da educação diz-nos que teria sido Sólon (séc. VII. a. C.), mestre e jurista da Grécia Antiga, quem, pela primeira vez, pensou em distribuir os conteúdos de ensino em tempos lectivos, a serem dados num espaço próprio, concebendo, desta forma, a sala de aula. Esses conteúdos deviam ser dados por um pedagogo. Através desse conceito de escola mais desenvolvido na época moderna, "as escolas apareceram, como parte do aparelho administrativo do Estado moderno". Mais do que garantir o acesso dos cidadãos ao ensino, o Estado moderno mantinha, através do "currículo oculto", o "controlo e a disciplina das crianças".

Consolida-se, neste sentido, as grandes obrigações do Estado moçambicano para com a escola, garantindo-lhe livros, manuais, carteiras e todo o material didático necessário para que desenvolva, da melhor maneira, as capacidades de leitura,

escrita, cálculos e de conhecimentos tecnológicos (Mazula, 2018). Como assevera o professor de português 1, enfatizando que “a escola deve criar condições adequadas”.

As condições adequadas e dignas aos alunos é um dos desafios postos ao ensino de qualidade no país, pois, em se tratando de infraestrutura, várias escolas estão aquém de um espaço digno para o processo de ensino-aprendizado destacado pelos entrevistados. Pois as salas, em muitas delas, são ao relento ou embaixo das árvores e os alunos sentam no chão, sem ter uma estrutura básica e materiais que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem (Mazula, 2018). “É fundamental continuar a construir mais salas de aulas” (Mazula, 2018, p.21).

Brasão Mazula, professor Catedrático no país, defende a escola como;

[...] instrumento de transformação da sociedade e do seu desenvolvimento que, por sua vez, desafiam a escola a transformar-se. O desenvolvimento, como processo de criação de bem-estar social, necessita de uma escola durável, bem apetrechada, de um ensino de qualidade e de um professor bem formado e com vocação (Mazula, 2018, p. 22).

Faz-se urgente fornecer à sociedade moçambicana uma escola adequada, com a perspectiva cidadã, que se concretize na equidade e igualdade de oportunidade aos alunos, em espaços urbanos e rurais (Mazula, 2018).

Segundo o diretor da ESCSC-Amatongas, seria esse seu “esperançar” para a ESCSC-Amatongas, a continuação do processo educativo dos jovens estudantes, após a conclusão do Ensino Secundário, “*seria interessante haver alguns cursos de curta duração e a comunidade gostaria muito também*” (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).

Essa preocupação e desejo se efetivam, como demonstra a seguinte constatação.

*Hoje em dia, são poucos os jovens que têm possibilidade de entrar na universidade e continuar os estudos, mas a grande maioria não tem possibilidade de fazer esses estudos. Mas tem possibilidade de ter um curso técnico para viver aí, então, com a família deles* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).

Em sua fala, aborda o pouco acesso dos jovens ao Ensino Superior, ocasionando, em alguns, uma certa acomodação e a atribuição de pouca importância à educação escolar como fator de transformação para si, suas famílias e comunidades. Como assevera o professor de filosofia.

*Então, eu vejo que os pais locais, principalmente, parecem não ter aquela importância da escola. É até que há vezes em que o aluno, sentindo algumas*



*dores ligeiras, o aluno prefere ficar em casa. Mas fica em casa, o pai está aí, a mãe está aí, até pode lhe dar uma outra tarefa lá pesada em casa a fazer, uma vez que o aluno faltou à escola, alegando que está incomodado (doente). Então, essa concepção de não ter, conhecer a importância da escola também pode ser um dos motivos muito importantes para a não presença dos pais na escola (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de filosofia).*

E, continua enfaticamente:

*Essa má concepção da importância da escola pode ser mesmo por causa do fruto, daquilo que a escola traz, porque há muitos pais que ficam com aquela mentalidade que agora é só estudar, estudar, depois não há um proveito no futuro, então acabam, principalmente esses locais, acabam fazendo desistindo os filhos e as filhas só para fazerem trabalhos de casa, fazerem trabalhos de machamba (roça). Então, eles acham que esses trabalhos são mais proveitosos, que levar a criança a ir à escola. Então, acham isso, pode ser de um lado por causa disso, porque eles privilegiam mais trabalhos de casa, machambas, em relação à escola, alguns pais (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de filosofia).*

Está aí uma perspectiva que se correlaciona com a fala do diretor da ESCSC-Amatongas, quanto à necessidade da continuidade de estudos dos alunos. Os pais e encarregados de educação, ao perceberem a dificuldade de continuidade de estudo, e conseqüentemente o não acesso ao mercado de trabalho de seus filhos, optam que estes busquem algo imediato, que supra a realidade socioeconômica da família no momento atual, e não percebem produtivo o longo tempo que o estudo exige.

Foca-se na perspectiva da sobrevivência, isso se agrava ao falarmos das jovens moçambicanas.

*Principalmente nas escolas primárias, nas zonas mais recôndidas, muitas meninas só fazem quinta classe ou terminam sétima e eles acham melhor não darem continuidade, até que no tempo em que estamos, parece estar um pouco a reduzir, por causa da consciencialização, onde está a existir muitas sensibilizações às meninas para aderir à escola (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de filosofia).*

O professor de filosofia apresenta uma nova perspectiva para esse desafio socioeconômico e educacional vivido no país, com isso, verifica-se um olhar no aluno como sujeito de direito ao acesso à escola para vislumbrar sua transformação a partir do agora. Mas não de qualquer educação e, sim, de um processo educativo transformador que dialogue com as instâncias e políticas sociais que compõem essa grande rede de proteção de crianças, adolescentes e jovens no país.

Quando, de fato, o aluno é visto em sua especificidade e incluído efetivamente, dá-se um salto no entendimento do processo de ensino-aprendizado, como assevera o professor de matemática 2.

*No contexto de Moçambique, falamos no processo de ensino aprendizagem, é um processo que existem mediadores, que são os docentes. Temos os alunos que saem ao encontro dos professores e os professores transmitem aquilo que sabem e os alunos assimilam. É assim mesmo, como nós temos feito, os alunos assimilam, há troca de experiências. A busca de saberes e, por fim, são avaliados (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática 2).*

Por meio de uma perspectiva que o aluno também aprende-ensina e o professor ensina-aprende no processo educacional. E continua:

*O aluno normalmente também ensina, porque há aqui, aquilo que nós chamamos de elaboração conjunta, ele também transmite o que ele sabe e n'algumas vezes até que nós professores ganhamos algumas experiências locais a partir dos próprios alunos. Alguns mitos, alguns conhecimentos que nós ganhamos a partir dos próprios alunos (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática 2).*

Como assevera Paulo Freire, em *Educação e participação comunitária*, de 1992<sup>72</sup>. “Ensinar é sobretudo tornar possível aos educandos que, epistemologicamente curiosos, vão se apropriando da significação profunda do objeto somente como, apreendendo-o, podem aprendê-lo” (Freire, 1992, p. 7, grifo do autor).

Aspecto que dialoga com o entendimento de outros entrevistados no que tange essa questão. *A escola é como um local que fortalece o conhecimento que parte da família, por meio de uma educação integral, inclusiva e diversa, que oportuniza convergência de atores (direção, professores, alunos), com destaque à comunidade.*

*Escola, escola tem várias definições, né. Mais simples, escola é o local de nós fortalecermos o nosso aprendizado. Aprendizagem essa que parte de casa, e fica mais consolidado lá na naquele local, que chamamos escola, onde encontramos um professor como mediador, está lá o aluno claro, não tábua rasa, atrás de um conhecimento e fica consolidado naquele local (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática).*

*É um lugar privilegiado para obter o conhecimento. Conhecimento em diversas áreas que julgamos [...]. Também é um meio de educação, recebendo conhecimento, mas, também, fortalece aquilo que eles têm, recebe normalmente em casa, né! (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).*

*Escola é um lugar de aprendizagem sem distinção de cor, raça. Então, é um sítio onde todo mundo aparece por uma educação (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de educação física).*

---

<sup>72</sup> Informações de Marcio Ruiz Schiavo a respeito do manuscrito: “[Manuscritos do texto utilizado por Paulo Freire no] Congresso Ibero-Americano de Educación Sexual, realizado em Medellín - Colômbia de 28 a 31 de 1992 pela Asociación Colombiana de Educación Sexual (ASCOES) e o Centro Latino-americano de Asesoramiento Grupal (CLAG). Participaram do conversatório com Freire, Marcio Ruiz Schiavo e Luis Maria Aller Atucha (Argentina)”. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/69e72e3a-6564-40ad-9a2c-414d47662c2a/content>. Acesso: 22 nov 2023.

*Em relação a uma escola, é um local em que as pessoas aprendem, vão obtendo algum aprendizado sobre o futuro, sobre a vida, sobre o que elas devem ser, não é... (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de biologia).*

*Escola, para mim, seria um lugar de socialização, um lugar de socialização, onde há uma convergência de atores [...]. Este conjunto todo de aluno, professor, direção e a comunidade, para mim, resume como escola seria isto, e não no sentido físico como tal (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de francês).*

Para os professores de inglês 2, francês, educação física e para a professora de matemática, a escola transcende o espaço físico (pátio, salas, campos, quadras, corredor, etc.), bem como os objetos que a compõem (carteiras, mesas, quadro, giz, projetor, etc.). A escola é, sobretudo, um espaço composto por seus agentes que efetivam o processo educativo, pautados nas concepções de participação coletiva e dialogicidade, por meio da comunicação reflexiva entre os sujeitos que a compõem e que atuam plenamente em seu contexto. Como assevera o diretor:

*Então a gente deve ajudar então, justamente, os pais [...] nesse momento da juventude. Então, momentos aí onde podemos ajudar pra eles terem alguns valores né. Uma educação, então, mais integral. Fazendo que o jovem então tenha umas estacas que podem andar, então, com segurança [...] na vida adulta (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).*

Para o diretor e para os professores de francês e biologia, faz-se necessário efetivar uma educação integral e permanente na escola, completando um processo dialógico afetivo e efetivo entre escola e família, instituição primeira de socialização e valorativa dos alunos. Como afirma Paulo Freire (1992):

*A primeira observação a ser feita é que a participação, enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania se acha em relação direta, necessária, com a prática educativa educativo-progressista (Freire, 1992, p. 10-11).*

A *práxis* de Paulo Freire dialoga com a percepção dos professores de matemática 1, filosofia e química, no que tange à participação coletiva presente na instituição, em diálogo profundo com a família, espaço primeiro no processo educacional dos alunos. Realidade que reverbera e efetiva um impacto transformador na vida da comunidade, por meio dessa ligação família-escola.

No que tange à concepção de comunidade, os entrevistados<sup>73</sup> destacaram enfaticamente *que se trata de um agrupamento de pessoas, de habitações em um determinado território (Aldeia) que envolve muitas culturas e povos.*

*Comunidade é o resultado de agrupamento de pessoas de diferente religião, uma zona. Eu posso dizer, comunidade é o agrupamento de pessoas ou de casas próximas numa certa aldeia. Então aí forma uma comunidade* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o secretário).

*Comunidade é o conjunto de pessoas que vivem numa determinada área* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de português).

*Comunidade é um conjunto de população que vive numa determinada zona, então, por exemplo, vamos dizer população de Amatongas é uma comunidade de Amatongas, e lá nós vamos encontrar pessoas de várias regiões que estão a habitar naquele lugar, então é uma comunidade* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a professora de matemática).

*Comunidade posso entender que é um ambiente que envolve muitas culturas, muita cultura de diferentes áreas* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de educação visual e desenho geométrico).

A perspectiva de ambos traduz a realidade já conhecida e vivida por estes, residentes e trabalhadores de comunidades. Reforçando a conexão da ligação escola-comunidade, na qual *comunidade é espaço que rodeia a escola e de onde os alunos partem para ter educação na escola.*

*Comunidade é o ser que rodeia a própria escola. E o ser que nos rodeia, por onde vivem os nossos pais, encarregados, onde vive o aglomerado da população* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática 1).

*É um lugar onde se calhar as crianças saem pra virem ter educação na escola* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de educação física).

O Diretor destaca poeticamente esse conceito, referindo que não se pode pensar em comunidade desconectando-a da escola. Pois essa instituição está no âmago da organização coletiva das pessoas, efetivando processos circulares e participativos.

*Uma escola está no meio de uma comunidade. Comunidade, então, de famílias, né! Onde então eles prezam que os jovens, os filhos, então, possam ter esse conhecimento. Então, eu acho que é um pouco a alma, a alma, então. A escola é um pouco a alma da comunidade, no sentido de que tudo aquilo*

---

<sup>73</sup> Secretário, Atendente na biblioteca, Professor de Matemática 1, Professor de Inglês 1, Professor de Geografia, Professor de Português, Professor de Educação Física, Professor de Biologia, Professora de Português, Professor de Inglês 2, Professora de Matemática, Professor de Matemática 2, Professor de Filosofia, Professor de Educação Visual e Desenho Geométrico Descritivo.

*que nós temos de mais precioso tem que vir da escola* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).

A escola, nessa conjuntura, é entendida como a “ânlma” da comunidade, ou seja, a força que mobiliza todo o processo coletivo dos sujeitos presentes no território. É o grande “tesouro”, que vislumbra o aprender como “presente”, caminho de possibilidade e libertação aos alunos.

No que tange à educação, os entrevistados<sup>74</sup> destacaram que a entendem como *processo contínuo, que parte “desde o berço”, ou seja, do ambiente familiar, pela aquisição dos valores morais e solidifica-se no contexto científico*. Em outras palavras, fala-se no contexto educacional em Moçambique do “saber ser”, que se refere ao comportamento, o se portar na sociedade, balizado por uma eticidade humana. E o “saber fazer”, que enfatiza a perspectiva das competências e habilidades técnicas.

Como destacam os sujeitos pesquisados:

*A educação não pode morrer aí, com dezoito anos, não preciso mais de educação. Quer dizer que sempre nós vivemos, então, com [...] aquilo que nós recebemos lá a partir do berço então vai sempre, é, somos marcados pela educação. E ela é permanente, porque na minha idade também eu recebo uma educação. Então, a partir daquilo que eu estou a viver, né! Aqui que eu preciso, então, aumentar dentro de mim* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).

*A educação é contínua. Que pode ser, começa das famílias e a mesma educação continua na escola, quer dizer, escola não é só o lugar onde que o professor dá uma matéria científica, mas também ele inclui algumas, alguns temas que tem a ver com aquela educação, que tem a ver com questões morais. Aqueles nossos valores culturais, então, isso não se faz só num dia. Tem que ser uma educação contínua e que se faz de uma maneira faseada também* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de inglês 2).

*A educação é um sistema, é um processo em que se relaciona a transmissão de valores na transmissão de saberes científicos, técnicos e morais. E que visam a moldar ou capacitar a criança ou o educando, no sentido de adotar novos, novos padrões para vida* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de português).

*Eu ia partir do princípio de que ninguém sabe tudo não é... E estamos sujeitos a uma aprendizagem constante. E dia após dia nós aprendemos algo diferente, não é... algo que nós não sabíamos [...]. Nós estamos sujeitos a uma aprendizagem constante. Em que vamos descobrindo novas ideias, novos ensinamentos. Então, por mim, a aprendizagem permanente seria aquilo que os indivíduos vão aprendendo dia após dia* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de biologia).

---

<sup>74</sup> Secretário, atendente na biblioteca, diretor, professor de matemática 1, professor de inglês 2, professor de português, professor de biologia, professora de português, professora de matemática, professor de francês.

Verifica-se, nas respostas acima, a concepção de que a educação se efetiva de forma contínua e transformadora, ou seja, permanente e libertadora.

A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de [...] não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais [...] (Freire, 2022d, p. 25).

Freire aborda a “incompletude humana”, em um processo contínuo de busca, de realização e do “ser mais”. Realidades apresentadas pelos entrevistados ao enfatizarem que somos sujeitos de procura, para uma “finitude”, que será uma busca constante, almejando saber mais. Em um processo cíclico, vital e transformador.

Outro destaque fundante apresentado pelos entrevistados que reverbera ao longo do texto é o entendimento e a fala de que *a educação não ocorre somente no ambiente da escola*, ou seja, o aluno não aprende somente na escola.

*Porque o aluno não é sempre que aprende na escola, também na comunidade aprende alguma coisa, e na escola também aprende algumas coisas. Então, quer dizer que o aluno não aprende só na escola, também na comunidade aprende* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a professora de matemática).

*E, mesmo na escola, além de darmos aqueles ensinamentos sólidos, científicos, também temos que dar essa educação daquilo que nós aprendemos em casa, daquilo que os alunos trazem em casa. Então, isso é constante, porque deve ser feito sempre, sem nenhuma interrupção* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de filosofia).

A educação se consolida nas relações das pessoas, no ambiente social e comunitário, ou seja, em uma perspectiva coletiva e transformadora. Como assevera Carlos Rodrigues Brandão (2013):

É falso imaginar uma educação que não parte da vida real: da vida tal como existe e do homem tal como ele é. É falso pretender que a educação trabalhe o corpo e a inteligência de sujeitos soltos, desancorados de seu contexto social na cabeça do filósofo e do educador, e que os aperfeiçoe para “si próprios”, desenvolvendo neles o saber de valores e qualidades humanas tão idealmente universais que apenas existem como imaginação em toda parte e não existem como realidade (como vida concreta, como trabalho produtivo, como compromisso, como relações sociais) em parte alguma (Brandão, 2013, p. 74).

Vê-se, nas falas dos entrevistados e na perspectiva assevera por Brandão (2013), a educação como uma prática social que transcende um espaço físico tradicional escolar. Ocupa outros espaços e dialoga com as vidas concretas dos sujeitos, que se conectam por realidades e sonhos similares, na busca da transformação social.

No que tange às *conexões da ESCSC-Amatongas e a comunidade*, segundo os entrevistados, de uma forma totalizante, destacou-se uma *interação muito positiva entre a escola e a comunidade, solidificada por relações respeitosas e dialógicas dos sujeitos*. Com destaque à direção da escola, que sempre faz diálogos-escutas com a comunidade, para resoluções de questões que afetam o ambiente escolar e conseqüentemente a comunidade, por meio de suas famílias, com ênfase às contribuições escolares.

*Eu percebo que existe uma boa comunicação. Existe uma boa interligação entre a Escola do Sagrado Coração em relação à comunidade de Amatongas, visto que, em quase tudo, quando quer acontecer aqui na escola, primeiro, comunica-se à comunidade, também para se pôr em prática. Eu vou dar o exemplo das contribuições que a escola tem. Mais antes que haja essas contribuições, sempre se senta com a comunidade para deliberar juntos, pra falar, em como agir com os alunos e como agir em frente dos alunos, em termos de cobrança dessas contribuições, tudo isso em ligação com a comunidade (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o secretário).*

*Eu acho que a conexão é bem positiva, né! Eu tenho visto isto tantas vezes, um dos exemplos práticos é quando o aluno não consegue o valor pra fazer a matrícula, então, se o encarregado se aproxima da direção da escola, a direção cede. O aluno não pode ficar sem estudar, porque não tem valores monetários. Então, esta ligação eu acho muito perfeita com a comunidade e vários outros assuntos que decorrem cá (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de educação física)*

O processo relacional e dialógico, segundo os sujeitos entrevistados, ocorre em atendimentos pessoais e reuniões com pais e encarregados. Sobretudo, de forma mais constante pelo órgão máximo de participação comunitário, que é o Conselho da Escola, instância fundante para o desenvolvimento da escola e o êxito da aprendizagem de seus alunos.

Vários entrevistados apontaram a relevância do Conselho da Escola. Entendemos que a resposta do professor de matemática 1, apresenta a totalidade desse órgão máximo da escola.

*Em Moçambique, a escola funciona, o órgão máximo é o Conselho da Escola. Em função do nosso organograma, a nossa escola tem um nível e ao nível da nossa escola, as escolas estão classificadas em níveis, em função da dimensão das salas, número d'aluno e tal. A nossa escola tem um número determinado de membros envolvendo os pais encarregados, representante dos professores, representante dos alunos. [...] aquele Conselho da Escola que delibera o ponto mais alto da Instituição. Os pais encarregados são aqueles que servem de ponte, levam informações da escola para a comunidade, trazem da comunidade para a escola. De tal maneira que se há uma situação que não vai bem. O presidente do Conselho da Escola sempre é um pai encarregado. Graças a Deus, por exemplo, nós temos a sorte de ser eleito um pai que é o líder comunitário lá. Então, tem mais comunicação, por*

*isso, se nós temos um encontro com os pais encarregados, há um afluxo maior, por que temos essa boa comunicação, em todos os cantos da aldeia que circula a nossa escola tem um pai que representa os outros e membro do Conselho da escola, esses que são elos de ligação (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de matemática 1).*

Destaque apresentado também por Paulo Freire (1992), que apresenta a fala de uma mãe de alunos de uma escola municipal em São Paulo. Questionada se acha importante o Conselho da Escola, esta exclama.

*Sim, respondeu a mãe indagada. É bom porque em parte a comunidade pode saber como a escola é por dentro. O que é feito com nossos filhos, a utilização do dinheiro. Antes a comunidade ficava do portão para fora. Só entrávamos na escola para saber das notas e receber reclamações dos filhos. Era só isso que, antigamente, os pais eram chamados ou pra trazer para as festas um prato de quitute (Freire, 1992, p. 14).*

E continua destacando conquistas importantes efetivadas com a implantação desse órgão e a participação efetiva de seus membros: “Com a chegada do Conselho se abre um espaço para que o pai, continua ela, ao entrar na escola, comece a conhecer a escola por dentro” (Freire, 1992, p. 14).

Realidade, segundo os professores e funcionários entrevistados, solidificada na gestão participativa da ESCSC-Amatongas, em consonância com seu território, a comunidade de Amatongas. Há uma ênfase nas falas dos entrevistados no papel predominante e transformador do Conselho da Escola como elo de conexão e ligação efetiva e afetiva no processo de ensino aprendizagem libertador da educação na escola, que impacta diretamente seu entorno, a comunidade de Amatongas.

*Pra mim, existe conexão, por que existem alguns órgãos que velam por essa relação entre escola e comunidade. Falo do Conselho da Escola (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de filosofia).*

*Acredito que o principal elo de ligação que existe entre a comunidade e a escola, nós diríamos que é o Conselho da Escola, não é... O Conselho, ele é composto por pais encarregados, esses pais encarregados pertencem à comunidade (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de química).*

Reitera-se acima o papel fundante do Conselho da Escola, como ferramenta *sine qua no*, para o processo de ensino-aprendizagem na ESCSC-Amatongas. E conclui-se com o professor de inglês 1, membro do Conselho da Escola da ESCSC-Amatongas, antes de entrar na reunião de balanço do 2º trimestre de 2023, em um sábado caloroso em Amatongas:

*Em termos de relação comunidade-escola, eu vejo que parece-me que há uma relação muito positiva. Vejo que os nossos pais e a escola sempre estão*



presentes. É como no dia de hoje, temos Conselho da Escola, onde já temos os pais encarregados de educação, estamos juntos com os professores, a direção, os líderes. Sempre onde há reuniões, vejo a comunidade a ficarem preocupados. Então, para mim a relação é boa (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de inglês 1).

Como assevera Venício Artur de Lima<sup>75</sup> (2007), no prefácio da obra *Política e Educação* (Freire, 2022d, p. 10):

A educação libertadora não apenas supõe coparticipação e reciprocidade, mas acima de tudo constitui um processo significativo que é compartilhado por Sujeitos iguais entre si numa relação também de igualdade. A prática educativa deve ser vivida pelos seres humanos como a sua vocação humana. Em outras palavras, deve ser vivida em sua dimensão política.

Há, segundo os relatos na participação efetiva do Conselho Escolar da ESCSC-Amatongas, uma opção política que transcende o contexto da escola, pois, na mesma, não há muro que a separe de seus donos por direito – alunos e moradores da comunidade. Sendo aberta à comunidade em qualquer momento, dia e noite, seus moradores cruzam-na a caminho das machambas (roças) e para enterrar seus mortos.

Legitimando a perspectiva inclusiva e humanitária da escola que “*não escolhe estudante, de que nível econômico ou social, quando não tem um nível tão elevado econômico, o Sagrado Coração ajuda esse tipo de estudante, está a ajudar a comunidade*” (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o professor de educação visual e desenho geométrico descritivo).

#### 4.2.2 Questões apresentadas pelos pais e encarregados de educação da ESCSC-Amatongas

Os pais e encarregados de educação entrevistados na pesquisa de campo foram três, sendo uma professora da escola primária, um ex-professor da ESCSC-Amatongas que, atualmente, trabalha no Serviço Distrital<sup>76</sup> como técnico de planejamento e assessor do diretor distrital e o líder da comunidade de Amatongas. Ambos trouxeram elementos importantes das questões da pesquisa.

<sup>75</sup> Sociólogo e jornalista, autor de *Comunicação e Cultura, as ideias de Paulo Freire*, Fundação Perseu Abramo, 2021.

<sup>76</sup> O Serviço Distrital de Educação, se refere ao órgão responsável-gestor das Escolas Primárias e Secundárias no Distrito de Gondola, que compõem Postos Administrativos, dentre eles, o Posto Administrativo de Amatongas.

No que tange às questões perguntadas, com destaque para a percepção sobre escola os encarregados *a identificam como uma instituição tradicional de aprendizagem científica*, que têm como objetivo central consolidar a aquisição de conhecimentos, com vistas ao desenvolvimento socioeconômico.

*Escola, eu entendo que é um lugar onde nós vamos aprender a ler e escrever* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a encarregada de educação).

*Escola eu percebo que é um sítio que o homem recebe nova educação, no sentido de desenvolvimento socioeconômico. Tem a ver de adquirir conhecimentos, para dominar a ciência na natureza* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 1).

*Escola, pra mim, tradicionalmente, é uma instituição. Instituição esta que diríamos que tem a função tradicional de ensinar ou de inculcar no aluno conhecimentos científicos* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 2).

Ambos comungam de uma visão dessa instituição como espaço de formação educacional para a aquisição de conhecimentos que prepare os alunos para uma profissão e para o mercado de trabalho. Realidade diferente da percepção de comunidade, que os entrevistados *a identificam como lugar de vivências e comunicação, alicerçada por valores culturais, que congrega famílias e estimula a participação social*.

A encarregada de educação considera que *“a comunidade para mim, eu entendo que é um lugar onde as pessoas vivem e se comunicam de uma maneira boa”*; para o encarregado de educação 1 *“a comunidade é um conjunto de famílias onde trabalham juntos, coordenam atividades e de uma liderança comunitária”*; já para o encarregado de educação 2 *“a comunidade [...] seria um grupo de indivíduos estruturado, com suas culturas, seus valores”* (trechos das entrevistas semiestruturadas realizadas).

Esse *lócus*, segundo o encarregado de educação 2, consolida um impacto transformador no processo de ensino-aprendizagem escolar. Tendo a premissa da participação comunitária como realidade necessária na gestão da escola em consonância com as famílias. Uma participação ativa e transformadora que atinge toda a realidade da comunidade, vivida, desta forma, desde a organização social local.

*O aluno que recebemos na escola já vem inserido numa comunidade e, dependendo daquilo que são os valores que este cultua ou cultiva dentro da sua comunidade, acaba facilitando ou dificultando aquilo que é o seu processo de ensino e aprendizagem* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 2).

Valores comunitários são vividos desde a organização social participativa, como assevera o encarregado de educação 1, líder da comunidade e presidente do Conselho da Escola:

*Quem elege o líder comunitário é a comunidade. Num encontro com os governantes, neste caso, o Chefe do Posto vem para a comunidade e reúne com a comunidade. Eles decidem, no meio da comunidade, procuram candidatos para concorrer a esse cargo. Aquele que for a vencer é que passa a ser líder comunitário, no mínimo de três candidatos (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 1).*

Em se tratando do conceito de *educação*, os encarregados e encarregada entrevistados apontam que está de *maneira presente na vida das pessoas, que se destaca como fator fundante para o desenvolvimento transformador da comunidade em um processo de crescimento contínuo.*

*A educação é permanente, está em um processo contínuo do aluno (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a encarregada de educação).*

*A educação é permanente na comunidade, porque ela é rotativa. [...] Rotativa porque os adultos estudam e terminam também. Então entra a nova geração e também vai assim em diante (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 1).*

*[...] Permanentemente as pessoas necessitam de educação. Pode ser ela religiosa, social ou de qualquer natureza que for. Porque uma sociedade, uma comunidade sem educação, eu considero uma comunidade ou sociedade morta, então daí que é necessário que todas as comunidades tenham educação permanentemente, seja ela formal ou informal (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 2).*

Contextos que se atrelam ao relatarem as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas. Ambos os sujeitos entrevistados salientam uma *boa colaboração, baseado em uma relação respeitosa em processo dialógico*, máxima de Paulo Freire. Isso se revela efetivamente mediante a seriedade no processo educacional, dos agentes e destinatários desse processo: Direção, professores/as e alunos/as.

Reverberando em outros territórios, na atuação escolar exitosa e contribuindo para a presença de alunos de outras Províncias, essa conexão se efetiva, sobretudo, pelo importante papel do Conselho da Escola, como fator de retroalimentação das relações entre direção, professor e aluno.

*A minha maneira de perceber é [...] há uma boa colaboração (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a encarregada de educação).*

*A conexão da escola com a comunidade local, que neste caso é Sagrado Coração. Ela é, é muito sadia, goza de uma boa saúde mesmo. Pra dizer que*

*temos um Conselho da Escola, que é o elo de ligação entre a escola e a comunidade. Portanto, aí mesmo a saúde entre a escola e a comunidade é de salutar. Isso é de louvar também, entre as relações da comunidade e a direção da escola, incluindo mesmo o corpo docente da escola [...]. Os motivos, mesmo, são da própria direção da escola. É uma direção, é uma direção forte, uma direção forte. É por isso, e o professor está sempre ocupado, estando ocupado assim o professor, o aluno também estará ocupado. Em querer saber, aprender pra depois aplicar os conhecimentos que ele recebe do professor (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 1).*

*E eu sinto que Sagrado Coração veio mudar aquilo que era o panorama da educação, antes e depois da chegada dos irmãos do Sagrado Coração. Sobretudo porque a educação em Amatongas sempre existiu. Tínhamos sempre o centro educacional, mas naquilo que é o contexto educacional, eu notei que houve uma grande mudança, porque podemos notar mesmo pelo fato de muitos alunos que vêm de outras províncias e de outras cidades passam a interessar-se em frequentar o Sagrado Coração. Penso que notam que há uma diferença entre a maneira como se trabalha a educação em Amatongas. Relativamente à forma como se trabalha ao nível de seriedade com que se encara o processo, cá é maior. Isso eu acho que deve-se mesmo à presença dos irmãos que levam muito a sério. E isso também acaba se refletindo tanto nos professores quanto nos alunos (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 2).*

Nos relatos acima, há uma ênfase quanto à metodologia de trabalho da ESCSC-Amatongas, com uma maior (pro)atividade e engajamento de seus professores/as, mobilizados por sua direção. Fator que impacta diretamente no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

Outra ênfase se refere à participação comunitária, feita por meio do Conselho da Escola, realidade defendida também por Paulo Freire, quando secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo. Ele é enfático ao afirmar:

*Era preciso, pelo contrário, democratizar o poder, reconhecer o direito de voz aos alunos, às professoras, diminuir o poder pessoal das diretoras, criar instâncias novas de poder com os Conselhos de Escola deliberativos e não apenas consultivos e através dos quais, num primeiro momento, pais e mães ganhassem ingerência nos destinos da escola de seus filhos, num segundo esperamos, é a própria comunidade vizinha que tendo a escola como algo seu, se faz igualmente presente na condução da política educacional da escola (Freire, 1992, p. 12).*

Paulo Freire assevera que, para a transformação das estruturas na realidade brasileira, deve-se efetivar a participação popular ou comunitária (Freire, 1992). Realidade destacada enfaticamente pelos pais e encarregados de educação entrevistados, ao afirmarem que a visibilidade e a qualidade da ESCSC-Amatongas se devem, efetivamente, pelo processo de participação social do Conselho da Escola, com representantes eficazes da gestão da escola: Direção, professores/as, pais, encarregados de educação e estudantes.

Esse espaço comunitário e dialógico, segundo os entrevistados, é o elo que conecta todos os agentes da escola, bem como o processo educativo de um modo geral, impactando às famílias, de modo particular, e à comunidade de Amatongas, de um modo geral.

#### 4.2.3 Questões apresentadas pelos estudantes da ESCSC-Amatongas

Nas falas dos estudantes, há um destaque grande à importância do pertencimento ao território de Amatongas, aspecto que, segundo ambos, os constituem como pessoa (homem e mulher moçambicano/a), vinculados às suas realidades culturais e de ancestralidades (raízes).

*Sim, nasci em Amatongas, eu cresci cá, e gosto daqui, porque é onde nasci. Pra começar, nós devemos gostar de onde nós viemos, eu tenho muito orgulho de ser aqui* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a estudante).

*Sim. Nasci nesta comunidade de Amatongas e gosto daqui, porque é minha terra de origem, meu local onde que eu aprendi a desenvolver algumas atividades, onde aprendi muitas coisas* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o estudante).

No entanto, os estudantes não desejam permanecer em seu local de origem a vida toda, por entender que sair desse contexto possibilitará, para ambos, uma transformação em suas vidas e de suas famílias. Um profundo “esperançar” na educação como processo libertador de sua conjuntura, que não oferece tantas oportunidades caso ali permanecem, mesmo sendo o território de nascimento e crescimento.

*Uma das coisas que mais me motiva à psicologia é poder trabalhar com crianças traumatizadas, aquelas crianças que sofrem violação sexual, aquelas crianças que vivem na rua, aquelas crianças traumatizadas que perderam os pais e não foram bem acomodadas na casa dos outros. Minha intenção pra fazer psicologia é pra poder ajudar essas crianças* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a estudante).

*A minha profissão que eu gostaria de fazer era de ser um professor de língua ou uma pessoa que frequenta línguas* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o estudante).

Verifica-se o papel do processo transformador educativo vivido na escola e comunidade como possibilidade de “ser mais”, de vislumbrar novas possibilidades e, por meio de uma profissão, contribuir efetivamente na transformação de outros territórios no país. Há,

nas duas narrativas, um olhar para o outro, no entendimento do processo de educação libertadora como fator de transformação social e não meramente científica.

*É importante passar pela escola, não simplesmente que nós podemos conseguir um emprego, mas sim passar pela escola para termos conhecimento da comunidade* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o estudante).

Aspecto também destacado pela jovem estudante, ao ser interpelada sobre o ser mulher africana.

*Tem alguns casos em que a mulher é discriminada por ser mulher. Há muitos que acham que a mulher não tem capacidade de fazer nada. A mulher é um fracasso, mas nós mulheres somos muito fortes. Nós temos capacidade de fazer muito e muito melhor* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a estudante).

A educação na perspectiva da jovem estudante “*é a chave para o futuro*”, educação esta que inicia no contexto familiar, por meio dos valores que, ao chegar no contexto escolar, vislumbra-se como possibilidade “*de ser alguém na vida*”, por meio de uma profissionalização para a construção familiar na comunidade, como *lócus* relacional e social.

*A comunidade é o lugar onde as pessoas vivem, sim, a comunidade, é lá de onde saem os alunos, os professores. Todos os profissionais, em geral, saem da comunidade* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o estudante).

*Comunidade é onde nós vivemos, onde nós construímos nossas famílias, nossas casas. É onde nós somos felizes. Onde todo mundo vive e lá somos felizes* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a estudante).

Relatos que retratam o papel de profunda conexão da escola que educou a si e seus irmãos com a comunidade local de Amatongas.

*Na zona onde nós estávamos, podemos encontrar várias pessoas que não têm aquela possibilidade de poder colocar os seus filhos a estudar e uma das ações que a escola do Sagrado Coração tem feito é recolher as crianças que não têm condições pra poder estudar, colocar na escola, dando aquele apoio para que possam ter os seus estudos [...]. Temos o Conselho da Escola, os membros do Conselho da Escola fazem parte da comunidade e no plano, na planificação de algumas atividades escolares, os membros do Conselho da Escola também fazendo parte, eles contribuem com algumas ideias para o melhoramento da escola* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com a estudante).

*Os professores, na realidade, têm amor com os alunos [...]. Eu percebo de que os professores têm amor com o aluno, porque mesmo se um aluno errando o professor não fala mal do aluno, mas sim o professor diz ao aluno esse passo você errou, mas, sim, debes seguir este passo* (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o estudante).

Os estudantes percebem e relatam o quão importante é o apoio que a escola desenvolve, ao oportunizar a educação aos jovens vulneráveis. Essa percepção evoca um olhar para “fora de seus muros”, um olhar da educação como direito social a todas pessoas, mesmo no contexto moçambicano, em que o Ensino Secundário é particular.

Ainda, defendem o papel do Conselho da Escola como elo conector das demandas da comunidade, em diálogo com a instituição escolar. Ambos os estudantes são membros desse órgão e participam efetivamente desses processos dialógicos, como sujeitos partícipes da transformação de sua educação, bem como dos demais estudantes.

Eles destacam o processo de ensino-aprendizagem na relação professor-aluno, mediado por uma profunda “amorosidade” e “fé no homem”, como sujeito aprendente, em um processo de “inacabamento” e “inclusão”. Premissas da educação libertadora de Paulo Freire, em um processo de aprendizagem contínuo, aspecto que, segundo eles, a ESCSC-Amatongas tem buscado desenvolver no seu “quefazer” educação libertadora.

#### 4.3 *CHIKORA E PAMUTADHA*<sup>77</sup>: O PAPEL DO CONSELHO DA ESCOLA COMO ELO CONECTOR DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NA ESCSC-AMATONGAS

A (re)forma da ESCSC-Amatongas, seja em seus espaços físicos e em sua dinâmica de trabalho, favoreceu significativamente uma mudança territorial, propiciando um maior pertencimento dos moradores da comunidade a esse espaço educacional. Uma espécie de (re)forma de seus corpos, suas histórias, suas vidas. De um espaço físico que, há décadas, é constructo social de muitos moradores desse território, mas que ganhou uma nova perspectiva, um novo “esperançar” para a vida dos sujeitos históricos daquele chão. A comunidade, nessa conjuntura, é protagonista, juntamente com os profissionais da escola, consolidando o processo educativo como um ato coletivo, formado por muitas mãos e corações.

Para tal, na pesquisa, verificou-se que todos os agentes educativos na escola se sentam partícipes do processo de ensino-aprendizagem (diretor, professores/as,

---

<sup>77</sup> Os termos *Chikora* e *Pamutadha*, na língua local Chiutewe, chamada apenas chiuté e falada pela população do Posto Administrativo de Amatongas significa, em português europeu, Escola e Comunidade, respectivamente.

secretário, atendente na biblioteca, pais, encarregados de educação e estudantes), ou seja, a comunidade como um todo. Aspecto asseverado com tamanha potência pelos sujeitos da ESCSC-Amatongas, notadamente mediante a participação comunitária do Conselho da Escola.

**Figura 62** – Síntese dos sujeitos (diretor, professores/as, pais e encarregados de educação e estudantes) da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

Realidade destaca por Paulo Freire, no tocante à elaboração dos conteúdos escolares:

O problema fundamental, de natureza política e tocado por tintas ideológicas, é saber quem escolhe os conteúdos, a favor de quem e de que estará o seu ensino, contra quem, a favor de que, contra que. Qual o papel que cabe aos educandos na organização programática dos conteúdos; qual o papel, em níveis diferentes, daqueles e daquelas que, nas bases, cozinheiras, zeladores, vigias, se acham envolvidos na prática educativa da escola; qual o papel das famílias, das organizações sociais, da comunidade local? (Freire, 2021c, p. 152).

Paulo Freire (2021c) legitima uma educação escolar democrática, participativa e comunitária, dando significativa importância às forças vivas da escola na produção dos conteúdos escolares:

Em primeiro lugar, defender a presença participante de alunos, de pais de alunos, de mães de alunos, de vigias, de cozinheiras, de zeladores nos estudos de que resulte a programação dos conteúdos das escolas, o que a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ensaia hoje, na



administração petista de Luiza Erundina, não significa negar a indispensável atuação dos especialistas. Significa apenas não deixá-los como “proprietários” exclusivos de um componente fundamental da prática educativa. Significa democratizar o poder da escolha sobre os conteúdos a que se estende, necessariamente, o debate sobre a maneira mais democrática de tratá-los, de propô-los à apreensão dos educandos, em lugar da pura transferência deles do educador para os educandos. É isto o que também vem se dando na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Não é possível democratizar a escolha dos conteúdos sem democratizar o seu ensino (Freire, 2021c, p. 152-153).

Freire propõe essa perspectiva e destaca a necessidade da democratização do ensinar, para compartilhar a palavra e a produção do saber a todos os agentes da escola.

[...] o que poderá a escola aprender com e o que poderá ensinar a cozinheiras, a zeladores, a vigias, a pais, a mães, na busca da necessária superação do “saber de experiência feito” por um saber mais crítico, mais exato, a que têm direito. Este é um direito das classes populares que progressistas coerentes têm que reconhecer e por ele se bater – o direito de saber melhor o que já sabem, ao lado de outro direito, o de participar, de algum modo, da produção do saber ainda não existente (Freire, 2021c, 153-154).

Realidade apresentar nas escritas e falas dos sujeitos que compõem a ESCSC-Amatongas. Legitimada no documento que norteia o Ensino Secundário no país, o *Regulamento do Ensino Secundário*, em seu artigo 11 (órgãos de Direção da Escola), que se refere ao “Conselho da Escola; Direção da Escola; Coletivo de Direção e Conselho Pedagógico” (*Regulamento do Ensino Secundário*, 2023).

Com um destaque significativo à perspectiva comunitária dos moradores no território escolar:

2. Para além dos órgãos de direção previstos no presente Regulamento, poderão existir, nas escolas, órgãos de coordenação da participação comunitária criados pelo Conselho da Escola, para a melhoria do trabalho.
3. Nas escolas onde for conveniente, poderão continuar as comissões de pais ou de ligação escola-comunidade.
4. Os órgãos referidos nos números anteriores têm por função identificar os problemas que requeiram participação comunitária e promover a sua resolução, em coordenação com esta e com os pais e encarregados de educação (*Regulamento do Ensino Secundário*, 2023, p. 4).

Tem-se claro a perspectiva da participação dos moradores da comunidade nos aspectos que dizem respeito à organização escolar, transcendendo o aspecto consultivo do órgão, enfatizando o caráter participativo dos pais e encarregados de educação. Esse aspecto se conecta à seção II (Do Conselho da Escola), nos artigos 12 (natureza e composição) e 14 (competência do Presidente do Conselho da Escola) (*Regulamento do Ensino Secundário*, 2023).

O primeiro artigo, no n. 1, destaca que,

O Conselho da Escola é o órgão máximo do estabelecimento e tem como objectivos ajustar as directrizes e metas estabelecidas a nível central e local, à realidade da escola e garantir uma gestão democrática e transparente (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 5).

O artigo assevera, com ênfase, o papel de uma participação democrática e transparente desse órgão fundante para o processo de ensino e aprendizagem da escola, abordando o carácter da aprendizagem educacional que formula práticas libertadoras, que ressalta a consciência e criticidade de todas as forças vividas da escola, entendendo que a educação não é neutra e, portanto, rompendo com a ingenuidade. Como destaca Paulo Freire:

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é uma esperança que nos move (Freire, 2021c, p. 174).

Por meio de um novo olhar às relações opressor-oprimido, ganham uma outra configuração. No entanto, elas só podem ser ressignificadas quando o oprimido arrancar o opressor de dentro de si, e, mais do que isso, só o oprimido pode libertar o seu opressor. Aponta-se um caminho que parte de dentro de cada pessoa e afirma-se que cabe ao professor e ao aluno um papel político e uma vivência da educação como prática de liberdade.

Nesta perspectiva, a educação libertadora de Paulo Freire busca promover uma educação com os sujeitos do processo, de modo a compreender e agir sobre o mundo e transformá-lo. Centrada no mundo vivido e apreendido pelo aluno, em sua realidade concreta, onde a sua leitura da escrita e palavra passa por sua leitura do seu mundo e do mundo do outro (Freire, 2021c).

Educação que conscientiza a emancipação e a transformação da realidade, na qual “[...] a libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade” (Freire, 2021c, p. 138), aspecto vivido na ESCSC-Amatongas, pela garantia da palavra aos seus moradores e membros da escola, tendo o Conselho da Escola o papel de catalizador desse processo democrático e participativo.

Nessa conjunta, faz-se, no território de Amatongas, um processo escolar de (re)criação do conhecimento que parte da prática, teoriza-a e volta a ela, em um

processo dialético, pois, fixando-se somente em técnicas e não buscando consolidar-se em um processo de construção de conhecimentos que se apropria criticamente da realidade para poder transformá-la, não se fundamenta em educação libertadora de Paulo Freire.

Para tal, o MINEDH elaborou, em maio de 2017, um *Manual de apoio aos Conselhos de Escolas Secundárias*, empoderando seus membros, com ferramentas de uma participação ativa e transformadora, nesses *lócus* educacionais. Eis uma parte do prefácio do referido manual.

O Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, ciente de que a educação é um património da comunidade, na base da qual transmite as suas experiências socioculturais e técnico-científicas, promove a participação activa e democrática das comunidades na gestão das escolas. É, neste âmbito, que surge o presente Manual de Apoio aos Conselhos de Escola Secundária que visa orientar na sua actuação, assegurando o seu pleno funcionamento para que a gestão escolar seja inclusiva, transparente e eficaz, baseada em documentos normativos e orientadores. Renova o compromisso do Governo de ir ao encontro da necessidade de melhorar, cada vez mais, o envolvimento dos Conselhos de Escola para uma boa governação da escola, consubstanciada através do fornecimento de serviços de qualidade e, conseqüentemente, do sucesso escolar (MINEDH, 2017, p. 2).

O Conselho da Escola Secundária é órgão fundante de consulta, monitoria e de fiscalização do estabelecimento de ensino, com as seguintes funções:

Consultiva: quando faz assessoria, analisando as questões encaminhadas pelos diversos segmentos da escola, apresentando sugestões de soluções;  
Fiscalizadora: quando acompanha a execução das acções administrativas, financeiras e pedagógicas, avaliando e garantindo o cumprimento das normas da escola e a qualidade do ambiente escolar;  
Mobilizadora: quando promove a participação de forma integrada e consciente, dos segmentos representativos da escola e da comunidade em diversas actividades, contribuindo para a efectivação da democracia participativa e para a melhoria da qualidade da educação (MINEDH, 2017, p. 3).

Segundo as funções destacadas acima, a participação ativa e construtiva da comunidade, dos pais e encarregados de educação, através dos Conselhos de Escola, na tomada de decisões, pode melhorar a infraestrutura, os equipamentos, o ambiente escolar e promover o êxito no desempenho escolar, pois o seu envolvimento está positivamente ligado aos resultados positivos de seus alunos e estudantes.

Aspecto asseverado de um modo geral nas “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas pelos sujeitos da ESCSC-Amatongas, reforçando a função consultiva, fiscalizadora e mobilizadora desse órgão. Realidade que oportuniza o

processo participativo e de pertencimento de seus membros e, conseqüentemente, mudanças significativas nas várias dimensões da escola.

O pai e encarregado de educação, representado pelo presidente do Conselho da Escola, pode apoiar a escola na organização de um conjunto de atividades propositivas que têm por finalidade melhorar o desempenho e o desenvolvimento do ambiente escolar. Esse aspecto é enfatizado em entrevista do líder da comunidade de Amatongas e presidente do Conselho da ESCSC-Amatongas.

De acordo com o Regulamento, são suas competências:

1. Convocar e presidir as reuniões do órgão;
2. Conceber a agenda a ser seguida nas reuniões do órgão;
3. No início do ano lectivo, propor para discussão pelo órgão, projectos de apoio material e psico-pedagógico à escola;
4. Coordenar os contactos que os membros do Conselho da Escola porventura fizerem com outras entidades;
5. Coordenar os contactos que a escola fizer com a comunidade em que a mesma se insere, para a percepção real da expectativa dela para com a escola.
6. Sugerir para debates ou para reuniões do órgão aspectos do Regulamento Interno a serem revistos, de acordo com o evoluir ou dinâmica da vida na escola;
7. Solicitar ao Sector Pedagógico informação que necessitar para algum esclarecimento do rendimento escolar;
8. Solicitar ao Director da Escola permissão de reunir com estudantes para abordagem de questões pertinentes (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 5).

Percebe-se a amplitude das funções delegadas ao presidente do Conselho da Escola, nesse documento que norteia tal órgão, a nível de país. Geralmente, uma liderança respeitada e responsável na comunidade local, que vive no território há muitos anos e com filhos ou netos alunos ou estudantes na escola. Como destaca o presidente do Conselho da ESCSC-Amatongas “*Não tem um mandato, depende do comportamento*” (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o encarregado de educação 1).

Aspectos que pontuam a inserção das pessoas residentes da comunidade na vida da escola e, conseqüentemente, o papel transformador da escola para a vida dos moradores da comunidade, ou seja, comunidade e escola, conectadas no fazer educação libertadora e transformadora, como assevera Paulo Freire.

Nessa perspectiva, destaca-se a comunidade como mediadora do processo educativo e não meramente a direção e os professores/as da escola. A educação é coletiva, e não apenas individual. Baseia-se na dimensão ontológica do ser humano e

no respeito profundo da identidade do outro, sendo que esta deve ser olhada de forma totalizante e não fragmentada.

Como pontua Paulo Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar* (Freire, 2021, p. 108, grifo do autor).

Perspectiva defendida por Freire e vivida na escola pesquisada, que considera o aluno e o estudante como sujeitos que ecoam vozes de libertação, que precisam ser respeitadas em sua própria identidade, caso contrário, dificilmente aprenderão. Nesse contexto, o aprender e a reflexão desconstruem verdades absolutas e revelam a visão de mundo que se pode adquirir, de acordo com o aprofundamento daquilo que se aprende.

A educação na ESCSC-Amatongas, segundo os entrevistados, é legitimada como um fenômeno social e coletivo. A atividade educadora se realiza sobre a base da comunidade, aspecto asseverado por Freire, em todo seu “quefazer” educação libertadora no Brasil e no exterior, com ênfase em sua *práxis* no continente africano.

Paulo Freire (1996) afirma que é preciso ter coragem para se assumir como seres incompletos e em construção, fala-nos da ética universal do ser humano como algo da própria natureza humana e do valor de se reconhecer como ser condicionado, porém, não determinado, vislumbrando a história como tempo de possibilidade e não de determinismo. Possibilidade esta efetivada na ESCSC-Amatongas, por meio da participação comunitária e dialógica.

A prática de ensinar não é meramente transmitir conhecimento, mas, muito além disso, é tornar possível a produção, a construção desse saber. Nela, o aluno e o estudante não podem ser tidos ou considerados objetos de um determinado sujeito, mas devem ser, eles próprios os sujeitos da sua própria formação, em um processo contínuo.

Embora tendo clareza do papel do professor, é igualmente necessário ter, professor e aluno, a clareza de que tanto quem se forma pode formar ao ser formado, quanto aquele que forma se (re)forma e se forma ao formar, pois quem ensina aprende ao ensinar e, quem aprende, ensina ao aprender (Freire, 1996). Destaque apresentador por professores nas entrevistas semiestruturadas.

Na seção III (Da direcção da escola), os artigos 15 (Composição da Direcção da Escola); 16 (Competências do Diretor da Escola); 17 (Colectivo de Direcção); 18 (Convocação do Colectivo de Direcção); 19 (Competência do Colectivo de Direcção); 20 (Competência do Director Adjunto-Pedagógico); 21 (Competência do Director Adjunto-Administrativo); 22 (Competência do Chefe de Secretaria); 23 (Competência do Delegado de Disciplina); 24 (Competência do Director de Classe); e 25 (Competência do Director de Turma) (Regulamento do Ensino Secundário, 2023, p. 6-9) destacam o processo organizacional da ESCSC-Amatongas, com ênfase à opção democrática e participativa, dando atenção às convocações e competências dos referidos partícipes educacionais, visando um trabalho mais harmónico e com êxito.

Aspecto também asseverado no Capítulo I (Organização e funcionamento da escola), tendo presente que os órgãos (Conselho de Direcção, Conselho da Escola e Colectivo de Direcção) dirigem o processo de ensino e aprendizagem, garantindo, dessa forma, a gestão dos recursos didáticos e humanos (Regimento Interno da Escola, 2023).

No referido Regimento, no que tange ao Capítulo II, destacam-se o artigo 4, que versa sobre os direitos dos alunos, com destaque ao ensino básico, como *locus* que desenvolve as capacidades laborais e intelectuais destes, perfazendo, no artigo 34 do *Regulamento Geral do Ensino Básico*, um direito fundamental a ser garantido (Regimento Interno da Escola, 2023).

- 1 Ser recebido na escola de acordo com a sua idade, com respeito e consideração que lhe é devido;
- 2 Ser educado com vista ao desenvolvimento integral da sua personalidade e correcta integração social;
- 3 Receber aulas diárias em ambientes e condições adequadas;
- 4 Ser avaliado de acordo com o disposto no regulamento geral da avaliação;
- 5 Ser louvado e distinguido quando merecedor;
- 6 Gozar férias intercalares e anuais de acordo com o estabelecido no calendário escolar;
- 7 Beneficiar da caixa escolar caso seja elegível;
- 8 Beneficiar dos serviços prestados na escola;
- 9 Recorrer às estruturas da turma e da escola para resolver problemas ou apresentar questões de interesse comum;
- 10 Eleger e ser eleito para os órgãos representativos da turma ou da escola;
- 11 Obter o certificado ou diploma de graduação pela conclusão do ensino básico;
- 12 Manter-se na escola até completar o último ciclo do ensino básico (Regimento Interno da Escola, 2023, p. 2-3).

Direitos que defendem o acesso e a dignidade do aluno, ancorados na eticidade e humanização dialógica, que permeiam a educação libertadora de Paulo Freire. Em

meio ao contexto social dos alunos e estudantes, que vivem em famílias numerosas, na região, convivendo com processos desumanos em seus cotidianos.

Os rapazes são a maioria dos alunos, pois as jovens moças acabam sendo “loboladas”, por meio de “dotes” para o casamento de forma prematura, aspecto asseverado na entrevista, pelo professor de filosofia. Sem uma estrutura biopsicossocial, por falta de preparo e conhecimento dos métodos contraceptivos, engravidam precocemente e, em grandes casos, acabam falecendo no parto ou pós-parto, pelas condições biológicas e sanitárias. São jovens mães, que acabam sofrendo pelo julgo cultural e social. São condições reproduzidas, muitas vezes, pelas filhas, caso consigam completar esse ciclo.

Frente a essa conjuntura, uma sólida formação integral da escola, em união com a família, poderá causar um forte impacto de mudança cultural e estimulará o desejo ainda maior do estudo e de oportunidades, fortalecendo novos projetos para si e seus familiares. Realidade vivida no contexto da ESCSC-Amatongas, segundo os entrevistados.

No entanto, no artigo 5º (Deveres do Aluno), percebe-se cobranças de posturas enrijecidas aos alunos e, mesmo demonstrando na introdução uma preocupação com estes, pois o aluno “é a causa da existência do complexo da escola” (Regimento Interno da Escola, 2023, p.3), assevera, em seus números:

- 1 Respeitar os símbolos pátrios (Hino Nacional, Emblema da República, Bandeira da República e Presidente da República);
- 2 Ser assíduo e pontual nas aulas em outras realizações;
- 3 Apresentar-se asseado, vestindo-se de acordo com a orientação da escola;
- 4 Respeitar as pessoas mais velhas, membros da direcção, professores, colegas, pessoal administrativo e cumprir as orientações legais que lhe forem dadas;
- 5 Cumprimentar professores, colegas, membros da direcção pessoas mais velhas;
- 6 Permanecer na sala de aulas durante o período de aulas mesmo que o professor esteja ausente, sem perturbar as actividades das outras salas;
- 7 Estudar diariamente as lições e fazer os respectivos trabalhos de casa;
- 8 Manter a escola limpa, preservar o edifício, a mobília e o material didáctico de uso comum;
- 9 Participar nas actividades extracurriculares;
- 10 Denunciar sempre que tenha conhecimento da prática de assédio sexual ou acto de corrupção;
- 11 Repor e/ou reparar o material da escola que estragar;
- 12 Mostrar ao seu encarregado de educação as suas avaliações logo que as tiver recebido;
- 13 No fim das aulas verificar e deixar o seu lugar limpo (apanhar os papéis e outros resíduos por ele fabricados);
- 14 Aguardar sentado e em silêncio a chegada do professor na sala de aulas e cumprimenta-lo de pé e levantar-se na saída.

15 Justificar as faltas dentro de 48 horas (Regimento Interno da Escola, 2023, p.3).

Para Paulo Freire (2021, p. 96), “[...] Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]”. É nesse sentido, mesmo diante de um contexto educacional nacional ainda tão rígido, que a ESCSC-Amatongas, segundo os entrevistados, tem oportunizado espaços para alunos e estudantes exporem o seu conhecimento, experiências e participação ativa, ocasionando uma transformadora pessoal e social em suas vidas, na de seus familiares e na comunidade em geral.

Na ESCSC-Amatongas, igualmente, o professor compartilha o conhecimento pedagógico e de uma educação libertadora de Paulo Freire, partindo da premissa dos aspectos da cultura e comunidade, fundamentada em suas experiências, nas quais a sua leitura da palavra passa pela leitura de mundo, nas palavras de Freire:

[...] A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (Freire, 2021c, p. 109).

Há, na ESCSC-Amatongas, uma integração com a comunidade, no esforço comum de sustentar as dores do cotidiano. Seja no acesso da comunidade à escola, como, e sobretudo, com a abertura da escola à comunidade, mediada pelo Conselho da Escola, elo de conexão dessas instituições e de seus sujeitos históricos. Por meio do acolhimento aos jovens nos internatos masculino e feminino; utilização de salas da escola para atividades do governo, das religiões e das Igrejas; utilização dos espaços esportivos (campos e quadra) da escola para a comunidade, durante a semana e fins de semana; utilização do carro da escola para necessidades da comunidade (doenças, partos, velórios, dentre outros).

Salienta-se que a escola é da comunidade, as pessoas transitam no espaço escolar frequentemente, passam por ela para irem em suas machambas (roças). Ao redor da escola, não há cerca ou muro e passam, inclusive, no pátio da escola para enterrarem seus mortos, onde fica o cemitério da Aldeia. Há um enorme pertencimento da população local à escola, efetivado por meio desse pertencimento à educação libertadora de Paulo Freire. É como no relato de Paulo Freire, em sua experiência em Guiné-Bissau, ao destacar o Centro de Capacitação Máximo Gorki, a Escola da Có, no seu ato político, em todas as atividades (Freire, 2021e).



Ainda hoje, em Moçambique, essa perspectiva sociopolítica no ato de educar, nessa escola em questão, recebe destaque. Uma escola que se vincula ao social em todas as suas perspectivas, agregando uma incorporação dialética no ato de ensinar e aprender.

Na verdade, só na unidade dialética entre ensinar e aprender é que a afirmação 'quem sabe ensina a quem não sabe' ganha sentido revolucionário. Quer dizer, quando quem sabe, sabe, primeiro, que o processo em que algo aprendeu é social; segundo, quando sabe que, ao ensinar o que sabe a quem não sabe, sabe também que dele ou dela pode aprender algo que não sabia. Este é o espírito que se percebe em Có [...]. Espírito que prossegue na luta e que anima a educação nas zonas libertadas de que a escola de Có é uma continuidade (Freire, 2021e, p. 83).

Essa unidade dialética (ensinar e aprender) da ESCSC-Amatongas se identifica, segundo a pesquisa de campo, em ações de escutas, diálogos, amorosidade e respeito aos pensamentos dos alunos e estudantes. Em um clima de compreensão e uma postura humanizada e humanizante. Estando aberta às opiniões e questionamentos destes e de seus familiares, permitindo que os alunos e estudantes cumpram seu o papel de facilitador e mediador do processo do ensino e aprendizagem.

Outro aspecto relevante asseverado nas correspondências e entrevistas é o trabalho em equipe da direção geral e pedagógica, professores/as e agentes de serviço, pais e encarregados de educação, que influenciam efetivamente em ações exitosas da escola e no desempenho positivo de seus alunos e estudantes. Destaca-se um clima de compreensão e humildade, no coletivo da direção, professores/as, agentes de serviço e comunidade, que reverbera no fazer educação transformadora e libertadora aos alunos e estudantes.

Paulo Freire nos fala da ética, da estética, do exemplo e da abertura para o novo, destacando que a tarefa mais nobre da educação é humanizar (Freire, 1996). O professor necessita ser humano para conduzir o aluno e estudante à humanização, visando o caminho da libertação, ancorado no processo dialógico (Mazula, 2018).

Um diálogo amoroso, com humildade e fé no sujeito; banhado de confiança, esperança, e solidariedade é um movimento fundante para uma prática educativa libertadora, que deve iluminar as ações dos professores.

Ao exercitar essas categorias, essa educação dialógica, torna-se possível construir com os professores/as, pais e encarregados de educação, alunos e estudantes um forte vínculo para uma prática pedagógica libertadora de Paulo Freire.

Uma prática que busca trilhar caminhos da dialogicidade, pois, “enquanto relação democrática, o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento” (Freire, 2021c, p. 166).

Mediante as análises das “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas realizadas, identifica-se a perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, consolidada no processo de conexões da ESCSC-Amatongas, balizada fortemente na participação comunitária dialógica, tendo como o principal elo de conexão o Conselho da Escola.

**Figura 63** – Síntese visual da conexão escola-comunidade



Fonte: o autor (2023).

Reafirma-se o Conselho da Escola como o órgão máximo que conecta e fortalece a escola e a comunidade de Amatongas, que se consolida como “elo” efetivador do processo de participação comunitária, tendo como representantes a direção, professores/as, pais encarregados e estudantes.

Realidade que oportuniza a fala-escuta de todos os seus membros, visando dialogicamente e democraticamente buscar resolver “situações-limites” pessoas, sociais e comunitárias, nesse contexto escolar carregado de “feiuras”, mas abundantemente cheio de “bonitezas”. Respalda em uma gestão participativa, coletiva e dialógica de todos os sujeitos partícipes deste *lócus* educacional.

Diante da situação-problema: A perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas?, e tendo como objetivo geral:

Analisar de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas, com ênfase ao objetivo específico: Analisar, por meio de “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território.

Identifica-se que a sistematização de experiência (Jara, 2006) da ESCSC-Amatongas, desenvolvida por meio das técnicas “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas alcançou os objetivos propostos, por apresentar a potente vinculação efetiva e afetiva da *Chikora* e *Pamutadha*, tendo como elo conector dessa participação comunitária o Conselho da Escola, que concretiza, de fato, processos participativos, democráticos e de pertencimentos dos moradores locais com a ESCSC-Amatongas.

A Escola materializa uma vinculação coletiva que (retro)alimenta as pessoas residentes na comunidade, na vida escolar e a própria escola em relação à vida dos moradores da comunidade de Amatongas, aspectos defendidos por Paulo Freire em toda sua *práxis* educacional, no Brasil e exterior.

A pesquisa (re)afirma a tão sonhada e não utópica educação libertadora de Paulo Freire desenvolvida pela *Chikora* e *Pamutadha* (Escola e Comunidade) que, desde sua ida primeira ao continente africano, como funcionário do CMI e exilado, o conectou com suas raízes e ancestralidades brasileiras e recifense. Contexto que desafia e motiva para, em terras brasileiras, de um território continental e com muitas comunidades rurais, realizar uma educação escolar coletiva, participativa e libertadora, por meio do Conselho da Escola, como se verifica ser uma experiência exitosa na ESCSC-Amatongas.

## PARA CONTINUAR A TRAVESSIA<sup>78</sup>

**Querido Paulo Freire,**

Camarada de andarilhagens,

Chego no final desta pesquisa com tantas interpelações e igualmente tão mobilizado por sua vida e *práxis* de educação libertadora nos espaços escolares e não escolares que você esteve vinculado, com destaque aos países de nosso continente-irmão África, berço da humanidade. Território “sagrado”, onde vivi e aprendi sapiências que não terei tempo, nesta vida, para traduzir em “palavra-ação”.

Descobri, por intermédio de minha coorientadora Professora Dr<sup>a</sup>. Franciele Clara Peloso, docente na UTFPR (Campus de Pato Branco/PR), que o gênero carta foi muito cultivado por ti. Correspondências intencionalmente pedagógicas, que convidam o escritor-leitor ao engajamento e à luta, conectando-o pessoal e comunitariamente. Desejo escrever essas palavras finais, ou melhor, continuar minha travessia, com esse gênero. Esta pesquisa mudou minha visão de mundo e do fazer acadêmico, tendo como inspiração a sistematização de experiência, que traduz toda a “boniteza” e a potência de uma educação libertadora na ESCSC-Amatongas.

Inicialmente, minhas palavras a ti são de gratidão, *Ndatenda*, na língua materna chiuté, do *lócus* da pesquisa. Sou grato por encontrar, em você, ao longo dessa pesquisa, a esperança do verbo “esperançar”, em tempos tão sombrios, de pandemia, intolerâncias, fundamentalismos, guerras, catástrofes naturais e tantas outras situações que tanto nos desumanizam. Sou grato por me fazer crer que a educação libertadora e a transformação desses estados de “feiuras” são possíveis e urgentes.

Querido Paulo, descobri que você teve seu encontro com África desde a sua infância, como você próprio deixou registado no seu livro *Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo* (Freire, 2021e), ao escrever que quando pisou “pela primeira vez o chão africano” (Freire, 2011e, p. 13) sentiu-se nele “como quem voltava e não como quem chegava” (Freire, 2011e, p. 13), e acrescentou:

Daquele momento em diante, as mais mínimas coisas – velhas conhecidas – começaram a falar a mim. A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros,

---

<sup>78</sup> Palavras à Paulo Freire, sobre as conexões da educação libertadora na ESCSC-Amatongas e a comunidade de Amatongas, com inspiração da metodologia de sistematização de experiência (Jara, 2006).

as mangueiras, os cajueiros, o perfumes de suas flores, o cheiro da terra, as bananas, entre elas a minha bem amada banana-mação, o peixe ao leite do coco, os gafanhotos pulando na grama rasteira, o gíngar do corpo das gentes andando nas ruas, seu sorriso disponível à vida, os tambores soando no fundo das noites, os corpos bailando e, ao fazê-lo, 'desenhando o mundo', a presença entre as massas populares, da expressão de sua cultura (Freire, 2011e, p. 13-14).

Meu amigo, ao ler esse seu registro inicial e toda essa obra que de fato me fez conhecer, mesmo que introdutoriamente, sua atuação em Guiné-Bissau, primeiro país africano a trabalhar sua educação libertadora, recordei de minha chegada em Moçambique, em 17 de julho de 2015, no aeroporto da cidade da Beira, capital da Província de Sofala. Logo cedo, depois de contemplar o Oceano Índico e chegar em Amatongas, em uma noite com uma densa penumbra de fumaça, das lenhas queimadas para cozer o jantar das pessoas da comunidade e dos internos que ainda residem no Lar Masculino São Quisito, recebi muitos abraços na acolhida, o primeiro jantar tocando com as mãos nos alimentos (chima com couve), o momento de acolhida com cantos, batuques, danças, risos, abraços... Corpos que me conectavam às minhas origens ipixunense, paraense, nortista e brasileira.

Freire, nesses anos, em cada dia, me conectei mais com essa realidade e com as pessoas, usando suas roupas, aprendendo palavras em sua língua materna, participando das suas cerimônias... Tantos momentos de trocas e aprendizagens. Como você que, mesmo não tendo morado em África, afirmou que, em suas idas, nesse chão, conectava-se com as pessoas nos mercados públicos e campos de futebol, para contemplar suas conversas nas línguas maternas, reações e atitudes.

Por isso almejei, inspirado na sistematização de experiência, conduzir essa pesquisa na ESCSC-Amatongas, que objetivou analisar de que forma a sua educação libertadora se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas, a partir de estudos e obras de sua atuação educativa no continente africano.

Tendo como objetivos específicos: apresentar sua vida, obras e "andarilhagens", nos espaços de educação em África; descrever o território do Posto Administrativo de Amatongas, bem como a ESCSC-Amatongas, destacando as relações comunitárias; identificar as relações da ESCSC-Amatongas com a comunidade local (Aldeia de Amatongas), a partir da sua educação libertadora; e analisar, por meio de "cartas pedagógicas" e entrevistas semiestruturadas, as categorias educação, escola e comunidade, na perspectiva da sua educação libertadora, na ESCSC-Amatongas, bem como as conexões desta com seu território.

Freire, como foi importante para mim fazer essa “travessia” de construção desses capítulos – ora mais fácil, ora pesadamente difícil – a pesquisa me exigiu leitura aprofundada de suas obras, com destaque aos seus estudos africanos. Apropriando-me, mesmo que ainda não plenamente, de suas palavras, termos, categorias e conceitos, trazendo para meu vocabulário, para o meu “quefazer” pessoal e profissional, prossegui visando perseguir as “situações-limites”.

Ao longo das leituras e escritas, o entendimento que sua perspectiva de educação libertadora se efetiva na *práxis* (ação-reflexão-ação) da ESCSC-Amatongas era maior e mais claro. Tendo como baliza uma educação comprometida com a humanização, com a garantia de que mulheres e homens, como sujeitos históricos, podem construir o seu modo de ser gente, produzindo “gentetude”, para buscar romper com as situações e instituições que procuram desumanizar esses sujeitos, retirando destes a capacidade de “ser mais”, com destaque ao ambiente escolar.

Sua perspectiva da “incompletude” e do “inacabamento” do sujeito, em nosso caso, do aluno, presente em sua ontologia pessoal e profissional, reforça a necessidade de uma educação libertadora integral e permanente, aspecto vivido na escola pesquisada no contexto moçambicano. Tendo a participação comunitária, por meio do Conselho da Escola, como fator *sine qua non*, de uma transformação na realidade da comunidade de Amatongas, de seus moradores, com destaque aos alunos, estudantes e seus familiares.

Ao longo do levantamento de produções no Brasil e em Moçambique, identifiquei que não há trabalhos utilizados, tendo como inspiração a sistematização de experiência (Jara, 2006), com a técnica de “cartas pedagógicas” em África, de um modo geral, e em Moçambique, em particular, por isso a originalidade de nosso estudo e sua relevância pessoal, social e comunitária. Ao apresentar esse *lócus* educacional, tão diverso da realidade brasileira.

Nessa procura, fizemos contatos em Moçambique, durante a pesquisa de campo, com professores e professoras universitários e universitárias que têm estudado seu legado. Eles e elas buscam, em sua perspectiva de educação libertadora, transformar a realidade educacional do país, ainda profundamente alicerçada em uma colonização carregada de opressão e violência física e simbólica.

Confirmando nossas buscas científicas, os professores e professoras afirmaram não haver plataformas e repositórios com seus trabalhos no país, tampouco grupos de estudo. Há sim, muitas concepções suas em reflexões e publicações

(artigos, monografias, dissertações e teses). Nesse sentido, destaco a necessidade de iniciativas coletivas para tornar seu legado freiriano mais conhecido e estudado nesse país lusófono.

Na metade da pesquisa, optamos por sistematizar a experiência (Jara, 2006), tendo como técnica “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, para continuar nossa aproximação com as pessoas daquela realidade educacional e comunitária, convidá-las ao diálogo, à resposta, às memórias e à problematização educacional, estabelecendo uma relação encharcada de afetos e trocas.

Para tal, encaminhamos as correspondências, recebemos suas respostas e a emoção tomava todo meu ser, pelas palavras carregadas de “bonitezas” e profundidades dos sujeitos da ESCSC-Amatongas. Após várias leituras, em vários momentos e lugares, optamos, com as entrevistas, por pesquisar em *lócus* as categorias *educação, escola e comunidade*. Destacando transversalmente, nesses diálogos, as conexões da ESCSC-Amatongas com a comunidade, por já identificarmos, mesmo que parcialmente, que essas conexões fundamentariam a *práxis* da educação libertadora no *lócus* educacional de Amatongas.

Depois de quase dois anos (2022-2023) me apropriando teoricamente de seu legado humanizador e dialógico no Brasil e em África, em setembro de 2023, embarquei novamente a esse continente-irmão, para a comunidade de Amatongas, lugar que me conecta a ti, agora, de modo totalmente diferente. Uma conexão potente e muito significativa, por saber que você estudou, trabalhou e viveu nesse chão avermelhado, de tamanha resistência desse povo cheio de seu “esperançar”.

Nos dados obtidos e analisados por meio das “cartas pedagógicas” e entrevistas semiestruturadas, há destaque às conexões entre as categorias nas referidas técnicas dialógicas. No tocante à *educação*, nas “cartas pedagógicas”, os sujeitos destacam que ela é composta pelo processo de vinculação entre o conhecimento científico, empírico e relacional (saber ser e estar), sendo um mecanismo de humanização e de construção de valores. Esse aspecto é corroborado nas entrevistas semiestruturadas como sendo um fator fundante para o desenvolvimento transformador da comunidade, em um processo de crescimento contínuo, que se inicia no contexto familiar, por meio dos valores que, ao chegar no contexto escolar, vislumbra-se como possibilidade, por meio de uma profissionalização para a construção familiar na comunidade, como *lócus* relacional e social.

*Escola*, nas “cartas pedagógicas”, é destaca como *lócus* catalizador da “*formação integral*”; “*conexão em sociedade*” e “*palco de convergência cultural*”, *perfazendo-se como espaço oficial da aquisição do conhecimento lógico e valorativo para vincular-se a uma sociedade*. As entrevistas semiestruturadas são consonantes, identificando a *escola* como uma instituição concebida para ensinar certos conhecimentos científicos e cultura local e geral, que fortalece o conhecimento familiar, em uma educação integral, inclusiva e diversa, pela convergência de atores (direção, professores/as, alunos e estudantes), com destaque à comunidade.

No tocante à *comunidade*, trata-se de um agrupamento de pessoas, de habitações em um determinado território (Aldeia), que envolve muitas culturas e povos. Espaço que rodeia a escola e de onde os alunos e estudantes partem para ter educação na escola. Lugar de vivências e comunicação, alicerçada por valores culturais, que congrega famílias e estimula a participação social.

Assevero que a conexão da ESCSC-Amatongas com a comunidade de Amatongas se dá por meio da tamanha participação comunitária de seus membros: Direção, professores/as, pais e encarregados de educação, alunos e estudantes que, de modo coletivo, destacam a ação do Conselho da Escola, como “elo” de conexão e força motriz para o desenvolvimento educacional da escola e transformação socioeconômica da comunidade e de seus moradores que, ao residirem em torno da escola, a veem como “*sua casa*” e “*um lar para todos*”.

É por isso que sua *práxis* de educação libertadora se efetiva na ESCSC-Amatongas, expressando-se em ações, diálogo, comunhão, humanização, respeito à cultura e participação comunitária, pois a escola pesquisada, tendo como diretriz as normativas educacionais do país, que destacam, de forma veemente, o Conselho da Escola como órgão máximo com função “consultiva, fiscalizadora e mobilizadora” (MINEDH, 2017, p. 3) no processo de ensino-aprendizagem, legitima uma educação democrática e participativa de todos as forças vivas e protagonistas desse *lócus* educacional e social.

Participação comunitária esta que acontece por meio de vários processos: engajamento ativo dos alunos e estudantes, ao refletirem seus processos educativos em reuniões e assembleias com a direção e corpo docente; acolhida e envolvimento de pais e encarregados de educação, que buscam a escola por uma necessidade particular; em reuniões com o Conselho da Escola; bem como pela utilização das estruturas físicas da escola em reuniões, mobilizações e ações da comunidade local.



Como foi apresentado nas entrevistas semiestruturadas, os moradores de Amatongas a têm como mecanismo fundante no processo de ensino-aprendizado e social da comunidade. Por não ter cercas, o espaço escolar é a continuação de seus terrenos, ao transitá-lo para irem às suas machambas (roças), buscarem água e inclusive, para enterrarem seus mortos. É um pertencimento mútuo, que conecta escola-comunidade e comunidade-escola.

Freire, como foi importante falar com os sujeitos históricos da escola (direção, professores/as, pais e encarregados de educação, alunos e estudantes), participar da reunião do Conselho da Escola, contactar com professores universitários de algumas Províncias do país, receber seus materiais e pareceres sobre suas perspectivas de educação libertadora em Moçambique, fazer pesquisa bibliográfica nas bibliotecas da ESCSC-Amatongas, biblioteca central da cidade de Chimoio e a biblioteca da UNIPÚNGUÈ, em Chimoio, conhecer suas estruturas e conversar com alguns profissionais.

Circunstâncias em que pude visualizar as transformações que o contexto escolar e o social viveram, tendo em vista que somos seres em processo e em transição. Ainda, pude me conectar com pesquisadores e seus materiais bibliográficos que, por serem produzidos no país, destacam com maior apropriação o processo educacional que este têm desenvolvido, com seus desafios, limites e possibilidades.

Estar nesse *lócus* e, após a coleta dos dados, analisá-los, (re)afirma e, ao nosso ver, responde ao problema inicial: “A perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na práxis da ESCSC-Amatongas?”. Destacando, de fato, a importância do Conselho da Escola da ESCSC-Amatongas como órgão conector e impulsionador do êxito na escola pesquisada e os impactos transformadores de sua educação na vida de seus alunos e familiares.

Educação libertadora que permeia o ser e fazer educacional, como destaca o diretor participante, ao ser interpelado se acredita que, na ESCSC-Amatongas, tem-se trabalhado a perspectiva da educação libertadora e seus preceitos. Sendo enfático, ao afirmar:

*Ele esteve aqui e também estão os livros deles aí, tem pessoas que estuda aqui. Então, o que que nós fizemos aqui, as mensagens colocadas então nas paredes, e aí pra todo mundo, então queira ou não queira, então marca as pessoas, isso aí grava as pessoas. E no trabalho que a gente faz com os professores, sempre volta um desses princípios de Paulo Freire (trecho da entrevista semiestruturada realizada com o diretor).*

Palavras que traduzem toda a perspectiva de educação libertadora vivida na escola pesquisada, em que a participação comunitária e o diálogo, categorias asseveradas por você e destacadas no referido texto, reforçam o processo de uma educação que deve ser construída por várias mãos e vozes. Como você mesmo destaca “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para sua real humanização” (Freire, 2021, p. 184-185).

Realidade vivida na escola pesquisada, segundo os entrevistados e reverberada na comunidade local e em outros territórios do país, legitimando seu legado, que precisa ser ainda mais estudado e conhecido no país.

Destacamos que, diante dos achados, outras buscas se fazem necessárias, ou seja, sua pesquisa em Moçambique não se esgota. Buscamos, sim, elaborar uma pequena contribuição aos seus estudos em África, para que a travessia do saber acadêmico e os diálogos continuem solidificando seus estudos no continente africano extremamente plural e diverso, ancorado em sua educação libertadora.

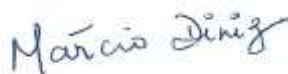
Destacamos que estudos antropológicos e socioculturais no ambiente escolar africano se conectam com nossa pesquisa, tendo em vista que a perspectiva do contexto comunitário foi acentuada de tal forma em nossos achados, corroborando, neste contexto, com a potente ligação *Chikora-Pamutadha* (escola-comunidade).

“Estamos juntos”, como reverberam constantemente nossos irmãos e irmãs moçambicanos e moçambicanas.

*Ndatenda* Paulo Freire.

*Ndatenda*, encharcado de amorosidade e afeto.

Seu discípulo,



Márcio Diniz

Ponta Grossa/PR, 29 de fevereiro de 2024.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: FREITAS de, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referenciais conceituais. São Paulo: Ação educativa, 2005. p. 19-36. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso: 12 nov. 2023.
- AGLIARDI, Ilda Renata da Silva. **Comunidade educadora: a proposta de educação integral da escola Baréa**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- AGÜERO, M. L.; ALCOBA, L.; GARCÍA, F.; GUASTAVINO M.; RODRIGUEZ F. **El Camino de la sistematización**: Manuel para la sistematización participativa. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones INTA, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/48515280/El\\_camino\\_de\\_la\\_sistematizacion\\_e\\_book](https://www.academia.edu/48515280/El_camino_de_la_sistematizacion_e_book). Acesso: 13 jun. 2023.
- ANDRÉ, Ussene Eusébio. **Modelos e Práticas de Ensino Secundário Geral do 2º Ciclo da Escola Santa Teresinha do Menino Jesus**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017.
- ARELARO, Lisete Regina Gomes; CABRAL, Maria; REGINA, Martins. Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora. *In*: BOTO, Carla. **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados**. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 269-273. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273.pdf>. Acesso: 2 maio 2023.
- ASSANE, Adelino Inácio; JULIASSE, Arlindo Cornélio Ntunduatha. ESCOLA COMO BASE PARA O POVO TOMAR O PODER? Diálogo entre Samora Machel e Paulo Freire. **Movimento-Revista de Educação**, n. 7, p. 209-227, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32632/18767>. Acesso: 12 nov. 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. *In*: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 44-45.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. HOJE, TANTOS ANOS DEPOIS. *In*: SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire: Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 7-19.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizagens que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.
- CHEMANE, Orlando Daniel. **Paulo Freire e África**: Colonialismo, Libertação e Educação em Moçambique. 2017. 280 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2017. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15885/2017%20Tese%20Orlando%20Daniele%20Chemane.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 23 out. 2023.

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência**: Paulo Freire e a Educação por Cartas e Livros. Brasília: Liber Livro, 2011.

COUTO, Carolina Pinto. **Estratégias coloniais**: O papel da infraestrutura ferroviária da Beira no processo de colonização de Manica e Sofala, em Moçambique, 2021. (Mestrado Integrado em Arquitetura), Escola de Arquitectura, Arte e Design, Uminho, Minho, 2021. Disponível em:

[file:///C:/Users/marci/Downloads/TESE\\_Carolina%20Pinto%20Couto%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/marci/Downloads/TESE_Carolina%20Pinto%20Couto%20(2).pdf).

Acesso: 13 jun. 2023.

COUTO, Mia. **Pensatempos**: Editorial Caminho, 2005.

CRAVEIRINHA, José. **Obra Poética**. Maputo: Imprensa Universitária/UEM, 2002.

CUMBE, Ângelo Nhapacho Francisco. **O patrimônio geológico de Moçambique: proposta de metodologia de inventariação, caracterização e avaliação**.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Geológico e Geoconservação), Uminho, Minho, 2007.

DENIASSE, Olavo Alberto. **A Problemática ambiental da mineração artesanal em Manica-Moçambique**: Proposta de solução. Maputo: Ethale Publising Lda., 2020.

DICKMANN, Ivanio (Org.). **Pedagogia da gratidão**: cartas a Paulo Freire. São Paulo: Dialogar, 2017.

DICKMANN, Ivo. As dez características de uma Cartas pedagógicas *In*: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. **Cartas Pedagógicas: Tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. Chapecó: Livrologia, 2020. p. 37-51.

DIEZ, Juan José. **Família-escola uma relação vital**. Maputo: PORTO EDITORA, LDA, 2013.

EMBAIXADA DE MOÇAMBIQUE. **O livro da rua**: Moçambique. Brasília: Thesaurus Editora, 2011. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-946-mocambique>. Acesso: 29 jun. 2023.

ESCSC-Amatongas. **Regimento Interno da Escola**, 2023, disponibilizado pelo Diretor da ESCSC-Amatongas ao pesquisador.

ESCSC-Amatongas. **Regulamento do Ensino Secundário**, 2023, disponibilizado pelo Diretor da ESCSC-Amatongas ao pesquisador.

FERREIRA, Artur Viana. Libertando a docência da educação escolar: os espaços não escolares como local da formação docente ampliada inicial e continuada. *In*: FERREIRA, Arthur Vianna (Org.). **Conviver também é educar**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

FERREIRA, Márcio Nonato Diniz. Pandemia, pandemônios e educação social: Jovens sujeitos de direitos. *In*: FERREIRA, Arthur Vianna (Org.). **Educação Social: entre pandemia e o(s) pandemônio(s)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

FREIRE, Ana Maria. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996. p. 27-67.

FREIRE, Ana Maria. **Uma História de Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada Vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Educação e participação comunitária (manuscrito). São Paulo, 25 de outubro de 1992. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/69e72e3a-6564-40ad-9a2c-414d47662c2a/content>. Acesso: 24 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 79 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 28 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: Registro de uma experiência em processo**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021e.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021g.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022c.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022d.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: A Prática à altura do sonho. *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996. p. 69-115.

GAIO, Adriana. **Educação popular presente no acervo de cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão**: Identificação de temas, ideias e sujeitos em correspondências datadas entre 1964 e 1980. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11001313](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11001313). Acesso: 29 jun. 2023.

GASPERINI, Lavinia. **Mozambique**: educación y desarrollo rural. 2007. Disponível em: <https://www.fao.org/3/ah644s/ah644s00.pdf>. Acesso: 29 jun. 2023.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000a.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

GUIRRO, Leandro Antonio. **TEMPO, PAPEL E TINTA**: imprensa e fotografia sobre Moçambique (1897-1937), 2018, 202 f. Tese (Doutorado Faculdade Ciências e Letras), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Pulo, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6429543](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6429543). Acesso: em 29 jun. 2023.

INTANGUÊ, Sabino Tobana. **História da Educação em Moçambique**, 2016, Monografia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção/CE, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1251/1/Intangu%C3%AA%20Sabino%20Tobana.pdf>. Acesso: 8 jul. 2023.

JARA, Oscar. O DESAFIO E A PAIXÃO DE APRENDER NO ÂMBITO DA ARTE DE EDUCAR, INSPIRADO NO TEXTO DE PAULO FREIRE: não há docência sem discência. *In*: SPIGOLON, Nina Imaculada; CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves (Org.). **Círculos de cultura: teorias, práticas e práxis**. Curitiba: CRV, 2016.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Trad.: RESENDE, Maria Viviana. 2 ed, revista. Brasília: MMA, 2006. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso: 13 jun. 2023.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiencias**: una propuesta teórica y práctica. Lima, Perú: Tarea Asociación de Publicaciones Educativas: 1994.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra II**. 3 ed. Portugal: Publicações Europa-América Lda., 2000.

LITSURE, Henrique Francisco. **A identidade TSONGA-CHANGANA no contexto da identidade Nacional Moçambicana**: construção e representação. Tese (Ciências Sociais), Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2019.

MALOTE, Erudito; TEMBE, Graziela; SELIMANE, Remane. **Pré-universitário História 11**. Maputo: Pearson Moçambique Lda., 2013.

MAZULA, Brazão. **A complexidade de ser Professor em Moçambique e seus Desafios**. Maputo: Plural editores, 2018.

MAZULA, Brazão. **A utopia de pensar a educação**. Maputo: ALCANCE EDITORES, 2013.

MAZULA, Brazão; BLAUNDE, José; CHIRINDJA, Nilza. **O QUE ENSINAMOS, APRENDEMOS E O QUE APRENDEMOS, ENSINAMOS** - Caminhando nas ruas e picadas (da educação) de Moçambique. Maputo: Autores, 2022.

MAZULA, Brazão. **Mensagem Professor Mazula**. WhatsApp. 21 de setembro de 2023. 06:17.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINEDH. **Manual de Apoio Aos Conselhos de Escola Secundária**, 2017, disponibilizado pelo Diretor da ESCSC-Amatongas ao pesquisador.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de Campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NHAPULO, Telésfero Jesus. **História 12ª Classe**. Maputo: Plural Editores, 2015.

NHAPULO, Telésfero. **Atlas Histórico de Moçambique**. Maputo: Plural Editores, 2018.

NHAPULO, Telésfero. **Atlas Histórico de Moçambique**. Moçambique: Plural Editores, 2018. p. 4.

PADRES DE GONDOLA. **Em baixo da Árvore**: História das comunidades cristãs da Paróquia de Maria Imaculada de Amatongas. Amatongas: Impressão própria, 2022.

PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. Cartas pedagógicas: registros e memória na educação. *In*: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. **Cartas Pedagógicas**: Tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020. p. 20-27.

PELOSO, Clara Franciele. **Paulo Freire e a educação da infância das classes populares em reflexões, imagens e memórias reveladas** 2009, 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009. Disponível em:

<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1296/1/FrancieleClara.pdf>. Acesso: 12 nov. 2023.

PORTAL DE MOÇAMBIQUE. **Geografia de Moçambique**, 2023. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Geografia-de-Mocambique>. Acesso: 29 jun. 2023.

SANÉ, Stéphane Léon. **A Pedagogia da Confiança: O estilo educativo dos Irmãos do Sagrado Coração** (caderno de preparação para o Bicentenário 1981-2021). Trad.: GOULART, Domingos Maria. Marília: Gráfica Visão, 2020.

SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire: Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

STRECK, Danilo R.: Angicos. *In*: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Paulo Freire: Uma breve cartografia intelectual. *In*: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 17-24.

TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano: UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL. *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996. p. 117-147.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod\\_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf). Acesso: 13 jun. 2023.

VAZ DE ALMADA, João. **Samora Machel**. Maputo: Plural Editores, 2014.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas *In*: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ZANETTI, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, n. 65, p. 149–166, jul./set. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320485289\\_Pesquisa\\_qualitativa\\_no\\_conte\\_xto\\_da\\_Educacao\\_no\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/320485289_Pesquisa_qualitativa_no_conte_xto_da_Educacao_no_Brasil). Acesso: 13 jun. 2023.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialogicidade. *In*: STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



**APÊNDICE A – “CARTA PEDAGÓGICA” ENVIADA AOS/AS  
DESTINATÁRIOS/AS RESIDENTES EM AMATONGAS**

Ponta Grossa, setembro de 2022

Estimado: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

É com imenso prazer e alegria que chego até você por meio dessas linhas, ao escrevê-la pude (re)viver os momentos que trilhamos juntos durante os 6 anos (2015-2021) que estive a ensinar-aprender na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas. Onde fui imensamente realizado como pessoa-profissional da educação e conectado fortemente com a cultura africana, moçambicana.

Conexão no vestir, comer, dançar...sorrir, brincar, educar. E construir “bunitezas” nos pequenos gestos: Um chima com peixe-seco ou couve. E por que não os dois juntos?; uma matapá com arroz branco; um copo de marreu no final de uma celebração; a presença em um lobolo a convite da família; a visita no nascimento de uma Mwana; no funeral e velório de uma pessoa nova ou velha na aldeia e em tantos outros lindos momentos. Todas essas “tramas” moçambicanas me fazem hoje uma pessoa melhor e mais aberta à escuta e ao diálogo efetivo, afetivo e cuidante. Ndatenda!

Como sabe, sou Márcio Nonato Diniz Ferreira, atualmente sou mestrando, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientando do Professor Dr. Érico Ribas Machado e co-orientando da Professora Dra. Franciele Clara Peloso. Estamos desenvolvendo a pesquisa **A Educação Social na Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas-Moçambique/África: espaço de Conviver e Aprender em comunidade**. Tendo como teórico Paulo Freire, onde sua imagem com a frase: “Não se pode falar em Educação, sem Amor” está desenhada no espaço da ESCSC-Amatongas, sinalizando a opção amorosa, solidária e comunitária. Usaremos como forma de diálogo cartas pedagógicas, por traduzir em palavras-ações toda a vivência de dada realidade, em nosso caso, a ESCSC-Amatongas em conexão com a Aldeia de Amatongas.

É de nosso conhecimento que Paulo Freire desenvolveu um importante trabalho em África (Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde) nos anos 1975-1976, quando era membro do CMI (Conselho Mundial das Igrejas Cristãs), no Comissariado de educação, correlacionando à formação científica com a relação de produção mais solidária e cooperativa, alicerçado nas reflexões do líder revolucionário Guineense Amílcar Cabral.

Freire não esteve em Moçambique, mas sua estadia nos países que fazem fronteiras com Moçambique e o seu contato com lideranças da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), o marcou profundamente (FREIRE, 2021)<sup>79</sup>. Suas “tramas” pessoais se conectaram com a realidade sociocultural e histórica de Moçambique.

Todavia percebemos que existem poucos trabalhos que enfatizam a relação do pensamento de Paulo Freire, com a educação africana, e moçambicana em particular. E ciente de seu conhecimento acerca da realidade da Escola Secundária Comunitária de Amatongas, gostaríamos de solicitar se possível, que escreva uma carta, endereçada a nós, respondendo as seguintes questões:

- ✓ O que é educação para você?
- ✓ O que é escola para você?

---

<sup>79</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 28 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

- ✓ Como você verifica as conexões da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas) com a realidade local (Aldeia de Amatongas)?

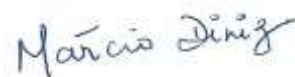
**Pedimos que a devolva escrita na folha que segue, por seu próprio punho no dia 26/09/22 (segunda-feira) ao DAE Heldet**, não há um modelo específico, fica a seu critério destacar as questões acima e apresentar suas “tramas” pessoais e comunitárias, vinculadas às realidades da ESCSC-Amatongas, para que dessa forma unificada, seja construído um belo tecido de capulana cheio de cores. Posteriormente pretendemos estabelecer novo contato para dialogarmos sobre a sua carta em um “círculo de cultura” em Amatongas.

Destacamos que as informações enviadas em forma de carta, serão utilizadas em uma dissertação de mestrado. Assim que a pesquisa estiver concluída daremos um retorno para cada colaborador e à comunidade local. Também utilizaremos essas informações na construção de artigos científicos, por entendermos que essa proposta tem tamanha relevância, que pode ser iluminadora em outros espaços escolares e não-escolares em África e no Brasil.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração com a nossa pesquisa.

Ficaremos no aguardo.

Maiatabasa!



Márcio, Érico e Franciele

**APÊNDICE B – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DO DIRETOR, FUNCIONÁRIOS E  
PROFESSORES/AS DA ESCSC-AMATONGAS**

De Honor Venâncio Duenho  
Assistente Técnico

Meus cumprimentos a Ponta Grossa em particular  
irmão Marcio Renato Dinis.

De acordo com o meu entender, educação é um  
processo de transmitir conhecimentos de geração em  
geração.

Escola é um centro de ensino e aprendiza-  
gem. É o local onde se encontra diversas  
gerações para obter um novo olhar, ser, e enten-  
der.

A escola secundária Sagrado Coração de Ama-  
tongas relaciona-se bem com a comunidade  
de amatongas; exemplo: no amor ao próximo  
na maneira de agir, coordenar entre outros

~~2~~

A Carta Para o Sr. Manoel Pinz

Olá Sr. Manoel Pinz, espero que esteja bem. Tô muito  
 muitíssimo contente por perceber esta bellissima  
 carta em estado directamente do Brasil para a casa  
 Venha este meio e destacando com a pois a leitura  
 a carta em estado pois a leitura. Fiquei muito contente  
 por voltar mais com as actividades que a tenho nos  
 trabalhos cá em amizade. Trabalho com a comunidade e  
 semendo as amizades. Toda parte foi resumo  
 e muito mais e também para responder  
 com que as três (3) perguntas destes usuários já  
 li. O que é educação para mim é uma prática  
 com que ensina ou desenvolve um ser humano. Em  
 seguida a Escola secundária comunitária segundo  
 conceito de amizade para mim é a minha vida é  
 meu futuro melhor porque já busquei e já algar  
 O presente de pensamento na escola segundo  
 conceito é a melhor escola para que não  
 fiqueamos atrás. Novamente e concretamente  
 através de professores irmãos do segundo conceito  
 para mim a conexão de escola e aldeia  
 de amizade e as colaborações dos pais  
 de pais de encarregados. Tenho sido bom  
 com uma boa consciência na realidade

Muitas saudações para o nosso querido irmão

irmão Manoel Forte Pinz

Muito obrigado  
 Muita gratidão  
 Matilde

Alberto Siqueira  
 Repre.

Amatongas, Mg

Estimado mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira,

É com satisfação imensa que respondamos à sua solicitação digna de apreço e de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em nossa Escola Secundária Comunitária Sagredo Coração de Amatongas. Foi um verdadeiro prazer aprender na prática diária em contato direto com as crianças e jovens educandos, com os professores e os educadores e com os pais e encarregados da educação; afinal um universo de muitos agentes que indicam o caminho a seguir para alimentar a esperança de viver melhor e de construir uma sociedade mais atenta e justa na realidade dos fatos moçambicanos.

O que é educação para você?

É a oportunidade de abrir os horizontes de uma criança, um jovem, um adulto. É a possibilidade de aprender a se tornar mais humano,

mais "gente", mais social. É uma história pessoal que não se acaba. É uma aposta de vida baseada nos valores de justiça, de solidariedade e de fraternidade.

\* O que é escola para você? É o lugar privilegiado para receber e assimilar a formação integral como "ser", "pessoa" acontecendo em todas as fases da vida. A convivência entre pessoas favorece este amadurecimento, esta interação emotiva, social e interior... Os conteúdos recebidos na escola ajudam a esclarecer os educandos para uma orientação.

\* Como você verifica as conexões da Escola Secundária Comunitária de Amatongoh com a realidade local (Aldeia de Amatongoh)?

Nossa Escola oferece algumas práticas durante o ano lectivo como...

- Nosso dístico da Escola mostra jovens olhando na mesma direcção, preparando-se para a Vida.



- Nossa Escola sendo comunitária enfatiza a necessidade de encontros: corpo discente, corpo docente, pais e encarregados de educação, direção... formando uma família educativa na Nossa Escola.
- A formação dos professores no cuidado e no valorização dos educandos pela pedagogia da confiança.
- O respeito dos pais e dos jovens pelas infra-estruturas da escola, do apoio pelos livros da biblioteca, pelo reconhecimento da escola como instituição exemplar.
- O incentivo da escola, dos professores, dos educandos nas datas comemorativas da abertura do ano letivo, do dia da escola, do dia do professor, do campeonato de futebol a nível do posto administrativo,...
- Diversas frases de Paulo Freire são lidas diariamente na sala dos professores, na secretaria, no pátio da escola...

Acredito que será o suficiente para expressar meu apoio na sua formação e na sua pesquisa...  
Sem mais, saudações!

Luc Ferreira  
Director da Escola.

## Escola Secundária Comunitária Sagrada Coração - Amstungas

Sinti-me lisonjeado e feliz quando recebi a sua carta irmão Márcio através da lembrei-me dos momentos que juntos passamos como educadores, como meu chefe, amigos e família, enfim como um irmão Moçambicano. O seu jeito de ser foi sem dúvida um exemplo de quem veio à Moçambique para receber e dar algo importantíssimo no que toca a ensino e aprendizagem. Com o irmão aprendi muita coisa boa: Como ser um líder firme, um professor firme, decisivo, paciente... aprendi também com o irmão a ser um professor que sabe separar os seus momentos com os seus alunos: Momentos de seriedade e de brincadeiras. A sua humildade também foi uma grande escola para mim... ainda lembro de algumas coisas suas? De quando deixavas a sala dos professores limpa e bonita? De quanto preocupava-se com o bem estar dos professores e de alunos fazendo tudo por a organização da escola? Irmão Márcio, os professores, os alunos e a comunidade de Amstungas sente saudade suas. Thank you for everything you did for us!

No concernente a educação, dizer que ela pode ser definida de várias maneiras. Por exemplo: a educação pode ser definida como instrução ou como uma aprendizagem que começa à partir de casa, isto é dos pais e os encarregados de educação e vai abstrahendo-se até as instituições oficiais ou adequadas para educar, instruir e ensinar... refiro-me neste caso às escolas que para além de ensinar, educar e instruir aos educandos a terem conhecimentos científicos também desempenham um grande papel na educação dos estudantes sobre os seus valores morais, sobre as suas tradições, sobre a ética e muito mais. Todos estes instrumentos educativos ajudam a formar um homem formado, não só cientificamente mas sim, um homem profissional que sabe servir na comunidade, na sua família e no seu sector de trabalho, tudo isto acontece quando a educação começa na família e se estende-se até à escola.

No que diz respeito a escola, eu diria o seguinte:  
 Duma maneira geral, a escola é a vida ou a vida é uma escola por que aprendemos muitas coisas através dela e através das experiências que a mesma vida nos faz passar. Mas duma maneira particular talvez eu considere a escola como uma instituição um estabelecimento que tenha uma autorização oficial para leccionamento de aulas seguindo um currículo vigente num determinado país e com professores capacitados para tal que para além de darem aulas também abrem horizontes dos educandos duma maneira geral.

A conectividade entre a Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas e a realidade local é muito forte por conta de ser uma escola com boas qualidades de ensino e aprendizagem que tanto ajuda para a eradicacão do analfabetismo em Amatongas. E também por ser uma escola que privilegia a população local independentemente da sua classe social, isto fez com que a conexão escola comunidade seja cada vez mais forte. E a escola também tem um conselho de escola que conecta a comunidade e a escola com intuito de resolver todas as situações que apogentam a escola no que diz respeito a educação, ensino e aprendizagem tendo em conta a realidade local. E também salientar que a conexão escola comunidade está contribuindo imenso para o desenvolvimento local, visto que os alunos formam-se e em algum momento podem voltar a trabalhar ou servir a sua comunidade como professores, enfermeiros, médicos, irmãos do Sagrado Coração etc. Tudo isto está em volta daquilo que é a conexão escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local.

Sem nada mais a salientar, endereço lhe minhas cordiais saudações e abraços. Muitabossa! obrigado! Thank you!

Amatongas, aos 26 de Setembro de 2022.  
 Professor: <sup>Dr</sup> João Gomes Bombo

Estimado, Irmão Mário Nonato Biniz Ferreira,

Questão 1 - O que é educação para você?

Primeiro, gostaria de dizer que é difícil definir o conceito de educação, acho que cada sociedade tem sua própria definição de educação. Porém, o termo "Educação", do verbo "Educar" é a transmissão de conhecimentos e habilidades. É o desenvolvimento dos domínios cognitivo, psicomotor e afectivo para que o indivíduo saiba ser, saiba fazer e saiba estar. Educação é um processo de libertação das mentes das pessoas da ignorância.

Questão 2 - O que é escola para você?

É uma instituição de ensino e aprendizagem. Falar da escola é falar das salas de aulas onde professores ensinam e os alunos aprendem.

Questão 3 - Como você verifica as conexões da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas (ESCS - Amatongas) com a realidade local (Aldia de Amatongas)?

Eu vejo que existe uma conexão saudável entre a escola e a comunidade. Há comités diferentes compostos por pais e os encarregados de educação, líderes comunitários, membros da direcção, professores e alunos. A presença da comunidade nas reuniões da escola é sempre positiva e sempre que possível há trabalhos colaborativos entre as duas entidades. A escola tem organizado vários torneios envolvendo a comunidade.

Lórdia's Saudações

d. . . . .

É Com muita honra que lhe escrevo essa carta. Pode perceber com muita atenção nessa breve exploração que se trata de uma área sensível e ampla, por isso em linhas gerais deixarei o meu parecer em resposta das questões levantadas.

Olhando para Educação e colhendo um pouco aquilo que são os pensamentos de Paulo-Freire e do meu próprio entender, direi que a Educação é um processo que vincula o conhecimento científico, o empírico e o saber ser, estas das pessoas de modo a a se ensinar de forma condigna na sociedade. Portanto, não é apenas nos estabelecimentos de ensino que as pessoas podem ter a educação, porque ela pode ser sistemática que olto como sendo aquela adquirida nas Escolas, ou não sistemática que vejo como sendo aquela que adquirimos no dia-a-dia, nas nossas convivências até mesmo no familiar.

Sendo assim eu defino a Escola como sendo o local onde as pessoas passam por escolaridade, um refúgio ao conhecimento lógico. Porém, não apenas este tipo de conhecimento, mas também a forma de como as pessoas se conectarem numa determinada sociedade.

É na Escola onde se busca as boas maneiras e o bom senso de cada indivíduo.

Partindo do Princípio e da realidade que tenho  
vivenciado aqui na ESCSC-Amatonga, as conexões  
que vejo entre a Escola e a aldeia de Amatonga,  
bem se revelado que esta Escola é um pilar para  
o desenvolvimento desta Aldeia. Digo isto, porque é  
nesta Escola onde muitas actividades de interesse  
da aldeia são realizadas com o apoio da Escola,  
quando menciono apoio mas me refiro ao Económico  
mas sim ao nível Social, portanto eu fecho de  
término direi que a ESCSC-Amatonga bem há  
verdadeiramente não apenas uma Escola para aldeia  
mas sim um lar, uma casa para todos nós.

Cordiais Saudações

ΕΙΣΟΔΙΑ ΣΕΧΝΟΛΟΓΙΑ ΚΑΙ ΚΑΡΝΙΣΤΕΡΙΑ ΣΑΒΑΝΟ ΚΟΡΑΙΑΣ ΣΕ ΑΠΟΡΡΗΚΤΑ  
ΕΘΝΟΦΟΡΑ, ΜΑΝΙΟΝ, ΜΟΝΑΜΑΙΟΙΣ, ΑΦΡΙΚΑ.

INFORMACIÃO DETALHADA DO DESEMPENHO DO IRLAND MÉRICO  
DINIZ DURANTE A SUA STAYTIA EM MOÇAMBIQUE.

Ο ΠΑΤΡΩΝΟΜΕ ΕΣΤΕΙΟΝ ΑΡΧΑ ΠΡΟΦΗΤΑΡ ΟΥ ΔΙΣΚΟΥΤΑ ΟΥ  
ΓΕΟΓΡΑΦΙΑ ΝΕΣΤΑ ΟΥΚΑ ΔΕΘΕ ΑΝΟ ΟΥ ΔΟΜ; ΛΙΣΤΑΝΤΟΣ  
ΕΝ ΟΥΤΩΝ ΟΥ ΓΕΟΓΡΑΦΙΑ ΚΑΡΑ ΗΘΕΛΙΟΔΕ ΕΝ ΤΥΡΑΝΟ  
Ο ΙΑΛΛΑΟ ΜΕΡΚΟ ΔΙΖ ΕΙΧΕΝ ΕΝ ΜΟΝΑΜΑΙΟΙΣ ΜΟ ΔΕΙΟΟ  
ΟΥ ΑΠΟΚΛΙΠΟΠΟΙΟΝΤΕ ΣΑΡΛΕ; ΟΥΚΟΝΤΕ ΕΣΤΕ ΡΕΡΕΟ Ο  
ΟΚΗΡΟ Ο ΚΑΡΡΟ Ο ΔΙΡΕΤΑΡ ΝΟΤΥΝΤΟ ΡΕΡΑΡΕΥΙΟ ΟΥ ΔΡ ΥΚΟ  
ΟΥ ΟΥΤΩΝΟ ΣΕΧΝΟΛΟΓΙΑ ΚΑΙ ΚΑΡΝΙΣΤΕΡΙΑ ΣΑΒΑΝΟ ΚΟΡΑΙΑΣ  
ΟΙΤΑΝ, ΜΟΝΑ ΣΟΤΕΡΑ ΚΑΡΡΕ. ΜΙΝΟ ΟΥΚΑ ΕΝ ΟΚΗΡΟ ΚΑΡΡΟ  
ΟΟΥ ΔΕΙΟΟΠΟΙΟΝΤΕ ΟΥ ΙΝΤΕΡΑΝΤΟ ΜΑΡΚΕΤΙΝΟ ΕΣΤΕΜΙΝΟ.

Ο ΙΑΛΛΑΟ ΜΕΡΚΟ ΔΙΖ ΡΕΡΑΡΕΥΕ ΑΥΣ ΙΑΛΛΑΟ ΟΥ ΣΑΒΑΝΟ  
ΚΟΡΑΙΑ. ΟΥΚΟΝΤΕ ΕΙΧΕΝ ΟΥΤΩΝΟ ΠΡΟΦΗΤΑΡΟΝ ΜΟΝΟΝΟ  
ΟΥΚΟΝΤΕ ΚΑΡΝΙΣΤΕΡΙΑ ΚΑΛΟ ΟΥΚΑΡΕΥ; ΚΑΙ ΟΥΚΑ ΕΣΤΕ ΟΥΚΑ  
Α ΟΥΚΑ ΕΣΤΕ Α ΑΥΟ ΕΣΤΕ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ  
ΡΕΡΑΡΕΥΕ ΕΙ ΑΥΤΩΝΤΕ ΙΜΠΟΝΤΕΣ ΡΕΡΑ Ο ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ  
ΟΟΥ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ

ΣΕΝ ΜΑΤΟ ΡΕΡΑΡΕΥΕ ΑΥΤΩΝΤΕ ΙΜΠΟΝΤΕΣ ΡΕΡΑΡΕΥΕ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ  
ΟΟΥ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ  
ΒΑΡΑΡΕΥΕ ΕΝ ΠΑΡΑΤΥΡΑ Α ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ ΟΥΚΑ  
ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ ΟΟΥΚΑ

⇒ ΚΑΡΡΟ ΑΡΧΑ

ΑΝΑΤΟΥΡΟ ΑΥ 14/09/2022

QUANTO AS QUESTÕES CULTURAIS:

- CONCEPTO DE SOCIEDADE: É UM PROCESSO DE FORMAÇÃO O APRESENTAÇÃO OU MANUTENÇÃO DE COMPORTAMENTOS, HABILIDADES, VALORES, CRENÇAS E ATITUDES.
  - ESCOLA: É A INSTITUIÇÃO QUE FORMA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM (APRENDIZ), COM OBJETIVO DE FORMAR O INDIVÍDUO COMO INDIVÍDUO EM SEUS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS.
  - A ESCOLA TEM O DEVER DE ATUAR E COLABORAR COM O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO PAÍS, ATUANDO COMO UM ESPAÇO QUE INVESTIÇÃO SOCIAL E CULTURAL, ATUANDO COMO UM ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO EM SEUS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS, ATUANDO COMO UM ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO EM SEUS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS.
- FINALIDADE: ATUAR COMO UM ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO EM SEUS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS.



1. A escola representa um espaço formal ou informal no qual o processo de ensino-aprendizagem decorre, ou melhor onde os alunos adquirem saberes culturais, sociais, científicos e/ou técnicos voltados para a formação do Homem.

2. Educação revela o acto de instrução, conjunto de aprimoramento de hábitos e costumes de uma comunidade passando de uma geração para a outra. Educação informal Este processo, tem como foco, a socialização da pessoa. A educação assenta-se em diferentes pilares: educação básica, educação Primária, Educação Profissional, Educação Vocacional, etc.

A partir da educação, cada cidadão adquire ferramentas próprias para desenvolver e inserir-se na sociedade.

### 3. Relação Escola/Comunidade

Entre a escola e a Comunidade, há uma relação de interdependência. A razão de existência da escola é para servir a Comunidade.

Na Comunidade onde os processos de ensino/aprendizagem planificados, na Escola se desenvolvem. A Comunidade e a Escola criam através da Escola linhas para superar as dificuldades, constroem a identidade própria de cada criança.

Entretanto, a presença da escola na Comunidade, como é o caso da Escola Secundária Sagrada Família, constitui uma avançada edificação de uma sociedade com saberes científicos e sociais por meio da difusão da doutrina Cristã. Cultivada e mantida esta relação, os benefícios chegam até aos próprios alunos.

A participação dos pais/encarregados de educação no plano de desenvolvimento da Escola, o contacto professor-aluno-pai impulsionam esta dinâmica da relação entre a escola e a Comunidade.

## " PARA IRMÃO MARCIO "

FALAR DE EDUCAR PARA MIM É FALAR DE UM PROCESSO OU AÇÃO DE RECEBER OU DAR CONHECIMENTOS DE FORMA GERAL OU DE QUE DIANTE DESSE PROCESSO OU DE QUE AS PESSOAS ADQUIREM E APRIMORAM O DESENVOLVIMENTO DO PODER NO RACIOCÍNIO, REFLEXÃO E JULGAMENTO DAS COISAS.

É UMA FORMA INFORMAL, ENTENDIDO COMO UM PROCESSO DE PREPARAÇÃO DO INDIVÍDUO PARA O SEU MELHOR ENQUADRAMENTO NA SOCIEDADE QUE ESTE SE ENCONTRA INTERNO E É UMA FORMA INFORMAL, ENTENDIDO COMO UM PROCESSO DE PREPARAÇÃO DO INDIVÍDUO PARA O SEU MELHOR ENQUADRAMENTO NA SOCIEDADE QUE ESTE SE ENCONTRA INTERNO POR OUTRO LADO ENTENDIDO QUE NO CONTEXTO MAIS FORMAL COMO UM PROCESSO DE INSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO DANDO-LHE CAPACIDADES E HABILIDADES ESPECÍFICAS PARA UMA DETERMINADA ÁREA DO SABER OU DA CIÊNCIA.

EDUCAR É UM PROCESSO DE TRANSMISSÃO DO SABER DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO ESTE PROCESSO PODE OCORRER EM ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL. NO QUE TANGE A ESCOLA FORMAL OCORRE EM ESTABELECIMENTO DE ENSINO, ENVOLVE MUITOS VÁRIOS Atores, ALUNOS, PROFESSORES, PESSOAL NÃO DOCENTE E GESTÃO. NO INFORMAL OCORRE POR MEIO DE TRANSMISSÃO DE SABERES DE UM MAIS VELHO PARA O MAIS NOVO, QUEM QUE SEJA POR MEIO DE LENDAS, CONTOS, REPRESENTAÇÕES.

FALAR DA ESCOLA PARA MIM É UM ESPAÇO FORMAL DE TRANSMISSÃO OU MEDIADA DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICO NUM PROCESSO QUE EM CONDIÇÕES NORMAIS, INICIA DESDE PEQUENA IDADE, COM A EXCEÇÃO QUANDO SE TRATA DO PROCESSO DE EDUCAR E ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS, COM AQUELES QUE EM IDADE APROPRIADA NÃO TIVERAM OPORTUNIDADES DE INTERESSAR NA ESCOLA POR OUTRO UMA ESCOLA ENVOLVE A EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURAS TÃO COMO SALAS DE AULAS, BLOCO ADMINISTRATIVO, LABORATÓRIO, CAMPO DE FUTEBOL, PAVILHÃO DE ESPORTO, ESPAÇO PARA ATIVIDADES DE RECREAÇÃO, ETC. NA ESCOLA HÁ ALUNO, PROFESSORA, GESTÃO PESSOAL DE APOIO, QUE OBEDECER AS POLÍTICAS E PROGRAMAS DETERMINADOS CENTRALMENTE. A ESCOLA É UM LOCAL OU INSTITUIÇÃO CUJA MISSÃO É ATENDER AO PROCESSO DE EDUCAR.

A CONEXÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO  
 CORAÇÃO DE ARAATONGAS COM A REALIDADE NA ALDEIA DE  
 ARAATONGAS (POSTO ADMINISTRATIVO), TRAZ NOVOS PANORAMAS  
 NO QUE A ESCOLA É A ESCOLA DIZEM RESPEITO,  
 MUITOS DIRIGENTES QUE QUEREM VER SEUS FILHOS BEM  
 FORMADOS POR INSTITUIÇÃO COM BOM NOME NA SOCIEDADE,  
 AO NÍVEL DA COMUNIDADE DE ARAATONGAS CONTINUA SENDO  
 A QUE MAIS ATENÇÃO PRESTA AOS ALUNOS A TODOS OS NÍVEIS  
 DE EQUILIBRAMENTO SOCIAL, AOS ALUNOS MAIS ATUAIS E BEM  
 A ESCOLA DA A ESTES ALUNOS UM ENSINO GRATUITAMENTE

A COMUNIDADE DE ARAATONGAS VEM ESTA ESCOLA COMO A  
 SUA PROPRIEDADE, VISTO QUE ESTA A PARTICIPAR ATIVAMENTE  
 NA FORMACÃO DO FUTURO DOS SEUS FILHOS E NÃO SO MAIS  
 TAMBEM PARA TUA FUTURA OBRATA.

S. AUGUSTO IRAMA

ARAATONGAS, OUTUBRO 2022  
 HELENE SILVA RIBEIRO.

Primeiramente realçar que os 6 anos que vivemos juntos, foi um momento de muita alegria, - e muita Aprendizagem recíproca.

Ao receber esta carta também foi uma grande satisfação e entusiasmo, porque na verdade compago Pencha que apesar da distância ainda carrega - compago no coração as boas lembranças e memórias de todo processo do ensino e Aprendizagem em Mocimboa concretamente nas bondozas do sagrado coração de Amatungas.

Mas uma vez agradecer ainda por ter me lembrado neste processo importante que é o desenvolvimento de uma Pesquisa; muita Bhatta.

\* Indo na primeira questão: é importante realçar que Ninguém fica de fora no processo de educação; da aconteça em qualquer canto, seja na rua, igreja, etc Educação é um processo constante de criação de conhecimento e de busca de realidade humana

\* na segunda questão: escola é uma lugar que institui que oferece ou fornece o processo de Aprendizagem; onde o indivíduo desenvolve aspectos culturais e sociais do ser humano.

\* Já na terceira questão: A conexão da F3ESC-Amatungas e realidade local em tanto que a escola tende a encarnar-se a realidade da comunidade em quase todas vertentes. A escola tem sido acentuada na superação dos problemas ou dificuldades encenadas pelas encarnações do no processo de Aprendizagem dos seus educandos, Assim garantindo a formação do jovem local, para operações económicas e sociais no meio escolar

Antes de entrar no furo da sua carta pede, aproveitando desde já saudar a si, irmão Marcelo tanto como a todos os irmãos da sagrada Coração, em geral, desejando muitas sucessos na sua carreira estudantil. sobretudo, na continuidade aos estudos de mestrado a Educação social na Escola Secundária Sagrada Coração de Amatozangas-Mocambique, espero que tenha um bom proveito neste aprofundado e que desfrute de conhecimentos favoráveis nesta área de educação social, pois, escolheu uma boa área de formação, que tem muita importância na nossa vida cotidiana, porém, vivemos numa educação constante.

É importante referir que é com muita felicidade que escrevo a respeito dessa carta, logo que tive a informação da mesma, lembrei-me dos tempos que o irmão passou aqui conosco, na Escola do Sagrada Coração de Amatozangas em Mocambique, partilhámos muita aprendizagem consigo, na escola, na igreja, tanto quanto na convivência social, na sua criatividade e dinamismo em todos os âmbitos, por isso, essa experiência é inesquecível; eis a razão de afirmar que foi com imenso prazer e felicidade que recebi a carta vigente que, nos passos subsequentes, passo a responder as perguntas que me foram colocadas.

Ora, em relação a primeira pergunta, com o seguinte teor: "O que é educação para mim?" tento a dizer que, educação é um processo complexo de partilha ou aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, costumes, crenças e, mais.

A educação ocorre em vários locais e com diversas personalidades, o que quer dizer que a educação não ocorre só na escola, todavia, em todos os outros lugares onde existe uma aprendizagem, como em casa, na igreja, na convivência social etc. A partir da noção da educação referida de antemão, pode-se inferir, como o comumente falado, que a educação começa na família e na convivência social, como afirma a perspectiva sociológica do processo do conhecimento: por isso, é comum e unânime afirmar que um indivíduo, pode ter muitos conhecimentos científicos, um nível acadêmico elevado, porém, se não se beneficiou de uma educação saudável, sempre terá um comportamento insatisfeito na sociedade, isto justifica a necessidade de se afirmar que a educação tem como seu ponto de partida, na família, onde existe a convivência social; daí avante, a escola complementa e fortalece esta aprendizagem.

No que concerne a segunda questão "o que é escola para mim?" Digo que é um lugar específico e oficial onde se adquire conhecimentos, um espaço apropriado para a aquisição de uma aprendizagem tanto de conhecimentos científicos, quanto valorativos, de formas metodológica e organizada. A escola é uma instituição oficializada para a educação da sociedade, em geral, e na escola onde adquirimos diversas experiências no aprendizado e troca de experiências sobre diversos assuntos.

A conexão da Escola sagrada Coração de Amatunga, com a realidade local é saudável, pois, a escola promove atividades e ações que permitem a participação da comunidade na escola, fala das próprias razões que existem, da biblioteca melhorada, dos encontros do Conselho da Escola com os pais e mães

. Carta de respostas referente à conexão com a escola secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas.

. Para: Márcio Diniz

. A Educação é um processo de ensino e aprendizagem onde para além de aquisição dos conhecimentos.

Os alunos vão aprendendo valores, crenças e hábitos. Vale salientar que esta educação pode ocorrer no contexto formal ou informal, a formal ocorre na escola ou centro de formação educacional com objetivos destinados e informal ocorre no nosso quotidiano sociais tais como na família, no trabalho etc..

A escola é uma instituição que se dedica ao processo de ensino e aprendizagem com objetivos de formar e desenvolver o indivíduo em competências. Ou pode se considerar como sendo um local de transformação do homem.

A conexão escola secundária comunitária de sagrado coração com a comunidade local ela vê - insuvida no papel de educação, visto que muitas famílias vivem nas proximidades da escola o que facilita a abertura das portas para a população sendo uma escola comunitária ligada a uma igreja Católica.

Também é importante frisar que a estadia dos irmãos do Sagrado Coração em particular irmão Márcio Diniz que fez parte desta família e até hoje sinto que a sua ida a Brazil sentimos, ou fez nos muita falta, O quanto era importante a sua presença nessa comunidade da escola. e só que tenho a dizer que estamos comitados e tornando a nossa escola uma referência.

Salomão Bandeira

Professor: Valentin Salvador B/2  
 Professor de Matemática  
Educação

Na Minha optica Educação é o processo contínuo de desenvolvimento dos facultades físicos, mentais, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade ou no seu proprio Grupo.

- Onde ha Educação ocorre uma Aprendizagem visto que é processo contínuo de formação, ensino e aprendizagem e faz parte do Curriculo dos estabelecimentos oficializados de ensino seja eles publicos e privados.

Tambem Educação se referir o meio em que os habitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para geração seguinte. onde vai se transformando através de situações e meio ambiente vivida por cada individuo ao longo dos tempos da sua vida

Escola Refere-se a Estabelecimento onde se dá qualquer genero de instrução, que permite fazer ausão do que se dá ou que se recebe, estes Estabelecimento destina-se ao ensino publico ou Particular.

Neste local é formado um grupo de Professor de professores e alunos, que pode ser publico ou Privado



## Como as Conexões da ESESE - Anatórgos Com a realidade local. Verificação

Em Relação a Conexão da Escola (ESESE - Anatórgos Com a Realidade local a população de Anatórgos Colabora Com as ideias imposta pela Escola assim Como pelo Ministério que a Escola Superintende "Educação" Como Consequência disto o número de desistente é menor; muita procura por parte da comunidade para frequentar a Escola em diferentes níveis do ensino, boa participação em reuniões programadas pela escola.

Professora Helana  
Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração

### 1. Educação

Entende como processo de transmissão de valores sociais, científicos e técnicos que permitem ao potencial beneficiário, como cidadão inserir-se na sociedade e usar as suas competências para o desenvolvimento de várias atividades.

o indivíduo educado

### 2. Escola

A escola é vista como local de concentração dos aprendentes, e na presença do seu professor abordam os conteúdos. A escola fornece à criança competências, valores e noções técnico-científicas.

### 3. Conexão da Escola Secundária Comunitária de Amatozgas e a Comunidade

A escola possui uma conexão muito fechada com a comunidade local.

A escola existe para servir a comunidade. Os conteúdos trabalhados na escola, tem origem nessa comunidade e, futuramente servir a mesma comunidade.

É a comunidade que faz a gestão, controla o estado físico das escolas e os diversos <sup>compromissos</sup> ~~compromissos~~ da comunidade. Sem comunidade não há escola, as crianças vem da comunidade.

Educação é um processo de desenvolvimento integral de todas as potencialidades do indivíduo. Requer atuação conjunta de todos os sujeitos envolvidos no ato de educar (Pais, Professores, comunidade, etc) e pressupõe um olhar sistêmico para o processo de aprendizagem, de maneira a propiciar a autotransformação do ser.

Educação é o ato de educar, de instruir, e por isso, disciplinamento.

No seu sentido mais amplo, educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se transformando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

Escola é um local de aprendizagem onde, além de nos preparar, ensinar os conteúdos e nos ensinar a ser pessoas melhores na faculdade e na vida, ainda nos proporciona amigos que podemos levar a vida toda. A escola é importante na vida de qualquer um!

Escola é um local em que uma pessoa ~~vai~~ vai aumentar o seu nível de aprendizagem além de aquilo que ele já tinha aprendido em sua casa com os seus pais.

A Escola Secundária veio para ajudar a população da aldeia de Amalongo porque eles fazem de tudo para agradar, acolher, educar e instruir a população dessa aldeia como os próprios dirigentes da escola já conhecem a realidade da convivência da população dessa aldeia.

Não exigem aos encarregados a que está acima das suas capacidades para não haver o impedimento dos alunos estarem fora das aulas.

É uma escola que tem amor com os seus alunos, professores e a comunidade em geral.

Amatongas, Setembro de 2022

Caríssimo irmão e amigo Márcio Renato D. Ferreira!

Foi com sumo e prazer que recebi a vossa Carta Pedagógica, no dia 09 de Setembro do ano em curso. Ao lê-la, não pude conter a emoção e nostalgia que transbordava no meu peito. Pois, cada linha da carta, retrata, não somente suas vivências singulares, como também várias experiências de vida que juntos partilhámos em diferentes pontos da Província de Manica, com destaque à 'Aldeia de Amatongas'. Aliás, tive a primazia de recebê-lo quando acabavas de chegar do Brasil para os aposentos do Bar Quisito de Amatongas, em 2015. Desde então, devido à nossa sintonia em momentos festivos na minha residência, no Bar Quisito, em restaurantes na Cidade de Chimioio, uma singela e sincera amizade nasceu entre nós.

Ambos absorvidos pelo gosto do diálogo, a busca contínua pelo conhecimento através da ciência dominava as nossas conversas. Com o passar do tempo, a nossa amizade foi crescendo a ponto de me teres confiado seus documentos para que eu tratasse da sua equivalência académica no Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, na Cidade de Maputo. Pudemos desenvolver vários projectos de vida e para vida, que não caberia abreviá-los nesta carta, o que serve de link entre nós dois até então.

Sou aquele professor carinhosamente chamado "Bonjour" pela comunidade local, pelo facto de leccionar a disciplina da Língua Francesa; o professor que introduziu a Língua Francesa na instituição e na comunidade local; o professor, artista, compositor de vários estilos musicais de que a escola se serviu nos momentos de lazer; aquele professor que em 2010 foi confiado pelos Irmãos do Sagrado Coração soma abultada de dinheiro para comprar livros nas editoras da Cidade de Maputo (minha terra natal) para a composição da 1ª biblioteca da escola. O mesmo professor que testemunhou e fez a acta da mudança de nomes da ex. Escola Secundária Geral de Amatongas para ESCSC Amatongas. Enfim...

Indo ao encontro da 1ª questão, num contexto escolar, EDUCAÇÃO PARA NM, é inculcar ao aluno a responsabilidade de assumir um comportamento positivo na convivência entre colegas e o respeito para com a figura do professor. De um lado fazer penetrar no ânimo do aluno, que, qualquer acção por ele emitida a outrem deve convergir com as regras de convivências instituídas e aceites no seio escolar. Do outro lado, que a conduta do ser humano deve estar em harmonia com os costumes da comunidade onde reside.

É na base da EDUCAÇÃO na sala de aulas que se deve implantar no aluno valores morais e do amor ao próximo. Nisto, as matérias educativas transmitidas nas várias salas de aulas servirão de reflexo ao comportamento desejado nas comunidades. De

contrário, ao não reflectirmos um comportamento verosímil, negamo-nos ou ficamos à margem de bom exemplo de conduta a ser seguida, o que naturalmente reflectir-se-á na qualidade das comunidades.

É, porque as palavras têm poder quando pronunciadas repetidas vezes, a célebre expressão de Paulo Freire "NÃO SE PODE FALAR EM EDUCAÇÃO, SEM AMOR" estampada de forma propositada num lugar de visibilidade estratégica para quem entra no espaço da ESCSC Amaténgas, torna-se eco aos ouvidos de quem capta a mensagem, por sua vez, a mesma mensagem é disseminada de forma natural aos outros actores da educação (professor, aluno e corpo não docente), beneficiando assim aos alunos e a comunidade onde estes residem.

No que concerne ao conceito ESCOLA na minha óptica é o palco de convergência cultural; o lugar de aprendizagem sem dissociar a componente social. Neste âmbito, a escola vem a ser o lugar físico onde cada actor escolar deve aceitar as diferenças entre si e confraternizarem em busca de um objectivo comum: a capacidade de compreensão das matérias mediadas pelos professores; a reflexão, a ciência e técnica. Portanto, a escola é o lugar de reforço dos valores de cidadania e da cultura que promove a competência através da instrução didáctica e pedagógica.

Infelizmente, ao longo dos meus 13 anos de carreira vivenciei e tenho ainda visto situações em

que alguns professores encontram na ESCOLA o lugar para fazer e somar seus honorários. Ou então, o local para a mera transmissão de conhecimentos, delimitando-se desde logo um afastamento entre a figura do professor e a dos alunos. Estes professores se desconectam da componente inerente ao desenvolvimento do sentimento colectivo da solidariedade social e do espírito de cooperação que a ESCOLA, através dos professores deve proporcionar aos alunos, e estes à comunidade.

Quanto AS CONEXÕES DA ESCSC Amatonças COM A REALIDADE LOCAL, sou felizado nesta abordagem por ter feito parte do 1º Digo, da recepção do 1º grupo de Irmãos de Sagrada Coração em 2010, no Posto Administrativo de Amatonças e com eles ter desenvolvido vários projectos de solidariedade local. Visto que a ESCSC Amatonças leccionava até a 10ª classe, em Outubro de 2012 em nome da instituição tive o privilégio de formular um pedido de patrocínio à Manos Unidas, Espanha-Madrid com vista introdução do nível médio de escolaridade no ano lectivo de 2013, garantindo assim, num gesto atento de solidariedade e continuidade dos estudos aos alunos, satisfazendo deste modo a grande aflicção enfrentada pela comunidade local e carenciada (maioritariamente camponesa).

Ainda no mesmo espírito participei do projecto de busca de fundos da Manos Unidas para aquisição de um tractor agrícola, alfaías e bombas de água para garantir uma produção e produtividade numa vasta área de terra durante todas



as estações do ano, garantindo a sustentabilidade aos alunos intermédios, salvaguardando deste modo o seu direito à alimentação, num projecto que envolvia trabalhadores da comunidade local.

Em 2013, havendo necessidade de aumentar turmas na escola, secretariei a reunião e cerimónia de entrega de quatro (4) salas de aulas construídas pelo donativo requerido pelos Irmãos do Sagrado Coração à favor da Escola Primária de Amátongas, facultando assim mais crianças ao benefício da escolaridade naquela 'aldeia'.

Foi notório a criação de cursos técnicos de natureza agrícola para o benefício da comunidade local. Portanto a ESCSC Amátongas mostra claramente que a educação, família e escola caminham juntos, abraçados fazendo sociedade.

Em momentos difíceis a escola, através dos Irmãos do Sagrado Coração transportava doentes advindos das famílias carenciadas da comunidade local para o hospital; urnas da morgue para o cemitério local que dista cerca de 25 Km.

Sou de muitas palavras, e, não me é fácil limitar o que pretendo exprimir, todavia, serei obrigado a fazê-lo para não tornar exaustivo e aborrecido escrever demais.

Seais amplexos!  
MAPSANGANHE, Edison.

**APÊNDICE C – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DE PAIS E ENCARREGADOS DE  
EDUCAÇÃO DA ESCSC-AMATONGAS**

\* Educação - é um acto de ensino-aprendizagem que envolve o amor e que visa o desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidade, habilidade e competência. A educação, portanto, não se restringem a escola.

\* Escola - é uma instituição que fornece o processo de ensino para discente (aluno), com objectivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural social e cognitivos; onde é ensinado o aprendido e formado por um grupo de professores e alunos, pode ser publico ou privado.

\* As conexões da Escola Secundaria Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local é positiva, visto que a escola esta bem vinda na comunidade local que ajuda no desenvolvimento social.

Professora:

Adelaide Vasco Manhique

Setembro, 2022

Estimado Sr. Márcio Nouato Diniz Ferrira

Espero que esta carta encontre-me de uma perfeita saúde, graças a Todo Poderoso; respondendo as questões que me coloca, obedecendo a o seguinte teor:

- ✓ A educação é um processo de aprendizagem, que abrange as áreas e níveis seguintes: educação clássica, cívica, de auto-gestão, Memórias, escolar, física, geral, liberal, primária, rudimentar, secundária e superior.
- ✓ A escola é um termo que deriva de uma palavra grega, que primitivamente queris dizer descanso, sendo empregado o tempo de descanso em conferências e discussões, veio depois a significar o próprio lugar em que essas conferências ou discussões eram realizadas; e que mais tarde foi reconhecido como lugar de instrução, onde atualmente é o local de formação do Homem em diversas áreas científicas, desde o nível pré-escolar ao superior.
- ✓ As conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Anátonjos (E.S.C. Anátonjos), sendo uma instituição privada do ensino secundário de referência na província de Matuca de um modo geral e no distrito de Gondolo em particular, tem uma ligação sólida com a Comunidade de Anátonjos, em que a mesma participa activamente na dinamização do desenvolvimento sócio-económico e cultural, recebendo desta a orientação necessária para a realização de ensino e formação que responda as exigências do desenvolvimento do nosso belo Moçambique.

Eu chamo-me João Eugénio, Professor de Português.

Para mim, a educação é um processo ou acção de receber ou dar conhecimentos de forma geral. É dentro desse processo que as pessoas adquirem e aprimoram o desenvolvimento do poder de raciocínio, reflexão e julgamento das coisas.

Em outras palavras, a educação seria um processo formal ou informal de preparação do indivíduo para lidar ou face face aos problemas ou questões da vida de forma intelectual.

De um modo mais informal, entendo como um processo de preparação do indivíduo para o seu melhor enquadramento na sociedade em que este se encontrar inserido.

Na (rel) realidade moçambicana, por exemplo, vezes sem conta se fala que o indivíduo não tem educação, só porque não saíram os mais velhos, não convidam os vizinhos para a sua festinha de aniversário ou de outra efeméride; só porque anda fora de hora (tarde), entre outras situações que se afiguram prática de educação ou (des)educação.

Num contexto mais formal, entendo a educação como um processo de instrução do indivíduo, dando-lhes capacidades e habilidades específicas para uma determinada área do saber ou da ciência.

A escola é um local ou instituição cuja missão é atender ao processo de educação.

Em Moçambique, o termo escola tem várias definições, na medida em que a escola, às vezes nem parece ter, fala especificamente de algumas realidades em que a escola "instituição" não tem salas de aula suficientes para atender à demanda escolar e, os Gestores internos, com forma de granjear simpatia dos seus superiores hierárquicos, e também com o intuito de assegurar a Chefia que lhe é confiada, sacrificam muitas crianças, adolescentes e jovens, que estudam ao relento, sofrendo muito com as mudanças climáticas (chuvas, pol, vento, frio, etc) fazendo com que esses alunos tenham "traumas" da escola e da educação.

A conexão da escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local, trouxe novos panoramas no que a educação e a escola dizem respeito.

O "Sagrado Coração" como é famosamente conhecido, é uma instituição que, à sua chegada, trouxe mudanças pontuais à localidade, distrito e talvez até ao País.

Após a chegada dos Irmãos do Sagrado Coração e consequente reabilitação e administração da escola, que outra era onde funcionava a Escola Secundária Geral de Amatongas, mas em precárias condições, a educação passou a fazer mais sentido para centenas de adolescentes e jovens, homens e mulheres, que estudavam somente até a oitava classe, que no entanto, passaram a ter o privilégio de estudar até concluir o nível médio no "Sagrado Coração", uma escola com uma biblioteca riquíssima em materiais, um autêntico "tesouro" na linguagem do irmão Luc Favreau, director da escola.

O ambiente de trabalho é também aprazível para os professores, que têm à sua disposição, computadores, com acesso ilimitado de internet, para pesquisar, aprofundar e aprimorar a preparação das suas aulas.

Estes factos podem estar a contribuir para a entrega abnegada dos professores no exercício das suas funções, o que pode estar a contribuir no facto de muitos professores preferirem leccionar no "Sagrado Coração" do que em outras escolas do distrito.

A escola Comunitária Sagrado Coração, com o estilo que lhe é característica de trabalhar "a sério" faz também com que a escola seja preferida por muitos alunos do distrito e província fora, razão pela qual há muita demanda para as escassas vagas no "Internato", o que faz com que alguns tenham de se matricular no "Sagrado" (2)

Coração e morar na aldeia.

Não seria exagero afirmar que o Sagrado Coração trouxe conceitos não novos, mas os verdadeiros no que a educação diz respeito.

Os nossos alunos passaram a sentir-se mais amados e acarinhados na nossa escola, fazendo com que, mesmo com outras escolas secundárias a nível do Posto administrativo de Amatongas, os alunos preferiram o "Sagrado Coração".

Poderei atribuir o mérito dessa reputação à direcção da Escola, na pessoa do irmão Luc Favaeu, Gledet Simão Cassie e ao recém-ido, irmão Márcio Diniz, que muito colaborou, ensinou e aprendeu dos Professores e alunos durante a sua estadia em Amatongas.

Eu, como Professor, sinto-me em casa, por isso arrisco-me a dizer que faço parte dos bons motivadores e fazedores da educação em Amatongas. Por isso mesmo, é que, do que depender de mim, daqui não sairei e daqui ninguém me tira, pois quero continuar sendo uma referência como Professor, numa escola de referência, a fazer diferença.

Para terminar, recomendo a Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração para qualquer adolescente ou jovem moçambicano.

Espero rever o meu director adjunto da Escola, Márcio Diniz para a partilha de mais experiências sobre a escola e a educação.

Amplexos!

João Eugénio (3)

**APÊNDICE D – “CARTAS PEDAGÓGICAS” DE ESTUDANTES DA ESCSC-  
AMATONGAS**



Irmão Marcio Diniz tendo como a sua primeira chegada em Amatonga no ano 2015, recebido pela comunidade cristã em Amatonga e que foi considerado como o filho de Amatonga.

Sendo irmão serviu <sup>como</sup> pedagogo da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração Amatonga.

Tornou-se um bom irmão «pedagogo» com suas boas obras; Educando, instruindo os alunos/estudantes, mostrando-lhes um bom caminho para trilhar, seguir para terem um futuro brilhante.

Sempre tentando em contribuir Bunitanga na Escola plantando flores e jardins e sempre dizia o aluno colhe o que plantou

Sendo um bom irmão de sagrado ele contribuiu também na igreja (católica apostólica romana). trabalhou com os jovens reconhecendo-os um bom caminho a seguir, evangelizando para que tenham uma boa comunhão com Deus e também tentando em construir bunitanga na Igreja. foi um solista da igreja, sendo como um solista sempre quis cantar em língua Africana «moçambicana», mais ele conseguiu cantar uma canção que diz: «Inini Ndini Igreja» eu sou a igreja.

Marcio Diniz foi um irmão <sup>pedagogo</sup> com todas as habilidades de ser uma pedra completa

P → partilha a sua sabedoria com todos tornando-os a serem sábios

E → Educa os seus filhos (internos, externos) de modo que se tornem disciplinados

SS → foi uma pedra solidária

O → sempre possível nunca esquecer dizer Mattoba Sa (cresce)

Ir. Marcio Diniz

Apartir das suas pontas «bunitegas» fez  
Chegar até nós a mensagem de Paulo Freire

Hoje o povo de Amatongoh (população de Amatongoh)  
Ammim diz:

Nunca pode se falar

de ~~Amor~~ Educação  
Sem o Amor.

obrigado Marcio Diniz por nos dar uma boa  
Educação.

A Educação é o acto de educar, instruir e dar  
conhecimento a uma pessoa de modo que ele se  
torne uma pessoa disciplinada. Os pilares são os alicerces  
fundamentais da Educação.

A Escola para mim é um palácio edificado  
sobre uma rocha que nem o vento pode abalar  
Estando lá a plantar o que irei colher no futuro.  
É nela que quero melhorar os meus caminhos.

A E. S. C. Amatongoh tem uma boa conexão  
com a comunidade local. Por exemplo a comunidade de  
Amatongoh é uma comunidade menos desenvolvida (diversa) e a  
Escola por ver isso:

- não indetiva aos encarregados de Educação a comparem  
telefones no caso de trabalhos. Com tudo temos biblioteca gratuito
- em termo de contribuições escolares existem varios formas  
de contribuir

Maitabasa

Artigos x Moradas

Olá, espero que esteja de boa saúde! Já está tudo bem.

Um primeiro lugar agradecer a Deus por ter me dado outra oportunidade de poder relatar todos os momentos vividos com o irmão Márcio e pedir a Deus que ele te proteja sempre.

É gratificante poder saber que mesmo estando distante lembra da gente, é um honra saber que fizemos um história em sua vida.

Obrigado por fazer parte das nossas vidas, forte como um pai para a gente, sempre disposto em nos ensinar.

Obrigado por tudo irmão Márcio.

Educação → é uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, tendo em conta o seu comportamento perante a sociedade.

Escola → é uma instituição que favorece o processo de ensino para alunos, com o objectivos de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos.

A criação da rede secundária comunitária supõe criação de pontos de contacto com a realidade local de onde se vai (geralmente a escola tem de ajudar os alunos que necessitam da ajuda para poderem frequentar a escola, ajudando com matrículas e material escolar.

PD  
100: Dexleria Miguel Alberto.

11ª classe 601

**APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS**

### **Roteiro de entrevistas semiestruturadas**

1. O que você entende por escola?
2. O que seria comunidade para você?
3. O que seria educação libertadora de Paulo Freire no seu entendimento?
4. Como você identifica a conexão da ESCSC-Amatongas com a comunidade local de Amatongas?

**APÊNDICE F – DIÁRIO DE MINHAS "ANDARILHAGENS" EM MOÇAMBIQUE**

## DIÁRIO DE MINHAS "ANDARILHAGENS" EM MOÇAMBIQUE

01 de setembro de 2023

Figura - De volta ao continente africano



Fonte: o autor (2023).

Saí de São Paulo às 1:45 em direção à Addis Abeba (Etiópiã), com um certo medo e insegurança, por estar fisicamente sozinho nessa trajetória. Fiquei sentado na poltrona 39A (janela) e, ao meu lado, um jovem africano, senegalês, chamado Dame Sow, de 36 anos, que mora no Brasil há 10 anos e trabalha com confecções em cidades do Piauí/Nordeste. Ao longo da viagem de quase 10 horas, alumiados pela LUA AZUL, que brilhava lá fora, irradiando "bonitezas" nas janelas da aeronave e em meu corpo externo e interno, para o sucesso de minha pesquisa, fui criando vínculos com o jovem Dame Sow e fomos partilhando nossas "andarilhagens": vidas, sonhos, alegrias e tristezas. Falando de família, escola, trabalho, religião, comida... Das belezas do Brasil e de África (o jovem falou que conheceu muitas cidades e estados do Brasil, pois, com amigos, fazia "mega feirão do Brás"). Eu falei que conhecia alguns países de África (ele reverberou "eu conheço mais o Brasil e você África", pois a Etiópiã seria o 3º país que ele pisava). Nessa viagem dialógica, nossas conversas permearam vários temas que se correlacionam com minha pesquisa, nas categorias *educação*, *escola* e *comunidade*. O jovem, não tendo completado seus estudos, parte para "emancipar-se", para viver uma "autonomia" longe da família, com sonhos e projetos. E, nesses caminhos a educação libertadora e a experiência de vivências comunitárias o formam como pessoa do mundo (por ter duas nacionalidades – senegalesa e brasileira – e pelas inúmeras vivências vividas e sentidas...). Foi uma viagem tão leve, na qual o medo foi passando (por saber que também ele ficará hospedado no mesmo hotel que eu), com o sorriso desse jovem, que deixa sua terra "encharcado do esperar" de Paulo Freire, nas pessoas, nos animais, nos sonhos, nas lutas. No universo que a "lua azul" irradia dentro das pessoas e da aeronave a beleza do (re)começar nesse novo chão, em África, berço da humanidade...

(Céu de Addis Abeba, 01/09 às 19h5min)

Chegamos à Etiópiã sem atrasos e ficamos quase 1 hora na imigração, uma fila com muitas pessoas, principalmente asiáticos, africanos e brasileiros. Todos com seus celulares conectados com as pessoas que amam no mundo!!

Partimos para o hotel em uma van, com pessoas de várias nacionalidades, alguns/algumas brasileiros/as que irão à Moçambique amanhã. Em clima de festa, com muita africanidade e música, partimos ao hotel para banhar, jantar e descansar. Porque amanhã nossa "andarilhagem" continua.

(Hotel Debredamo, Addid Abab, Etiópiã, 01/09 às 22h11min)

02 de setembro de 2023

Acordei hoje às 6 da manhã para me higienizar e, em seguida, desci para o refeitório do hotel para tomar café, um café diferente com uma omelete de ovos muito apimentada, café, suco de melancia,

pão de forma e geleia. No refeitório, já encontrei outras pessoas que também estavam preparadas para, depois de se alimentarem, partirem para o aeroporto e seguirem suas viagens. Voltei ao quarto, escovei os dentes, peguei minha mochila e desci ao hall do hotel para entregar as chaves e esperar a van que iria me levar ao aeroporto. Às 6h30min, a van chega e sou o último a entrar, os demais passageiros são todos africanos, de vários países, com exceção de uma senhora argentina, no trajeto vamos conversando sobre várias coisas (lugar, língua, religião, roupas das mulheres...) e também sobre sua alegria de estar, pela primeira vez, em África. Ela fará um safari na África do Sul. Chegamos ao aeroporto e ela, como estava atrasada, partiu pra entrar com pressa. Eu aguardo em uma longa fila, passo em dois detectores de metais, retirando, inclusive, os sapatos. Nos aeroportos em que estive, nunca vi tanto sistema de segurança, por ser uma região de África com forte raiz do mundo muçulmano, isso é também aceitável. Entrei e fui ao meu portão, 5A, encontrei outros dois brasileiros que vinham para Beira e, em seguida, um amigo do Brasil que estava na Etiópia regressando ao Brasil, após ficar 30 dias em Moçambique. Lindo esses movimentos dos aeroportos, de encontros e despedidas. Às 8h30min, entramos no voo, um voo lotado de pessoas de várias nacionalidades (africanos, europeus, americanos, asiáticos), com uma conexão no Malawi, outro país africano, que já conhecia. Saímos às 10 horas, houve a conexão no Malawi e descemos na Beira/Moçambique, às 14h40min. Como estou em África e o tempo aqui é lento, as malas demoraram aproximadamente 40min para chegar, na saída, encontro com meu amigo Ir. Sebastião, ele fica com as malas e passo na imigração pra pagar o visto de 100 dólares, o processo foi muito rápido, pois já tinha feito tudo online. Meu amigo Ir. Sebastião continuava me aguardando. Fomos tomar um café e voltei para a casa dele para descansar desse dia regado por tantas alegrias por estar aqui nesse outro movimento, com esse novo olhar. Ao passar pelas ruas da Beira, via as pessoas e as realidades que não me eram estranhas. E agradecia a Deus e a tantas pessoas, que estão conectadas e vibrando por mim e para o sucesso de nossa pesquisa.

\*\*Desde o solo da cidade da Beira, terra de Mia Couto, após quase 18 horas de voo e outras tantas horas em aeroportos, cruzando o Atlântico, chegando ao Índico, passando por 2 países africanos (Etiópia e Malawi) e aterrando em Moçambique, às 18h08min, me despeço!

### 03 de setembro de 2023

(Comunidade dos Irmãos La Salles, Beira, 03 de setembro de 2023)

Acordei, sem energia elétrica, me higienizei e fiz uma pequena organização nas malas, em seguida, tomei café e, a convite do Ir. Ivo, fui conhecer a Escola Secundária Comunitária João XXIII, um espaço educacional imenso, referência educacional na cidade da Beira. Após, às 9h, fui para a missa na Paróquia da Missão, São Sebastião, animada pela Legião de Maria, com adolescentes e jovens da Infância Missionária. Tempo de (re)encontro com as pessoas, tempo de agradecer!

No final da missa, conversei com as crianças, adolescentes e jovens e também com o Sr. Paulo, um velho que vive sozinho. Ele perguntou de onde eu era, falei ser brasileiro, então, ele reverberou após um sorriso, "o senhor é branco, tem sangue fino". Eu falei: "o senhor também tem sangue fino", ele retrucou, após um suspiro: "nada, sou um velho".

Fiquei à espera de Ir. Cristóbal para irmos à Amatongas, ao chegar, agradei aos irmãos a acolhida e partimos. Passamos no aeroporto para pegar um jovem missionário peruano que ficará em visita por 30 dias, na Missão Amatongas. Ao chegar, viemos direto para a Missão, por já ser tarde, ao longo da viagem, conversamos em português e espanhol, algumas vezes, em "portunhol", enquanto contemplava a paisagem à espera da chegada em Amatongas. Na chegada, fui acolhido pelos irmãos e, em seguida, após o jantar, pelos/as internos/as, em uma vibrante celebração de acolhida, com música, dança, sorriso e "espanto" nas mudanças que tivemos (eu e os/as jovens).

(Amatongas, 03 de setembro de 2023)



**Figura - Acolhida dos internos e internas em Amatongas/Moçambique**

Fonte: o autor (2023).

#### **04 de setembro de 2023**

Acordei às 5h30min, me higienizei e fui para a oração da manhã, que começou às 6h. Após a oração, tomei "mata bicho" (café da manhã) e fui à escola para receber os/as professores/as, alunos/as e estudantes. A cada (re)encontro, regado a abraços, sorrisos, beijos, perguntas sobre a família, era visível a troca de afetos e saudades do meu lado e do lado deles/as (como falam os/as moçambicanos/nas). A sirene tocou e todos/as foram para as classes.

Continuei minhas "andarihagens" para saudar os/as funcionários/as da Missão. Senhores e senhoras que trilharam comigo os seis anos de morada e Missão aqui.

Na volta, conversei com Ir. Lucas sobre o processo da plataforma Brasil e, em seguida, ele leu e assinou a Carta de Anuência. Fomos almoçar.

À tarde recebi uma visita e fui às 14h00min ao Distrito para conversar com o Diretor Distrital de Educação, ele assinou o Termo de Anuência. Felizmente, deu tudo certo. Passei na biblioteca municipal que estava fechada. À noite, jantei com os internos, acompanhei seus estudos e me organizei para a pesquisa.

(Amatongas, 04 de setembro de 2023)

**Figura - Alunos fazendo atividades na sala de estudo da ESCSC-Amatongas**

Fonte: o autor (2023).

#### **05 de setembro de 2023**

Acordei às 5h45min. Me higienizei e organizei algumas coisas para ir à Chimoio (capital da Província), pois tinha reunião marcada às 7h30min com o Diretor Provincial de Educação.

Fui à paragem e, na ida, encontrei pessoas da Aldeia que iam para machamba (roça), que me saudaram. Já no alcatrão (estrada), encontro o Pedro, um adolescente que me dá um abraço e fala que está com saudades e que já está na 9ª classe na ESCSC-Amatongas. Na paragem, recuso ir em uma chapa (van), pois estava lotada em excesso, enquanto aguardo um senhor de nome Eusébio, que vem me saudar e fala que "estão a chorar nas Amatongas" com a minha ausência, durante o diálogo, chega uma chapa com menos passageiros e parto para Chimoio, já às 6h35min.

Na estrada, contemplo as pessoas e, de modo especial, os alunos e estudantes, crianças, adolescentes e jovens que caminham para suas escolas, inclusive para a ESCSC, com seus

uniformes vermelhos (camisa polo e calça/saia longa preta – influência do mundo muçulmano). Carregando em suas pastas (mochilas) poucos matérias, mas com tamanho "esperançar" na educação, como processo libertador.

Chego em Chimoio às 7h45min, acabo indo para um outro departamento, chegando, me orientam a ir ao prédio onde fica o gabinete do Sr. Diretor. Caminho um pouco e chego às 8h, após subir 5 pisos de escadas. Na recepção, uma senhora me encaminha para a sala do Diretor, a secretária me atende, pede para aguardar um pouco, vai falar com o Diretor, em seguida, pede para que eu entre, e fala "tô a pedir o celular", um pouco sem reação, o entrego a ela e entro na sala sem o aparelho. Tenho um diálogo de 30 minutos com o Diretor, explico a pesquisa, a questão da Plataforma Brasil e falo da Carta de Anuência. Entrego o documento, ele pede para que eu faça um pedido solicitando a Carta de Anuência e encaminhe ao seu departamento, pois ele precisa arquivar meu pedido e em seguida, faria uma carta da própria Secretaria Provincial de Educação. Falou que não haveria nenhum problema, mas que teria que passar por esses trâmites, agradeço e me retiro.

Em seguida, fui comer um "prego" (pão com carne) e tomar uma Coca-Cola, em uma lanchonete e, na ocasião, como tinha levado a mochila com meu laptop, redijo o pedido. Fui em uma papelaria para tirar a impressão, retorno ao prédio, novamente subo 5 pisos e entrego, eles pedem meu BI (Bilhete de Identificação), como não tenho, passo o Passaporte. Retiram a cópia e anexam ao pedido. Pedem um contato telefônico para me comunicarem quando o documento do Diretor ficar pronto, passo o do Ir. Lucas.

Desço e vou caminhando à biblioteca provincial para buscar algumas bibliografias, fico por volta de 1 hora e consigo alguns materiais interessantes. Vou ao câmbio para trocar dinheiro e passo no supermercado para comprar um suco e biscoitos. Retorno às 11h30min e chego em Amatongas às 14h, uma viagem cansativa e quente.

Ao chegar em casa, almoço com o Ir. Lucas, durante o almoço, Ir. Lucas recebe uma ligação de um amigo que já está com a Carta de Anuência do Diretor Provincial de Educação, contente, desço até a escola, para rever os/as estudantes e professores/as. Às 17h, vou a banda (localidade), para saudar as pessoas... Como foi significativa a acolhida de todos/as no sorriso, abraço, perguntas se vim pra ficar. Passei no hospital, escola e no meio da localidade, depois, comi um bolinho que as senhoras vendem no mercado.

À noite, jantei com os internos e fui organizar o material de minha pesquisa de campo.

\*\*Vou dormir com um silêncio, ecoam somente os sons dos grilos, porque o dia foi cansativo, mas "tudo está a andar", como falam os/as moçambicanos/as.

(Amatongas, 05 de setembro de 2023 às 22h35min)

**Figura:** Mulher africana com seu filho em viagem



Fonte: o autor (2023).

#### **06 de setembro de 2023**

Acordei, participei da oração da comunidade e do "mata-bicho" (café da manhã). Após, ficamos no refeitório eu e Ir. Cristobal, que partilhou alguns processos desafiadores da Missão, durante uma conversa longa de quase 2 horas.

Em seguida, percebi que havia uma chamada telefônica do Sr. Brasão Mazula (amigo da professora Ercilia), como eu não havia atendido, ele mandou a seguinte mensagem: “Bom dia, Frei Márcio. Espero que esteja bem de saúde. Apraz-me saber que já está em Moçambique. Tentei ligar pelo seu número do Brasil. Frei: eu só vi uma vez Paulo Freire, quando veio dar-nos uma palestra na USP e depois conversamos em poucos minutos. Esse livro é a minha tese de doutoramento na Faculdade de Educação da USP. Não estive na PUC. Posso, sim, indicar-lhe uma professora da UP com dissertação de mestrado e tese de doutoramento sobre Paulo Freire. Gostaria de ter também o seu número de telemóvel em Moçambique. Muito obrigado. à sua disposição, /bmazula/”. Retornei, mas ele não atendeu.

Desci à escola e fui dar uma volta nos lares, na escola e na avenida da escola. Saudando as pessoas que eu não tinha visto, momento regado a abraços, risos e beijos. Depois, organizei material da pesquisa bibliográfica, escaneando alguns livros presentes na biblioteca da escola.

No período da tarde, fiz o esquema para os círculos e entrevistas semiestruturadas, que começam na sexta-feira (09/09).

À noite, fomos em um jantar de ação de graça pela construção da casa de um amigo, que se mudou alguns dias antes de minha chegada, uma casa de um jovem professor visionário.

\*\* Volto às 24h, após uma noite de reencontros e partilhas de vidas e comidas moçambicanas.

(Amatongas, 07/09/2023 às 15h45min)

### **07 de setembro de 2023**

Acordei, tomei café da manhã, juntamente com o Ir. Lucas, descemos juntos para irmos à Praça dos Heróis do Posto, para um ato cívico do feriado “Acordo de Luzaka”, ao chegarmos na praça, continuaram os reencontros com as pessoas, “encharcados” de sorrisos e abraços, soubemos que a aluna Natália, de 16 anos, da 9ª classe da escola Secundária Amatongas Socel, havia falecido no dia anterior e que seu enterro seria às 9h da manhã. A família da jovem era vizinha do Posto Administrativo, por isso, decidiu-se aguardar o velório para o início das cerimônias. Em uma grande aglomeração de pessoas para o velório, passando pela praça do Posto às 10h, e seguindo ao cemitério, por respeito aos mortos, todos acompanhamos o cortejo e o velório.

Após o término da cerimônia fúnebre, iniciou a cerimônia cívica, às 11h, uma cerimônia relativamente curta, que terminou às 12h.

Parto de regresso à Amatongas, com a “buleia” (carona) dos padres da comunidade.

Houve um almoço de festa (macarrão ao molho vermelho, purê de batata e carne frita), seguido de um pastel de nata e um bom café brasileiro, momento regado a diálogos e risos.

À tarde, trabalhei com materiais e registros da pesquisa, fui visitar o internato feminino, dei uma passada no campo de futebol, onde a nossa seleção do internato masculino jogava, com a presença de uma torcida calorosa. Lá pelas 17h, no campo, recebo o telefone do Sr. Brasão Mazula, conversamos uns 40 minutos, ele ficou de me encaminhar um contato de uma amiga professora que tem estudado Paulo Freire em Moçambique e de escrever uma carta a mim, sobre a relação dele com Freire.

Após, recebi Marcos, ex-aluno, hoje professor na cidade da Beira, assinou a documentação e discorreu sobre as questões em um áudio.

À noite, fui jantar com os jovens e, em seguida, entrei em contato com a Professora Rosa Mechiça (amiga do Prof. Dr. Brasão Mazula), que prontamente falou que podemos conversar amanhã. Ela me passou também o contato do Professor Tchemané, entrei em contato com ele e amanhã falaremos. Estou tendo sucesso nos contatos com professores que trabalham Paulo Freire em Moçambique, vamos ver como sucede a continuação desses diálogos.

Por fim, estou sistematizando os círculos de cultura que farei amanhã pela manhã com as internas das 8ª e 9ª classes e, à tarde, com os internos da 12ª classe... Creio que será um diálogo cheio de aprendizagem. Amanhã, pretendo fazer entrevistas semiestruturadas com alguns professores que responderam às “cartas pedagógicas”.

\*\*Este dia foi potente pela alegria da 49ª celebração do Acordo de Luzaka, que possibilitou a “libertação” da nação moçambicana, mas triste, com o luto de mais uma jovem que morre vítima do não acesso à saúde de qualidade. Impactei-me com a fala de uma jovem, colega de Natália, na saída do cemitério “é a vida, irmão”. De fato, são vidas jovens invisibilizadas, vitimadas e que, infelizmente, morrem!

(Amatongas, 07/09/2023)

**Figura - Cortejo fúnebre em Amatongas Socel**



Fonte: o autor (2023).

### 08 de setembro de 2023

Acordei, participei da oração da comunidade, seguida pelo café da manhã. Em seguida, organizei alguns materiais para iniciar os círculos de cultura com os internos do Lar São Quisito.

Desci e fui ao Lar para organizar o espaço e o celular para a gravação da pesquisa. Iniciamos o círculo de cultura às 9h com os internos das 8ª classes (20 participantes), foi uma atividade muito interessante, pelos diálogos cheios de “bonitezas”. O término foi às 10h.

Deixei o espaço da mesma forma para ser usado na parte da tarde. Na volta à escola, na sala dos professores, fui abordado pelo professor José Manuel, perguntado quando seria a entrevista, senti que ele gostaria de já fazê-la, por isso, marquei às 11h30min (em sua aula vaga).

Fui em sua direção no horário marcado e, na sala da direção pedagógica, dialogamos por cerca 30 min, onde contextualizei o processo da pesquisa, coletei suas assinaturas para os termos, bem como fizemos a entrevista (com gravação), depois, ofereci um presente a ele (chaveiro personalizado e um bis), agradecendo profundamente por sua ajuda.

No período da tarde, voltei ao Lar feminino, onde realizamos, em uma das salas de estudos, o círculo de cultura com os estudantes internos (17 participantes) das 12ª classes. Uma roda de conversa, potente, dialógica e transformadora. Iniciamos às 14h15, com término às 15h15, aproximadamente. Na volta à escola, entrei em contato com o Professor Orlando Chemane, contato que a Professora Rosa Mechiço havia passado. Eu havia marcado com ele um diálogo a partir das 15h. Como não consegui falar com ele, entrei em contato com a Professora Rosa Mechiço que, prontamente, me atende e conversamos por cerca de 40 min, contextualizei a pesquisa, bem como o processo que estou a realizar em Moçambique, peço uma “carta pedagógica” a ela. Mas ela fala que mandará sua tese que aborda um diálogo de Paulo Freire e Jonh Dewe, destaca que há estudos sobre Freire nas universidades do país, por meio de textos diversos, mas que desconhece um repositório específico e/ou plataforma. Igualmente, afirma que, em 2010, houve um pequeno grupo de estudo sobre Paulo Freire, mas que não funciona atualmente. Pediu meu e-mail para passar sua tese, bem como destacou que passará contatos de professores de várias Províncias do país, para que eu pesquise repositórios, plataformas ou grupos de estudos freiriano, assim o fez.

Acompanhei o término das aulas, às 18h, subi para a oração da comunidade, em seguida, fui jantar com os internos (chima com couve). Fui à casa dos padres, para lhes entregar algo, retornei e às 21h, fiz terapia *online*. Depois, conversei via telefone (ligação), por quase 40 min, com o professor Orlando Chemane, apresento o processo da pesquisa e o professor fala acerca de sua tese, feita na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, com o título *Paulo Freire e África: Colonialismo, Libertação e Educação em Moçambique* (que já havia baixado). No diálogo, o Professor Chemane fala que conhece apenas a professora Rosa Machiço que estuda Paulo Freire, afirma que publicou alguns textos, inclusive um em inglês, sobre Freire (irei baixar). No diálogo, peço que ele faça uma “carta pedagógica” a mim, ele prontamente afirma que fará, fico de mandar as orientações, bem como meu e-mail para ele. Assim o fiz, após o término da chamada.

\*\*Com uma “constipação” e uma irritação nos olhos, vou dormir após tomar um banho e um ibuprofeno, agradecido por tantas conexões já feitas, nesse pouco tempo em Moçambique.

(Amatongas, 08/09/2023)

**09 de setembro de 2023**

Sendo sábado, desperto um pouco mais tarde, após a higienização, fui participar da oração da comunidade, seguida pelo café da manhã. Em seguida, baixei em meu computador fotos, áudios e gravações do dia anterior, para ter mais espaço no celular. Felizmente, tudo deu certo.

Tomo um banho e vou participar da reunião do Conselho da Escola, ao passar na sala do pedagógico, encontro a professora Esperança planejando, falo da pesquisa e das entrevistas com os professores, ela fala que não há problema e que o fará, após terminar a planificação. Parto em direção da sala onde será a reunião e, na sala dos professores, estão presentes os professores Advera (Inglês) e Vasco (Português), falo da pesquisa e da entrevista que farei com os professores, e eles se colocam à disposição para o fazerem naquele instante, enquanto aguardam o início da reunião, antes preenchem os documentos. A fizemos em torno de 12 minutos, agradei, dei a lembrança a eles e, nesse instante, Ir. Lucas chama para o início da reunião.

A reunião do Conselho da Escola iniciou aproximadamente às 9h30min, com a saudação do presidente, seguida pela apresentação da pauta da reunião, Ir. Lucas apresenta as questões da escola, por meio de uma participação ativa dos presentes, todos os temas da pauta são encaminhados. O Sr. Presidente me passa a palavra, falo de minha alegria em estar novamente em Amatongas, mesmo por um período curto, apresento a pesquisa e peço a participação dos/as membros do Conselho da Escola em uma entrevista semiestruturada, que irei marcar via telefone. Entrego uma pequena lembrança aos participantes e peço que continuem apoiando o Diretor Ir. Lucas. Depois, passou-se aos assuntos diversos e à oração final.

Fui ver um evento de integração esportivo com alunos da ESCSC-Amatongas e uma outra escola da região, após, baixei em meu computador a gravação da reunião, para ter mais espaço no celular e os irmãos chamaram para o almoço.

Na parte da tarde, fui andar um pouco no território da Missão, rever outras pessoas e acompanhar um pouco a partida de futebol. Depois, organizei o encontro do grupo vocacional.

À noite, preparei o espaço da reunião do grupo vocacional que irei conduzir no domingo.

\*\* (Re)vivendo tantas reuniões do Conselho da Escola que participei, contemplando as falas, corpos e participação dos agentes da escola-comunidade, internamente emocionado e grato por este retorno, mesmo que de forma breve.

(Amatongas, 09/09/2023)

**Figura** - Reunião do Conselho da Escola na ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

**10 de setembro de 2023**

Por ser domingo, fui participar da Missa na comunidade Católica de Amatongas, uma Missa muito vibrante e envolvente, com muitos cantos, danças, risos, “gritos” e alegrias. No final da Missa, fui apresentado por Pe. Messias à comunidade, grande parte dos presentes já me conheciam e era perceptível, nos olhos, que vibravam pela alegria do (re)encontro e da visita, meu ser todo vibrava igualmente. No término, mesmo não me sentindo bem, animei o encontro do grupo vocacional da paróquia, juntamente com Ir. Lucas e aproximadamente 25 jovens (homens e mulheres), o encontro teve como tema “corações ardentes, pés a caminho”, começamos às 10h e terminamos 11h45min, um encontro bem vibrante, no final, lhes ofereci uma paçoca que trouxe do Brasil em sinal de gratidão pelas trocas de saberes, cheias de “bonitezas”.

Após, almocei com a comunidade e, por não me sentir muito bem, fiquei no quarto até as 15h, fui ajudar o Ir. Lucas a imprimir alguns ficheiros de notas do 2<sup>a</sup> trimestre dos alunos e estudantes, como faltou energia, fui assistir ao jogo de futebol do time do internato com uma equipe da Aldeia de Amatongas. Foi um tempo muito divertido, com reencontro com as pessoas e diálogos com muitos jovens e adultos, o jogo terminou aproximadamente às 17h30min.

No período da noite, rezamos uma oração comunitária, fui terminar a impressão dos ficheiros de notas do 2<sup>a</sup> trimestre dos alunos e estudantes. Como não estava muito bem, fui descansar.

**\*\*Neste dia, mesmo o corpo não estando muito bem, pude (re)viver nele sensações e emoções que me movem como gente, me enchendo de “gentetude”.**

(Amatongas, 10 de setembro de 2023)

**Figura - Participando da Missa na Paróquia Maria Imaculada de Amatongas**



Fonte: o autor (2023).

### **11 de setembro de 2023**

Após uma noite mal dormida, por ter que ir várias vezes no banheiro, acordo com o desejo de participar da oração da comunidade, não consigo, porque a vontade de ir ao banheiro persiste várias vezes. Vou tomar café com a comunidade e falo que vou fazer teste de malária no Centro de Saúde de Amatongas, suspeitando, por meio dos sintomas, a enfermidade. O jovem peruano Juan decide também ir comigo, por não se sentir bem. Descemos e passamos no pátio da escola e, quando chegamos à frente da escola, os jovens alunos e estudante, professores e diretor estavam iniciando a entoar o Hino Nacional, cruzamos muitos alunos e estudantes que não conseguiram se posicionar na frente do mastro e pararam na avenida, em respeito, para acompanhar. Que bonito ver o “mar vermelho” dos jovens alunos e estudantes, com seus uniformes e simples pastas (mochilas) com o desejo de estudar, crescer... “esperançar”. Descemos a Aldeia, na ida, encontramos com alunos e alunas a andar apressados para não perderem a primeira aula.

Na Avenida, a caminho do Centro de Saúde, fomos cumprimentando as pessoas, ao chegarmos no Centro de Saúde fomos logo atendidos, já havia uma grande bicha (fila), fizemos o teste rápido de malária e a Técnica de Enfermagem responsável pediu que esperássemos 15min, como às segundas-feiras, há uma reunião da equipe antes das atividades, aguardamos uns 30 minutos para obter os resultados. Após a espera e diálogo com algumas pessoas, a Técnica nos chama avisando que os resultados foram negativos, mas que iria fazer a solicitação para fazermos o exame laboratorial (lâmina), fez a prescrição e fomos fazer, como estava sem energia, o técnico responsável avisou que o tempo seria de mais de 45 minutos, falou que avisaria a técnica que nos recebeu e, como ela pegou meu contato telefônico, repassaria a informação, agradecemos e partimos de volta à escola.

Como estava cansado, acabei dormindo e Ir. Lucas, às 12h, bate no quarto, avisando que a Técnica do Centro de Saúde estava ali em baixo. Vou ao seu encontro e ela já me comunica que deu positivo a malária e traz medicação. Me explica, agradeço e ela parte.

Na parte da tarde, após o almoço, contacto as professoras Paola e Clara, falando que estava com malária e que iria descansar dois dias. Aproveito para entrar em contato com os Professores Felizardo (Nampula), Côroa (Quelimane) e Alcido (UniSave – Inhambane), pedindo informações sobre estudos de Paulo Freire em Moçambique. Professor Côroa apresenta a seguinte mensagem *“Saudações, Frei Márcio! Recebi e entendi sua colocação, mas devo dizer que minha área de atuação e pesquisa é referente a escola desconstrutiva francesa, no que se refere a epistemologia*

*crítica! Para poder apoiá-lo, irei partilhar esta sua preocupação com alguns amigos e colegas com interesses e qualquer reação terá! Att. Corôa*". Agradeço e digo que fico no aguardo seu retorno. Aproveito também a tarde de descanso no quarto para comprar algumas referências bibliográficas, de uma editora de Moçambique (Texto Editoras), já havia escolhido os materiais e pedi a cotação em uma livraria na cidade da Beira, meu amigo Danny repassa os valores, avalio e peço 5 unidades, fiz o pagamento via transferência.

Em seguida, passo a tarde toda descansando, encaminhando algumas mensagens ao Brasil. No período da noite, rezo com a comunidade, tomo um chá com Ir. Lucas e, na ocasião, recebo a tese da Professora Rosa Mechiço, um trabalho bem extenso sobre a educação em Moçambique. Agradeço e baixo em minha pasta de revisão bibliográfica. Recebo uma mensagem do Professor Alcido (UniSave – Inhambane), ele prefere fazer o diálogo em áudio, e o fizemos, um diálogo rápido, mas bem proveitoso, *"fala que está na filosofia e que há uma área da filosofia da educação, aí que abordam Paulo Freire e que há trabalho na graduação com temáticas filosóficas de Paulo Freire, mas não há um repositório e sim trabalhos impressos"*. Peço uma carta, falando de seu áudio, mas fala ser melhor encaminhar contatos de professores ou coordenador do curso de educação, para uma fala mais precisa. Agradeço e peço os contatos dos professores, para continuar a busca. Termino o diário, vou tomar um banho, tomar a segunda dose da medicação para a malária, dores de cabeça e de barriga e vou dormir.

**\*\*De um dia de 31 graus de temperatura, com dores físicas e idas ao banheiro. De buscas e achados importantes! Isso é viver a pesquisa, com todas as suas "bonitezas" e "feiuras".**

(Amatongas, 11 de setembro de 2023)

**Figura** - Direção, professores/as, alunos/as e estudante entoando o Hino Nacional em frente da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

### 12 de setembro de 2023

Um pouco melhor do corpo, acordo, faço minha higiene e vou participar da oração da comunidade, seguida do café da manhã.

Organizo os materiais e vou para a sala de estudo no internato feminino, para fazer o círculo de cultura com as alunas internas de 8ª e 9ª classe, durante o caminho, no pátio da escola, cumprimento os/as professores/as. Organizo a sala e as jovens chegam, um grupo de 14 internas, depois, chegam mais 2, perfazendo um total de 16. O círculo acontece de forma muito produtiva, no final, durante quase 40min, as jovens destacam aspectos desafiadores da gestão atual (organização, cuidados dos espaços, postura, etc.). Agradeço e falo que irei repassar aos irmãos responsáveis suas insatisfações.

Volto para casa, pois não estava muito bem, me sentia muito cansado. Era horário do intervalo maior, cumprimento os/as professores/as na sala dos professores e aviso que iremos fazer algumas entrevistas sobre a pesquisa. Em meu quarto, baixo a gravação do círculo feito, bem como fotos, em um arquivo coletivo da pesquisa que estou fazendo. Reorganizo os Termos, para o irmão responsável do internato misto São Quisito assinar. Desço na biblioteca da escola e peço ao jovem bibliotecário Alberto Rupia para imprimir 4 cópias. Em seguida, subo para guardá-los e preparo as lembranças aos/as professores/as (chaveiro e bis). Como estava bem cansado, deito e durmo até às 12h.

Vou almoçar, após o almoço descanso. E às 13h45min desço para o círculo com as internas das 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes, como um número grande destas tinham atividades (Educação Física e TIC's), opto em fazer a atividade com os internos das 11<sup>a</sup> classes, um número de 10 jovens, em uma roda de conversa bem produtiva, com grandes aprendizagens.

Retorno à casa para descansar, recebo algumas mensagens, dentre elas, a do Professor Alcido (UniSave – Inhambane), falando que conversou com um professor amigo da faculdade de Educação e Psicologia e que não há trabalhos (monografias, dissertações e/ou teses) que versam sobre Paulo Freire, há somente citações esporádicas, mas nada contundente, agradeço. Falo com minha irmã Núbia por telefone (via *internet*) para felicitá-la, já que hoje ela faz 51 anos. Encaminho outros diálogos sobre assuntos da Casa do Piá. A temperatura, após uma grande ventania, cai, participo da oração comunitária, seguida do jantar (chima com feijão) com os internos.

À noite, baixo a gravação do círculo feito, bem como fotos, em um arquivo coletivo da pesquisa que estou fazendo, tomo um banho, faço o diário, projeto o dia de amanhã e vou descansar, antes, tomo as medicações da malária, pois sinto no corpo que ela continua.

\*\* De um dia com malária e mudança de temperatura, para amenizar o calor externo. Mas com um círculo de cultura com as jovens internas tão potente, que traduz o calor interno que estão a viver.

(Amatongas, 12 de setembro de 2023)

**Figura - Atividade com Internas no Lar São Quisito de Amatongas**



Fonte: o autor (2023).

### **13 de setembro de 2023**

Não fiz nenhuma atividade de pesquisa neste dia, por ter piorado da malária. Tirei o dia para descansar, aproveitando o dia mais frio.

\*\* De um dia frio, nublado e úmido externamente e dolorido, de diarreia e mal-estar, internamente.

(Amatongas, 13 de setembro de 2023)

### **14 de setembro de 2023**

Mesmo não estando muito bem fisicamente, levantei, fiz higiene e fui rezar com a comunidade, em seguida, após um café sem tanto sabor, fui deitar um pouco, pois às 8h30min iria ao internato feminino para fazer o círculo de cultura com os alunos internos da 9<sup>a</sup> classe. Assim o fiz, organizei o material (celular, microfone, pasta, lembranças, etc.) e parti para o local da atividade. No local, organizei o espaço e os alunos internos chegaram, um total de 19 jovens. A atividade acontece de forma muito participativa, com uma boa interação dos alunos com o animador.

Na volta, realizei 6 entrevistas semiestruturadas com professores acerca das questões da pesquisa. Fui almoçar em comunidade.

Na parte da tarde, após um breve descanso, fui ao internato feminino para fazer o círculo de cultura com as alunas e estudantes internas das 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes. Um círculo de cultura longo (1h45min), o maior realizado, com diálogos pesados que traduzem o contexto de vivência local e relacional que elas estão a viver.

No final da tarde, fiz uma interação com alunos e estudantes da escola.

À noite, jantei com os internos (macarrão e peixe frito) no refeitório do internato, em seguida, assisti um pouco de telejornal (*euronews*) com Ir. Lucas, e desci na sala do diretor pedagógico para fazer terapia. Fiz os diários de 13 e 14/09, tomei um banho e fui descansar, pois ainda não estou muito bem do corpo.



**\*\*De um dia com sol vibrante, corpo ainda pesado, potencializado por tamanha carga dos diálogos nos círculos de cultura com as jovens internas.**

(Amatongas, 14 de setembro de 2023)

**Figura -** Diálogo com alunos/as e estudantes da ESCSC-Amatongas no pátio da escola



Fonte: o autor (2023).

### 15 de setembro de 2023

Já um pouco melhor fisicamente da malária, graças a Deus, levanto, tomo um banho e vou tomar café, um café sem tanto sabor na boca, mas necessário para repor as forças, tiradas pela diarreia que tive, por conta da malária. Aqui, se fala que foi uma malária intestinal, após, descanso novamente até às 8h30min, organizo o material e fico durante toda a manhã fazendo entrevistas com os/as professores/as, servidores/as da ESCSC-Amatongas e com uma encarregada (mãe) de alunos, membro do Conselho da Escola na sala da seção pedagógica.

Foram em torno de 10 entrevistas com professores/as, 4 com servidores/as e 1 com uma mãe de aluno. Diálogos que, de fato, demonstraram a percepção deles/as sobre as questões: educação, escola e comunidade. Fui almoçar.

No período da tarde, descansei um pouco, após, organizei os materiais e parti para a sala de estudo do internato feminino, para o último círculo de cultura com alunos internos, foram os internos da 10ª classe, um total de 19 jovens. Em um diálogo potente, os jovens falaram sobre as questões: Educação, escola e comunidade, correlacionando com o contexto social e situações de racismo, vividos ou vistas na televisão/internet. Foi bem importante esse movimento, porque a fala deles trouxe uma emoção, regada por um “riso dolorido”.

Na volta, fico integrando-me e ajudando os/as alunos/as que estão fazendo atividade na sala de estudo da escola. Às 17h, vou com o Ir. Lucas visitar um jovem amigo, Ivandro, e sua família, na comunidade a cerca de 3 km. Sua avó Helena nos acolhe com um copo de bebida tradicional (dorô), agradeço porque ainda não estou bem da barriga, Ir. Lucas toma e ficamos conversando com Ivandro e sua avó (que não falava português, Ivandro traduzia os diálogos, mas era visível a alegria da senhora de nos acolher no terreiro de sua casa), durante uma hora. Voltamos em torno de 18h.

Comemos algo e fui assistir telejornal com Ir. Lucas, em seguida, fui deitar, sem tomar banho (não havia água na comunidade, havia um problema na bomba) e fazer o diário, pois o corpo pedia cama, uma cama não tão confortável, por sinal.

**\*\*De um dia carregado de diálogos potentes e de profunda aprendizagem com professores/as, servidores, responsável de educação e pessoas da Aldeia, mesmo o corpo estando fraco, a boca amarga e a barriga dolorida...**

(Amatongas, 15 de setembro de 2023)

**Figura - Entrevista semiestruturada com professores da ESCSC-Amatongas**

Fonte: o autor (2023).

### 16 de setembro de 2023

Acordo às 6h30min, com um certo mal-estar ainda, tento ficar alguns minutos mais na cama, para, em seguida, tomar um banho, depois de uma noite sem sentir o sabor refrescante de uma água quente. Em nossa comunidade, nos quartos, há banheiro com chuveiro quente, um alívio para mim, que preciso sempre de um banho quente pra acordar. Me arrumo, tomo o café da manhã (pão com doce de banana, café pingado e uma banana).

Ir. Lucas já me espera para irmos participar da celebração presbiteral e diaconal, na sede da Diocese de Chimoio, cidade de Chimoio. Fomos Ir. Lucas, Juan António, eu e quatro internos, chegando na cidade de Chimoio, na entrada principal, nos envolvemos em um acidente leve com um motoqueiro, na verdade, se tratou de uma freagem brusca em frente à polícia de trânsito. Eles nos meteram medo e pediram para esperar o piquete (carro da polícia de trânsito) chegar no local, isso demorou em torno de 40 min, quando o policial chegou disse que tínhamos que ir ao escritório próximo ao hospital provincial, fomos com o senhor da moto que não sofreu nada, tampouco seu veículo, depois de aproximadamente 20min, o policial chega, falamos a situação, e como não aconteceu nada, somos dispensados. Demos 100 meticais para o senhor pegar sua moto.

Fomos à Catedral para a missa, chegamos aproximadamente 9h40min e estava acabando de começar uma liturgia de 5 horas, potente, vibrante, me emocionei muito pelo rito, pessoas... Pra mim, faz muito sentido o movimento de rezar com o corpo. No final, cumprimento amigos/as e não fico no almoço às 14h, porque tinha uma reunião às 16h, com um grupo de irmãos de Roma, Colômbia, Peru, Espanha e Argentina, via *zoom*. Ao chegar às 13h10min, almoço com Ir. Lucas, organizo a cozinha e vou para a reunião.

No final, quase às 18h, preparo o diário do dia 15 de setembro e vou à sala da comunidade para um recreio comunitário. Me acompanha um torcicolo que sinto desde a Igreja.

Estou vendo o telejornal com Ir. Lucas e ele recebe uma mensagem de um jovem se queixando de um conflito família e que iria se matar, partimos para atender a esse jovem, trazemos ele para casa, damos hospedagem e alimento.

Depois de escrever, vou tomar um banho quente para melhorar o torcicolo e dormir.

**\*\*De um dia vibrante pela liturgia e (re)encontros, mas triste pela acolhida desse jovem que, sem perspectiva pessoal e familiar, queria tirar sua vida, um desafio que se potencializa em África.**

(Amatongas, 16 de setembro de 2023)

**Figura** - Mulheres moçambicanas em Missa na Igreja Católica na cidade de Chimoio



Fonte: o autor (2023).

### 17 de setembro de 2023

Por ser domingo, o dia foi menos exigente, no sentido de horário para levantar, no entanto, como a Missa da comunidade ocorre às 8h e seria a última Missa que participaria em Amatongas, acordo às 7h, tomo banho, tomo café e vou à Igreja, como o prédio fica ao lado, é muito rápido chegar nela. Participo da Missa, que termina às 10h, cumprimento algumas pessoas na frente da Igreja, bem como o Vigário Pe. Artur.

Chegando em casa, tomo mais um café com Ir. Lucas, conversamos sobre a situação da noite anterior, do jovem Ivandro. Irei ver a possibilidade de ajuda-lo a ingressar num Instituto com internato, para formação de professores, pois não está saudável sua vida com sua mãe. Peço o WhatsApp para conversar com ele. Como ainda não estou muito bem da barriga, vou descansar um pouco.

O Ir. Cristóbal chama para um almoço digno de domingo (lasanha, hambúrguer, com molho de cebola e pimentões e batata frita, como sobremesa, torta de maçã e paçoca trazida do Brasil), por ser domingo, os que queiram podem tomar uma xícara de café brasileiro feita por Ir. Lucas.

No período da tarde, fico conversando com Ir. Lucas no alpendre, próximo à sala da comunidade, entrego os termos ao Ir. Cristóbal, para assinar como responsável dos/as internos/as, durante a organização dos materiais, ele me devolve os documentos assinados e carimbados e, às 15h15min, vou dialogar com a Sra. Adelaide, em sua casa, havia agendado no período da manhã. A encontro descansando em uma sombra do quintal sobre uma esteira (realidade tipicamente moçambicana de se refrescar no tempo quente, sobretudo, para as mulheres). Ela me acolhe muito bem com sua filha Ofélia. Inicialmente, entrevisto a Sra. Adelaide, depois, Ofélia. Tiramos fotos, entrego a elas uma lembrança (chaveiros e paçocas) e me despeço com um abraço forte. Vou ao encontro do Sr. Lúcio (líder comunitário e presidente do Conselho da Escola), em sua casa. Durante o caminho ao longo da estrada N6, com o barulho de caminhões, cumprimento as pessoas (homens, mulheres e crianças) e tiro algumas fotos do momento. Ah! Recebo do Afonso, secretário da escola uma penca de banana, agradeço e continuo o caminho.

Ao chegar na casa do Sr. Lúcio, sou acolhido por sua esposa, que estava com amigas embaixo de mangueiras, as crianças se amontoam sobre mim, ofereço a elas bananas, bem como às senhoras e ao Sr. Lúcio, que chega em seguida, após sua esposa lhe chamar. Como ele já sabia da entrevista e escreveu a “carta pedagógica”, foi bem tranquilo o diálogo, conversamos dentro de uma cabana, em um lugar mais tranquilo. Agradeço e retorno à comunidade.

Ao voltar, participo da oração da noite, vou jantar com os internos, jantar de domingo (frango assado, arroz e molho de tomate). Vejo notícias locais com o Ir. Lucas, ele pede para eu revisar um texto e preparo meu diário deste dia.

\*\*De um dia mais tranquilo, com uma melhor considerável (mesmo com a boca amargar), mas com diálogos e (re)encontros com Adelaide, Ofélia e Sr. Lúcio cheios de “bonitezas”.

(Amatongas, 17 de setembro de 2023)

**Figura** - Entrevista semiestruturada na comunidade de Amatongas à encarregada de educação



Fonte: o autor (2023).

### 18 de setembro de 2023

Acordo às 5h30min, bem disposto, tomo um banho e vou à oração da comunidade, seguida do café da manhã.

Após, organizo os materiais para as entrevistas com os/as professores/as. Deço e, neste dia (manhã e tarde), priorizo as entrevistas com os/as professores/as, ex-professores/as e ex-alunos/as da ESCSC-Amatongas, perfazendo um total de 11 entrevistas, com gravação de áudio. Foi um momento muito significativo de escuta e diálogo das pessoas que fazem ou fizeram parte desse ambiente escolar que, de uma forma geral, destacaram a importância transformadora da escola para si e para comunidade local.

Nos intervalos das entrevistas, também interajo com os/as alunos/as e estudantes da escola, criando conexões efetivas, afetivas e cuidantes.

No período da noite (18h30min), a pedido de Jaqueline Santana Alves, Assistente Social e Educadora do Colégio Cristo Rei em Marília/SP, faço uma videochamada via *Meet*, para uma conexão dos/as jovens alunos/as, do Projeto Florescer, com duas jovens (Estela e Felismina) que eles/as apadrinharam, para que elas estudassem na escola e morassem no internato feminino. Um lindo diálogo, concluído com uma música cantada pelas meninas em sinal de agradecimento pelas bolsas de estudos.

Faço algumas ligações para o Brasil, faço o diário, tomo um banho e vou descansar.

\*\*De um dia mais tranquilo, com diálogos potentes da perspectiva transformadora da educação libertadora desenvolvida na escola pesquisada.

(Amatongas, 18 de setembro de 2023)

**Figura** - Entrevista semiestruturada na comunidade de Amatongas à encarregado de educação



Fonte: o autor (2023).

**19 de setembro de 2023**

Acordo às 5h30min, bem disposto, tomei um banho e fui à oração da comunidade, seguida do café da manhã. Às 7h40min, parti com Ir. Cristóbal e Irmã Alice para Chimoio, capital da Província de Manica, os dois foram participar de uma reunião na sede da Diocese e eu fui fazer uma pesquisa bibliográfica na Universidade Púngué (UniPúngué). Ao chegar, conheci as instalações da Universidade que, por sinal, não conhecia e me surpreendi pela grandiosidade. Em seguida, fui à biblioteca para fazer buscas de referências bibliográficos sobre História de África, com ênfase em Moçambique e também publicações sobre educação em Moçambique, bem como monografias, dissertações e teses que tenham como referencial Paulo Freire. Fui informado pelos funcionários que os textos das monografias, dissertações e teses se encontram nos departamentos dos cursos. Fiz uma pesquisa das bibliografias no tocante a História (sobretudo África e Moçambique) e Educação, obtive bons materiais, inclusive uma publicação do Prof. Dr. Jefferson Mainardes (UEPG). Em seguida, fui conhecer os materiais do Centro de Ensino a Distância (Cedis), disponíveis para venda, fui bem acolhido, mas o material é muito simples. Em seguida, fui conversar com um funcionário do curso de Letras, para saber informações sobre os trabalhos, mas ele falou que seria mais interessante falar com a diretora, passou seu contato, mas não consegui contactá-la. Havia também um encontro marcado com o Frei Ilídio, sobre a história de Amatongas, mas não foi possível, por questões de horários de transporte público e porque o Frei já tinha outro compromisso. Na parte da tarde, almocei com minha amiga Ir. Tendai e fui visitar alguns amigos padres. No final do dia, retornei à Amatongas.

No período da noite, tive uma reunião com a equipe administrativa da Congregação. Como estava muito cansado do dia intenso de pesquisas, encontros e viagens de chapa (van) fui descansar, antes, precisei mudar de quarto, porque na quinta-feira (21/09), chegará um irmão de Nairóbi/Quênia, que utilizará o quarto que eu usava.

\*\* De um dia intenso de pesquisas, encontros e viagens de chapa (van)... *Ndatenda Tensi* (Gratidão Senhor).

(Amatongas, 20 de setembro de 2023)

**Figura** - Pesquisa bibliográfica no campus universitário da Universidade PÚNGUÊ na cidade de Chimoio



Fonte: o autor (2023).

**20 de setembro de 2023**

Acordei como de costume às 5h30min, participei da oração, seguida pelo café com a comunidade. Às 7h, desci para ir visitar uma comunidade de Irmãs Missionárias (Irmãs Salvatorianas), que residem na Vila de Messica e trabalham em um Centro de Medicina Alternativa. Ao descer, Ir. Lucas, pediu minha ajuda para fazer uma carta de recomendação a uma jovem que pretende concorrer a uma bolsa de estudo de medicina no Brasil, fiz a carta de recomendação, Ir. Lucas assinou, carimbou e mandei no *WhatsApp* da jovem. Então, desci para pegar chapa (van) no alcatrão (asfalto), peguei um transporte que me levou ao Chimoio (cerca de 45 km de Amatongas), chegando na cidade, fui à casa de câmbio e peguei um novo transporte em direção à Messica, tive que aguardar um tempo,

até encher o transporte. Saímos de Chimoio e, antes de chegar no destino final, fomos surpreendidos com o estouro de um dos *pneus* traseiros da chapa, felizmente, não houve nada grave, pois, vínhamos em uma subida e em velocidade baixa. Saímos, caminhamos um trecho e pegamos outro transporte (pago pelo cobrador da chapa danificada, que ficou na estrada). Chego em Messica e caminho em direção à casa das irmãs, junto com um jovem enfermeiro que mora em Messica e trabalha em Chimoio, desde Chimoio, ele me ajuda, e vamos juntos na mesma direção adentrando a Aldeia, ele parte para seu destino e eu para casa das irmãs.

Lá, sou acolhido com água gelada e muita conversa. Como é bom encontrar pessoas de nossa nação quando estamos longe de casa, a relação é potente e cheia de “boniteza”. Depois, partilhamos um licor de abacaxi feito por elas, rezamos e almoçamos (saladas, galinhada e batata frita), com suco e refrigerante. Ao redor da mesa do alimento, partilhávamos nossas “andarilhagens”, nossas travessias com dores e delícias, frustrações e alegrias, muita vida, vida em função das pessoas e da Missão.

Depois, sentamos na sala da comunidade, e como bom/boas brasileiro/as, tomamos café, um café moçambicano, produzido pelas irmãs, adocicado pelo mel de abelhas moçambicanas, como exorta os textos bíblicos “As palavras agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos” (Pr 16,24). Nosso diálogo, de fato, foi um processo curativo, com trocas, afetos e gestos cuidantes, retorno à Amatongas alegre pelo (re)encontro cheio de bonitezas.

Na volta, vou visitar o professor Heldet, o pedagógico da escola que, em suas férias, estava com malária, trago do Centro de medicina alternativa das irmãs um bloco de malária (medicação que trata da doença da malária feita com plantas medicinais diversas) para ele. Conversamos um pouco, tomo uma sopa com couve e 2 cervejas Manica (nome da Província que estou), sua esposa, Adélia, vai me levar na parada de van para voltar à Amatongas. Como não havia mais transporte por ser 19h, ligo ao Ir. Lucas e ele vai me buscar em Gondola. Ao chegar, preciso imprimir, assinar e escanear um documento urgente da Casa do Piá. Depois, janto mandioca cozida, oferecida pela cozinheira da casa, Sra. Tereza, de sua machamba (roça), vou tomar um banho e descansar.

\*\*De um dia, igualmente cansativo de viagens de chapa (van), mas potente de encontros que enchem a alma e o coração de amorosidade e do esperar freiriano. *Ndatenda Tensi* (Gratidão Senhor).

(Amatongas, 20 de setembro de 2023)

**Figura** - Visita às Irmãs Salvatorianas na Aldeia de Messica, fronteira com o *Zimbabwe*



Fonte: o autor (2023).

### 21 de setembro de 2023

Acordei no horário de costume para participar da oração e café, junto aos irmãos. Ir. Cristóbal foi à Beira buscar um irmão que chega de Nairobi/Quênia e aproveitou para pegar os livros que comprei para utilizar como referencial bibliográfico, com autores moçambicanos, excelentes materiais. Continuei as entrevistas com estudantes, professores/as e pais da comunidade escolar, diálogos de profunda aprendizagem e troca.

No período da tarde, continuei as escutas e tive retorno do Professor Arlindo Cornélio Ntunduatha, da Universidade Rovuma (Nampula), que tem estudos de Paulo Freire (inclusive com uma

publicação com o título *ESCOLA COMO UMA BASE PARA O POVO TOMAR O PODER? Diálogo entre Samora Machel e Paulo Freire*, que já baixei), por meio do Professor Felizardo, também docente na referida universidade. Liguei para ele e, depois de me passar o WhatsApp, conversamos via mensagem, o professor falou que fez pós-doutorado com a Professora Maria Isabel (UEPG) e que tem trabalhado com ela. Pedi uma carta pedagógica ao professor e estou aguardando seu retorno. No período da tarde, também elaborei os diários dos dias 19 e 20 de setembro e, no final do dia, a Direção da escola e os professores fizeram um almoço/jantar de despedida a mim, momento de palavras de gratidão e convívio terno, fraterno e cuidante entre os/as presentes. Nessa altura, chega o Ir. Cristóbal, com Ir. Eurico e com os livros.

À noite, jantei com os internos (macarrão e peixe frito), em seguida, houve a acolhida ao Ir. Eurico, regada por danças, risos, partilhas, um momento carregado de afeto, na simplicidade africana/moçambicana. Às 20h, fiz terapia online, organizei as gravações das entrevistas na pasta “pesquisa Moza”, tomei um banho e fui descansar.

\*\*De um dia com muitos diálogos, alegria do convívio com a direção e professores/as e da chegada do primeiro irmão moçambicano formado na Missão Amátongas, momentos de chegadas e partidas!

(Amatongas, 22 de setembro de 2023)

**Figura -** Diálogo em sala de aula com alunos/as da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

### 22 de setembro de 2023

Acordei como de costume para participar das atividades da comunidade (oração e café da manhã). Desci às 6h45min para participar do hasteamento da bandeira e entoação do Hino Nacional, momento vivido diariamente na ESCSC-Amatongas, com um número significativo de alunos/as internos e externos, professores/as, sempre motivado pelo diretor Ir. Lucas. Voltei ao quarto para pegar o material para iniciar o restante das entrevistas com a direção, os/as professores/as, pais/responsáveis, alunos/as e estudantes. Foram escutas-diálogos intensos, com tamanho significado e reconhecimento do papel transformação do ambiente escolar pesquisado para as famílias da Aldeia de Amatongas. Entrei em contato com o Professor Orlando Chamane, pedindo a carta pedagógica, ele pediu desculpa e falou que enviará no sábado.

Fui almoçar com a comunidade, Ir. Toussant (Senegalês) matou e, com a ajuda da cozinheira, Sra. Tereza, assou um pato para nosso último almoço em comunidade, conversamos e rimos muito, com exceção de Ir. Lucas, que comeu rapidamente para estar na escola. Às 13h, fui almoçar na casa do diretor pedagógico da escola, o professor Heldet, ficamos conversando durante toda tarde e às 16h30min, para não ficar novamente à beira da estrada, sem transporte, volto à Amatongas. Uma viagem de quase 2 horas, em uma distância de uns 19 km. Ao chegar, os internos me convidam pra jantar (chima e couve), aceito, mas Ir. Nelson fala que Ir. Rui cozinhou o resto do pato para comermos juntos. Subi com meu prato feito e fomos comer juntos. Ir. Lucas se juntou a nós no refeitório da comunidade e ficamos por horas rindo, conversando ao redor da mesa, em um momento de “comensalidade”, regado a afetos, na certeza da despedida e de um (re)encontro. Fui ao meu quarto arrumar minhas malas, depois, tomei meu último banho frio noturno em Amatongas e fui dormir, na certeza de que era minha última noite neste tempo, neste lugar, que parece tão próximo ao mesmo tempo tão distante.

\*\*De um dia com últimos escutas-diálogos de tamanho reconhecimento da ESCSC-Amatongas para a vida das pessoas da Aldeia de Amatongas, com a certeza de que minha temporada destas três semanas está no fim e que é hora de organizar o material para sistematizar em terras brasileiras-paranaenses, e concluir essa pesquisa cheia de aprendizagens.

(Dos céus, no voo da *Ethiopian Star Alliance Member* a caminhão de Addis Abeba, 23 de setembro de 2023)

**Figura** - Entrevista semiestruturada e visita ao Diretor Adjunto Pedagógico da ESCSC-Amatongas



Fonte: o autor (2023).

### 23 de setembro de 2023

Como hoje é sábado, a comunidade faz oração 6h30min, acordo às 6h, faço higiene e vou para capela da comunidade, participar da minha última oração com a comunidade, durante as preces, agradeço a acolhida, os momentos vividos, as pessoas encontradas e peço que os irmãos nesta realidade missionária continuem a transformar a vida de tantos jovens e famílias por meio da educação (me emociono). Fomos tomar café e combino com Ir. Cristóbal nossa saída (minha e do jovem peruano) para 9h30min, após o café, vou ao meu quarto organizar o restante das coisas e dar mais uma volta na Igreja, escola, internatos feminino e masculino, abraçando todos/as desejando sucesso nos estudos.

Retorno ao quarto, tomo banho e às 9h20min desço para aguardar o irmão nos trazer à cidade da Beira (Província de Sofala), enquanto o irmão desce, converso com Ir. Lucas, agradecendo e pedindo que ele se cuide. Tiramos uma foto coletiva, colocamos as malas no carro e parto, com o coração apertado, acenando para o Ir. Lucas, com a sensação que não estarei naquele lugar tão cedo. Nos dirigimos à Beira e chegamos às 12h, faço o *check-in* de minha bagagem (os policiais da imigração pedem um “almoço” e falo que sou padre e que estou levando algumas coisas ao Brasil, eles pedem desculpa e saio da sala, triste realidade moçambicana!). Os irmãos (Cristóbal e Eurico), juntamente com o jovem peruano Juan, partem e fico aguardando o voo. Como estou com fome, almoço, com uma cerveja preta do país (Laurentina). Às 14h30min, entro na sala de embarque, após passar a migração e às 15h25min o voo parte de Beira a Addis Abeba (Ethiopian), ao levantar o voo, agradeço pelo vivido nessas três semanas, com a sensação de que é um adeus prolongado. Na viagem, começo a leitura de um livro adquirido em Moçambique, com o título *Família-escola uma relação vital*, almoço uma refeição muito boa com Coca-Cola e tomo um café com leite nos céus do continente africano.

Chego a Addis Abeba (Ethiopian) às 21h (aqui a diferença é de 1 hora de Moçambique), desço do voo e, com muitas filas, passo na imigração, depois em um escâner e faço declaração financeira. Pego o ônibus para o hotel, um hotel próximo ao aeroporto, diferente do da vinda, chamado Skylight Hotel (5 estrelas), bem luxuoso, para fechar com “chave de ouro” minha estadia nesse continente que amo. Faço *check-in* no hall do hotel, vou jantar uma comida deliciosa, mas muito, muito apimentada (pela influência do mundo árabe creio). Me dirijo ao quarto bem aconchegante, tomo um banho quente, após vários dias de banho frio em Amatongas, revejo o diário de 22/09 e escrevo o de 23/09, fazendo memória desses dias de tamanha potência vividos, que trago no laptop, nas malas, na mochila, muitos materiais das pesquisas. Mas que, sobretudo, trago no coração... Todas as vidas com as quais estive, nesse retorno tão aguardo e já findado. E assim é a vida: uma travessia cheia de “bonitezas”!

\*\*De um dia de partida e gratidão pelo vivido em um hotel confortável, para amanhã continuar minha “andarilhagem” de volta à Ponta Grossa, lugar que estou aprendendo a amar e onde estou concluindo meu sonho de ser um mestre, para continuar minha missão de educar os/as jovens para vida, solidariedade e a paz!

(No Skylight Hotel, quarto B225, em Addis Abeba (Ethiopian), em 23 de setembro de 2023)



**Figura - Despedidas de irmãos e internos da ESCSC-Amatongas**



Fonte: o autor (2023).

#### 24 de setembro de 2023

Depois de um boa noite de sono, agradeço ao Senhor por ter me conduzido bem. Levanto às 6h30min, tomo banho, me organizo e desço para tomar café, um café da manhã diferente, uma espécie de refeição, acredito que bem apimentada, pois é o mesmo cardápio de ontem à noite. Tomo café com leite e um pão pequeno com manteiga. Passo no balcão para entregar a chave e recebo um cartão com o término da diária que devo apresentar na fila para o ônibus, com destino ao aeroporto. Chego no aeroporto de Addis Abeba às 7h30min, já que é muito próximo, uma espécie de hotel do aeroporto. Passo no primeiro raio-X, depois, na imigração, no segundo raio-X, em filas grandes, esse processo para entrar nas áreas de portão de embarque dura 1h30min. Dou uma volta no aeroporto enquanto aguardo o voo no portão A7.

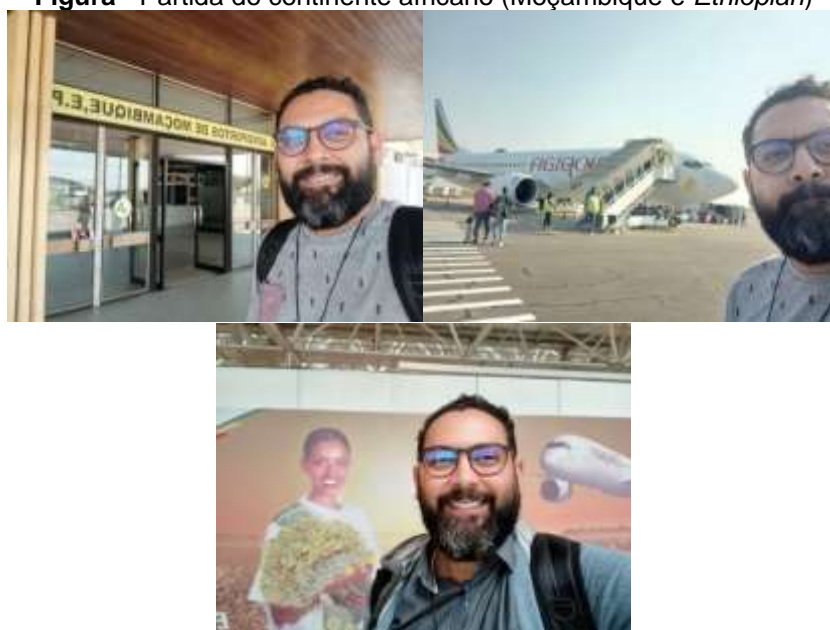
Aguardo cerca de 3 horas, embarco no voo lotado com pessoas de várias partes do mundo. No voo, almoço e janto, sempre com um vinho branco, depois, tomo um café. E a viagem de 12 horas continua, o corpo vai se cansando, mesmo assim, agradeço a Deus por tudo estar dando certo no retorno, na viagem como um todo, e na pesquisa. Faço algumas leituras, converso um pouco em espanhol com um jovem senegalês que estava sentado ao meu lado, ele reside em Mendoza, Argentina.

Chego no horário marcado, 16h30min, desço, passo na imigração e saio no desembarque internacional. Ir. Eduardo já estava me esperando e às 17h30min chegamos em casa, tomo um banho, relaxo um pouco no sofá da sala e vou comer algo, saio com Ir. Adir à rodoviária da Barra Funda às 19h30min, para pegar o ônibus (Viação Catarinense) à Ponta Grossa, que sairá às 20h30min. Felizmente, ele saiu no horário e venho dormindo a viagem toda, com o corpo extremamente “quebrado”, chego às 5 da manhã do dia 25 de setembro, esgotado, mas feliz pela pesquisa e viagem.

\*\*De uma viagem tranquila nas turbulências com o avião, mas esgotante pelo tempo. No entanto, sem maiores intercorrências e com vivências potentes com as pessoas de Amatongas e materiais enriquecedores da pesquisa de campo, na certeza que tudo correu bem iluminado pela Divina Ruah.

(Ponta Grossa, 26 de setembro de 2023)

**Figura - Partida do continente africano (Moçambique e *Ethiopian*)**



Fonte: o autor (2023).

**APÊNDICE G – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO (TCLE)**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E)

### PESQUISAS COM SERES HUMANOS

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador da pesquisa intitulada: “Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas – Moçambique/África: Uma sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire” realizada pelo acadêmico Márcio Nonato Diniz Ferreira mestrado em Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Paola Andressa Scortegagna.

O objetivo desta pesquisa é adquirir informações das relações da ESCSC-Amatongas, com a comunidade local (Aldeia de Amatongas), a partir da Educação Permanente e analisar, por meio de cartas pedagógicas e círculos de cultura, as categorias Educação Permanente, Escola e Comunidade, com viés libertador de Paulo Freire.

Ao aceitar participar desta pesquisa, você responderá uma carta pedagógica ao pesquisador, bem como de círculos de cultura na Escola Secundária Comunitária de Amatongas, que abordam temáticas de Educação Permanente, Escola e Comunidade. Os círculos de cultura acontecerão presencialmente com o pesquisador.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato o mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira, telefone/WhatsApp (42) 99868-3525, e-mail: [nonatodinizsc@gmail.com](mailto:nonatodinizsc@gmail.com) ou com a orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Paola Andressa Scortegagna, e-mail: [paola\\_scortegagna@hotmail.com](mailto:paola_scortegagna@hotmail.com)

Como colaborador desta pesquisa, é garantida a liberdade de solicitar aos pesquisadores respostas e esclarecimentos sobre os procedimentos, riscos e benefícios da mesma. A identidade dos colaboradores da presente pesquisa será mantida no anonimato, assim como a possibilidade de desistir a qualquer tempo de participar, sem a necessidade de justificativa. As informações da pesquisa serão utilizadas para fins acadêmico/científicos na intenção de colaborar com a pesquisa de campo da dissertação. Os resultados da presente pesquisa serão apresentados à referida Instituição.

Atenciosamente,

Márcio Nonato Diniz Ferreira - (42) 99868-3525 (WhatsApp), e-mail: [nonatodinizsc@gmail.com](mailto:nonatodinizsc@gmail.com)

Declarante:

Eu, \_\_\_\_\_, inscrito no \_\_\_\_\_, sob o n.º \_\_\_\_\_, estou ciente sobre os objetivos da pesquisa e concordo \_\_\_\_\_ participem. O Termo deixa claro que a qualquer momento, posso interromper a participação, sem causar prejuízos a eles, visto que a identidade dos alunos e alunas serão preservadas. O pesquisador me informou que não terei despesas e não receberei qualquer ajuda financeira para a participação na pesquisa, mas pode ser ressarcido de despesas decorrentes de sua participação e pode requerer indenização caso se sinta prejudicado de alguma maneira. Certifico de que recebi uma cópia deste Termo, tendo entendido seu conteúdo e declaro que concordo em participar deste estudo.

Amatongas, \_\_\_/09/2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
nº documento de identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
nº documento de identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora

\_\_\_\_\_  
nº documento de identidade

**APÊNDICE H – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM,  
VÍDEO E VOZ**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM, VÍDEO E VOZ**

Termo de autorização para divulgação de material audiovisual, refere a pesquisa “Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas – Moçambique/África: Uma sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire”.

**Nome completo:**

**Visto de trabalho:**

**Telefone:**

**Instituição:**

**Nome do evento:**

**Data de realização:**

**Termo de autorização:**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens dos alunos e alunas do internato misto São Quisito na participação da pesquisa intitulado “Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas – Moçambique/África: Uma sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire”, sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Paola Andressa Scortegagna, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo executada por meio de metodologia de círculos de cultura, pelo Mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira, sendo que a referência ao meu nome, que constitui um direito moral, deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas na dissertação, em apresentações audiovisuais da mesma, em publicações e divulgações disponibilizadas em acesso aberto, por meio de portais e perfis em redes sociais.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem, vídeo e voz.

Amatongas, \_\_\_/09/2023

---

Assinatura

**ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR DA ESCSC-AMATONGAS**



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE  
GOVERNO DA PROVÍNCIA DE MANICA  
GOVERNO DO DISTRITO DE GONDOLA



SERVIÇO DISTRITAL EDUCAÇÃO JUVENTUDE TECNOLOGIA DE GONDOLA  
ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO CORAÇÃO DE AMATONGAS

### CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas – Moçambique/África: Uma sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire", sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Paola Andressa Scortegagna, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo executada por meio de metodologia de Círculos de Cultura, pelo Mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira, com a direção, professores (as), pais e responsáveis, alunos (as) e estudantes regularmente matriculados na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas/Moçambique/África. Sendo assim, assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada, no mês de setembro de 2023.

Amatongas, 04 de setembro 2023.



Director da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas



**ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR DISTRITAL DE EDUCAÇÃO**



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE  
GOVERNO DA PROVÍNCIA DE MANICA  
GOVERNO DO DISTRITO DE GONDOLA  
SERVIÇO DISTRIAL EDUCAÇÃO JUVENTUDE TECNOLOGIA DE GONDOLA

### CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas – Moçambique/África: Uma sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire", sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Paola Andressa Scortegagna, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo executada por meio de metodologia de Círculos de Cultura, pelo Mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira, com a direção, professores (as), pais e responsáveis, alunos (as) e estudantes regularmente matriculados na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas/Moçambique/África. Sendo assim, assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada, no mês de setembro de 2023.

Gondola, 04 de setembro 2023.



Edson David Muzondo Raposo  
Director do Serviço Distrital Educação Juventude Tecnologia de Gondola

**ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO**



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE  
PROVÍNCIA DE MANICA  
GOVERNO DA PROVINCIA DE MANICA  
CONSELHO EXECUTIVO PROVINCIAL  
DIRECÇÃO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projecto de pesquisa intitulado "Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas-Moçambique/África: Uma Sistematização de experiência no prisma da educação libertadora de Paulo Freire", sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra Paola Andressa Scortegagna, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo executada por meio de metodologia de Circulos de Cultura, pelo Mestrando Márcio Nonato Diniz Ferreira, com a direcção, professores (as), pais e responsáveis, alunos (as) e estudantes regularmente matriculados na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas/Moçambique/África. Sendo assim assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada, no mês de setembro de 2023.

Chimoio, 05 de Setembro de 2023

O Director Provincial



Albino Francisco Chaparica

//Inst. e Téc. Ped. de N1//

